



MONTY JAY

TILL DEATH
DO US PART

HOLLOW BOYS BOOK FIVE



THE
OATH

we give



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



MONTY JAY

TILL DEATH
DO US PART

HOLLOW BOYS BOOK FIVE



THE
OATH

we give



AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

"Neste dia, prometo fazer da sua raiva minha, enfrentar a tempestade da sua vingança e mantê-la sempre segura."

Dois anos.

Essa foi toda a paz que tivemos antes de nosso passado despertar dos mortos.

Levantou-se do túmulo com mãos maliciosas, faminto e pronto para nos enterrar a dois metros de profundidade. As lápides de nossos inimigos foram derrubadas, e somos lembrados de que nunca escaparemos das correntes dos corrompidos.

A busca de retribuição pelo meu amor perdido consumiu meu passado, mas essa violência e o desejo de punição agora colocam em risco o futuro das pessoas mais próximas a mim.

Temos uma escolha, uma única opção.

Retornar a Ponderosa Springs. Ou colher as consequências.

Desta vez, contudo, são mais do que os infames Hollow Boys que correm perigo.

É ela.

A amaldiçoada.

A miragem de uma mulher teimosa demais para seu próprio bem.

Coraline Whittaker e eu temos um inimigo em comum. Seu medo dele e de sua posse sobre ela é a única razão pela qual ela concorda em trabalhar comigo.

Prometemos proteger um ao outro. Compartilhar o peso de seu retorno e a miséria que sua presença traz; até que a morte nos separe ou até que o homem que atormenta seus sonhos seja finalmente mandado para o túmulo.

O que ela não sabe é que há mais do que um vilão nos unindo.

Não é apenas a vingança que quero. Não é a satisfação de arruinar a cidade que nos contaminou.

Eu a quero.

Mais uma vez, fiz um voto para proteger alguém, peguei a sua vingança e a tornei minha.

Águas calmas sempre são profundas.

Ponderosa Springs não é a única que tem segredos. Deixarei que o mundo conheça os meus antes que a levem para longe de mim. Aquela cidade apodrecida sabe o que faço as pessoas que pegam coisas que me pertencem.

O erro se repete?

Nem mesmo o próprio Deus os livrará de minha maldade.

*A todos os que nunca acreditaram nos contos de fadas porque
compreenderam o vilão.*

AVISO DE GATILHO

Este é um dark romance. Trata de assuntos sensíveis, mas não se limita a, cenas sexuais gráficas, violência gráfica, assassino em série, agressão sexual, tráfico de seres humanos, menções de suicídio e ideias suicidas, rapto e tortura.

Se tiver problemas com alguns destes temas ou outros semelhantes, não continue.

PLAYLIST

Hex Girl - Dreadlight, Maiah Wynne

Black Magic Woman - VCTRYs

Lifeless Stars - Palaye Royale

Heartless - Dermot Kennedy

I Need My Girl - The National

THE DEATH OF PEACE OF MIND - Bad Omens

Follow You - Bring Me the Horizon

Another Life - Motionless in White

Dial Tone - Catch Your Breath

Broken - Palaye Royale

Voices - Motionless in White

Destroy Myself Just For You - Montell Fish

Eternally Yours - Motionless in White

Machine - Neoni

Rain - Sleep Token

Pretty Little Fears - 6LACK, J. Cole

Talk to a Friend - Rain City Drive

Alkaline - Sleep Token

Sugar - Sleep Token

Spiracle - Flower Face

Shameless - Camila Cabello

A Thousand Years - James Arthur

Desert Rose - Lolo Zouaï

Sex and Candy - Alexander Jean

Let me Be Sad - I Prevail

Unknown/Nth - Hozier

Without You - Lapalux

Infra-Red - Three Days Grace

Past Life - Sølv

Lose Control - Teddy Swims

Whiskey N Honey - Hueston

Till Death do Us Part - Rosenfeld

"Eventualmente tudo se conecta"

- Charles Eames



PRÓLOGO

ANTES DA LIBERDADE

FEVEREIRO

— Você não é esquizofrênico.

Dez anos.

Esperei dez anos que alguém que não fosse Rosemary Donahue me dissesse essas palavras. Para alguém que fosse vivo e competente confirmar o que eu sabia há tanto tempo.

Meu olhar não se incomoda com esta afirmação. Mantenho contato visual com Jennifer L. Tako, da Evergreen Health Institution. Por quase um ano, eu a vi três dias por semana. Essa mulher baixa, de cabelos grisalhos e com uma marca de nascença manchada de vinho do Porto logo abaixo do olho esquerdo me disse a única coisa que eu precisava ouvir desde que era jovem.

Espero. Aguardo alguns minutos em um silêncio confortável. Espere que um peso seja retirado, para experimentar uma sensação de validação, mas isso nunca acontece. Não consigo sentir nada além de aceitação.

Passei grande parte da minha vida vivendo uma mentira criada para proteger os outros. Alguns que não mereciam o meu silêncio e outros que sempre o receberiam de graça. E agora, tenho que sentar aqui com esta verdade – minha verdade – e tentar entender o que isso significa para o meu futuro.

Eu saberia viver uma vida que não fosse mentira?

Jennifer ajusta os óculos finos de formato oval na ponta do nariz, cruzando uma perna delicada sobre a outra, uma expressão amarga no rosto. Eu me pergunto se os terapeutas sabem que também nos dão as ferramentas para lê-los.

— Não tenho certeza de que tipo de médico achou que esse diagnóstico estava certo. Foi extremamente imprudente e justificou uma revisão de sua licença médica. — Seu olhar suaviza um pouco quando ela olha para mim do outro lado da mesa de centro entre nós. — Lamento que nunca possamos perguntar a ele seu raciocínio, Silas. Você, no mínimo, merece uma explicação.

Mordo o interior da minha bochecha, segurando a língua.

Ponderosa Springs, uma cidade que ela nunca entenderá, tomará medidas drásticas para encobrir seus segredos vis e corrupção. Não existe um juramento de Hipócrates no mundo suficientemente forte para impedir que alguém, incluindo um médico, minta para evitar reações adversas.

— Sim — digo claramente. — Eu também.

Não há perguntas remanescentes para esse médico. Sei por que ele mentiu para meus pais, por que falsificou relatórios médicos para ajustar seu diagnóstico. Só lamento que ele morreu num acidente de barco antes que eu pudesse fazê-lo engolir os próprios joelhos pelo que fez com ela.

Claro, Jennifer não sabe de nada disso. Não é necessário para me avaliar adequadamente. Ninguém jamais saberia por que Ronald Brewer fez pais amorosos e uma cidade cruel acreditarem que um menino de 12 anos tinha esquizofrenia.

Um segredo. Um juramento que prometi levar para o túmulo. Até hoje, mantive minha palavra para ela. Era a única maneira que eu ainda poderia protegê-la.

Embora minha promessa de mantê-la segura tivesse sido quebrada no dia de sua morte, jurei em sua lápide que ninguém escaparia impune de machucar Rosemary Donahue. Nunca mais.

O preço pela cabeça de Stephen Sinclair foi meio quilo de carne, e eu cuspiria na cara de Deus para consegui-lo.

— Quero dizer que estou surpresa com sua reação — observa Jennifer, inclinando um pouco a cabeça. — Mas desde que te conheci,

Silas Hawthorne, sempre foi uma superfície de água calma. Ninguém conhece as profundezas abaixo, não é?

O canto do meu lábio se contrai em resposta.

— Há quanto tempo sabe que não é esquizofrênico?

Relaxo as costas na cadeira de couro, olhando ao redor do escritório de vidro e aço enquanto cruzo os braços sobre o peito largo e solto um suspiro pesado.

— Desde que eu tinha quinze anos.

Eu soube quando tinha doze anos. Sabia o que vi, mas foram tão bons em me convencer que era tudo minha imaginação. Eles foram inflexíveis. — Não há nenhuma garota. Nunca houve uma menina. — Disseram-me.

Ela não existia. A voz dela está na sua cabeça. Um joguinho doentio que minha mente jogou comigo.

Uma e outra vez.

Não importava o que eu dissesse, ninguém nunca acreditou em mim.

Por isso cedi e fiquei quieto. Por que falar se ninguém dá peso às palavras que disse? Talvez eles tivessem me condicionado tão bem que até acreditei nelas por um curto período de tempo.

— Foi aí que parou de tomar o remédio?

Eu aceno lentamente. — Pílulas de vitamina B.

Um sorriso se espalha por seus lábios. Tenho certeza de que meu terapeuta não deveria tolerar a troca de remédios, mas Jen sempre foi legal assim, e acho que, dada a minha situação nada comum, um sorriso é justificado.

— O episódio que tive, quando eu... — Faço uma pausa, me odiando por precisar perguntar. Odiando que tivessem me feito duvidar de minha mente o suficiente para precisar de garantias. — Quando fui internado aqui, aquele episódio, o que foi?

De que me lembro, há flashes da primavera passada, fragmentos de um pesadelo. Sage Donahue retornando para Ponderosa Springs após a morte de sua irmã. As vozes que vieram até mim pela primeira vez na vida, vendo a casa de Frank Donahue pegar fogo enquanto demônios dançavam entre eles.

Vejo esses momentos, peças, e na metade das vezes é como se nem eu fosse. Estou simplesmente assistindo a um filme e o personagem principal se parece comigo.

— O episódio que levou à sua internação foi um surto psicótico. Você passou por um trauma inimaginável, a morte de alguém a quem estava emocionalmente ligado. Esse dano, juntamente com anos sem ninguém acreditar em você, o enviou para uma espiral que não poderia ter parado nem mesmo você, se quisesse. É uma coincidência infeliz, mas não é esquizofrenia.

Jennifer folheia os papéis em seu colo, franzindo as sobrancelhas enquanto continua falando.

— Se eu tivesse que adivinhar, o episódio que gravaram quando era jovem também não. Quase não há informações nos registros do Dr. Brewer, nem de longe suficientes para concluir um diagnóstico tão sério nessa idade.

Escarneço, incapaz de me conter.

Meu primeiro episódio.

Eu era uma criança gritando por socorro. Não por causa de uma alucinação ou delírio. Ninguém estava me ouvindo; não me ouviam. Fiquei em pânico, com medo e ninguém acreditaria no que eu tinha visto.

— Pelo que descobri de seus pais e dos escassos registros, você mostrava sinais precoces de depressão, e provavelmente foi por isso que seus pais o levaram ao médico, para começar. Estavam com medo de sua mudança repentina de comportamento e acho que sempre tiveram as melhores intenções para você. Eles ainda o fazem, mas sua confiança foi perdida. Lamento que tenha sido você a pagar por isso,

Silas.

Volto meu olhar para Jen, sabendo que ela está falando sério sobre seu pedido de desculpas. Que uma parte dela se preocupa comigo e com o que aconteceu. Uma preocupação genuína com minha saúde a levou a esta conclusão.

Esta explicação. Uma resposta.

A garantia de que odeio admitir que precisava.

Quando fui internado aqui, acreditei em tudo o que disseram sobre mim. Cada sussurro, cada mentira, boato e verdade estendida.

Porque quando Sage voltou e o aniversário de um ano de Rosemary se aproximava rapidamente, comecei a ver coisas, a ouvi-las em meu ouvido. Eu as vi e elas me comeram até que pensei que eram reais. Até que confiei no que me disseram e coloquei peso em suas palavras falsas.

Pensei, puta merda. Eles estavam certos; tenho esquizofrenia e não tomo remédios desde o primeiro ano do ensino médio.

Minha mente se tornou um lugar aterrorizante. Quer dizer, já tinha sido antes disso, mas agora era diferente. Naquele ano, brotaram espinhos letais de raízes nefastas. Minha mente vazava uma gosma preta que escorria por todos os poros e me sufocava com o engano. Contorcia-se e rastejava, deslizando por criaturas assustadoras demais para a maioria imaginar. Meu monstro, meus demônios, as sombras que deslizaram pelas paredes e assumiram formas humanoides. Paralisariam as pessoas de medo.

Mesmo que elas tenham ido embora e ainda não tenham retornado desde a minha hospitalização, aceitei a lembrança de sua existência, me acostumei com isso. Percebi que sempre seria uma fera muito mais assustadora do que minha mente e o mal que pode produzir.

Estou terrivelmente pior. Porque sou e sempre fui real.

— Será você quem dirá aos habitantes de Ponderosa Springs que o apelido Schizo1 não se aplica mais?

Inclino-me para frente, apoiando os cotovelos nas coxas, observando o rosto de Jennifer se contorcer de tristeza. Os cantos dos seus olhos enrugam à medida que tenta me dar um sorriso gentil e tranquilizador.

Que horrível, ela pensa, que esse pobre garoto tenha sobrevivido a tudo isso.

— Acho que seus amigos e familiares podem ajudar a dar a notícia assim que for liberado daqui.

Sem aviso, meu corpo tensiona, os ombros apertando e torcendo o estômago.

— Não.

O mais claro possível, sem espaço para perguntas, não.

— Silas. — Suas sobrançelas se erguem até a linha do cabelo em surpresa. — Posso fornecer provas médicas extensas e dados que reuni durante sua estadia aqui. Sou a sua prova deste falso diagnóstico.

Uma coceira aumenta na minha garganta, rasgando e arranhando a carne da minha boca. O algodão está alojado profundamente nas minhas vias respiratórias e minhas mãos na minha frente se entrelaçam. Por hábito, bato com os polegares.

Eu balanço minha cabeça. — Não quero contar a eles. Ainda não. Não estou... — Franzo as sobrançelas, juntando os lábios. — Confidencialidade médico-paciente. Não contarei a ninguém, e você também não.

Jennifer me observa em silêncio, analisando cada pequeno movimento e expressão facial, tenho certeza. Independentemente do que o seu diploma lhe diga sobre o meu comportamento, não mudarei de ideia.

Ela sabe disso.

— Você e sua família foram enganados. Todos confiaram em um profissional para priorizar sua saúde, e ele abusou de todos vocês em seu estado mais fraco. É, no mínimo, negligência médica. Não há

desculpas para consertar o que ele fez, mas hoje pode trabalhar na cura. Você, seus pais, seus amigos.

— Ainda tenho depressão — aponto, recostando-me na cadeira de couro e colocando as mãos atrás da cabeça para olhar para o teto. — Cronicamente triste *pra* caralho. Não estou totalmente curado e saudável, Tako.

Seu suspiro de aborrecimento com a minha teimosia faz meus lábios se contorcerem. Demorei um mês inteiro para falar com ela e, mesmo assim, demorei um pouco para lhe dar mais do que respostas de uma palavra. Ela sabe que se eu não quiser fazer alguma coisa, não farei.

Isso nunca a impediu de tentar, e sempre admirei isso nela. Uma senhora obstinada e durona.

— A saúde mental é uma coisa complicada. Uma frase para toda a vida de perguntas com poucas respostas e muitos momentos de solidão. Pode ter esperança — ela me diz. — Você tem permissão para começar do zero e seguir em uma nova direção, Silas.

Meus dentes afundam na minha língua e cerro meus molares, o músculo da minha mandíbula saltando. Eu queimo um buraco no teto cinza com meus olhos.

— Eles não acreditarão em mim e não os culpo — digo em voz alta, embora tenha sido um pensamento interno.

Esperança.

Todas as vezes que tentei contar aos meus pais na esperança de que acreditassem em mim. Até que um dia desisti.

Esses momentos eu queria contar para os rapazes na esperança de que eles ouvissem, mas algo sempre me impediu.

Sentindo esperança pela primeira vez quando conheci Rosemary, sabendo que tinha uma pessoa na porra desta Terra que sabia a verdade, e agora o que me resta dessa esperança?

Só tenho a dor de perdê-la.

Foda-se a esperança, porque ela me fodeu há muito tempo.

— Se você nunca lhes der uma chance, eles não terão oportunidade de surpreendê-lo.

Concordo com a cabeça, simplesmente porque não adianta discutir com ela. Não entenderia. Não há nenhum diploma que ela possa receber que a ajude a compreender algo que aprendi desde muito jovem.

Sempre foi melhor ficar quieto do que arriscar dizer palavras em que ninguém acredita.

ESTRELAS TURVAS

Coraline

OITO MESES DE LIBERDADE

NOVEMBRO

O pedaço de papel em minha mão está gasto.

Enrugado por ter sido enfiado profundamente em um par de Vans laranja-queimado que está no fundo do meu armário. Estou surpresa que tenha mantido a cor branca que tinha quando me foi originalmente dado.

Passo meu polegar sobre os dígitos rabiscados, a lua me fornecendo luz suficiente para distingui-los claramente. Minhas costas apoiadas na lateral da casa dos meus pais, as ripas brancas cravadas nas minhas costas e o telhado roçando nas minhas coxas.

O céu noturno está brilhante esta noite. Muitas pessoas nem sabem que, devido à total falta de interferência da luz, a costa do Oregon oferece algumas das melhores vistas da luz das estrelas e da Via Láctea.

Houve um tempo em que eu passava horas neste telhado, deitada de costas, soprando anéis de fumaça e contemplando o quão vasto era o nosso universo. Sorrindo para mim mesma enquanto as estrelas piscavam para mim, como se dissessem maliciosamente: *Nunca saberá todos os nossos segredos, mas poderá admirar nossas verdades.*

Lágrimas molham as maçãs do meu rosto, derramadas tão casualmente que nem as noto mais até que uma brisa passa.

Normalmente não sou assim. Chorosa e triste. Não costumo

tropeçar bêbada no telhado da casa dos meus pais para chorar pelo que aconteceu comigo, para sentir pena de mim mesma. A vida é um pêndulo constante de dor. Todo mundo experimenta, e eu não sou especial.

Portanto, talvez seja o conhaque caro do meu pai que roubei do seu escritório ou o cheiro de chuva no vento que desenterra essas emoções que cuidadosamente enterrei.

Fico pensando que se continuar fazendo as coisas do jeito que fazia antes, se me transformar na pessoa que era antes de ser sequestrada, a vida voltará ao normal. Na semana passada, saí com amigos do ensino médio. Sentamos no café que frequentávamos todas as quintas-feiras durante nossos verões fora da escola. Ontem, minha madrastra e meu pai exigiram que eu participasse de uma exposição de arte e fui. Esta noite, estou sentada no telhado para observar as estrelas.

O chá no Luca's Cafe estava amargo e frio. Os amigos que conheci, estranhos com vidas em movimento, enquanto a minha está estagnada. A arte, que sempre foi algo em que encontrei alegria, carecia de vida. E as estrelas não parecem mais tão brilhantes.

Quando me vejo no espelho, pareço a mesma. Sou a Coraline que minha família e amigos reconhecem, mas agora sou uma pessoa diferente. Nunca tive tanto medo antes. Medo de respirar, de me mover, de viver.

Por dentro, ainda sou *Circe*.

Saí daquele porão fisicamente, mas ainda vivo nele mentalmente.

Odeio isso. Desprezo-me por viver com medo, estar estagnada e não apenas seguir em frente com minha vida. Fui sequestrada, espancada, estuprada. E daí? Existem milhões de pessoas que vivenciam isso. Estou com sorte. Não deveria me sentir tão triste.

Minha cama, que tenho desde o primeiro ano do ensino médio é muito macia. Sempre há muito sol e tudo faz barulho. A comida não tem gosto de nada além de sustento, e a alegria se tornou um sonho

fora do meu alcance.

A vida não deveria ser tão difícil.

O vento agita o pequeno pedaço de papel entre meus dedos. Com as mãos trêmulas, disco os sete números que nunca pensei que ligaria. Prometi a mim mesma que não faria isso, mas este é o fim da minha corda. O que poderia doer?

Quando o tom de discagem começa, quero desligar imediatamente. Isso é estúpido. Sobrevivi, saí do outro lado com minha família rica esperando, pronta para me deixar brilhante e nova. Poderia ter sido pior. Meu dedo paira sobre o botão Encerrar chamada, mas uma voz áspera é filtrada pelo meu alto-falante.

— Coraline.

Meu nome escapa de sua língua. Não é apressado. Ele demora com isso, sem pressa ou encurtando, mantendo-o na boca até a última sílaba ser pronunciada.

— Como sabia que era eu?

Meu coração bate forte contra minhas costelas, se debatendo dentro do meu peito por causa do nervosismo. Não esperava que ele respondesse. Talvez uma parte de mim esperasse que ele continuasse tocando até receber a mensagem de voz.

— Sou o herdeiro de uma empresa de segurança cibernética — diz ele claramente, como se fosse óbvio. — Você está bem?

É simples, três palavras entrelaçadas que ouvi repetidamente nos últimos oito meses, mas vindo da sua garganta, dele? Faz com que meus olhos produzam mais lágrimas e meu peito se aperte.

Deus, odeio isso.

Não sei como explicar, mas sei que ele realmente quis dizer isso. Que ele não está apenas pedindo para ser educado, sabendo que mentirei e direi que estou bem. Em sua voz, que soa como noite e brasas crepitantes, reside uma preocupação genuína.

O soluço que ecoa em meu peito sai de mim e bato a mão na boca

para manter o resto enterrado. Meus olhos se fecham enquanto meu corpo treme. Odeio chorar. Detesto mostrar essa fraqueza, essa vulnerabilidade que não tem espaço na minha vida ou nesta cidade.

— Onde está...

— Não, não, estou bem. — Apresso minhas palavras, balançando a cabeça para ninguém ver, ouvindo através do telefone o som dele se movimentando como se estivesse se levantando para vir em meu auxílio.

Uma completa estranha que ele nem conhece.

Mordo meu lábio inferior para evitar que trema. — Eu te acordei?

— Não — ele diz simplesmente.

Até este ponto, não tinha nenhum plano. Nem tenho certeza se realmente sabia por que fui até o fundo do armário para buscar esse número em um par de sapatos esquecido.

Quando ele veio me ver no hospital, estava amargurada.

Pensei que minha autoaversão e raiva me levariam pela vida. Alimentar minha necessidade de viver, mas com o passar dos meses, a raiva diminuiu. Um balão furado. Agora, só me resta um vazio no peito que parece ser esfaqueado por facas encharcadas de memórias.

Um terapeuta que consultei por um tempo disse que era a dor. Estou de luto pela menina que morreu no porão e tentando fazer as pazes com a que resta. Acho que estou apenas cansada.

O sono raramente vem sem pesadelos, e os dias são cheios de ansiedade, constantemente olhando por cima do ombro, esperando e aguardando pelo dia em que meu monstro cumpra sua promessa.

A pressão por si só é demais. O peso esmagou meus ombros e estou cansada de sufocar. Não consigo respirar, nunca. Por que ninguém consegue ver isso? Eles não podem me ver ficando roxa? As mãos da minha mente me sufocando? Porque toda vez que me olho no espelho, vejo isso.

— Você me disse que sabia como era lutar contra demônios que

não pode ver — começo, sem saber para onde estou indo, mas esperando que o destino final faça sentido. — Falou sério?

Há mais ruído de fundo, o som de uma cama rangendo e um cobertor farfalhando. Vozes abafadas silenciaram durante a noite. Minhas bochechas esquentam enquanto balanço a cabeça. Isso foi estúpido.

— Sinto muito, você provavelmente está ocupado...

— Falei sério — ele deixa escapar, interrompendo minha pressa em desligar o telefone.

Minha cabeça se apoia na lateral da minha casa enquanto olho para as estrelas, me perguntando se, onde quer que ele esteja, pode perceber o quão escuro é o céu normalmente claro ou se isso é apenas um efeito colateral do que aconteceu comigo.

O silêncio invade nossa conversa, e todo o zumbido do seu lado do telefone se acalma quando o clique de uma porta ecoa em meu ouvido. Está mudo onde quer que ele esteja agora. Isso me faz pensar no que ele está fazendo, se é capaz de continuar vivendo depois de tudo o que aconteceu, se eu sou a única que ainda está presa.

Ele interrompe o som da quietude com uma voz como cascalho.

— Por que ligou?

Eu riria se pudesse. É a mesma pergunta que faria se uma garota que eu mal conhecia me ligasse à uma da manhã. Quero dizer, por que liguei para ele? Quem é ele para mim?

— Eu...

— Não minta. — A intrusão não é cruel, não é uma exigência. Em vez disso, parece uma dura verdade, como se ele soubesse o que eu estava pensando antes de falar. — Sou apenas uma voz ao telefone. Não pense em mim como uma pessoa. Apenas uma voz, um ouvido.

Ele não me deve nada. Nem um pinga de gentileza ou um segundo a mais neste telefonema ridículo, mas está aqui de qualquer maneira. E é essa terna generosidade que quebra algo em mim.

Não tenho ninguém. Estou cercada de pessoas e de votos de boa sorte, mas estou completamente sozinha com meus pensamentos. Não há ninguém com quem possa conversar sobre a experiência que assombra meus sonhos e se alimenta lentamente.

Ninguém compreende o medo ou vergonha. Como não desapareceu quando fui resgatada, mas existe logo abaixo da superfície da minha pele. No entanto, ninguém se importa o suficiente para retirar a primeira camada, todos com muito medo de quão escuro será o sangue que derramarei neles.

Todos querem conhecer o horror do porão. As emissoras de notícias querem exclusividade, os jornais citações diretas para alimentar a curiosidade humana, mas ninguém se importa com as consequências do que isso fez comigo.

Sou apenas uma manchete para Ponderosa Springs. Um troféu para meus pais.

— Não tenho mais ninguém... — Engulo a verdade embaraçosa na minha garganta. — Acho que ninguém entende o que está acontecendo comigo.

— Eles não podem ver os demônios, podem?

Balanço a cabeça, meus gritos saem sufocados enquanto luto com a simples resposta de — Não.

Ninguém vê nada disso. Como em um minuto me sinto forte e no outro estou fraquejando. Como me odeio pelo que aconteceu, e a culpa da minha fraca vontade me corrói. É uma pena que não desejo a ninguém.

— Fui sequestrada há um ano hoje.

Ele deixa o silêncio se estender, sem dizer nada. Eu sei que é porque ele quer me dar espaço, espaço para reunir coragem e continuar falando. Finalmente dizer em voz alta as palavras que enterrei com a velha Coraline.

Oito meses de liberdade, oito meses trancada em uma nova prisão, e desta vez, sou a diretora. Não contei a ninguém sobre isso,

nem à polícia, ao terapeuta, à minha família. É um cofre dentro de mim, um cofre que disse a mim mesma que se o mantivesse trancado, acabaria por desaparecer.

Todavia, ele não é uma pessoa com quem estou falando. É apenas uma voz.

— Estava saindo de uma festa. — Meus olhos estão fechados com força, esperando que quando os abrir, volte àquela noite para poder evitar sair. — Foi a primeira festa da faculdade que fui. A primeira de muitas.

Uma risada sem humor sai da minha boca quando me lembro da tequila que meus amigos e eu bebemos.

— Nada de ruim acontece quando se está apenas começando a vida, certo? Não para os ricos e justos, não a mim. Nunca a mim.

Há partes daquela noite que me lembro vividamente. A música alta, todas as pessoas que conhecia e as que não conhecia. Doses do que acho que era tequila e como minha barriga doía de tanto rir.

Abracei minha melhor amiga do ensino médio, uma garota que agora é apenas uma estranha para mim, e gritei — *Esta é a melhor noite da minha vida!*

— Um amigo deveria me levar de volta, mas ele ficou bêbado e dormiu no sofá. Eu não queria dormir em algum lugar aleatório, por isso simplesmente decidi voltar para o campus. Eram apenas alguns quilômetros, só isso. Nem me lembro de nada além de sair de casa. É um grande buraco negro na minha mente, mas...

Puxo os joelhos até o peito, deixando cair a testa neles e meu corpo sentir a dor das lágrimas enquanto pressiono o telefone no ouvido. Permitindo-me lembrar, chorar e sofrer livremente, sem ninguém olhando. Apenas uma voz do outro lado para me ouvir. Para me julgar.

— Quando acordei, estava nua e com frio. Eles me borrifaram com uma mangueira de água e me examinaram. Ainda sinto suas mãos à noite, consigo ver o flash da câmera na minha pele enquanto falam

em voz alta sobre meu corpo. Por quanto poderiam me vender. Nem sei se tentei gritar porque as drogas deixaram tudo confuso. Eles me mantiveram tão chapada que quando Step... — Mordo a língua, com tanta força que o gosto metálico de sangue enche minha boca. Seu nome me deixa doente. — Passei por abstinência nas primeiras semanas em que estive naquele porão. Sozinha. Coberta de vômito e tive câibras musculares insanas. Foi uma agonia mental e foi apenas o começo.

— Gostaria de ter morrido naquele porão. — Um soluço toma minha voz e choro lágrimas pesadas no alto-falante do telefone para uma voz que não me deve nada. — Quero voltar e morrer lá. Tirou tanto de mim - por que não pegar tudo? Por que me deixar tão vazia?!

Grito as palavras para um céu escuro, implorando por uma resposta que nunca terei. Há um milhão de perguntas que me faço todos os dias e nunca consegui encontrar uma única resposta. Por que era tão fraca? Por que eu? Por que o amei tanto que ainda sinto as brasas queimando minhas veias? Como ele tinha tanto controle sobre mim?

Meu choro é interrompido por uma resposta. Não das estrelas, mas da voz do outro lado deste telefone.

— Para preencher.

— O quê? — Levanto minha cabeça, as sobrancelhas franzidas.

Seu tom é de mão firme, água calma. — A vida te deixou vazia para que tivesse espaço para preenchê-lo. Só seremos vazios se nos permitirmos permanecer assim.

— Como? Por onde começo? Eu não..

— Aprenda, Coraline. Você viveu por uma razão. Descubra o porquê.

— Não deveria ser apenas um ouvido? — Eu rio um pouco, pegando a palma da mão e enxugando as lágrimas do meu rosto, inalando profundamente o ar fresco. Estou tonta com todas as emoções.

— E uma voz. — Ele observa, e embora não consiga vê-lo, ouço o sorriso malicioso em suas palavras.

A chuva leve molha meus braços. A maneira que a natureza tem de me dizer que minha sessão de descarga emocional está chegando ao fim, mas fico ali por alguns minutos, sentindo o alívio de ter alguma coisa, qualquer coisa, que me prenda à terra por mais alguns segundos.

Não preciso ser Coraline Whittaker, sobrevivente da Casa dos Horrores Sinclair. Não sou a artista prodígio premiada ou a filha real de James Whittaker. Não sou a irmã mais velha de uma garota por quem me prendi nesta cidade ou a irmã mais nova de um irmão cuja culpa se infiltra na minha.

Sou Coraline. Não estou bem, e agora? É o bastante.

— Não quero morrer — sussurro.

— Então não morra.

A chuva cai um pouco mais forte, ricocheteando no telhado. Lambo uma gota dos meus lábios, deixando a água lavar as lágrimas do meu rosto. Talvez se chover forte o suficiente, não consiga perceber a diferença.

— Eu também não sei viver.

— Ninguém sabe.

Renunciando aos limites, peço-lhe outro conselho. Pode ser o motivo pelo qual ele desliga na minha cara, porque não sei muito sobre o homem do outro lado da linha além dos rumores e de vê-lo por aí, mas todo mundo sabe o que Rosemary Donahue significava para ele.

— Como viveu depois de perder Rosemary?

Sempre achei lindo a sua dor. Uma lembrança viva de um amor perdido cedo demais.

Para minha surpresa, ele não desliga nem me manda ir a merda. Em vez disso, suspira. O som de um isqueiro passando pelo alto-

falante.

— Não vivi.

Escarneço — Então está morto?

— Não sabe? — Mais uma vez, posso ouvir o sorriso. Na minha mente, consigo ver apenas seus lábios, inclinados para cima nos cantos. — Dizem que estou morto por dentro.

— Eles me chamam de amaldiçoada. Pergunto-me o que é pior?

À medida que a chuva continua a aumentar, preciso entrar antes de escorregar do telhado e realmente continuar com meus pensamentos suicidas. Pode-se morrer por acidente se o plano já era se matar?

— Obrigada. Eu te devo por isso — digo suavemente, com a garganta rouca de todo o choro.

— Tudo bem — ele murmura, não me pressionando para dar mais do que estou disposta, aceitando minha declaração.

Relâmpagos iluminam o céu e trovões ressoam ao longe.

— Não me ligue de volta. E não ligarei novamente. Eu só...

— Eu sei. — Há uma pausa em sua voz. — Não precisa me explicar nada. Sou apenas uma voz, lembra?

Sei que esse telefonema não me resolve. Não cura meus medos nem meu trauma, embora queira desesperadamente que isso aconteça, mas é bom estar viva e não estar bem. Ter alguém com quem conversar, saber que existe alguém por aí que sabe que estou lutando para respirar.

Depois disso, terei que voltar a ser fria, entorpecida e insensível só para passar o dia. Estou me permitindo esse momento de fraqueza, mas não de novo.

— Coraline — ele diz antes que eu possa desligar.

— Sim, Silas?

A voz do outro lado mais uma vez me lembra que ele não é

apenas uma voz ou um ouvido. Que é uma pessoa que também sente essa dor, aquele vazio por dentro, e está procurando algo para preencher os buracos.

— Tive que aprender a não viver para o trauma e a perda. Estou vivendo apesar disso. Não o deixe vencer.

DOIS

ÁGUAS TRANQUILAS E PROFUNDAS

Silas

DOIS ANOS DE LIBERDADE

MARÇO

A vida é uma perda.

Os espaços intermediários no tempo são apenas para descobrirmos como lidar com isso. Distrações para todas as experiências inevitáveis, escondendo o fato de que, de forma mórbida, todos morremos no final.

— Quase terminando, Sr. Hawthorne, e novamente podemos verificar seus sinais vitais antes de deixá-lo sair daqui.

— Por um segundo, pensei que meu pai ressuscitaria dos mortos, Taylor. — Uma risada alegre ligada à piada de seu pai. — Scott está bem, como eu disse várias vezes.

Há um sorriso no rosto do meu pai direcionado para a jovem de uniforme vermelho, apesar de atualmente ter seu corpo bombeado com produtos químicos.

Ele poderia sorrir pelo resto do dia; isso não importaria. Os olhos nunca mentem, e os dele estão pintando a imagem de um homem que está cansado *pra* caralho. Quando a enfermeira termina de verificar a máquina e nos deixa sozinhos no quarto, me abaixo e pego a bacia vazia no chão.

Minha cadeira arranha o chão enquanto me aproximo, segurando a bacia em seu peito. Tão suavemente quanto sorriu antes, ele inclina a cabeça e esvazia o pouco conteúdo do estômago que tem.

Deixei meus olhos encontrarem a parede branca como casca de ovo na direção oposta. Ele odeia ser visto como fraco, encarado quando está no seu nível mais baixo. Sempre fez isso. Faço o meu melhor para proteger o seu orgulho agora, tentando pensar em outra coisa que não seja esta doença que o está matando lentamente.

Neste exato momento, meu intermediário? Preparando-me para minha vida sem meu pai nela. Preparando-me para ensinar Levi e Caleb a viver sem ele. Fortalecendo os músculos dos meus ombros para suportar o peso da dor da minha mãe.

Há um certo limite de preparação, porém, que se pode fazer para a morte. Pode planejar o funeral, comprar o terreno e ler os livros de luto, mas no final isso não importa. A morte ainda consegue varrer o tapete debaixo de você todas as vezes.

O câncer está avançado. Sabemos disso desde o início. Esses tratamentos são para minha mãe, algo que acho que só eu sei. Papai não quer morrer sem que ela saiba que ele tentou ficar com ela o máximo que pôde. É egoísta quando se leva isso ao pé da letra, cruel para alguns, mas quando as pessoas não são egoístas com as pessoas que amam?

Além disso, Scott Hawthorne não desiste das coisas que ama, principalmente da minha mãe.

— Desculpe — ele resmunga, segurando o guardanapo na palma da mão e o levantando para limpar a boca. — Disse a sua mãe que o iogurte na geladeira estava ruim esta manhã.

Iogurte, certo. Não é um dos muitos efeitos colaterais severos da quimioterapia.

— Tentamos aveia da próxima vez — respondo, sem me preocupar em dizer a primeira parte. Ele não é cego, nem é ingênuo. Simplesmente não quer admitir isso em voz alta para o filho mais velho. Mesmo que eu veja através dele.

Quando é que os pais percebem que depois de um tempo também começamos a analisá-los?

Meu pai não será nada senão obstinado até o dia em que morrer, e farei tudo que estiver ao meu alcance para dar isso a ele.

— Examinou os pontos de dados que enviei...

— Minhas ideias e avaliações da Sync Tech estão em seu e-mail, pai.

Caminho até a lata de lixo, jogando fora o recipiente sujo, antes de me virar.

— Gosta da ideia do conselho de comprá-los?

Computadores sempre foram minha praia. Fazem sentido para mim; não fazem perguntas e geralmente há um código para corrigir problemas quando fazem besteira. Compreender a empresa da minha família não é um problema; são as pessoas que trabalham lá.

Humanos não são minha praia. Nunca foi minha praia, provavelmente nunca será minha praia. Entendo as emoções, sinto-as, mas as odeio ativamente a cada segundo do dia. E pessoas? Têm uma tonelada delas. Nenhuma delas tem manual. Não se pode ignorar o seu sistema e, na metade das vezes, o que se vê nunca é o que realmente obtém.

Um suspiro me deixa enquanto volto para o meu lugar, afundando na cadeira. Estou com vontade de fumar, buscando qualquer coisa que tire o cheiro de vômito e o cheiro clínico dos hospitais.

Estes últimos dois anos foram apressados, avançando rapidamente, como se o mundo percebesse quando comecei a me curar e dissesse — Aqui. Isso é tudo que perdeu enquanto estava de luto.

Está me dando uma dor de cabeça permanente, todas as coisas que tenho que fazer malabarismos.

— A consultoria de segurança deles é impressionante. As margens de lucro são decentes. É fácil ver por que o conselho está interessado.

— Mas?

Quando olho para ele, sua sobranceira está levantada. Seus olhos fundos, seu corpo parece mais frágil com o passar dos dias. Posso não entender como as pessoas trabalham o tempo todo, mas posso lê-las, e aprendi isso com o homem à minha frente.

— Não é suficiente para eu querer comprá-los. Sua inteligência sobre ameaças é fraca, e isso é dizer o mínimo. A resposta a incidentes é muito lenta. — Pressiono o polegar e o indicador no olho, esperando que isso faça desaparecer o latejar. — E odeio o proprietário.

Ele ri. A mesma risada que ouvi quase todos os dias em minha casa durante toda a minha vida. Profunda e de seu estômago. Eu me pergunto se esse som ecoará nos corredores quando ele se for ou se o tempo também me roubará isso.

A morte não é o inimigo. É o tempo.

— Sim, ele é um pouco idiota.

Desdenho. Essa é uma avaliação moderada.

— Filho. — Sua mão descansa em meu braço, apertando-o. — Sei que isso é muito na sua idade. Quando eu tinha vinte e dois anos, tentava descobrir em que bar ir. Nunca quis colocar a empresa em suas mãos tão cedo, mas...

— Eu sei — digo simplesmente. Ele não precisa desperdiçar energia me dizendo algo que entendo. — Está tudo bem.

— Sempre foi bom nisso. — Seu sorriso desdentado aparece. — Saber.

O difícil diagnóstico que meu pai recebeu no outono passado significava que, aos vinte e dois anos, eu assumiria a Hawthorne Technology como CEO interino até transmiti-lo. Eu me formei cedo e comecei a trabalhar com ele na empresa, para descontentamento de muitas pessoas.

Talvez ajudasse se soubessem que a última coisa que quero é aprender como assumir o controle de uma empresa multibilionária. No entanto, sei que não é com a minha idade que eles estão preocupados.

Todos temos que fazer sacrifícios, e ouvir os sussurros abafados no escritório sobre minha competência mental é algo que estou disposto a tolerar por ele. Ele me ama, fez muito por mim e lhe dar a tranquilidade de saber que o legado de nossa família está em boas mãos é o mínimo que posso fazer.

— Tem bons instintos. Os melhores, Silas. Confie neles, sempre. Não falhará — ele diz severamente, inspirando confiança em mim. — Informarei ao conselho que não avançaremos com a Sync Tech.

Meu telefone vibra no bolso enquanto aceno para ele. Puxando-o do bolso da frente, encontro uma mensagem de Rook. Depois de desbloqueado, a mensagem de grupo que ele criou está aberta, e uma foto dele com um cigarro na boca enquanto descansa na praia é o texto mais recente.

O sol reflete nos óculos escuros pretos que usa, e há um bronzeado em sua pele que nunca vi antes. Há algumas tatuagens novas em seu peito, e isso me faz pensar em tudo que perdemos na vida um do outro devido à distância. No entanto, seu sorriso ainda é Rook, ainda o mesmo garoto que sempre conheci.

Thatcher: Seu peito parece uma carteira de ensino médio.

Rook: Abracei cactos melhor do que você.

Escarneço do fundo da minha garganta. Os dois ainda não superaram suas brigas infantis. A menos que alguém pare, continuarão para sempre até que os sentimentos de alguém sejam feridos, e definitivamente serão os de Rook. Todos os sentimentos de Thatcher estão ligados a Lyra. Ele não tem mais nada para o resto de nós.

Alistair: Calem a boca.

Ali está ele. Padre Caldwell para o resgate. Estou surpreso que não tenha dito a Rook para usar protetor solar. Nós nos distanciamos, mas no fundo, nos conheceremos até ficarmos grisalhos.

Tempo, espaço, distância, morte.

Nada disso jamais tirará o que sabemos com certeza – que nos conhecemos no âmago do nosso ser. Nunca é algo que dizemos em voz

alta, apenas uma conclusão precipitada.

Somos quem somos. Não importa para onde vamos ou como mudamos, sempre haverá esse barbante torcido e cheio de nós entrelaçando cada um de nós. O que encontramos um no outro quando crianças é algo que nos recusamos a abandonar.

São irmãos para mim. Cada um deles. Mais espesso que qualquer sangue.

Thatch é o único que vejo regularmente, pois ambos escolhemos ficar em Ponderosa Springs depois que Stephen Sinclair foi preso. Até nos formamos na faculdade juntos, e os outros rapazes vieram nos apoiar.

Dois anos.

Já se passaram dois anos desde que pressionamos uma vida sem vingança. Parece como se tivessem se movido tão rapidamente, como se nenhum tempo tivesse passado, e ontem mesmo, eu enterrava corpos.

No entanto, no meu peito, sinto isso.

O tempo que escorregou pelos meus dedos. É medido pela minha dor e por seus estágios.

A aceitação foi a mais dolorosa.

— Como estão os rapazes? — Meu pai tosse no punho depois de perguntar, provavelmente tendo olhado por cima do ombro para a tela do meu telefone. Ele sempre foi intrometido assim.

— Vivos. — Resmungo, afundando ainda mais na cadeira.

— Chocante.

Os cantos da minha boca se contraem. Ele não tem ideia de como isso é chocante. Que sobrevivemos ilesos a toda a traição e morte e, de alguma forma, fomos capazes de seguir em frente como se isso nunca tivesse acontecido.

Por fora, claro.

Existem cicatrizes em cada um de nós que nunca desaparecerão. Feridas profundas que sangram umas nas outras e que só nós podemos ver. Saímos vivos, mas não ilesos.

— Alistair acabou de se casar — digo a ele, porque é isso que as pessoas normais dizem sobre os amigos. Compartilhando as atualizações comuns de suas vidas adultas.

Sinto o peso de seu olhar e olho para ele. Seus olhos se arregalaram e há ceticismo em sua testa.

— E a garota estava disposta? Ela caminhou até o altar por vontade própria?

Um bufo sai da minha garganta. — Parece que sim.

Ele balança a cabeça como se não pudesse acreditar no que disse a ele. Não o culpo. Alistair Caldwell nunca pareceu ser do tipo que se casa. Mais como uma ninhada no canto até morrer.

Meu pai só o via sob duas formas: zangado ou causando problemas. Há coisas sobre os rapazes que minha família nunca entenderia. Nunca disseram abertamente que desaprovavam minhas amizades, mas podia ver isso em seus rostos. No entanto, eles se recusaram a me tirar qualquer coisa que pudesse me causar infelicidade, mas nunca os conheceriam como eu. Ninguém conheceria.

Nunca tinha visto o quanto alguém como Alistair se preocupa com as pessoas. Como ele facilmente desistiria da própria vida por alguém que ama. Do nosso jeito doentio, acho que nos importamos mais do que a maioria.

— Planeja caminhar até o altar antes que eu morra? Ou me dar netos?

Reviro os olhos enquanto olho para ele. — Está gastando muito tempo ouvindo a mamãe.

Não estou nem um pouco surpreso que ela o tenha envolvido nisso. Se ela tentar me contar sobre a filha *solteira* de outra amiga dela, paro de ir ao jantar em família.

Eu faria qualquer coisa para dar ao meu pai tudo o que ele pede antes de falecer. Casar com alguém? Não acontecerá.

— Sei que perder Rosemary foi difícil para você. — Ele coloca uma mão fraca no meu ombro. — Mas pode amar de novo, garoto.

Minha mandíbula se contrai.

Essa é a coisa favorita de todos para me dizer. Rosemary gostaria que você fosse feliz. Está autorizado a seguir em frente. Ela quereria isso para você. Como se eles a conhecessem melhor do que eu.

Eles não acham que já sei disso? Que não sei que ela gostaria que eu tivesse uma vida boa, que encontrasse alguém para amar? Rosie provavelmente se revirou no túmulo pelo menos um milhão de vezes desde que morreu, por causa de todas as coisas que fiz. Sei que ela gostaria que eu seguisse em frente.

E uma parte de mim seguiu. Passei os últimos dois anos aceitando que ela se foi e nunca mais voltará. Não é meu amor por Rosie que me impede de me entregar a outra pessoa.

Sempre acreditei que o amor é como a água, a forma como flui entre corpos e almas. Não se pode parar o fluxo porque um caminho está fechado. Apenas encontra outra saída.

É a parte de mim que se recusa a amar novamente. Amaldiçoei minha alma porque sei como é a dor de perder alguém. Não farei isso comigo novamente.

— Sim. — É a única resposta que dou. O que mais há para eu dizer?

Meu telefone vibra na minha mão e, quando olho para a tela bloqueada, desta vez não é uma mensagem do bate-papo em grupo. É um e-mail.

Silêncio meu e-mail de trabalho quando estou fora do escritório e com meu pai na quimioterapia – muito responsável da minha parte – por isso é meu e-mail pessoal que recebeu uma nova mensagem. Abro, esperando spam, mas minhas sobranças se juntam quando o abro.

É um remetente desconhecido com um arquivo de vídeo criptografado anexado e uma linha de texto.

Ainda não terminei com os quatro. Hora de voltar para casa, rapazes.

Espero silenciosamente que seja um vírus tentando roubar minhas informações bancárias à medida que começo a baixá-lo. A enfermeira volta, desviando de mim os olhos curiosos do meu pai enquanto o tira da bomba de quimioterapia.

Os pelos finos da parte de trás do meu pescoço se arrepiam lentamente, um por um, e o quarto parece um pouco frio demais. Meu aperto no telefone aumenta enquanto continua a carregar, e não importa o quanto espere, eu sei que este não é um hacker aleatório.

A sorte nunca corre do meu lado.

A voz do meu pai, misturada com a da enfermeira, desaparece no fundo, pingando cada vez mais da minha mente enquanto meu foco se concentra no vídeo. Rapidamente me certifico de que o volume está baixo antes de pressionar Play.

Uma tela escura me cumprimenta, mas permanece assim apenas por alguns segundos. Logo, minha tela acende, a pessoa gravando gira a câmera para cima. O que se passa diante de mim é uma cena que já vi antes.

Uma cena que vivi.

Rook, Alistair e eu estamos em círculo ao redor de uma fogueira. Rook acende as chamas enquanto Alistair e eu pegamos o cadáver mutilado de Conner Godfrey, jogando-o efetivamente nas chamas. Estamos todos cobertos de sangue, eliminando um corpo no meio da noite no quintal de Lyra Abbott. Nossos rostos são claros – não haveria como negar ou ter advogados para nos livrar.

A cada minuto, diante das câmeras. No telefone de outra pessoa - só Deus sabe de quem é o telefone. Pessoas que não conheço, pessoas que querem algo de nós.

Minha mandíbula se contrai, os músculos se contraem dolorosamente. Ondas de emoções tomam conta de mim, muitas delas para lidar. Todas se misturam, rugindo e se enredando de raiva.

— Está bem, filho? — Ouço distante.

Dois anos. É isso?

Dois anos antes desta maldita cidade ter que voltar dos mortos? Não estava feliz com seu quilo de carne? Queria nos comer inteiros.

Concordo com a cabeça, olhando para cima do meu telefone para olhar em seus olhos preocupados.

Nós nos encaramos. Olho para um rosto que conheci durante toda a minha vida. Um homem que me amou sem questionar, sem medo, me apoiou e não sei como falar com ele.

Não a verdade. Não sem mentir.

Amargura, culpa avassaladora, queima meu interior, torcendo minhas entranhas em espirais miseráveis. Essas emoções, esse maldito fardo que me acompanha desde o momento em que fui mal diagnosticado, são algemas, pesadas e insuportáveis, arrastando-se atrás de mim a cada passo.

Quero contar a ele. Tudo.

Que não sou esquizofrênico; nunca fui. Fiquei quieto para proteger Rosemary. As palavras não se formaram depois que tive alta da enfermaria porque nunca quis que ele se odiasse por não acreditar em mim antes, por me levar àquele médico.

Há tanta coisa que quero contar a ele, e sua ampuheta está ficando sem areia. Meu pai morrerá sem conhecer totalmente o filho?

Haveria um momento em que poderia ser honesto com ele? Quando as palavras não eram tão escassas e minha voz se sentia confortável em ser ouvida?

Mais uma vez, aceno.

Sempre foi melhor ficar quieto do que arriscar dizer palavras em que ninguém acredita.

Coraline

Sou a única pessoa neste restaurante que parece um manequim?

Posada, vestida e colocada para exibição. Quando passam por mim e olham, podem admirar como sou bem organizada. Como minha roupa é elegante, como meu cabelo é brilhante.

Nenhum deles suspeita que sou de plástico, ou talvez esse seja o seu segredo. Os garçons que reabastecem minha água sem pedir, a elite de Ponderosa Springs que passa para falar com meu pai, todos podem sentir o cheiro do plástico derretendo da minha carne. Todos sabem que sou uma farsa, uma fraude, mas simplesmente não dizem nada.

Sou uma garota doce e quebrada que mal consegue sobreviver emocionalmente, tentando o seu melhor para voltar a este mundo superficial de tubarões como um peixinho. Sou a piada interna favorita deles.

Uso meu garfo para afastar outro pedaço de salmão caro. Há um peixe que morreu para ser cozido demais e servido para pessoas que provavelmente não conseguem provar nada devido aos anos de fumo e mentiras que queimam a língua.

— Pare de brincar com sua comida.

Meus dedos apertam o utensílio em minha mão. Não a esfaqueei. Não em público.

Farei vinte e dois anos em maio, daqui a dois meses, e estou sentada aqui murmurando um pedido de desculpas baixinho para minha madrastra, para evitar causar uma cena. Assim que sinto seu

olhar crítico se afastar de mim e voltar para sua conversa anterior, meu aperto no garfo afrouxa.

Por muito tempo, nunca entendi porque Regina não gostava tanto de mim. Ela me conhecia desde o nascimento e sempre preferiu acreditar no arquétipo da madrasta malvada em vez de me amar como se fosse dela. Só quando fiquei mais velha é que entendi o que ela via quando olhava para mim.

Sou um obstáculo em sua vida bem pavimentada. Sou o produto de um caso, medo antes do casamento dos seus sonhos, e ela passou a vida inteira me fazendo pagar pelo pecado do meu pai de se apaixonar por outra mulher.

— Escolheu seu vestido para a arrecadação de fundos, Coraline?
— A voz profunda do meu pai praticamente sacode a porcelana fina.

James Whittaker é uma força. Uma exigência numa sala cheia de ofertas. A resposta para todas as suas perguntas é sempre sim, e olhar nos seus olhos é um risco.

Encontro seu olhar, a diferença em nossa aparência fica mais perceptível à medida que envelheço. A cada dia, pareço cada vez mais com minha mãe, e isso só alimenta o seu ódio por mim. Sou o lembrete constante do amor que ele perdeu, o amor pelo qual planejava desistir de tudo.

Que tipo de mulher faz um homem de uma geração rica desistir de seu futuro de sucesso e notoriedade por um futuro instável e medíocre?

Uma amaldiçoada.

Éramos próximos, quando a cor dos meus olhos era mais verde em vez de marrom. Ele me chamava de amiga até os treze anos e passávamos todos os domingos no cais. Eu desenhava no meu caderno enquanto ele pescava. Então, duas mechas do meu cabelo ficaram brancas e o tempo que passamos juntos parou.

Disse a mim mesma que nos separamos por causa do meu sequestro, mas é uma mentira reconfortante. Seu envolvimento com o

Halo, que ele afirma ter sido chantagem de amigos de faculdade, apenas pressionou ainda mais nosso vínculo tenso.

Partimos os pedaços anos atrás e nunca mais nos preocupamos em juntá-los. Em vez disso, decidimos ficar em cima deles como estranhos, deixando o vidro estilhaçado cortar a sola dos nossos pés.

Melhor continuar sofrendo do que admitir a verdade.

Estou grata por isso. Sua aversão por mim. Ensinou-me a lição mais importante quando saí daquele porão.

Não há uma única pessoa neste mundo que cuide de você melhor do que você mesmo.

— Não vou. — Pego o copo d'água que está na minha frente e tomo um pequeno gole, me preparando para o ataque de perguntas e insultos passivo-agressivos.

Estamos em público, o que significa que esta conversa será composta por palavras abafadas e sorrisos forçados. Os abutres que nos cercam estão morrendo de vontade de que fofocas caiam da mesa de alguém, e a última coisa que meu pai quer é mais atenção negativa.

Isso ajuda minha causa porque eles não me pressionarão muito com tantos olhos voltados para eles. Afinal, sou a criança que sobreviveu. Seu próprio Harry Potter. Seria uma má publicidade se eles mostrassem o quão pouco se importam.

— Por que? Todos nos esperam lá como uma família. Até disse ao filho do senador Bloom que você estava ansiosa para vê-lo.

Carson Bloom, penso comigo mesma, é um idiota egoísta que tentou me fazer consumir cocaína no banheiro da festa de reeleição de seu pai, não acredita nas mudanças climáticas e pensa que é a segunda vinda de Cristo.

Nada disso importa, é claro. Francamente, ele poderia ser membro do partido comunista e não se importariam. Desde que me case com um rico, manter o patrimônio genético transbordando de dinheiro e prestígio encharcados de sangue.

Dessa forma, quando falarem sobre mim, poderão listar todas as minhas realizações em uma lista com marcadores para seus colegas. Como se, de alguma forma, o que realizo em minha vida fosse um reflexo de sua excelente criação.

Meus molares se juntam e dou um sorriso de lábios apertados.

— Terá que dar minhas condolências. Tenho uma aula para dar naquela noite.

Regina zomba. — Tenho certeza que pode cancelar. Não é como se fosse obrigatório. Você está passando muito tempo com eles, sem mencionar a gala de arte beneficente que se aproxima. Tenho certeza que eles entenderão se faltar um dia.

O tom petulante faz com que a vontade de esfaqueá-la com esse garfo penetre dentro de mim novamente, deixando um gosto metálico no fundo da minha garganta. Tenho impulsos de gritar até que o vidro se estilhace ou quebre tudo na minha linha de visão, só para que todos possam ver o que realmente vive dentro de mim.

Para mostrar a eles e a toda esta cidade apodrecida o quão raivosa e vil sou sob a superfície. Que não sou plástico, mas uma força de autoaversão e miséria que aterrorizaria suas vidas sonolentas.

Meu próprio ser os assustaria tanto que ninguém pronunciaria meu nome em voz alta novamente.

Há uma mão gentil da minha esquerda que está em cima da minha. Não percebi que apertava o material do meu vestido na coxa até que dedos macios apertaram os meus. Solto o tecido azul meia-noite, dando um sorriso tranquilizador em sua direção.

Ela é um lembrete constante do motivo pelo qual fico sentada em silêncio nesses jantares, uma marionete com as mãos da sociedade enfiadas na minha bunda, e engulo cada palavra miserável. Mordo minha língua e como suas besteiras pomposas de boca cheia.

Minha irmãzinha.

— Eles não se importariam — corrijo — mas esta aula é uma das únicas saídas saudáveis que essas meninas têm. Isso parece mais

importante do que esfregar os cotovelos, não é?

Espeto um pedaço de peixe, levo-o à boca e mastigo lentamente enquanto espero pela resposta deles, aguardando silenciosamente que me deem um motivo para morder. Minha mandíbula permanece travada para proteger Lilac, mas há um limite para o que estou disposta a suportar.

— Acho incrível o que está fazendo, Cora. — A voz gentil de Lilac é um bálsamo para minha pele quente. Olho para seus cachos loiros e macios, grata por, apesar de tudo, ela ter se tornado uma pessoa gentil. — As garotas de lá adoram você.

Eu estaria a um mapa inteiro de distância deste lugar fodido se não fosse por ela. Não me ressinto dela por sua idade ou pelo fato de Ponderosa Springs ter Lilac acorrentada por mais um ano. Mais um ano e poderei levá-la para muito, muito longe, onde ela será livre para se tornar o que quiser, em seus termos.

Ela não fez nada de errado e me amou em todos os momentos dos seus dezessete anos. Nunca fui amaldiçoada aos seus olhos, apenas a irmã mais velha. Lilac não merece ser abandonada pela única pessoa que a ama de verdade porque não aguento a pressão.

Sofrerei em silêncio por mais um ano e depois ambas seremos livres. Desta vez, para sempre.

— Tão humanitária — Regina murmura, pegando sua taça de vinho pela haste, girando o líquido vermelho, — Como espera encontrar um marido quando é tão dedicada à filantropia? Você não está ficando mais jovem.

Abro a boca, mas meu pai interrompe rapidamente.

— Querida, sabe que te apoiamos, principalmente sua arte. O que faz por essas meninas é admirável, mas...

— Mas? — Respondo, virando minha cabeça em direção a ele.

Meus olhos o desafiam a terminar a frase, e como James é incapaz de ser submisso a alguém, termina.

— Não deveria passar tanto tempo rodeada de pessoas assim. Não é saudável para você.

Aí está. Finalmente, alguma verdade nesta conversa.

Contar às pessoas que ganhei o *Future Generation Art Prize* é uma conquista de título. Pessoas escrevendo artigos sobre meu trabalho futuro, possivelmente mudando o mundo da arte, são impressionantes. O fato de eu dar aulas de arte para sobreviventes de Halo é algo que me faz parecer gentil, mas a questão é que não *dou* a mínima para essas coisas.

É preciso fingir ser humano, ter um coração. Aqui em Ponderosa Springs, é tão vital para a reputação que é quase verossímil, mas por dentro, deve ser frio e se preocupar apenas com sua aparência e com a quantidade impressionante de dinheiro em sua conta bancária.

Não importa para eles ou para qualquer outra pessoa que a peça que ganhou aquele maldito prêmio foi uma que criei nos dias seguintes à minha tentativa fracassada de suicídio. Que uma voz e a vontade de criar algo maior do que eu foi tudo o que me impediu de morrer.

Não posso me importar com as poucas mulheres que vêm duas vezes por semana para as aulas.

Não, ou são excluídas ou viciadas em drogas, maçãs podres que mancham a minha imagem. Não se importam que essas pessoas não possam avançar nesta sociedade porque o que aconteceu as mantém congeladas.

As suas experiências e traumas fazem com que recorram às drogas, algumas delas tão desesperadas para ficarem entorpecidas, para esquecerem, que enchem os seus corpos de químicos. Não podem trabalhar em empregos regulares porque a maioria delas tem medo de sair de casa. Ninguém se importa com o que acontece com elas porque todas deveriam ter *sorte* de ter sobrevivido.

Como se isso fosse suficiente.

Nenhum deles sujaria sua reputação para entendê-las como eu.

Por dentro? Não sou diferente de nenhuma das garotas que passam por aquelas portas. Só tenho dinheiro para disfarçar meu trauma com um par de sapatos feitos por Manolo Blahnik.

— Pessoas como o quê? Sobreviventes? — Limpo a boca, tentando tirar o gosto amargo da boca. — Sabia que uma garota de quinze anos entra no meu estúdio? Quinze. Tinha treze anos quando foi sequestrada e depois vendida. Diga-me, que tipo de pessoa ela é exatamente, James?

— Coraline — ele avisa, olhando ao redor para me lembrar onde estamos.

Como se eu, porra, me importasse. Balanço a cabeça diante da impossibilidade do guarda-chuva privilegiado, jogando meu guardanapo no prato à minha frente.

— Desculpe. Talvez deversem comprar um jornal local para relemburar. Parece que se esqueceram que eu também fui uma daquelas garotas resgatadas de uma rede de tráfico humano. — Fixo meu pai com um olhar frio. — Devo agradecer a você, querido papai, por sua amizade com Stephen ter me poupado de ser vendida? Ou minha mãe, por aqueles genes amaldiçoados que me tornaram especial o suficiente para ser mantida?

Minha voz está um pouco acima de um nível aceitável. Eles podem se importar com o que os outros pensam, mas fui chamada de amaldiçoada por esta cidade durante toda a minha vida. O que acreditam de mim não me mantém acordada à noite.

Os demônios sim.

— Não fale assim conosco — minha madrastra sibila, me apontando um dedo acusador. — É o meu dinheiro que mantém você naquele apartamento e lhe dá a liberdade de dar aulas gratuitas. Faria bem em se lembrar disso.

— O dinheiro do meu pai, Regina. Esqueceu? Você se casou com alguém desta família com nada além de sapatos baratos e esperança. — Meus lábios se curvam em um sorriso cruel. — Mas, por suposto,

me interrompa. Não precisarei disso depois de vender minha parte da Elite.

Ambos parecem perder a língua, lembrados duramente de que meu falecido avô me deixou uma grande participação na empresa de engenharia de petróleo de nossa família que nenhum advogado pode tirar. Seria fácil vendê-la a um rival, e é exatamente isso que pretendo fazer quando Lilac se formar.

Irritada, de alguma forma ainda com fome e entediada com essa conversa, pressiono as mãos na mesa, empurrando a cadeira para trás, pronta para sair.

— Cora — Lilac diz delicadamente. — Não vá embora.

Eu me levanto, me abaixando por um momento para dar um beijo em sua testa, o cheiro de seu perfume doce e floral. Quando me endireito, meu polegar suaviza as rugas de sua testa.

— Vejo você amanhã antes do jogo. Envie-me uma mensagem se precisar de ajuda com seu dever de química hoje à noite.

Ela acena com a cabeça, aceitando esta oferta de paz. Fiz o meu melhor para protegê-la de tudo o que vivi, mas mesmo assim, ela sabe que estar perto de Regina e James é difícil para mim.

Permito que eles me exibam, me desfilam como um pônei, só para que a deixem em paz. Se a atenção de todos estiver voltada para a amaldiçoada, não terão tempo para contaminar Lilac. Ela pode existir em paz.

— Chamarei o carro para você. — James limpa a garganta, com um pedido de desculpas no fundo da boca que ele nunca dirá em voz alta.

— Não há necessidade. — Afasto-me da mesa.

— Coraline...

— Apenas deixe-a ir, J. — Regina limpa um fiapo invisível de seu terno, sorrindo. — Não há necessidade de causar uma cena. Vemo-nos no brunch de domingo?

Não dou a ela uma segunda olhada, muito menos uma resposta. Eu simplesmente me afasto da nossa mesa de canto, os saltos batendo no chão enquanto saio. Posso sentir todos os olhares sobre mim, praticamente ouvir as cabeças se virando em minha direção. Deixe-os olhar. Deixe-os ficarem boquiabertos comigo. Talvez eles tenham algo melhor para conversar depois que eu partir.

Quando finalmente consigo sair e o ar fresco atinge meus pulmões, levo apenas alguns segundos para enfiar a mão na bolsa, procurando o maço de cigarros e o isqueiro. Preciso de algo rápido para aliviar esse nervosismo antes de xingar um poste de luz.

Meu telefone acende no fundo da minha bolsa com uma mensagem.

Abandonando a nicotina, pego meu telefone, pronta para caminhar rapidamente até meu apartamento, mas não consigo me mover. Quando olho para o número desconhecido na tela inicial, minha espinha dorsal desmorona, minha língua afiada fica embotada e meus escudos caem.

Meu telefone cai das minhas mãos, batendo no concreto abaixo de mim. Carros passam, pessoas se movimentam, mas fico presa enquanto minha mente começa a gritar, transformando-se em um rugido mortal.

Desconhecido: Sentiu minha falta?

QUATRO

CHANTAGEM

Silas

As pessoas lutam constantemente contra duas versões de si mesmas.

O indivíduo que dão ao mundo, a pessoa que existe em público para os olhos verem e as versões que escondem, a pessoa que são quando ninguém está olhando.

Isso não é uma coisa ruim, apenas um fato. Todos temos.

Meus olhos seguem a cabeça de cabelos castanhos e lisos do outro lado da movimentada rua principal de Ponderosa Springs, a resolução da câmera de segurança ofuscando os respingos de tinta em sua camiseta branca.

Vários homens fazem um esforço para olhar para ela, seja olhando por cima do ombro ou parando completamente.

Eu me pergunto se ela percebe. A atenção que os homens dão a ela.

Como não conseguem se conter quando ela está por perto. Compelidos a olhar. Admirar. Não é a beleza que prende a atenção deles – muitas mulheres são lindas. Há algo mais, algo inexplicável em seu fascínio.

Eu me pergunto se foi daí que veio o seu apelido. Muito antes de Stephen Sinclair gritar isso para mim. Era uma pergunta que eu queria saber desde que ela saiu voando daquela casa de horrores com asas rasgadas.

Como um relógio, ela entra no estúdio ao meio-dia, como sempre faz, e logo desaparece da minha vista. Vinte minutos - a vejo quase

todos os dias durante vinte minutos na tela e, todas às vezes, me faço as mesmas duas perguntas.

Qual versão sua vi na noite em que ela me ligou? E o que torna Coraline Whittaker amaldiçoada?

Espionar pessoas através de câmeras de trânsito públicas é ilegal e moralmente ambíguo. Não estou dizendo que o que faço é certo. Estou dizendo que poderia ser muito pior se quisesse. Quero dizer, tecnicamente? Eu poderia hackear quase todas as câmeras pelas quais ela passa regularmente, mas isso parece longe demais, mesmo para alguém como eu.

Sou um assassino, mas também fui criado para respeitar os limites das mulheres.

Não somos amigos, Coraline e eu. Não lhe devo minha preocupação. No entanto, sei como ela soa quando está com medo. Senti o seu medo através daquele telefone, e ninguém merece ter medo desse jeito.

Por isso, embora a garota na tela seja praticamente uma estranha para mim e eu seja simplesmente uma voz que ela ouviu há muito tempo, só quero ter certeza de que está bem. É uma espécie de conforto observar aqueles vinte minutos do seu dia, ruído de fundo para preencher o vazio por um tempo.

— Silas! Ainda está aí?

Pisco, tirando os olhos do computador e pegando meu telefone na mesa, tirando-o do viva-voz e segurando-o no ouvido.

— Sim — murmuro, limpando a garganta.

— O que você recebeu do e-mail?

Meu queixo se contrai de aborrecimento. Não com Alistair, apenas com a situação. Não sei o que me irrita mais, o fato de estarmos sendo chantageados ou de a pessoa fazendo isso ser boa. Um *black hat*³ e um maldito *code jockey*⁴. Ontem recebi outro e-mail, desta vez sem vídeo, apenas mais uma frase ameaçadora.

Não me obrigue a levar para casa, para você.

Sem assinatura ou nome. Apenas aquela porra de vídeo, uma prova que pode mandar a todos nós para a prisão se for divulgada. Tudo pelo que trabalhamos, do que escapamos? Seria arruinado com um vazamento para a imprensa. Sinto minha dor de cabeça voltando, ou talvez nunca tenha passado.

— Não — suspiro. — Eles transmitiram com retransmissões distribuídas. Existem muitos nós e levarei um tempo para voltar ao remetente original. Quem enviou pagou muito dinheiro pelo anonimato ou é muito melhor do que eu.

Para o meu ego, direi o primeiro.

— Fingirei que sei o que diabos acabou de dizer — Alistair resmunga, com um zumbido monótono ao fundo. Máquinas de tatuagem fazendo hora extra – é por isso que ele queria esperar por esse telefonema. Ele não queria estar em casa, sabendo que Briar seria muito intrometida para o seu próprio bem e descobriria isso antes de termos um plano em ação.

— Ainda não consigo rastrear a localização deles — digo claramente.

Tentei enviar *malware*⁵ em minha resposta ao e-mail, mas não foi aberto, o que é ótimo para o remetente, mas me deixa com uma longa lista de trilhas a seguir que levarão algumas semanas, se eu puder até mesmo encontrar uma porta dos fundos.

Dois malditos anos. Foi tudo que conseguimos? Essa é toda a paz que tenho?

Foda-se esta cidade e sua incapacidade de deixar alguém sair vivo. Tenho certeza de que, agora mais do que nunca, isso não parará até que enterre nós quatro embaixo dela.

Passo a mão frustrado pelo rosto, mais chateado por Rook e Alistair do que qualquer outra coisa. Thatcher e eu ainda moramos aqui, ele por opção e eu por obrigação, mas até este ponto, conseguíamos apenas existir silenciosamente.

Ficamos muito confortáveis em nossas novas vidas, em nossos papéis. Tentamos seguir em frente e esquecer, construir vidas para nós mesmos que não fossem contaminadas pela escuridão, tentando desesperadamente apagar a marca negra que este lugar imprimiu em nós.

Há, contudo, algumas coisas que nunca podemos abandonar. Coisas que se recusam a nos deixar ir.

— Rook tem certeza de que é o filhinho do papai drogado em busca de vingança. Seu sobrenome sofreu um grande impacto quando Stephen foi preso.

Expiro. — Easton Sinclair pode ter se formado em ciência da computação, mas não é melhor que eu. Se uma árvore caísse no Japão, Rook o culparia.

Alistair solta uma risada sufocada, e é um som agradável de se ouvir. Sua risada. Não me lembro de termos sido o tipo de criança que ria, mas Alistair nunca riu, e agora parece que ri mais.

Aquele sentimento familiar de culpa começa a se instalar em mim, cavando na boca do meu estômago e se enterrando ali. Eles nunca dirão isso, mas eu sou a razão disso. As vidas que tentaram começar? Arruinada por minha causa. Por causa da minha necessidade desesperada e desequilibrada de vingança. A vingança por Rosemary começou com a culpa de não estar presente quando ela mais precisava de mim, e agora o futuro dos meus amigos está em perigo, deixando-me exatamente onde comecei.

— Ele poderia ter contratado alguém...

Duas batidas fortes ecoam nas paredes do meu escritório. Eu me inclino um pouco na cadeira, tentando compartimentar os pedaços da minha vida. A parte de mim que tem que lidar com meu passado e a versão tentando trabalhar em direção a alguma aparência de futuro.

— Tenho que ir.

— Esta é a última vez, Silas — diz Alistair, com convicção na voz.
— Esta é a última vez que volto àquela porra de lugar. Mesmo que

isso me mate.

Ele está falando sério. Cada palavra. Se não resolvermos isso e limparmos nossa ficha desta vez, ele morrerá antes que este lugar o mantenha aqui. Quase estou com ciúmes por ele ter a capacidade de ir embora, por poder ser quem quiser em Seattle, um novo Alistair que ninguém conhece. Sem rumores ou sussurros. Apenas ele existindo.

Nunca soube como é isso. Simplesmente existir sem que alguém tenha uma ideia pré-concebida de quem sou.

Concordo com a cabeça, mesmo que ele não veja. — Entendido.

Quando a linha fica muda, digo a quem está do outro lado da porta para entrar, rezando silenciosamente para que não seja o maldito Ted das finanças. Esse cara me dá urticária.

Minhas orações devem estar chegando a alguém porque meu pai abre a porta, vestindo seu terno sob medida, a cabeça impossivelmente erguida. Sob essa luz, é difícil imaginá-lo vacilando, muito menos passando por algo tão debilitante como a quimioterapia. Seus passos são medidos enquanto atravessa a sala, os sapatos sociais fazendo barulho no chão, e de repente desejo poder pular de uma das janelas de vidro do chão ao teto atrás de mim.

Scott Hawthorne está exibindo seu infame rosto de parede de pedra, aquele que costumava dar a Caleb e Levi quando eles faltavam à escola ou quebravam um dos vasos da mamãe. Nunca recebi um até este exato momento.

— Filho, precisamos conversar.

Não me diga.

Inclino-me para trás enquanto ele se senta na cadeira de couro em frente à minha mesa, vários papéis espalhados pela superfície que eu o pego examinando antes de olhar para mim.

Uma tosse sai de seus pulmões e ele leva um momento para cobrir a boca com a mão.

— Preciso ligar para alguém? — Pergunto, a mão alcançando

meu telefone.

— Não. — Ele me acena, as sobrancelhas franzidas enquanto recupera o fôlego. — Estou bem.

Dando-lhe um segundo para recuperar a compostura de aço, recosto-me na cadeira, cruzando os braços na frente do peito.

— Sua mãe e eu não achamos que isso seria um problema, visto que não deveria tomar as rédeas tão rapidamente. — Ele usa o polegar e o indicador para limpar a boca, soltando um suspiro pesado. — Mas, infelizmente, o conselho não está disposto a ceder.

— Sobre?

A votação para minha posse está marcada para daqui a meses e já consegui a maioria. Não há mais ninguém que possa assumir esta posição – sou o Hawthorne mais velho e o conselho *nunca* se desviou dessa tradição.

Outra onda de culpa me atinge. Fiz algo de errado? Posso não adorar este trabalho, mas gosto dele o suficiente para lutar por ele. Pelo bem do meu pai, pelo menos.

— Para assumir o cargo de CEO da Hawthorne Technology, precisa estar casado.

Desde meu diagnóstico incorreto de esquizofrenia, aprendi rapidamente como disciplinar minhas expressões faciais, mantendo tudo o que sinto ou experimento abaixo da superfície de um rosto monótono.

Sempre foi mais fácil assim, guardar a verdade para mim, guardar o que sinto por dentro, mas agora tenho certeza de que o choque que estou sentindo é evidente em minhas feições.

Casado?

— Que porra de ano é esse? — Eu me pego perguntando.

Sempre soube o quão rígido é o conselho que rege a empresa, o quão disciplinado foi no passado, mas isso?

— Eu sei, é arcaico. — Ele pressiona a palma da mão na testa. —

Mas seu tataravô colocou a cláusula em prática e eles nunca desistiram dela. Tentei argumentar com eles, dadas as circunstâncias, mas não mudaram de ideia.

Na verdade, quero rir da piada de mau gosto que o universo decidiu fazer comigo. Eu sou a piada sem fim, aparentemente. Dou e dou, mas tudo o que ele quer é tirar.

Dei minha voz em troca do silêncio. Dei-lhe a minha paz em troca de aceitação. E agora? A única coisa que nunca quis fazer de novo e que está me forçando?

Vá se foder.

— Silas. — Meu pai diz meu nome com uma profunda tristeza na voz, e foco meus olhos nos dele. — Isso não é o que eu queria para você. Nunca. Achei que teria muito tempo, que *eu* teria mais tempo. Isso foi...

— Eu sei — digo a ele, porque sei.

A única coisa que meus pais sempre quiseram para mim foi felicidade. Isso é tudo que eles pediram a qualquer um de seus filhos.

Pressiono o dedo nas órbitas oculares, desejando que a dor de cabeça desapareça e pensando em todas as técnicas que Jennifer me ensinou na terapia quando se trata de lidar com o estresse, mas esse estresse? Tudo isso? Parece um pouco demais para qualquer um aguentar.

— Vou descobrir uma maneira — digo entorpecido, sem saber como lidar com isso, mas sabendo que lidarei. — Quanto tempo eu tenho?

Se eu tivesse tempo suficiente para destruir aquele vídeo, poderia me preocupar em encontrar uma esposa mais tarde. Não há problema em morar em casas separadas e assinar um acordo pré-nupcial. As pessoas têm casamentos arranjados ricos o tempo todo; não é tabu. Terei apenas que passar pelo processo de encontrar alguém.

— Essa é a questão. Não quero que faça isso.

Levanto minha cabeça, erguendo uma sobrelanceira.

— Estamos discutindo a venda da Hawthorne Tech. Há muitos investidores...

— Não — digo, com mais raiva na minha voz do que gostaria de usar com meu pai. — Você trabalhou para esta empresa. Nossa família trabalhou para isso e não será arruinado por minha causa.

Não posso...

Não permitirei que mais nada seja destruído por minha causa. Isto não pode desmoronar. Eu não deixarei.

Minha frequência cardíaca acelera, uma pressão avassaladora atingindo meu crânio com uma marreta. Meu pai está morrendo - será que tenho tempo para me preparar para isso agora? Há um vilão cibernético ameaçando a liberdade dos meus amigos e agora tenho que me casar.

Sinto minha mente começar a se arrastando em direção a um lugar escuro, rastejando com os braços quebrados em direção a um buraco do qual mal consegui sair da primeira vez. O oceano rugem em meus ouvidos e a sala parece se inclinar. Estou perdendo o controle, posso senti-lo escorregando pelos meus dedos apertados. Se não consigo controlar minha vida, como posso manter o controle da minha mente?

— Merece se casar por amor, Silas — diz ele com gentileza. — Por felicidade e alegria. Nem por capricho, nem em um ambiente forçado. Quero que você conheça a felicidade da família.

— Pai — sufoco, lutando para respirar.

Ele está morrendo, desistindo de sua companhia por minha causa.

Meus amigos estão em apuros por minha causa.

Rosemary morreu por minha causa.

É tudo culpa minha. Tudo.

— Isso não está em debate, Silas. Já fiz um plano para apresentar ao conselho. Sua mãe concordou...

A estática vibra em meu cérebro enquanto caio em direção à escuridão, agarrando e lutando por qualquer coisa em que me segurar, para que o mal dentro de mim não me engula inteiro.

Tenho certeza de que por fora pareço totalmente composto e organizado. Ele não consegue ver o que está acontecendo em minha mente – ninguém consegue. Estou procurando uma maneira de salvar isso.

Sua culpa. Tudo isso é culpa sua.

Meu peito queima, as palavras que quero dizer ali mesmo na minha língua, pronta para implorar e me desculpar. Gritar para o mundo que tentei, não é minha culpa.

Não...

Não me culpe.

Minha mão prende um galho em minha mente, agarrando-me a ele com toda a minha vida enquanto fico pendurado sobre a piscina do desamparo. Criaturas estalam os dentes, famintas por mim.

Por capricho, sem outra escolha, minto para meu pai pela primeira vez.

— Tenho uma namorada.

CINCO

MIRAGEM SILENCIOSA

Coraline

Sou uma viciada.

Para preencher o vazio mais do que qualquer coisa.

Acontece que ecstasy e álcool são o que uso para fazer isso.

Se alguém perguntasse, culparia as drogas que injetaram em mim antes de me mandarem para Stephen. A perseguição da euforia me forçada. Isso é mais fácil do que admitir que não sou forte o suficiente para passar esta vida sem os sábados que passo bêbada ou drogada.

Honestamente? Se alguém me perguntasse, provavelmente diria para eles se foderem.

Aproveito a cobertura da fumaça para passar pelo lounge do Vervain, um bar de narguilé popular entre os moradores de West Trinity Falls e um refúgio ilusório para os de fora.

Frutado. Apimentado. Terroso. Inebriante.

As diferentes flores e ervas se transformam em fumaça perfumada, dando a tudo um filtro nebuloso. Minha pele formiga quando minha droga favorita começa a fazer efeito, fazendo minha pele vibrar. Como se um raio estivesse distante, aproximando-se da minha posição, pronto para me atingir a qualquer momento.

Quando chego aos fundos, uma porta de saída está iluminada com um brilho neon vermelho. Um segurança fica de lado, vestido de preto, elevando-se sobre os clientes no bar com um olhar severo.

Abro minha bolsa, pego uma velha embalagem de chiclete amassada e a entrego ao homem ameaçador a minha frente. Ele o segura entre dois dedos, olhando brevemente para baixo para ler as

palavras rabiscadas na parte interna do papel de alumínio.

Silent Mirage.

A senha está correta. Meu vestido é curto o suficiente. E a sorte está do meu lado esta noite, ou talvez seja o olho esfumado prateado e o batom roxo profundo. Possivelmente uma combinação de todos eles. De qualquer forma, ele acena com a cabeça em direção à saída, e passo por ele para pressionar minha mão para abri-la.

Quando a porta falsa se abre, uma névoa falsa vaza pelos meus tornozelos. Esgueiro-me para as profundezas de Vervain e me encontro em um refúgio tóxico reservado para dois sábados por mês.

A boate inspirada no *speakeasy*⁶ é viva.

Brilhante. Vibrante. Ardente.

É uma combinação do caleidoscópio de cores interior e do Ecstasy. Estou flutuando enquanto atravesso, a mente girando à medida que admiro os tubos de néon traçando padrões intrincados ao longo das paredes, teto e chão. A música corre em minhas veias. Nunca souu melhor do que neste momento. Todas as minhas inibições foram reduzidas e tudo em que minha mente consegue pensar é em encontrar o nirvana.

Na escuridão da noite, procuro a felicidade artificial para preencher o vazio dos meus dias vazios.

Vou até o bar translúcido no coração da boate, iluminado por dentro para criar o efeito visual perfeito para alguém viajando. Quando chego à borda, minhas mãos encontram o material frio do balcão, deixando-o esfriar meu corpo quente.

Olho em volta para as pessoas que circulam no bar de todas as direções, a construção redonda dando aos bartenders um caminho completo de 360º em torno das garrafas de álcool e copos. Tenho um vislumbre de cabelo roxo, me fazendo levantar o braço para chamar a atenção de Tinx.

A excêntrica bartender com a cabeça meio raspada me dá um olhar astuto, entrelaçando os dedos em uma garrafa de *Casamigos*

*Blanco*⁷ antes de abrir caminho entre os clientes antes de chegar até mim e bater um copo vazio na minha frente.

— Senti sua falta no sábado passado, garota. — Seu piercing labial prateado reflete a luz enquanto fala, derramando o líquido transparente no copo à minha frente. Estava com tanto ciúmes dela na primeira noite em que a conheci.

Como ela podia se vestir livremente por fora como uma segunda pele, sem drogas, sem repercussões. Ela poderia simplesmente ser.

— Perdeu meu dinheiro. — Pisco, me inclinando para pegar um saleiro do suporte e lhe entregando minha bolsa para que a esconda atrás do bar durante a noite.

— As gorjetas que deixa pagam metade do meu aluguel, vadia. — Ela dá de ombros. — Não pode me culpar por bajulá-la.

Eu rio de forma desagradável, sabendo que a única vez que posso ouvir aquele som estranho é por causa das drogas. Vida triste, não é? Incapaz de rir, a menos que esteja me afogando em substâncias químicas.

Metade do seu aluguel nem é uma despesa perceptível nos registros da minha conta. A maioria das pessoas aqui trabalha a vida inteira por um quarto da minha riqueza, e acabei por nascer nisso? Não parece justo, porque não é como se eu merecesse isso mais do que Tinx.

Tudo porque nascemos em dois lados diferentes da moeda. Eu em Ponderosa Springs e ela aqui.

Um lugar onde as regras são mais uma sugestão e a autoridade é sempre recebida com desprezo. Os cidadãos são muito diferentes daqueles que estão a apenas vinte minutos de distância. Aqui, adotam uma atitude sem remorso e uma paixão pela rebelião contra os ricos.

West Trinity Falls não finge. A sua própria essência é um testemunho do desejo humano de liberdade e de perseguir a vida nos seus próprios termos. Mesmo que isso signifique dançar no limite da legalidade e desafiar o *status quo*⁸.

É por isso que as crianças de Springs estão tão desesperadas para cruzar os limites da cidade. Aqui? Onde a água salgada do litoral se mistura com o cheiro das fogueiras e a noite eletriza as veias, podemos ser o que quisermos.

É a razão pela qual estou aqui agora, para ser o que eu quiser. Para escapar dos pesadelos e devaneios.

— Traga-me um limão e pagarei pelos próximos três meses — digo levemente, rolando a língua nas costas da mão antes de derramar uma linha de sal sobre ela.

Daria mais a ela se pedisse, mas ela não pedirá. Eu provavelmente daria tudo isso a ela, contente em apodrecer debaixo de uma ponte pelo resto da minha vida.

— Ei! Preciso de outra cerveja!

Quando o diabo não consegue alcançá-lo, envia um homem bêbado e intitulado.

Um cara abre caminho até a frente do bar, esbarrando em mim enquanto bate a garrafa vazia no balcão.

— Precisa calar a boca. — Viro minha cabeça para agitar meus cílios para ele. — Mas nem todos podemos conseguir o que queremos, não é?

Tinx não se preocupa em conter a risada enquanto pega a cerveja do idiota, empurrando-a na frente dele para que possa voltar para seu grupo de amigos escondidos no canto que olham para mulheres que nunca terão coragem de falar.

— Vadia — ele murmura em minha direção, zombando enquanto me olha de cima a baixo.

— Graças a Deus! — Coloco a mão no peito, fazendo beicinho. — Fiquei preocupada que gostasse de mim por um segundo.

Tenho certeza de que ele está confuso ao sair, imaginando se seu insulto exagerado lhe deu vantagem ou não, mas enquanto minha língua limpa o sal das costas da minha mão, não me incomodo em me

importar.

— Tem um coração de ouro por baixo desse exterior mal-intencionado, Whittaker.

— Não. — Balanço a cabeça, pressionando o copo contra os lábios e inclinando a cabeça para trás, deixando a tequila queimar cada grama de responsabilidade na minha garganta. — É tudo uma trama para enganar, para fazer com que o carma pare de me foder.

Estendo a mão, arrancando o limão de seus dedos e mordendo a polpa da fruta, deixando o cítrico adicionar fogo à minha garganta.

Não sou uma boa pessoa. Sou má, zangada e rancorosa, cheio de traumas ignorados e perguntas que nunca terão respostas. A única pessoa com quem posso me importar é Lilac.

Não sou boa. Estou fodida e não há como consertar isso.

Isso não importa esta noite, no entanto. A esperança é que, a cada música que o DJ tocar, a cada dose forte de tequila que tomar, eu vá para casa entorpecida e, por algumas horas, durma. Não sentirei absolutamente nada, aconchegando-me ainda mais sob o manto de álcool e ecstasy.

Tudo para escapar do fato de que minha mente estava tão fraca que me permitiu me apaixonar por meu captor. Tudo para evitar aquela maldita mensagem de texto que provavelmente era uma brincadeira idiota. Tudo para negar o quão vazia ainda estou.

Mais uma dose, e estou pronta para ir para a pista de dança para que, quando o efeito total desse doce ilegal chegar no momento perfeito, possa sentir o zumbido batendo na costa, ali mesmo, pronta para me afogar.

— Coraline?

Eu me arrepio, os ombros se contraem, a coluna se fortalece.

O anonimato que West Trinity Falls me traz é o que desejo mais do que tudo. Houve apenas algumas vezes que alguém me notou aqui. Só tive que entrar na minha versão que odeio, no único lugar onde

encontro liberdade três vezes.

Um gosto amargo estraga a goma de melancia na minha língua.

Quando viro a cabeça, vejo um par de grandes e curiosos olhos verdes grudados nos meus. Raios de luz atravessam nossos rostos enquanto a observo, as ondas de cachos pretos, um lindo vestido vermelho enfeitando seu corpo pequeno.

Ela se parece com todo mundo e com ninguém. Características pequenas e distintas que tornam difícil acreditar que eu não a reconheceria, mas apenas o suficiente para que pudesse confundi-la com outra pessoa.

— Eu te conheço? — Pergunto honestamente, em tom acusatório, minha guarda tentando se recuperar, mas lenta por causa das drogas.

Um pequeno sorriso curva seus lábios enquanto balança a cabeça.
— Lyra Abbott. Estudamos juntas, ensino fundamental e médio.

Minhas sobrelanceiras se contraem, juntando-se. Tentar encontrá-la na minha memória está sendo difícil, talvez por causa da situação, talvez porque simplesmente não consigo me lembrar. Tudo antes de ser sequestrada ficou embaçado.

— Está tudo bem se não se lembra de mim. Mal nos conhecíamos e muito menos conversávamos, mas eu só queria vir e...

— Se você está aqui para me dizer “lamento” ou perguntar sobre o que aconteceu — retruco, um suspiro profundo abrindo minhas narinas — pode ir embora agora. Eu não falo sobre isso. Desculpe desapontar.

Minhas mãos empurram meu corpo para fora do bar, pronta para desaparecer na multidão. Para seu crédito, seu rosto permanece pacífico, não afetado pelo meu tom e acusação clara. Quase como se não importasse com que eu dissesse, ela permaneceria gentil.

— Vim comprar uma bebida para você — ela aponta para trás. — Bem, queríamos comprar uma bebida para você.

Mais duas pessoas estão atrás dela, longe o suficiente para que eu

não as tenha notado a princípio.

Sage Donahue só ficou mais bonita com o passar dos anos. É uma lição rápida sobre porquê todos eram tão apaixonados por ela no ensino médio. A garota de Ponderosa Springs com suas ondas loiras morango naturais, pele clara e sardenta e lábios vermelhos característicos, mas há mais para ela agora. Idade, maturidade, suavidade, espere...

Passo minha língua pelo meu lábio inferior. — Por que?

É observando Sage que as peças de um quebra-cabeça se encaixam.

Lyra dá de ombros descuidadamente, tomando um gole de seu coquetel laranja que tenho vontade de beber. — Ninguém precisa parecer tão solitário em um clube.

— Não estou sozinha — tento dizer na defensiva, mas acho que parece mais uma derrota. — Além disso, não deveria pagar três bebidas para você? Quero dizer, seus namorados são a razão de eu estar aqui, certo? É o mínimo que posso fazer.

— Marido. — Uma nova voz faz cócegas em meus ouvidos. — E você não nos deve nada. Ela está apenas sendo legal.

Meus olhos vão para a sua mão, enrolada em um copo. Com certeza, enrolada em seu dedo anelar está uma tatuagem de linha preta sólida.

Dou minha primeira olhada física em Briar Lowell, posicionando-se um pouco mais perto de Lyra, que é vários centímetros mais baixa que ela. Olhos afiados que duvido que percam muito me observam. Está em guarda, pronta para proteger a amiga se eu fizer outro comentário sarcástico.

Se eu fosse uma apostadora, diria que a disposição de defender as pessoas ao seu redor é a razão pela qual um dos homens mais violentos e notórios de Ponderosa Springs a escolheu.

Não os reconheci imediatamente nem os conheci de verdade, mas eles com certeza me conhecem. Os Hollow Boys desempenharam um

papel importante na descoberta do Halo. Sem eles, quem sabe o que teria acontecido com centenas de meninas desaparecidas.

— Ouça. — Minha garganta se contrai enquanto tento engolir, precisando de outra bebida. — Não sou a garota com quem precisa ser legal. Sou uma pessoa de merda, amiga pior ainda. Poderia fazer muito melhor.

— Bem-vinda à porra do clube, garota, mas Lyra aqui é boa em caçar animais perdidos. — Sage coloca as mãos nos ombros de Lyra, apertando de brincadeira antes de olhar para mim. — Ah, e a merda da garota malvada? Não funciona nela. Por isso, pode muito bem parar de lutar contra sua viagem ao Ecstasy e dizer sim. Acredite em mim, é muito mais fácil assim.

Sage, do ensino médio, provavelmente nunca teria me dado uma segunda olhada. Esta versão? Não estou familiarizada.

Meus dentes roçam meu lábio inferior.

Porra. Eu gemo no fundo da minha garganta. E é incrível. É a melhor droga, mas quando faz efeito? Não faz prisioneiros. Eles não deram o codinome agradável por nada. Quando assume o controle, não há nada além de beleza, mesmo em um mundo feio.

A esperança fracassa em minhas entranhas. A euforia pulsa em minhas veias, o calor se espalhando até os dedos dos pés. Pela minha vida, não consigo encontrar uma razão para não dizer sim a elas. Quero cair livremente nos braços do mundo pelo qual mereço ser amada.

— Uma dose? — Archeio uma sobranceira.

— Alguma vez é apenas uma? — Sage sorri. — O que você bebe?

Escovo meu cabelo alisado atrás das costas, demorando para sentir os fios sob meus dedos.

— Existe algo além da tequila?

Briar, pela primeira vez desde que apareceu, abre um sorriso.

— Graças a Deus — ela respira, acenando suavemente para Tinx.

— Estou cansada de me embriagar com vodka com essas vadias.

* * *

Sage estava certa. Uma dose nunca é apenas uma.

Com todos os efeitos do Ecstasy fluindo em minhas veias e o álcool filtrando em meu sistema, tudo fica colorido. O clube é um caleidoscópio, cegando meus olhos com uma névoa de felicidade.

Nada de ruim pode me atingir aqui.

Luzes de néon pulsam sob a pista de dança translúcida sob meus pés ao ritmo da música. O DJ mistura uma música com a outra, entrelaçando-as perfeitamente. Uma nova música toca nos alto-falantes, e a ruiva à minha direita grita acima do barulho ao redor.

Suas mãos finas e quentes agarram meus ombros, me sacudindo para frente e para trás. O brilho do suor e da luz em sua pele me faz sorrir antes mesmo que ela fale.

— Amo a porra dessa música!

Minha cabeça se inclina para trás de tanto rir. Sou apenas um pequeno pedaço de um mundo enorme nesta multidão. Corpos por toda parte, mãos vagando, quadris balançando. Meu coração bate forte no peito, a cabeça girando.

Examino o pequeno círculo de garotas ao meu redor enquanto Sage libera meu corpo. As mãos de Lyra e Briar estão interligadas, agarrando-se uma à outra enquanto dançam em sincronia. Suas costas estão pressionadas, o cabelo é um redemoinho de mechas loiras e pretas.

A conversa fiada que compartilhamos anteriormente foi reduzida ainda mais para pedidos de bebidas e gritos sobre músicas favoritas. Talvez tivéssemos conversado? Talvez não tivéssemos? Eu só sabia que nunca tinha sido tão feliz por apenas existir perto de um grupo de pessoas que não queriam informações sobre o que aconteceu comigo.

Nada de sanguessugas em busca de exclusividade, aproximando-se de mim só para ganhar trinta minutos de fama.

Estamos todas aqui para nos divertir.

Elas, porque aparentemente acabaram de se reunir, segundo Sage e eu, para escapar. Nós nos reunimos em uma colisão silenciosa perfeita.

A harmonia do estilo EDM⁹ parece animar fisicamente. Redemoinhos de luz saindo dos alto-falantes deslizam em minha direção com propósito, os tentáculos crepitantes da música enrolando em volta da minha cintura, incitando meu corpo a dançar.

O que a elite de Ponderosa Springs pensaria se pudesse me ver agora?

Meus braços se erguem acima da minha cabeça, dobrando-se ligeiramente, e meus olhos se fecham enquanto balanço, o ritmo contagiante me cativando. Começa gradativamente, sons ambientes que criam tensão na sala. A batida ascende, subindo lentamente, fazendo-nos sentir cada tique até o topo da montanha-russa.

Quando chegamos ao pico, tudo se silencia, e quando meus olhos se abrem, assim que a onda repentina de música retorna, o clube se move em câmera lenta. As garotas ao meu redor começam a pular levemente no ritmo da batida, juntando-se ao resto dos corpos enquanto saltamos.

Sorrisos ofuscantes, cabelos rebeldes, o cheiro persistente de maconha.

É euforia.

Pura indulgência humana, mas nada de bom pode durar, na verdade não.

Não há drogas e álcool suficientes no mundo para negar esse fato.

Na minha visão periférica, vejo isso.

Sage parou de pular, o braço direito erguido acima da cabeça enquanto move lentamente os quadris para frente e para trás. A

bebida em sua mão espirra no copo, derramando-se pela borda e caindo no chão.

Isso não teria chamado minha atenção se não fosse pelo cara que se escondeu atrás dela sem ser detectado. Demoro para reagir quando ele levanta o braço, deixando cair algo no conteúdo da bebida dela e tentando passar como se nada tivesse acontecido.

De repente, não estou em Vervain, me afogando em felicidade.

Tenho dezoito anos, voltando de uma festa da faculdade para casa e não me lembro de ter bebido o suficiente para tropeçar. Meu corpo não parece meu, a maneira como reage à raiva inexplorada que não sabia que vivia dentro de mim.

— Ei, idiota! — Grito, minhas unhas escuras se cravando violentamente no tecido de sua camisa, puxando-o para trás pelo ombro. — Anda por aí drogando as bebidas das garotas, seu pedaço de merda?

A vibração do clube muda num piscar de olhos, a energia hostil e a tensão são tão densas que mal consigo respirar.

— O quê?

Talvez tenha sido Briar quem disse isso ou Lyra. Não consigo ouvir muito bem com a música que continua tocando.

O cara se vira, o cabelo loiro oleoso balançando na frente do rosto, a raiva franzindo as sobrancelhas enquanto puxa o ombro do meu aperto.

— O que diabos está falando? — Ele grita.

Meus dentes mordem a carne da minha língua o suficiente para sangrar quando me inclino para pegar a bebida de Sage da sua mão.

Ali, flutuando no topo de sua bebida, está uma pílula não dissolvida. Minha mão está tremendo enquanto joga o líquido dentro do copo em seu rosto. O álcool escorre pela frente de sua boca.

— Que porra é essa! — Ele passa a mão pelo rosto, enxugando-o com malícia. — Vai conseguir, sua vadia estúpida...

Nunca fui agressiva assim antes, nunca fui o tipo de garota que balança primeiro e faz perguntas depois, mas esta noite aparentemente é a noite das primeiras.

Meu punho bate em seu nariz, mal sentindo o recuo em meu braço. Sangue jorra de seu nariz, escorrendo como uma cachoeira no chão claro abaixo de nós. As pessoas ao redor percebem a animosidade, causando a erupção do caos.

Gritando. Empurrando. Pessoas tentando escapar antes da chegada da segurança.

É tudo um borrão para os meus olhos. Meu peito está pesado, minha mente começa a girar e emoções que não deveriam estar aqui borbulham dentro de mim. Levanto meu braço para trás, pronta para atacar esse cara novamente, que está segurando o nariz, tentando se afastar de mim. Só quero vê-lo sangrar. Engasgar com isso e morrer aqui mesmo neste chão.

Assim que balanço novamente, um braço singular envolve minha cintura. A força balança meu corpo para trás em um peito brutalmente sólido. Eu me contorço em seu aperto, chutando, mas não me movendo para lugar nenhum.

Jesus, porra, essa segurança é grande.

Minhas unhas cravam no antebraço selado ao redor do meu torso, arranhando sua pele, mas sou apenas um gatinho atacando Godzilla. Mal se incomoda com meu fraco estilo de luta. Ele simplesmente nos afasta da multidão na minha frente.

— As garotas! Não posso simplesmente deixá-las! — Grito, girando freneticamente os olhos ao redor para encontrar as pessoas que acabei de conhecer, mas não quero sair sozinhas.

Quando as vejo de relance, porém, há três corpos maiores as cobrindo, guiando-as para longe do tumulto. Meu estômago se agita com desconforto, adrenalina e álcool, fazendo uma mistura violenta em meu estômago.

Estou prestes a vomitar, prestes a lhe contar tudo enquanto

desaparecemos do clube lotado para um corredor isolado e mal iluminado. Onde vamos? Para onde ele está me levando?

Não, não, não. De novo não. Isso não pode acontecer novamente. Por favor.

Meus pés batem no chão, o eco silencioso da música ao longe no fundo da minha mente, enquanto minhas costas encontram a parede, a pele exposta formigando conforme a superfície fria pressiona em mim.

Mãos musculosas me prendem. Sinto o peso das correntes que me algemaram às noites frias e solitárias. Meu estômago ronca por comida que nunca provarei. Estou desesperada por ar fresco que não tenha gosto de mofo na minha língua.

A luta em mim de antes não existe mais. Permiti que o medo me engolisse e me deixasse congelada. Minhas mãos tremem incontrolavelmente, os pensamentos são uma bagunça confusa, um turbilhão caótico de preocupações passadas e presentes. A sensação avassaladora de que algo terrível está para acontecer não sai do meu estômago. A mente é um lugar perigoso, e a minha foi tomada por uma tempestade, espiralando, me afogando à medida que desesperadamente procuro uma âncora em meio ao vento forte.

— Por favor — imploro.

Deus, me odeio. O apelo meio sufocado é amargo no fundo da minha garganta, e me sinto patética por falar isso em voz alta. Balanço a cabeça para frente e para trás, meu corpo caindo contra a parede.

Não posso voltar para o porão.

Não posso ser uma vítima, não de novo. Não posso.

Estou sufocando com lembranças de traumas que odeio. Ele disse que voltaria para me buscar, e demorei um pouco para perceber que não se referia apenas fisicamente. Minha respiração é superficial, pequenos suspiros, como se meus pulmões tivessem medo de inspirar muito ar.

Stephen Sinclair nunca me deixaria em paz.

Sentia o seu cheiro no ar. Sentia sua presença atrás do meu ombro a cada passo que dava. Ouvia sua voz em meus sonhos. Estou determinada que apenas a misericórdia agridoce das mãos da morte me livraria dele. Estou desmoronando para que todos vejam e não consigo evitar.

O tempo perde o controle sobre mim. Os segundos se estendem pela eternidade, mas tudo avança rapidamente. Estou hiperconsciente de cada sensação, cada som, cada movimento ao meu redor. É como se meus sentidos estivessem acelerados, cada entrada me bombardeando implacavelmente, fazendo-me sentir como se estivesse prestes a me desfazer.

Meu peito aperta ainda mais, meu corpo treme, meus músculos tensionam como se estivessem prontos para fugir de uma ameaça invisível. A sala parece se fechar em mim, as paredes se aproximando cada vez mais. Preciso escapar, encontrar um lugar seguro, embora ache que nunca soube como é realmente a segurança.

— Em 1815, Adolf Anderssen sacrificou as torres e a rainha para dar um xeque-mate contra Lionel Kieseritzky.

Pequenos pelos atrás do meu pescoço se eriçam, arrepios se espalham pelos meus braços nus. Mal consigo ouvir as palavras, meu cérebro não computa frases.

Apenas a voz. Suave e calma como o céu noturno.

Silas Hawthorne.

— O lance final, 23.Dh6#, lhe deu o nome de Jogo Imortal.

Mãos quentes, muito maiores que as minhas, embalam os lados da minha cabeça. As pontas dos dedos massageiam as palavras faladas na parte de trás do meu couro cabeludo, mechas do meu cabelo enroladas nas lacunas de seus dedos enquanto sua voz me leva a terra firme.

Minhas sobrancelhas se contraem quando abro os olhos. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, uma mistura de frustração, confusão e medo. Está escuro neste corredor, quase vazio, e tudo que consigo distinguir

é o formato de seu corpo.

— Bobby Fischer, a partida do século, aconteceu durante a Guerra Fria. Durante anos as pessoas falaram que esta partida de xadrez era um símbolo de guerra política. Fischer venceu, tornando-se o primeiro americano a vencer o Campeonato Mundial de Xadrez.

A intensidade começa a diminuir enquanto ele continua divagando. O aperto em meu peito gradualmente diminui e minha respiração, embora irregular, se estabiliza. Ele está falando sobre o que considero ser a história do xadrez. Um tópico tão aleatório e estranho, mas não foi o contexto que distraiu meu cérebro.

É a sua voz.

A mesma que murmurou em meu ouvido pelo alto-falante do telefone e me impediu de pular para a morte. É uma mistura de escuridão e calor, um estrondo baixo que emerge das profundezas do seu peito. Uma única vela tremeluzindo num abismo de nada.

— *Shāh māt*, o rei está indefeso ou o está derrotado, se traduz em...

— Xequemate. — Engasgo com a palavra.

O Ecstasy ainda está bombeando em meu sistema, o álcool e a adrenalina. Fiquei me sentindo esgotada. Como se a tempestade dentro de mim diminuísse, mas ainda estivesse debaixo de uma chuva torrencial.

Ele segura minha cabeça entre as mãos, os dedos enrolando na base do meu pescoço, me puxando para frente. Minha testa cai em seu peito, meu nariz inalando o cheiro de tabaco e colônia preso em sua camisa, me atraindo para mais perto.

Meu corpo procura o dele, procurando... não sei. Conforto? Calma?

O mundo ainda está nebuloso e tudo que sei é que ele é a única coisa que me impede de cair no chão.

— Coraline. — Ele sussurra meu nome como um segredo. —

Respire por mim, Hex. Respire.

Deixei meu peso cair sobre ele, sem saber se seria capaz de suportá-lo, mas sabendo de alguma forma que conseguiria. Respirações trêmulas saem dos meus lábios enquanto inspiro lentamente pelo nariz.

— Não me julgue, Silas. — Aperto os olhos com força, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. — Não...

Não conte a ninguém. Não se lembro disso. Não pense que sou fraca. Isso é mortificante.

A forma como minha vulnerabilidade saiu de mim como veias divididas, e não havia nada que eu pudesse ter feito para impedir isso. Não importa que apenas uma pessoa tenha visto. Uma pessoa é suficiente. Basta uma pessoa para saber o quão fraca você é por dentro, apenas uma, para destruí-la. Não posso deixar isso acontecer, não quando estou tão perto de sair daqui.

— Como posso julgar a maneira como escolhe matar sua tristeza?

Há uma parte de mim que quer afastá-lo, correr e fingir que isso nunca aconteceu, mas um pedaço menor está tão cansado e seus braços são inegavelmente quentes.

— Pode...

Faço uma pausa, sem saber o que perguntar ou como perguntar, apenas sabendo que não quero que ele vá embora. Ainda não. Preciso de mais alguns segundos para desabar e depois irei embora. Juntarei os pedaços espalhados do meu orgulho e fingirei que isso foi um sonho, mas só preciso de mais alguns momentos.

— Qualquer coisa — ele murmura, permanecendo firme, sem fazer um único movimento para se afastar de mim. Inclina minha cabeça para trás, me fazendo olhar para seu rosto. Um de seus polegares enxuga uma lágrima do meu rosto.

É a primeira vez que vejo Silas de verdade esta noite. A pouca luz que existe neste pequeno corredor lança um brilho em seu rosto.

Por um momento, somos dois estranhos numa sala vazia, conectados apenas pelos nossos olhos. Nossos passados não se sobrepõem e somos totalmente desconhecidos um do outro. É apenas um segundo que me permite imaginar um mundo onde posso me sentir atraída por ele sem repercussões.

Seus olhos são escuros, como terra encharcada, e tão vazios, implorando para que a vida os ocupe, ansiando por uma faísca. Observo seus pormenores, desde sua testa reta e distinta até a inclinação de seu nariz forte. Sardas, uma coisa tão suave e inocente, polvilham as superfícies de suas bochechas morenas, e seus lábios são tão convidativos que sinto uma vontade súbita e irresistível de vê-lo sorrir. Basta observar como sua boca cheia se inclina para cima e mostra o que sei que são dentes brancos e ofuscantes.

Sinto uma vontade de tocá-lo, mas recuso.

Eu nunca quis isso, conhecê-lo além de sua reputação. Para ele me conhecer, me ver. Não queria que fôssemos dois estranhos em uma sala vazia, porque sei quem sou e o que faria com ele - qualquer homem, aliás, que se aproximasse demais de mim.

Sou a amante do fuso em que os meninos espetam os dedos. Deixo-os em coma apenas com a lembrança do meu toque.

Não sou a princesa. Sou a maçã podre.

O veneno feito para destruir os felizes para sempre.

Não sirvo para ele, para ninguém.

— Solte-me.

O REGRESSO DO BOOGEYMAN¹⁰

Coraline

— Senhorita Whittaker?

Eu me inclino no meu banquinho, espiando a tela à minha frente. Sou muito jovem para ser chamada de outra coisa que não seja meu primeiro nome, mas faz um pouco mais de sentido quando vejo quem está ali.

— Olá, Faye. Coraline está bem. Na verdade, não sou sua professora — digo gentilmente, de maneira mais suave com ela do que com a maioria. Talvez porque ela me lembre Lilac. — Posso te ajudar com alguma coisa?

— Sim, desculpe-me. Está certa, foi mal. — Um rubor tinge suas bochechas, e ela coloca uma mecha solta de cabelo rosa atrás da orelha. — Estava pensando... quero dizer, está tudo bem se não, não quero ser um problema nem nada. Só estava pensando, se eu pudesse...

— O que precisa? — Eu a interrompi no meio da frase, sabendo o quanto ela é famosa por divagar.

Sei que isso vem da sua juventude e do que passou, mas este mundo não será fácil para ela, mesmo que devesse ser. Se ela não aprender a exigir da vida o que quer, esta tirará dela até que não tenha mais nada. Mesmo que esteja apodrecendo por dentro, sua voz tem que permanecer viva, ou ela não terá chance de sobreviver.

Com um rápido aceno de cabeça, ela se endireita.

— Posso levar algumas tintas para casa comigo? Apenas as cores primárias seriam adequadas. Minha mãe disse que está tentando

economizar para comprar as minhas em breve, mas só queria ver se poderia pegar emprestado até então?

Meu coração frio e oculto descongela o suficiente para me deixar sentir dor por ela. Sua mãe solteira está gastando dinheiro para trazê-la de West Trinity Falls, e com outros quatro filhos em casa e o preço da tinta, vai demorar um pouco até que ela as consiga.

Giro no banco antes de me levantar e caminhar em direção à parede de materiais que se estende por toda a extensão do estúdio. Armários, prateleiras e caixas estão cheios de diferentes meios e materiais.

Pego uma das minhas sacolas extras, abro a aba e começo a enchê-la. Faye ainda está aprendendo, mas é incrível com aquarela. Por isso, junto com o acrílico, adiciono um pacote de tintas aquarela Winsor & Newton fechadas, que nunca usarei porque odeio. Minhas mãos pegam pincéis planos, redondos e esfregões. Papel, alguns recipientes pequenos, três paletas, um rolo de fita adesiva, alguns lápis e um compasso de desenho.

Isso seria melhor do que qualquer viagem de fornecimento de arte. É uma tinta cara e, se ela for esperta, guardará esses materiais por muito tempo. Quando a bolsa está quase cheia, jogo rapidamente a tampa de volta sobre ela e estendo o braço na sua direção.

— Aqui.

Este mundo tirou muito dela. Aos quinze anos, mal tem o suficiente para dar. É injusto que antes mesmo de ela ter tempo de se tornar uma pessoa, tenha sofrido um trauma irreversível.

Seu rosto redondo se ilumina, os olhos brilhando com um fino véu de lágrimas. Juro que se ela fizer isso, vou expulsá-la.

Chorar não é algo que possa suportar. Não por mim ou por qualquer outra pessoa. Detesto fazer isso e nunca sei como ajudar alguém que está passando por isso. Prefiro evitá-lo da melhor maneira possível. É um desperdício de água e não faz nada além de nos fazer sentir pior no final.

— Não, não, não posso fazer isso. — Ela levanta as palmas das mãos, recusando a princípio. — Essas são suas.

— O que significa que posso fazer o que quiser com elas. Pegue, Faye. Tudo dentro é substituível. Você é boa, mas precisa de prática. Considere isso mais para mim do que para você. Fico mal se não for boa.

Isso a faz rir enquanto funga um pouco, segurando as lágrimas para que nenhuma caia. Farei isso por minha causa se significar que ela aceitará a bolsa. Eu me farei parecer com os arrogantes Whittakers de onde venho se isso significar que ela pode ter essa única coisa boa.

Suavemente, e felizmente, ela pega a bolsa, enfiando a cabeça por baixo da alça e deixando-a descansar em seu ombro.

— Obrigada. — Ela balança um pouco a cabeça. — Nem sei como retribuir por isso.

— Apague a luz quando sair, e estaremos quites. Vejo você na próxima semana. — Levanto uma sobancelha, puxando minha tela do cavalete e a colocando sobre uma das mesas de madeira perto da parede.

Uma música suave toca nos alto-falantes enquanto limpo, jogando um pano por cima do ombro. *Boston*, de Augustana, inicia minha playlist do início dos anos 2000.

— Há mais alguma coisa? — Pergunto, ainda sentindo a sua presença atrás de mim.

Reúno todos os pincéis e paletas esquecidos de hoje, jogando-os rapidamente na pia com sabão enquanto ela fala.

— Sempre nos diz para sermos diretos com nossa arte, e acho que essa é à sua maneira de nos dizer para sermos diretos na vida. Por isso, acho que me pergunto por que nunca vai a reuniões de grupo? Acho que poderia ajudar algumas pessoas. Deixando-as ver o quão normal você é, o quão bem se adaptou.

Eu me arrepio, a coluna endurece e os ombros tensionam.

Normal. Ninguém é normal. É um termo social aplicado às pessoas, mas independentemente das experiências de vida, ninguém é realmente normal. Muito menos eu, mas é a imagem que apresento às pessoas. Não posso nem ficar com raiva por ela ter assumido isso.

— Eu me adaptei porque minha família tem dinheiro. *Paguei* para ficar bem. Se eu comparecer a essas reuniões com mulheres que têm problemas reais, não será nada além de um tapa na cara delas.

— Isso não é...

— Vá. — Aceno com a cabeça em direção à porta, olhando para ela por cima do ombro em sua direção. — Diga a sua mãe que eu disse olá e te vejo às cinco e meia da semana que vem.

Considerando isso como se eu estivesse encerrando a conversa, finalmente ouço os sons de seus passos recuando em direção à porta aberta em estilo de garagem. Toda a parede frontal do estúdio sobe até o teto, expondo completamente o interior do espaço quando aberta. Deixa entrar rajadas de ar fresco, permitindo que a tinta e o cheiro químico vão para outro lugar, então tento mantê-la aberta o máximo que posso, mesmo que seja raro porque o clima do Oregon é uma merda.

Quando me viro, seus pés estão na calçada e ela está olhando para os dois lados quando digo seu nome da minha casa. Ela se vira, o vento soprando seu cabelo curto rosa-chiclete na frente de seu rosto.

— Alguém me disse que sobrevivi por um motivo. Foi isso, te ensinar. Dê a si mesma a graça de descobrir qual é o seu. Cure nos seus termos, não nos meus.

Sei que ela só perguntou porque todas procuramos uma resposta sobre como curar e seguir em frente, mas a verdade é que seguir em frente não é uma fórmula única que sirva para todos. É o que torna tudo muito mais difícil, tentar descobrir o que te dá vontade de acordar de manhã.

Ela sorri, me dando um pequeno aceno. — Obrigada, Coraline.

Depois ela vai embora, atravessando a rua até a van da mãe, me

deixando sozinha no estúdio. Faye é sempre a última a sair, principalmente porque a deixo ficar até a mãe sair do trabalho, mesmo sabendo que não deveria.

O vínculo não fará nenhum bem a nenhuma de nós. Apegar-me quando sei que vou embora. Quanto mais ela está por perto, mais me vê como um modelo, e não quero isso. Não sou ninguém para admirar, na verdade não.

O que aconteceu naquele porão? O que minha mente fez para sobreviver?

É muito embaraçoso e fraco. Mal consigo arranhar a superfície do que Faye ou qualquer outra mulher passou.

Para Faye? Sou organizada. Estou curada, mas se ela pudesse ter me visto outra noite, desmoronado nos braços de um homem que mal conhecia, fugindo no momento em que consegui recuperar o fôlego, me recusando até mesmo a agradecê-lo pelo que tinha feito?

Ela me veria de maneira muito diferente. Veria o que faço quando me olho no espelho.

Viro os ombros, dizendo a mim mesma para esquecer a memória. Passei dois anos sem encontrar Silas Hawthorne. Este é um caso único. Posso evitá-lo por mais um; nunca mais precisarei vê-lo.

Aproveito o tempo para limpar a grande vitrine com aluguel administrável que era um armazém que converti. As paredes interiores são revestidas a tijolos aparentes. Respingos de tinta adornam o piso de concreto. O punhado de cavaletes vazios dispostos em círculo dá a cada artista bastante espaço para criar com privacidade.

O que aparece na tela de alguém pertence a essa pessoa, a menos que seja dada permissão para pertencer a outras.

Demorou algum tempo, mas consegui criar o que pensei ser um espaço seguro. Mesmo com o leve cheiro de terebintina, as velas de lavanda que mantenho acesas combatem bem.

Desço da escada de metal, tomando cuidado para não derramar o regador que tenho na mão. Estou surpresa que todos os vários planetas

pendurados no teto e espalhados pela sala tenham durado tanto tempo. A hera falsa ao longo das paredes precisa de uma nova instalação e o chão precisa ser limpo.

Consegui esse lugar por motivos egoístas no começo. Eu precisava de um lugar para onde pudesse fugir, fazer bagunça, criar e respirar longe de olhares indiscretos. Onde as paredes poderiam desmoronar e eu poderia simplesmente existir. É exaustivo ter tanto medo de ser tudo menos defensiva e fria.

Meus pais adoram contar aos amigos que um dia será convertida em minha própria galeria, que estou começando a entrar no mundo da arte. Como se eu fosse compartilhar qualquer outra coisa que eu criasse com essas pessoas. Adorariam isso. Deixar uma debandada de pessoas intrometidas pisar em meu único consolo só para obter um pouco mais de reconhecimento. Consegui sair de uma organização de tráfico sexual que meu pai apoiava *sem saber – isso não é atenção suficiente?*

A arte é íntima. Não deve ser compartilhada antes que o artista esteja pronto para ser visto, completamente estável em seu amor pela obra antes de abri-la à crítica.

Enquanto coloco a vassoura de volta no armário de suprimentos, meu telefone toca. Meu coração para pôr um segundo, apenas um instante, mas quando enfio a mão nos bolsos do macacão e vejo o nome de Lilac piscando na tela, solto um suspiro. No momento em que pressiono Atender e está encostado no meu ouvido, a sua voz flutua pelo alto-falante.

— Não sabia que era possível alguém usar tanto preto — diz ela.
— Sabia que era dia de fotos ou se vestiu propositalmente como o quinto membro do Kiss?

Escarneço, colocando o telefone entre a orelha e o ombro. — Olá para você também, doce irmã.

— Oi, olá, responda à pergunta.

Lilac Whittaker drenou todo o bem de seus pais quando nasceu,

só ganhando mais à medida que envelhecia. Eu realmente acredito que é o seu sorriso que me faz continuar, e daria o mundo pela sua felicidade.

Vivo para ela antes de viver para mim mesma na maioria dos dias. Garantir sua felicidade e encontrar sua alegria me manteve viva. Cada vez que a escuridão se aproxima e os sonhos se tornam reais demais, penso nela.

A doce pequena Lilac teve que descobrir que eu tinha tirado minha própria vida porque estava cansada demais para continuar. Nunca quis que ela se culpasse ou fosse assombrada pela minha dor. Não faria isso com ela.

Sofrerei pela vida o tempo que for necessário, se isso significar que ela poderá manter sua alegria.

— Por que diabos está olhando meu anuário escolar?

— Encontrei em uma caixa no meu armário. Isso é ouro, porra. — Ela ri um pouco, e posso ouvir as páginas virando — Você estava, tipo, realmente comprometida com a coisa emo.

Um sorriso surge em meus lábios enquanto atravesso o estúdio, pegando um borrifador de líquido de limpeza e uma toalha para limpar as fezes.

— Preto é a cor mais odiada da sua mãe. Tentava me rebelar silenciosamente.

Há um limite para o que uma adolescente pode fazer para se revoltar contra sua família quando cresce com pais como os meus. Desde que tive idade suficiente para falar, venho testando os limites da paciência deles. Dei-me vantagem suficiente para irritá-los, mas mantive minhas notas excelentes e prêmios de arte em uma prateleira para que ainda fosse um bom cavalinho premiado no celeiro. Selvagem o suficiente para assustar as socialites.

Quando completei dezoito anos, não precisei mais do delineador preto e das pontas de metal. Poderia fazer o que quisesse quando fosse para a faculdade, e foi essa mentalidade que me fez ser sequestrada e

trancada em um porão.

Ser gentil com eles agora é uma cortesia para minha irmã.

— Você e Emmet eram fofos. Até o delineador dele é meio sexy.

Respiro chocada. Faz muito tempo que não ouço o nome dele. Há quanto tempo não penso nele?

O histórico de homens que arruinei por causa do meu coração amaldiçoado é curto, mas suficiente para mostrar um padrão. Emmet foi o que mais machucou, acho. Nós nos amávamos de todas as maneiras que uma criança de dezesseis anos poderia amar.

Embora o relatório oficial tenha dito que sua depressão o fez pular da ponte, todos sempre souberam que era eu. Até os seus pais, que não me deixaram ir ao funeral, sabiam.

Não foi por acaso que tínhamos terminado no dia anterior. Que eu havia assumido a responsabilidade de terminar o relacionamento. A culpa foi minha.

Minha madrasta pode me chamar de bruxa como uma piada corrente em nossa casa, mas ela está certa sobre uma coisa.

Sou amaldiçoada.

Dentro de mim vive um feitiço que esmaga os corações dos homens. Meus ossos são construídos a partir de um feitiço, magia negra que deixa os garotos loucos. Essa maldição com a qual vivo faz do amor uma arma letal. Apaixonar-se por mim não é o medo. É o que acontece quando me apaixono por *elas*.

Todos os homens que amei desapareceram, morreram ou perderam a cabeça. A magia pode não ser algo que a maioria acredita. As maldições podem não ser reais para alguns, mas as coisas só podem acontecer algumas vezes antes que perceba que um elemento comum nessas tragédias é sempre você.

— Ele costumava trazer minhocas de goma para você quando me buscava para nossos encontros. Você gostava dele.

Falar sobre Emmet, pensar na pessoa que eu era no colégio, é

como lembrar um antigo colega de classe. Alguém que assisti e ouvi coisas, mas nunca conheci de verdade. É impossível quantificar a distância entre quem eu era e o que sou agora.

A distância entre quem eu era e o que sou agora? Anos luz.

— Bem, é claro que sim. Eu era criança e ele trazia doces. Ainda não tenho mais ninguém com quem compará-lo. — Mesmo que não esteja lá, posso vê-la jogando os braços para o alto. — Você se recusa a namorar, o que significa que não posso interrogar ninguém como uma boa irmãzinha deveria fazer.

Espero que ela não esteja prendendo a respiração. Outra pessoa nunca mais entrará romanticamente em minha vida. Não quero dizer isso da maneira típica em que as pessoas dizem como uma piada ou como um escudo, porque nunca tiveram a oportunidade certa.

Quero dizer, mesmo que minha alma gêmea descesse das nuvens e o destino escrevesse em grandes letras maiúsculas em um espelho que essa pessoa era a única? Ainda me viraria e iria embora como se nem a tivesse visto.

— Gosto de ficar sozinha, Li. Não me incomoda.

Termino os bancos, deslizando o material de limpeza para baixo de um armário, e me encosto em uma das mesas de madeira que contém uma série de pequenas esculturas de argila.

— Sim, incomoda.

Minhas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo. — Desculpe?

— Ninguém gosta de ficar sozinha, especialmente você, Cora. Entendi, adora mostrar ao mundo essa versão fria e remota de você, que ataca as pessoas quando se aproximam. Não te culpo, mas não minta e diga que gosta. Conheço você.

Ela é mais nova que eu, mas não é densa. Não posso protegê-la de tudo e, mesmo que não entenda tudo, Lilac não precisa dos detalhes. Ela só sabe que sua irmã mais velha não é a mesma que desapareceu naquela noite de outono.

— Devo pagá-la pela terapia com *Cash App* ou *Venmo*¹¹?

— Deixe-me ir hoje à noite e fazer nhoque de manteiga marrom. Ficamos quites.

Deixei escapar uma pequena risada. — Que horas...

— Oh meu Deus — ela diz de repente.

O tom da nossa conversa muda de leve e fácil para outra coisa. Minha mão se estende para pegar o telefone, largando o que estou fazendo para que possa começar a procurar pelas minhas chaves, pronta para dirigir até a casa dos nossos pais imediatamente.

Ele diz repetidamente ao telefone — Oh meu Deus, oh meu Deus. Isso não está acontecendo, não está acontecendo.

— Lilac. — Minha voz é afiada, tentando tirá-la do pânico para que possa descobrir o que está acontecendo. — O que aconteceu?

— Coraline, eu... — ela gagueja. O medo enfiou a mão em sua garganta e estrangulou suas cordas vocais. — As notícias. Ligue o noticiário.

Minha confusão se mistura com preocupação. Lembro-me de respirar, concentrar-me em cada inspiração e expiração dos meus pulmões. Quando encontro o controle remoto da televisão, escorrega das minhas mãos suadas e cai no chão. De alguma forma, o botão liga/desliga é pressionado no processo e a tela acende. A estação de notícias aleatória que aparece deve ter assumido o controle de todos os canais, a transmissão de emergência abrangendo todos os canais locais.

A voz do âncora do noticiário exige minha atenção enquanto tento entender tudo o que dizem. Suas vozes aumentam o caos que gira dentro de mim. Turbulência, ossos e dentes. O túbulo do meu trauma sendo desenterrado com abandono.

— Coraline! Cora! Está bem? Onde está? Estou a caminho...

Muito fracamente, ouço a voz de Lilac enquanto meu telefone cai no chão. Meu peso fica pesado demais para meus joelhos suportarem

conforme meus pés tropeçam para frente. Uma mão se estende, batendo em uma mesa à medida que luto para me manter de pé, tentando não cair no chão, para me manter de pé.

Sabia que aquela mensagem de texto não era uma brincadeira ou algum acaso. Eu deveria ter confiado nos meus instintos. Deveria ter tirado a mim e a Lilac daqui antes.

Uma tela vermelha aparece na minha frente. Uma foto singular fica à esquerda, retratando um rosto que conheço de memória. O cheiro de Old Spice sobe pelo meu nariz, provocando uma náusea vertiginosa que faz meu corpo balançar.

— *Últimas notícias. Um preso escapou da Penitenciária de Rimond ontem à noite. Disseram-nos que o prisioneiro é Stephen Sinclair, preso há pouco mais de dois anos por envolvimento numa organização nacional de tráfico sexual. A aplicação da lei considera este homem armado e perigoso.*

Uma parte doentia de mim está aliviada. O jogo de espera finalmente acabou. Nunca foi um se, sempre um quando. No momento em que saí daquele porão, ele tentava encontrar o caminho de volta para mim.

Tenho vivido no limite da minha capacidade, apenas esperando ansiosamente pelo retorno do meu bicho-papão.

O rosto de Stephen aparece na tela novamente. Meu peito se abre e sinto as comportas se abrirem.

Eu lhes disse. Conteí a todos eles. Gritei por dias.

Eu era sua Circe, e Stephen Sinclair voltava sempre por mim.

SOMBRAS CAINDO

Silas

A brisa uivante sopra em meu rosto enquanto atravesso o caminho quase imperceptível, repleto de arbustos e árvores. O cheiro de sal paira no ar e, ao chegar à entrada da trilha, posso ver a longa extensão de terra que desaparece no horizonte do céu.

Três silhuetas delineiam o céu escuro.

O Peak se eleva sobre a costa acidentada do Oregon, sombreando *Black Sands Cove*, uma praia que apenas os habitantes locais conhecem. Posso ouvir as ondas quebrando contra as rochas irregulares, e só esse som traz lembranças.

Meus pés não sentiram esse pedaço específico de chão desde que nos separamos. O Peak é isolado, secreto, nosso. Foi onde crescemos, seguimos caminhos separados e agora é onde nos reencontramos.

A partir do momento em que encontramos este lugar, se tornou nosso.

O vento uiva, ecoando na cidade litorânea que chamamos de lar por muito tempo. Este foi o nosso ponto de ruptura. Paramos de viver em um lugar repleto de traição e segredos espreitando em cada canto de paralelepípedos. O sol se põe lentamente, desaparecendo atrás de um manto de nuvens enquanto caminho em direção à beira do penhasco.

— Bem-vindos ao lar — saúdo os três, minha voz captada pelo vento.

Rook se vira para olhar para mim, seu cabelo castanho claro aparecendo no bico achatado para trás. Ele tem um sorriso no rosto

enquanto me puxa para um abraço apertado, como se esta fosse a primeira vez que nos vemos desde que voltaram, mas é Rook e, às vezes, só precisa deixá-lo fazer o que quiser.

Fumaça. Ele sempre cheirou a fumaça.

Dou um tapinha em suas costas, me afastando e aceno em direção a Thatcher em uma saudação silenciosa, com as mãos enfiadas bem fundo na calça para evitar contato físico. Alistair é o último a sair do penhasco, com uma jaqueta de couro esticada sobre os ombros. Tenho certeza que é a mesma do ensino médio.

— As meninas estão bem?

— Atualmente assumindo o controle da minha casa — resmunga Thatcher.

— Ninguém está feliz por morar com você, Thatch. Não fique tão preocupado com isso.

— Primeira noite de volta e Rook já matou alguém. — A mandíbula de Alistair se contrai, passando a mão frustrada pela boca. — Este lugar é um maldito buraco negro, não um lar.

— Não matei ninguém. Droguei alguém e o ajudei a sair de uma ponte. Duas coisas muito diferentes aos olhos da lei.

Thatcher revira os olhos. — Está na faculdade de direito há dois segundos. Relaxe.

— Dois segundos a mais que você — Rook murmura, enchendo a mão com *Skittles* antes de enfiá-los na boca. — Pode até precisar desses segundos um dia depois de esfaquear a pessoa errada.

Estaremos todos com oitenta anos fazendo isso, discutindo como crianças, ou talvez seja apenas eu e Alistair separando versões geriátricas de Rook e Thatcher.

Thatcher, que é incapaz de não ter a última palavra, apenas fica parado, presunçosamente, enquanto o vento abre seu paletó.

— Ao contrário de você, garoto, minha família realmente me amava e não preciso trabalhar no sistema judicial para ter acesso à

minha herança.

Alistair faz um som engasgado, uma mistura de risada e choque, mas tenta disfarçá-lo com uma tosse. Balanço a cabeça enquanto olho para o chão, prendendo o lábio inferior entre os dentes e respirando fundo.

Rook perde o controle, murmurando obscenidades, enquanto ficamos ali observando, mas a menção à herança me lembra uma das muitas razões pelas quais estamos aqui.

Nunca fui muito bom com comunicação, facilitando a discussão ou começando com conversa fiada. Crescendo, apenas disse o que precisava e segui em frente. Ninguém realmente precisava de mais do que isso.

Exceto na outra noite em Vervain.

Minha memória me lembra de Coraline, com as mãos agarradas à minha camisa.

Pela primeira vez, alguém estava desesperado para que eu falasse. Precisava disso. Nunca soube como era alguém precisar da minha voz, mas com cada palavra que eu murmurava, ela derretia. Perdia aquele olhar selvagem e começava a respirar.

— Preciso me casar.

A palavra “foda-se” surge nos lábios de Rook. Levanto a cabeça, vendo três pares de olhos em mim. Esperado, é claro. Coloco o capuz na cabeça quando uma chuva leve começa a cair do céu escuro.

— Isso é por causa do seu pai? — Alistair pergunta. — Ele não está te obrigando a se casar com alguém, está?

— Não, mas o conselho não me dará o título de CEO até que haja alguém legalmente vinculado a mim. — Aquela dor de cabeça persistente retorna, bem atrás dos meus olhos. — Papai quer vender.

— Então deixe-o vender.

— Não.

Cerro os dentes, fixando Alistair com um olhar arrogante. Ele não

entende, e nunca esperaria que entendesse. Ele deixaria o sobrenome de sua família apodrecer se estivesse no controle total, e não o culpo por isso.

Minha família? Não são como a dele.

Essa foi uma das razões pelas quais me senti deslocado quando os conheci. Cada um dos meus amigos teve uma infância horrível e brutal provocada pelos pais. Embora a minha não tenha sido ótima por causa dos diagnósticos errados, nunca foi porque minha mãe e meu pai não me amavam.

Eles não entenderiam.

Como, apesar de terem estragado tudo, acreditando mais em um médico e do que em mim, fizeram tudo o que podiam para tentar me salvar.

— Meu pai passou a vida inteira me amando. Este é o seu sobrenome, meu sobrenome. Não vou deixá-lo morrer sabendo que sua empresa foi vendida.

— Você se casará, então? Contratar uma esposa falsa?

— Eu disse ao meu pai que tenho namorada.

Não é meu momento de maior orgulho ou mais inteligente, mas precisava que ele me desse tempo, e não faria isso a menos que eu lhe desse alguma esperança de que realmente me casaria por amor. Fiz o que eu tinha que fazer. Sempre faço.

— Silas, quero dizer isso com amor — diz Rook, diante da imagem de confusão — mas que porra é essa?

Ele será o maior problema. Casando-me com alguém por conveniência. Isso o deixará louco. Porque embora há duas noites o tenha visto forçar um homem a engolir um frasco de remédio e empurrá-lo de uma ponte para a água gelada porque tentou drogar sua namorada, o coração de Rook é gentil.

Tudo o que ele sempre quis desde o momento em que perdi Rosemary foi que eu fosse feliz. Nunca ficarei com raiva dele por isso,

por quão protetor é comigo, mesmo que sua preocupação constante sobre eu tomar remédios me irrite *pra* caralho.

Contar a ele deveria ser mais fácil, mas é porque ele é tão protetor que não é.

— Descobrirei uma maneira. — É tudo o que posso dizer.

Descobrirei, eventualmente, mas agora? Não tenho a mínima ideia do que fazer.

— Ótimo. — Thatcher bate palmas. — Porque há algo mais importante do que suas núpcias iminentes. Stephen Sinclair saiu da prisão e está nos chantageando. O que faremos sobre esse problema?

— Você nem está no vídeo, idiota. Provavelmente sairia com uma advertência — Rook resmunga, enfiando a mão no bolso da frente para tirar um cigarro pré-enrolado. — Como ele conseguiu sair?

— Ajuda. Foi isso que a prisão me informou quando liguei para ter certeza de que ele era o único preso a escapar.

O som de um isqueiro ecoa pouco antes de uma nuvem de fumaça envolver a cabeça de Rook.

— Tenho que garantir que o papai fique trancado — ele murmura, inalando profundamente.

— Não podemos simplesmente esperar que Silas rastreie o e-mail. Temos que nos mover. — Ressalta Alistair. — Se for Stephen, não sabemos onde ele está. Se for outra pessoa, estamos igualmente fodidos.

Minha cabeça lateja com a pressão crescente. A culpa que carrego é uma companheira implacável, uma sombra que me segue aonde quer que eu vá. É o vazio do meu estômago, um lembrete constante de que coloquei essas três pessoas e aqueles que elas amam em risco.

Minha raiva e desespero por vingança desenraizaram mais uma vez suas vidas. Se acontecer alguma coisa, se formos para a cadeia ou alguém morrer, a culpa é minha. Será minha culpa e é um fardo que está sobre mim.

O egoísmo da minha dor será a condenação deles.

— Sinto muito — digo, sem saber como voltar atrás ou dizer algo muito melhor do que isso.

— Pelo quê?

As sobrancelhas de Rook se contraem, o branco de seus olhos ficando rosado por causa da erva.

— Isso é por minha causa. — Enfio as mãos nos bolsos da frente, olhando para o céu vazando. — Vocês voltando. A chantagem. Tudo isso. É por minha causa. Não podia deixar a morte de Rosemary passar, precisava me vingar. Vocês não...

— Cale a porra da boca. — A força de Alistair ressoa com o trovão à distância. — Não havia uma arma apontada para minha cabeça. Todos sabíamos o que queríamos, e eu faria de novo. Você não é o único que queria isso. Todos queríamos dar uma mordida neste lugar.

— Começamos juntos. Terminamos juntos — acrescenta Rook. — Vamos terminar isso e deixar esse maldito buraco para trás. Todos nós.

— Isso significa que temos que seguir a única trilha que temos no momento — murmura Thatcher. — E Rook não gostará disso.

VOZ NA TELA

Coraline

— *Está segura agora.*

Então por que me sinto tão exposta? Por que sinto que me abandono à medida que avançamos?

Estou sendo retirada da proteção da familiaridade, empurrada para o desconhecido com poucas explicações. Meus pés se arrastam, desesperados para me virar, para voltar. Não quero ir embora.

No entanto, aprendi que é sempre melhor permanecer obediente do que lidar com a agonia do castigo.

Duas pessoas uniformizadas me flanqueiam, policiais, cada uma com uma mão enrolada em meu braço.

— *172 também Central. Preciso de uma ambulância para West Crew Lane, 1798. Tenho uma mulher com graves lacerações no rosto e nos braços.*

— *10-4, 172, resgate a caminho.*

Suas vozes são estáticas de TV, ruídos aleatórios que arranham o ar, estalando na minha pele. Um zumbido que enche meus ouvidos de pouco propósito. Mal os reconheço como palavras, apenas sons.

Nunca pensei que ver outras pessoas, além dele, seria um choque tão grande. É uma confusão estranha ao meu sistema regulamentado que alguém que não seja ele possa descer as escadas e entrar no porão mal iluminado. Que alguém além dele existia.

Quanto tempo faz que não vejo outro rosto? Quanto tempo faz que não vejo meu rosto?

Com mãos dolorosamente firmes, eles me guiam até o último degrau e depois me conduzem por uma porta aberta até uma sala banhada pelo sol. Estremeço, fecho imediatamente os olhos e coloco a cabeça no ombro.

Meu corpo se afasta do sol forte que entra nesta nova sala. Levo alguns momentos para me ajustar, os olhos turvos enquanto pisco em meio à queimação. Tento absorver o espaço, apenas vislumbrando antes que meus olhos sejam forçados a fechar novamente.

A sala vem até mim em flashes entre piscadas. Móveis polidos, eletrodomésticos inteligentes, decorações interiores impecáveis e toda a riqueza que existe entre eles. É um mosaico, um pequeno pedaço de uma imagem maior. A parte superior de sua casa.

O lugar onde vivi abaixo.

Todo esse tempo, havia uma casa acima de mim. Pessoas vivendo suas vidas, movimentadas, completamente inconscientes da minha presença a poucos metros abaixo.

Baixei o olhar enquanto avançávamos, olhando para a fuligem e a sujeira que cobriam meus pés. Cada passo deixa uma mancha de sujeira no reluzente piso de madeira. Passamos por várias pessoas em nossa caminhada até a porta da frente, cada uma delas confusa, irreconhecível, enquanto eu, entorpecida, permito meu corpo sucumbir à sua direção. Minha língua se arrasta pelo lábio inferior, sentindo a pele morta e rachaduras ao longo da costura.

Quando nos aproximamos da porta da frente aberta, posso sentir o cheiro do ar fresco. Isso me embosca no momento em que saímos de casa e subimos os degraus. Queima minha garganta ao entrar, pulmões sedentos engolindo-o. Meu sistema treme, o mundo gira com o fluxo abrupto de oxigênio.

Há quanto tempo não sinto cheiro de ar fresco?

Meu estômago embrulha enquanto minha visão tenta se ajustar, meus sentidos são dominados pelo caos lá fora, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Os carros da polícia espalhados pela calçada de tijolos, a gritaria, o sol. Os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Acima das sirenes e do barulho está sua voz, gritando, amarga e furiosa, mas ainda é um bálsamo para meus nervos em fúria.

— Step... — Minha voz é estrangulada pelas mãos secas em minha garganta, incapaz de pronunciar seu nome.

Uma mão aperta meu braço magro, um aperto suave para me trazer alguma forma de conforto não-verbal. — Tudo bem. Ele está indo embora. Estamos levando-o embora. Ele nunca mais te machucará.

Não tenho certeza de qual deles diz isso porque tudo em que consigo me concentrar é na maneira como meu peito se contrai de pânico.

Ele está indo embora?

Medo – trava sua mandíbula, gira ao redor do meu coração e se empanturra com o pouco que resta. Seus dentes serrilhados rasgam e roem o órgão que mal bate. O medo é uma fera faminta, não importa quantas vezes o alimento.

Do outro lado do gramado, Stephen está se debatendo contra vários policiais, resistindo enquanto tentam empurrá-lo em direção a um carro de polícia aberto. As algemas presas nas costas e seu cabelo loiro sujo está desgrenhado, balançando conforme luta.

Lágrimas ardem em meus olhos, deslizando pelo meu rosto e fazendo cócegas embaixo do meu queixo. Era assim que o seu cabelo ficava nas noites em que ficava comigo.

Nós dois naquele colchão fino e amarelado enfiado no canto do porão. Minha pele sentia cada respiração constante de sua boca quente enquanto ele descansava a cabeça em meu peito. As palmas das minhas mãos lembram a maciez de seu cabelo, espaços entre meus dedos ansiando pelos fios sedosos.

Durante horas, ficávamos ali deitados, olhando para os meus desenhos a carvão que ele me deixava colar na parede, falando sobre seu dia até finalmente adormecer. Naqueles momentos solitários em que nenhuma palavra foi dita, tudo parecia bem.

Não havia dor ou tristeza. Somente nós.

Eu era dele. E ele era meu.

— Coraline...

Meu corpo se move, quase por instinto. Afastando-me das mãos que me seguram, tropeço para frente com força. Minhas pernas frágeis balançam embaixo de mim, lutando para segurar meu peso enquanto me movo. Estou descoordenada e lenta ao mesmo tempo que corro pela grama, encontrando o equilíbrio mais rápido do que o esperado até conseguir uma corrida constante.

As folhas da grama roçam as solas dos meus pés. Meu cabelo emaranhado é levado pelo vento e o sinto balançando na parte inferior das costas.

— Stephen! — Grito. A força do meu grito rasga minha garganta sensível, mas não consigo me importar com a dor.

Minha voz chama sua atenção, sua cabeça gira em minha direção, as sobrancelhas franzidas enquanto ele me procura. Tenho um vislumbre de seus olhos azuis a esta distância, nítidos e oniscientes. A força do vento arranca minha camisa branca manchada do ombro, expondo o velho curativo que estava ali.

Seu olhar severo suaviza instantaneamente quando me encontra, o rosto relaxando e os olhos voltados para baixo. Meu estômago embrulha e meus próximos movimentos pegam os policiais ao seu lado desprevenidos o suficiente para permitir isso.

Eu me jogo nele.

Passando meus braços em volta de seu pescoço, enterro meu rosto em seu peito. O som de suas costas batendo a porta do carro atrás de nós é um baque surdo. O cheiro de madeira e especiarias me envolve.

Meu corpo se apegava a ele tanto quanto minha alma. Ele é minha gravidade. Minha terra, sol e lua. Não houve outra voz em meus ouvidos por sabe-se lá quanto tempo. Não senti outro toque ou inalei o ar que ele não forneceu. Mal me lembro da minha vida sem ele. Meu próprio nome é uma palavra estrangeira.

Stephen Sinclair é minha casa. Meus pulsos doem por causa das

correntes que me mantêm segura. Suas mãos foram as que me alimentaram, seu beijo foi o que me destruiu, e me curou. Ninguém mais foi capaz de me amar.

Só ele.

— Não me deixe — grito em sua camisa, enterrando minhas mãos em seu corpo, puxando-o para mais perto. — Por favor, você prometeu. Prometeu que nunca me deixaria. Eu tenho sido tão boa.

A respiração de seu suspiro roça minha bochecha. A sensação de seus lábios pressionando o lado da minha cabeça me faz pressionar ainda mais o toque suave. Sua voz é um zumbido em meu ouvido, acalmando meu medo.

— Circe, minha doce menina — ele murmura. — Só podemos voltar se você contar a verdade. Diga a eles que não te mantive lá. Você queria ficar comigo. Diga a eles e eu nunca te deixarei.

Circe.

Somente Circe.

A polícia, que ficou paralisada de choque com a minha explosão, agora recuperou o movimento. Entrando em ação, suas mãos são rápidas em me agarrar, nos separando com vigor, mas me recuso a soltar.

— Estou... — Um soluço rouba minhas palavras, o tremor insuportável para meus ossos frágeis. — Estou com medo, Stephen. Para onde estão me levando? Não pode sair, por favor!

A remoção de seu corpo é chocante, o calor é imediatamente substituído pelo frio intenso do abandono. Sou enrolada e arrastada para trás, mas continuo lutando. Mãos arranhando e cravando, grito por ele.

Não podemos nos separar. Não posso deixá-lo me deixar.

Eles não entendem? Não conseguem ver?

Ele me ama. Eu o amo.

Choro, choro, eu choro.

Choro até não haver mais água para derramar, até que tudo que

posso fazer é vomitar e tremer. As lágrimas me afogam até que meus olhos se fecham, e tudo que posso ouvir são suas palavras de despedida enquanto me afastam. As últimas palavras que ele me disse.

— Você é minha, e voltarei para buscá-la, Circe. Sempre voltarei por você. Você pertence apenas a mim.

Alguém roça meu ombro ao passar por mim, me fazendo piscar. Levo um segundo para lembrar onde estou, o que estou fazendo. O burburinho de pessoas se misturando enche meus ouvidos, e concentro minha atenção nas pessoas que lotam meu estúdio que converti em uma vitrine para a ocasião. Pisco em meio à neblina, mexendo os dedos dos pés nos saltos, tentando sentir o chão do meu presente abaixo de mim.

Concentro-me no zumbido das pessoas se misturando em meus ouvidos, nos corpos girando em torno do meu estúdio, expostos para sua diversão. Sinto o cheiro dos esforços sendo dançados em placas de prata.

Estou bem. Ele não está aqui. Estou bem.

Aquela mensagem de texto que recebi outro dia tornou mais difícil permanecer na minha vida atual. Meus pesadelos pioraram e os flashbacks que surgem do nada voltaram.

O pouco trabalho que realizei nos últimos dois anos desapareceu. Uma vibração ao vento. Uma mensagem de alguém pregando uma pegadinha idiota, e estou rasgando as costuras de novo, abrindo-me e recolhendo minhas entranhas com as mãos sangrando.

Estou aqui nesta sala cheia de pessoas, deixando-as admirar meu trabalho, deixando-as me admirar, me perguntando se, no fundo, todos conseguem ver a vergonha. Se eles puderem ver o quão fraca sou, o quão boba e estúpida me sinto por me apaixonar pelo meu captor.

Essas pessoas que escrevem artigos especulando sobre o que aconteceu e imploram por entrevistas excessivas, me julgam. Como se

soubessem como foi, como se pudessem ter durado dois segundos da tortura que suportei. Nenhum deles sabe o que foi necessário para sobreviver. O que meu corpo fez para sair vivo.

— Esta peça é impressionante, Coraline.

Estremeço quando uma mão suave toca meu cotovelo, minha cabeça gira e meus ombros relaxam quando reconheço o rosto familiar.

Hedi Tenor.

Uma mãe de coração partido de uma cidade vizinha. Sua única filha, Emma, foi uma das muitas meninas resgatadas dos contêineres de meu pai depois que Stephen foi preso.

Contudo, a história de Emma não foi de resgate e alegria. Ela só conseguiu aguentar por três meses antes que a extensão dos ferimentos tirasse sua vida em uma cama de hospital fria e silenciosa. Foi em sua memória que Hedi criou a Light. Uma organização que se dedica a apoiar os sobreviventes da torturante rede sexual dirigida pela família Sinclair há décadas. O Halo é responsável por milhares de mulheres traficadas, desaparecidas e assassinadas. A Light, todavia, ajuda a fornecer recursos para famílias e sobreviventes.

Moradia, terapia gratuita, aconselhamento em grupo, consultores financeiros. Ajudam em quaisquer dificuldades que possam enfrentar ao tentarem se reintegrar na sociedade.

— Duzentos mil dólares parece um pouco exorbitante, não é? Quero dizer, o trabalho é incrível, mas, caramba, isso é um preço alto. — Ela enrugou o nariz, felizmente inconsciente da riqueza na sala ao nosso redor enquanto leva uma taça de champanhe caro aos lábios.

Pelo menos, acho que é champanhe. Não sei nada sobre esta gala, exceto que meu trabalho foi vendido. Deixei o organizador da Regina cuidar de todo o evento. De qualquer forma, nada disso me importava.

Outrora um armazém arenoso dominando a esquina da rua com sua fachada industrial, trabalhei durante meses para transformá-lo, transformando-o em um estúdio de arte que permite respirar a

criatividade. Um paraíso para artistas.

Deixei o exterior de lado, gostando do charme envelhecido do tijolo. Olho para as vigas de aço expostas originais nos tetos altos que se misturam bem com a grande parede de janelas que coloquei, querendo o máximo de luz natural possível.

Pisos de concreto são polidos com acabamento liso, e respingos de tinta de uma aula anterior ainda decoram o chão. O planejador fez bem, movendo as robustas mesas de trabalho com materiais, cavaletes e pranchetas. As paredes do armazém são adornadas com minha arte, organizadas para que os convidados percorram o espaço. Até redesenharam o pequeno canto que antes era um salão aconchegante cheio de sofás e poltronas vintage em um espaço elegante.

É sofisticado, elegante, pomposo. Tudo que odeio.

— Algum idiota rico pagou o dobro. — Meus lábios se inclinam nos cantos. — Por todos eles.

A alta sociedade de Ponderosa Springs está toda presente, junto com minha madrastra e meu pai. Como poderiam perder um evento como este? Coraline Whittaker, a sobrevivente, vendendo suas pinturas em uma exposição privada única?

Bom demais para os boatos e os bolsos fundos deixarem passar.

Os olhos de Hedi se arregalaram. — Há doze obras de arte aqui. Não há como permitir que doem tanto dinheiro. Tem que guardar um pouco para você.

Eu a fixo com um olhar duro. — Pode, e irá. — Olhei brevemente pela sala para todas as pessoas com suas roupas de grife e narizes empinados. — Não se sinta culpada por tirar dinheiro dessas pessoas. Garanto-lhe que é muito melhor estar no seu bolso do que no deles.

Eles usam seu dinheiro para drogas e chantagem, gastando incontáveis dólares em novos iates e acompanhantes. Pelo menos assim, tenho algum controle sobre para onde vai esse dinheiro.

Esta é a única maneira pela qual me sinto confortável em colocar uma etiqueta de preço na minha arte. Saber que estou ajudando Hedi

e sua equipe. Saber que estou fazendo algo para ajudar.

— Você faz tudo isso, ensina, se sujeitando a essas pessoas que claramente não gosta, mas não vem a nenhuma reunião? — Ela levanta uma sobrancelha loira, me observando com atenção.

— É um complexo. — Dou de ombros. — Há outras pessoas que precisam dessas reuniões muito mais do que eu. Só desperdiçaria os recursos.

Quando nos conhecemos, ela tentou durante meses me convencer a ir à sessão de grupo. Prefiro arrancar meus olhos com uma pinça, e disse isso a ela. Não sou fã de expor meu trauma na frente das pessoas e, além disso, falei sério. Há outras mulheres que precisam muito mais do que eu.

No entanto, quando ela perguntou se eu estaria interessada em oferecer algumas aulas gratuitas as sobreviventes, minha resposta foi imediata: sim. Recuso muitas coisas, mas precisava disso, de algo em que me agarrar para não afundar.

Nunca ensinei arte na vida e, honestamente, não me considero uma professora. Na verdade, apenas explico os diferentes meios e a melhor forma de aplicá-los à tela. O resto são elas. O que quer que queiram criar nas duas horas que passamos juntas depende inteiramente delas. Podem falar ou ficar em silêncio. Pintar ou desenhar. Esculpir ou moldar. Não há expectativa de ficarem destroçadas quando entrarem aqui.

Na arte, tem permissão para ser a versão mais feia de si mesmo, apenas para poder fazer algo bonito com isso.

Ela suspira, inclinando a cabeça um pouco para a direita enquanto a balança. — Não entendo por que faz isso.

Arqueio uma sobrancelha. — Fazer o quê?

— Isto. — Ela aponta para o meu corpo. — Só porque tem dinheiro não significa que sua experiência, o que passou, não seja válido, baby. O dinheiro nunca pode acabar com essa dor. Está autorizada a sofrer. Você tem permissão para falar sobre isso tanto

quanto qualquer outra pessoa.

Há um buraco no meu estômago, pedras pesadas pesam sobre mim, fazendo-me sentir enjoada. Sei que ela tem boas intenções e ouço o que está dizendo, mas ela nunca entenderá.

A culpa, a vergonha.

Como a cada dia me odeio mais e mais quando penso em como ansiava pelo seu toque à noite quando estava frio, que a comida nem importava quando ele descia aqueles degraus. Só queria vê-lo. Estar perto dele.

Fico doente sabendo o quanto o amava. O que diabos havia de errado comigo? Quem faz isso?

Em vez de responder, aceno com a cabeça, voltando minha atenção para minha pintura e esperando que meu silêncio seja suficiente para ela, e porque é Hedi, porque ela é gentil, é.

— Quando pintou isso? — Ela pergunta, mudando perfeitamente de assunto.

— Há pouco mais de um ano.

Lembro-me dos quatro dias inteiros que passei nisso. A maneira como saí da cama à meia-noite e fui até este mesmo estúdio, apenas para olhar para uma tela vazia até os pássaros cantarem lá fora.

Levei um dia inteiro para pegar um pincel. Para desejar criar o que sentia dentro da minha cabeça. Podia vê-lo claramente, mas era como se minhas mãos tivessem esquecido como pintar. O que é doloroso o suficiente por si só. A única coisa em que se é boa, a única coisa que sente que deveria fazer e de repente não consegue? É de partir o coração.

No entanto, quando o pincel tocou a tela, a memória muscular entrou em ação. Cada pincelada e respingo que colocou a pintura a óleo na minha frente saiu como sangue de uma veia aberta.

— Qual o nome disso? As pinturas têm nomes, certo?

Fico olhando para a tela.

A pintura é o rosto de um homem dividido em duas partes. A metade superior combina perfeitamente com um fundo escuro, um pequeno cosmos distante adicionando um elemento surreal. A metade inferior de seu rosto é visível. Levei horas para acertar. Uma boca desenhada em uma linha áspera, um tom cinza-azulado em sua pele, imóvel como se ele fosse apenas uma estátua.

É impossível alguém saber quem o inspirou. Que a maioria dessas pinturas que algum estranho comprou vem de um lugar cru, profundo e doloroso dentro da minha alma.

No entanto, o universo está interessado.

Ultimamente, parece me lembrar constantemente que há *uma* pessoa que conhece esse lugar em mim. Ouviu. Testemunhou. Acalmou.

Arrepios se espalham pelos meus braços quando uma voz familiar responde à pergunta de Hedi.

— *Voz na tela.*

NOVE

UMA OFERTA

Silas

Não vim aqui inteiramente pelo bem do meu coração.

Quando aceitei o convite da Light, sabia que Coraline era a artista em destaque.

Sabia que ela estaria aqui e queria vê-la.

Depois do que aconteceu em Vervain e da notícia de Stephen, queria ter certeza de que ele não havia entrado em contato com ela. Não fazia sentido, mas eu queria ter certeza de que ela estava bem.

Coraline Whittaker é um mistério para esta cidade. Para mim.

É uma miragem, um fenômeno óptico natural que desvia os raios de luz para produzir a imagem de uma garota que é um rosto familiar, mas desconhecida sob a superfície. Admiro no que se transformou. Como transformou sua dor em raiva. Mordida pelas mãos de equipes de notícias que fizeram muitas perguntas. Endureceu o olhar para que as pessoas da cidade parassem de se aproximar dela em público.

Ela se tornou algo a temer.

Sei como é isso. Como é mais fácil ser assustador. Se as pessoas tiverem medo de você, não correrão o risco de se aproximar.

A verdade é que não conheço Coraline. De verdade.

Não o que a faz rir ou sua cor favorita. Quem ela queria ser quando crescesse ou se era alérgica a marisco.

É isso que torna isto... estranho para mim. Ter essa *conexão* com uma pessoa que mal conheço. Não a conheço como a maioria conhece, mas a conheço de uma forma que ninguém mais conheceria.

Nosso trauma é uma alma gêmea, uma turbulência emocional compartilhada por dois estranhos em um caminho entrelaçado. Nós dois temos corrido, tentando esquecer, e o passado está nos punindo por isso.

A Light, sendo a organizadora deste evento, foi simplesmente um bônus moral para mim.

Hedi Tenor veio para a empresa do meu pai quando ela acabara de iniciar a organização e nos pediu para sermos cofundadores. Era uma forma de vincular o nome de Hawthorne a algo bom, dissera o conselho.

Eu recusei. Em vez disso, dou-lhe um cheque sempre que precisam de financiamento ou de uma doação em nome de Rosemary. Não queria que esta organização, o trabalho e a dor de Hedi, se tornassem uma ferramenta de marketing para a Hawthorne Technology.

Essas meninas merecem ser mais do que um cartão de piedade.

— O que vê?

Viro apenas a cabeça para olhar para ela, parada ao meu lado. Existem vários centímetros entre nossos ombros, criando uma lacuna. Ela sabe o quão óbvio isso é? Como mantém fisicamente os outros à distância, tanto quanto emocionalmente?

Eu traço a inclinação de seu nariz delicado com meus olhos, unhas cor de índigo prendendo uma mecha de cabelo branco atrás da orelha.

O que eu vejo?

Uma mulher que quase todos os homens nesta sala pararam para admirar de uma forma ou de outra. Não apenas porque é a artista, mas também por seu fascínio. Isso não tem nada a ver com sua beleza. Muitas mulheres são bonitas, mas é assim que ela absorve a atenção silenciosamente, sem perceber o efeito que causa nos outros. Está no jeito que anda, nos gestos quando fala, na sua postura.

Há um brilho distante em seus olhos que desenha seus lábios em

uma linha reta. Isso a torna inacessível, como se não quiséssemos perturbar os pensamentos que estão fluindo em sua mente. E ainda...

Não pode evitar, porra. Você quase não tem escolha a não ser vê-la de perto.

Não faz mal que o vestido prateado que está usando se ajuste a todas as curvas, desça até o peito e exponha a perna esquerda logo acima do quadril, dando uma quantidade de pele de bom gosto em alguns, mas uma quantidade contundente nela.

Volto para a pintura, enfiando as mãos nos bolsos.

— Um homem que pensa muito e fala muito pouco — digo, me perguntando se minha voz ainda tem sobre ela o mesmo efeito nesta sala iluminada que teve nas sombras de um corredor silencioso.

— Forbes 30 Under 30¹² não mencionou que era crítico de arte. — Pelo canto do olho, observo seus braços esguios cruzados na frente do peito.

— Você acredita em tudo que lê sobre mim?

— O *pouco* que li parece ser mentira. — Não sinto falta do modo como ela pronuncia a palavra “pouco”, querendo me lembrar do pouco que se preocupa comigo. — Dizem que não fala muito. No entanto, esse não parece ser o caso.

— Com você.

Minha resposta a surpreende. Talvez seja a honestidade, talvez seja a sua descrença. É verdade que não falo muito, nem com estranhos ou só por diversão, mas gosto de conversar com ela. Gosto de saber que minha voz quer ser ouvida por alguém, e mesmo que ela negue, quer ser esse alguém. Acho que Coraline Whittaker se preocupa comigo com mais frequência do que quer que eu acredite. Que há uma curiosidade que ela tem por mim por causa daquela noite em Vervain? Quando minha voz era a única coisa que a impedia de cair no precipício?

Eu senti.

Essa conexão. O que senti quando a vi saindo da Mansão Sinclair. O que senti quando a visitei no hospital. Aquela linguagem secreta que só nós dois entendíamos quando ela me ligou. A pequena sequência do destino que se recusou a me deixar tirar os olhos dela naquele clube.

Vibrava entre nós como um segredo.

O que a mata é que ela não consegue pegar a tesoura e cortá-la. E me mata querer mais disso.

Eu não deveria querer mais de ninguém. Especialmente dela.

— Isso deveria me fazer sentir especial?

Viro a cabeça para o lado, nossos olhos se encontrando pela primeira vez esta noite. Não há um pinga de timidez. Ela sustenta meu olhar, uma sobranceira escura e esculpida arqueada, lábios pintados de vermelho escuro formando uma linha que não deixa espaço para diversão.

Extremamente linda, com poucos toques de suavidade em seu rosto.

Seu cabelo castanho liso desliza para trás dos ombros, mechas brancas na frente presas atrás das orelhas para mostrar os diamantes perfurando seus lóbulos. Cada movimento parece calculado, como se tivesse aperfeiçoado a arte da autopreservação num mundo que apenas a ensinou a ser cautelosa.

— Algo assim — provoco, nunca rompendo nosso contato visual.

Ela quer que as pessoas a vejam como fria, mas não consegue esconder o calor em seus olhos castanhos. Não podem mentir. Apesar do ar de distanciamento, daquela fria indiferença para lembrar aos outros a distância que coloca entre ela e o mundo, há vestígios de uma criatura mais suave abaixo da superfície, apenas escondida.

Aquela fortaleza invisível que ela ergueu ao seu redor a protege de todos. Incluindo ela mesma, imagino.

— Você me procurou para um agradecimento? — Ela diz, seus

olhos se estreitando em um brilho. — Ou precisa de um pedido de desculpas por ter saído de Vervain? Deixe-me saber para que eu possa acabar logo com isso e possamos voltar a nunca saber que o outro existia.

Acho que uma parte de mim pode ser sádica por gostar disso. Sabendo o quão despreocupado estou com seu sarcasmo, a teimosia que a torna má. Não sou inimigo de Coraline, mas sou uma ameaça.

Ela sabe que essa atitude não funciona comigo e está a incomodando. É fofo.

— Por que eu te deixo tão desconfortável, Coraline?

Sua cabeça balança, as sobrancelhas franzidas como se eu tivesse batido nela.

— Não sabe — ela diz com firmeza, com o queixo erguido.

— Está perto — murmuro.

O canto dos meus lábios se contrai, só um pouco, um sorriso que não consigo evitar que se espalhe pela minha boca enquanto suas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo. Um inegável rubor rosa tinge suas bochechas bronzeadas.

Posso não ser bom com pessoas, mas sou incrível com quebra-cabeças. Não sou seu inimigo. Sou uma ameaça.

Coraline se sente atraída por mim e isso a incomoda. A incomoda tanto que posso levar o pior de seu veneno se forçar um pouco demais.

— Com licença? — Coraline desdenha, ofendida ou pelo menos tentando ficar.

— Sua postura é rígida, os braços estão cruzados – está prestes a deixar perfurações de unhas na pele se continuar apertando. — Inclino um pouco a cabeça, pegando-a soltando seus braços. — Seu corpo está me dizendo que está desconfortável. Eu perguntei por quê.

Uma garçonete passa carregando uma bandeja de champanhe borbulhante e ela pega uma taça, segurando-a cuidadosamente entre os dedos enquanto baixa o olhar, os olhos semicerrados. — Só quero

saber o que você me quer de mim. Prefiro acabar logo com isso. Não há necessidade de todas as preliminares.

Passo minha língua na frente dos meus dentes, chupando-os. Enquanto aceno, elogiando silenciosamente a saraivada de insinuações sexuais, ela fica ereta, presunçosa, como se tivesse acabado de mover seu peão em direção à minha última fileira, tentando promovê-lo a rainha para poder dar um xeque-mate.

— O que eu poderia querer de você?

— Bem. — Ela suspira, levando a taça de champanhe aos lábios e tomando um gole. — Eu lhe devo dois favores agora.

Estou prestes a lhe dizer que não foram favores. Atender o telefone e acalmá-la no corredor não é algo pelo qual preciso de reembolso. Não fiz isso na esperança de que ela desse algo em troca, mas somos interrompidos.

— Silas! — Meu nome é um grito, passos pesados se aproximam enquanto olho para Daniel Highland, diretor de marketing da empresa. — Não me disse que estaria aqui esta noite.

Agarro sua mão estendida, apertando-a com força. Daniel é o que chamo de *worm*.

Os worm são malwares autorreplicáveis que se espalham pelas redes sem a interação do usuário. Daniel é um worm. Corrompe aqueles que trabalham abaixo dele, transformando-os em miniversões pomposas de si mesmo. Quando o conselho me votar, meu primeiro ato como CEO é demiti-lo.

Ele é fisicamente inofensivo, mas é tóxico para o local de trabalho. Especialmente considerando que não gosta que eu assuma o controle ou de mim em geral. Não tenho tempo nem energia para cuidar de egos feridos no trabalho.

— Passar as coisas por você não faz parte da descrição do meu trabalho. — Meu tom é muito mais sombrio em relação a ele em comparação com a versão mais leve que acabei de ter com Coraline.

Seu sorriso é pegajoso, dentes de porcelana que parecem falsos e

grandes demais para sua boca minúscula.

— Certo, claro. Você é o chefe. Bem, quase. — Ele ri, balançando um pouco a cabeça. — Encontrei seu pai pouco antes de sair do escritório. Nem sabia que você namorava alguém. Ninguém no escritório parecia saber.

Minha mandíbula se contrai, apertando, os dedos flexionando no bolso. A arma em meu quadril, escondida pelo paletó, está praticamente cantando o nome de Daniel, uma linda bala esperando na câmara.

Foi aquela sua boca grande que contou à maior parte da empresa sobre o diagnóstico de câncer do meu pai antes mesmo que ele tivesse a chance. Daniel nos garantiu que apenas tentava aliviar um pouco o estresse dos ombros do meu velho, mas eu via através dele como se fosse vidro. Ele é o tipo de cara que gosta de tirar o orgulho de outro homem só para se sentir um *grande homem*.

— Gosto de manter minha vida amorosa privada.

— Claro. — Ele balança a cabeça, revirando os lábios. — É que, com seus problemas de saúde mental, não sei como alguém como você conseguirá lidar com um relacionamento sério. Será muito na cabeça quando assumir totalmente o controle, não é?

Mesmo que eu tivesse esquizofrenia, onde diabos ele parará?

Daniel não conheceria saúde mental nem se lhe acertasse no rosto com uma pedra. Embora tenha certeza de que ele cometerá suicídio aos cinquenta anos devido a alguma forma de depressão tardia. Não tem ideia do que alguém com esse transtorno é capaz. O que podem e não podem fazer. Para ele, é simplesmente uma história de origem de um vilão em filmes de suspense. Aos seus olhos, sou um maníaco violento e incontrolável. O que não poderia estar mais longe da verdade para quem convive com esquizofrenia.

É mais fácil, porém, para a sociedade demonizar a saúde mental do que dedicar algum tempo para realmente aprender sobre ela.

— A propósito, quem é a sortuda? Alguém de Springs? Vivi aqui

todos os meus quarenta e cinco anos. Duvido que não a conheça.

Eu sabia que ele perguntaria. Por que não perguntaria? Ele sabe que estou mentindo. No mínimo, espera que eu esteja. Qualquer coisa para ter outra chance no meu trabalho.

Simplemente não tenho uma resposta ou mesmo uma mentira pronta.

— Coraline Whittaker.

Minha cabeça vira para a direita, no momento em que sua mão suave passa pelo meu braço, segurando meu antebraço, e se inclina em meu corpo. O cheiro de lavanda flutua sob meu nariz.

Ela olha para mim, piscando os cílios escuros como se me dissesse para entrar no jogo. Essa é à sua maneira de retribuir o favor? Tentando ajudar? Coraline não tem ideia do que acabou de fazer. O que está fazendo significa para Daniel, para o meu futuro.

Poderia a mulher amaldiçoada de Ponderosa Springs ser minha graça salvadora?

— Garota de sorte. — Ela cantarola com um sorriso que não chega a tocar seus olhos enquanto volta seu olhar para Daniel. — Trabalha com o Silas?

Pequenas agulhas picam minha nuca ao ver como ela diz meu nome, lembrando-me de como disse isso na outra noite. Um sentimento que eu acreditava há muito tempo desaparecido se agita em minhas entranhas.

Desejo. Desejo de ouvi-la dizer meu nome novamente.

Suspirar. Gemer. Gritar.

Meus dentes afundam no interior da minha bochecha enquanto os olhos de Daniel se arregalam ligeiramente, só agora observando sua presença, chocado por ela existir, tenho certeza.

— De fato. — Ele limpa a garganta, afastando a surpresa, mas ainda olhando para ela de uma forma que me deixa desconfortável. — Acabei de ver sua mãe, Regina, antes de ela partir. Não mencionou

nada sobre você ter um namorado.

Suas unhas afiadas se enterram no tecido da minha jaqueta enquanto dá um sorriso encantador, endireitando a coluna.

— Madraستا — corrige. — Algumas pessoas não gostam de discutir assuntos privados dos outros, mas parece que você sim? Um pouco fofoqueiro, não é?

O sorriso presunçoso de Daniel parece desaparecer, seus olhos se contraindo e sua masculinidade murchando com a maneira como Coraline olha para ele com desprezo, embora seja vários centímetros mais baixa, mesmo de salto alto.

Este mundo a ensinou a usar a sua riqueza e depois a puniu por isso, mas isto não tira o quanto ela a possui, como um escudo.

— Huh — ele cantarola, franzindo as sobrancelhas. — Regina sempre pareceu o tipo de mulher que é rápida em compartilhar notícias emocionantes. A sua enteada ficar noiva me parece muito emocionante.

Aí está.

Isso acabará mal *pra* caralho.

Minha pequena mentira sobre ter uma namorada me levou a dizer ao meu pai que planejava propor casamento. Entrei em pânico – ele estava me interrogando, exigindo conhecer uma garota imaginária. Disse a ele o que precisava ouvir para que não precisasse se preocupar. Eu seria capaz de resolver, e ele poderia continuar a se concentrar na pequena possibilidade de melhorar.

Assumi a Hawthorne Tech para aliviar o estresse, não para dar mais a ele. Não falharei com ele, não depois de tudo que ele fez por mim. Não posso. Por isso, se isso significa mentir? Mentirei.

Não há nada que eu não faça pelas pessoas que amo.

— Noivado rápido, presumo? Ótimo momento para você, Hawthorne. Pouco antes de o conselho decidir não declará-lo CEO por causa de seu estado civil.

A ideia de atirar na cara desse cara atingiu o ponto mais alto, mas ele é a menor das minhas preocupações.

Tenho uma mulher em meu braço fazendo o papel de noiva falsa para o qual não se inscreveu, cravando as unhas em meu braço, pronta para fugir para a saída mais próxima. O pânico faz seus dedos tremerem, e sei que ela está começando a sentir as paredes desta sala se fechando ao seu redor.

Com cuidado, não querendo assustá-la mais, tiro meu braço do dela e enrolo-o em volta de sua cintura para poder colocá-la com segurança ao meu lado. É fácil, como se fizesse isso um milhão de vezes antes.

Minha mão grande se espalha por todo o seu quadril, o calor do seu corpo se espalhando ao meu lado. Ela arfa um pouco, um barulho baixo no fundo da garganta. Demoro um pouco, talvez porque esse seja o único momento em que posso chegar tão perto sem ser mordido.

Ela vira a cabeça para olhar para mim, olhos castanhos profundos brilhando com as luzes. Há uma suavidade nela quando sua guarda está baixa, e é tão impressionante quanto suas arestas.

Gentilmente, coloco uma mecha de cabelo logo atrás de sua orelha antes de acariciar sua bochecha com os nós dos dedos. Mãos que cometeram atos perversos não deveriam poder tocar em coisas tão delicadas.

— Quando se sabe, sabe-se — digo calmamente, a mentira escorregando da minha língua como água.

Ela está hiperfocada no meu rosto e me recuso a interromper o contato visual, mesmo quando Daniel faz outro comentário chato.

— Ainda não tem anel?

Balanço a cabeça, pegando uma mecha de seu cabelo branco, esfregando-a entre os dedos, ainda olhando para ela enquanto respondo. — Esperando para escolher um juntos.

Meus olhos dizem a ela para continuar olhando para mim, para

não desviar o olhar. Apenas continue olhando para mim. Daniel não existe e ela está bem.

Há essa necessidade em mim de lhe dizer que ela está segura comigo. Por alguma razão, sei que não deixarei nada de ruim afetá-la. Não quando estou por perto. Provavelmente é por causa do seu trauma, dessa conexão entre nós.

— Bem. — Daniel limpa a garganta. — Carolina, foi um prazer conhecê-la. Tenho certeza que te verei na arrecadação de fundos da empresa?

— Coraline. — Viro minha cabeça, olhando feio, dizendo o seu nome mais como um rosnado. — Estaremos lá.

Quando meu colega de demolição vai embora, sinto-a se afastando de mim, escapando do meu alcance e, exatamente como esperava, ela se move em direção à saída. Fugindo como fez em Vervain. Fugindo de mim, sem saber que a perseguição é uma das minhas partes favoritas.

Sigo atrás dela, andando mais devagar, de modo que, quando saio do estúdio, ela está com um cigarro entre os lábios manchados de vermelho, procurando o que presumo ser um isqueiro.

Enfiando a mão no bolso da jaqueta, tiro um maço de fósforos. Eu os seguro entre os dedos, oferecendo-os como uma forma de tentar fazer a paz antes que a guerra realmente comece.

Ela os pega de mim, acende um e o cigarro. Suas costas estão apoiadas na parede de tijolos do lado de fora, a cabeça inclinada para o céu enquanto inala uma lufada de fumaça antes de liberá-la na noite.

— Fez isso de propósito? — Ela pergunta, tomando outro golpe. — Tramou-me uma cilada para que pudesse ganhar dinheiro com um de seus malditos favores?

A dureza de antes voltou dez vezes maior. Sinto minha mandíbula apertar, com raiva sem motivo, com raiva por ela ter pensado que eu a usaria, mas não me conhece. O que mais ela deveria esperar?

— O que te faz pensar que eu não tenho noiva?

Coraline vira a cabeça para olhar para mim, segurando o cigarro entre dois dedos. O ar parece tenso, carregado de uma tensão inegável. O peso da sua raiva recai sobre mim, as inclinações e curvas elegantes do seu rosto iluminado pelos postes de iluminação, a pele da sua perna exposta ao ar da noite.

— Se meu futuro marido me segurasse como fez em Vervain, eu o mataria. Este lugar conta histórias. Histórias do mal que fez e das características perversas que carrega, Silas Hawthorne. — Suas palavras captam o vento noturno, flutuando como gavinhas de fumaça. — Desleal não é um deles.

Há uma necessidade de ser transparente com ela, de deixá-la saber que não sou o que dizem que sou. Uma vontade de falar e ser honesto, porque acho...

Acho que Coraline sabe o que é ver o mundo fazer suposições sobre quem é antes que tenha tempo de descobrir por si mesmo.

Ponderosa Springs adora uma história. Quanto mais assustadora, melhor. Disseram-lhe que era uma vítima, que sempre seria uma vítima. Uma mulher amaldiçoada que tinha o hábito de se envolver em relacionamentos tóxicos, como se consentisse em ser sequestrada. Disseram-me que tinha esquizofrenia, que tinha que ter esquizofrenia para encobrir um crime que uma vez presenciei quando era criança. Um homem cujo silêncio falava de sua doença mental e não de seu medo de nunca ser acreditado.

Estamos aqui como duas pessoas que recebem narrativas que não queríamos, tentando extrair alguma verdade das palavras que outra pessoa escreveu.

— Meu pai tem câncer — digo a ela honestamente, porque pela primeira vez em muito tempo? Sinto que posso. — Tenho que ser casado para assumir uma empresa com meu sobrenome. Se não casado, a perdemos.

Coraline assente, jogando as cinzas no chão.

— Então é algo relacionado a dinheiro — ela cantarola, fazendo suposições que não deveria.

— É relacionado à família.

Uma zombaria ecoa em seus lábios, pouco antes de ela dar outra tragada, falando em torno da fumaça. — Como é ter a última família decente nesta cidade de merda?

— Sei que não fazia ideia do que acabou de se meter, Coraline. Este acordo, contudo, beneficiaria a nós dois. Com a fuga de Stephen, poderia ajudar...

— Não preciso que me proteja dele. — Ela se afasta da parede, um fogo queimando dentro dela com a menção do nome dele. — Não preciso de ninguém para me proteger dele.

— Não é proteção que posso oferecer a você, Hex.

O apelido escapa antes que eu possa pegá-lo.

— Sim? Como o quê? Dinheiro? — Ela balança a cabeça, um sorriso sombrio nos lábios. — Estou farta do meu sobrenome, obrigada, figurão.

Passo a palma da mão na frente da boca. Caramba, ela é teimosa *pra caralho*. Tão segura de si antes de corrigi-la.

— Vingança — digo rapidamente. — Posso lhe oferecer uma chance de vingança.

E proteção, mas não lhe contarei essa parte. Ela precisa sentir que é quem está no controle. Não me importo de lhe dar isso, por enquanto.

Ela mantém a boca fechada por alguns minutos, como se estivesse debatendo as próximas palavras, avaliando suas opções antes de jogar o cigarro na rua. Observo-a enfiar a mão na bolsa e pegar um tubo de batom e um espelho compacto.

Coraline demora um pouco, traçando as linhas de sua boca. A curva suave dos lábios parece convidar ao toque do aplicador. Há uma intimidade em simplesmente observar. Com cuidado, esfrega os lábios

antes de passar o dedo mindinho pelo canto da boca para tirar o excesso.

— Não preciso disso.

O pequeno espelho estala em sua palma quando o fecha, fazendo-me piscar ao ver o traço de seus lábios.

— Precisar de vingança significa que eu ainda me importo. Não tenho mais o que falar sobre Stephen Sinclair.

Fico na calçada perfeitamente imóvel enquanto seus saltos batem a cada passo que ela dá em minha direção. Acho que não conseguiria me mover se quisesse, não com a maneira como as sombras refletem em sua pele e com o olhar determinado em seus olhos.

Há algo sobre esta mulher. Algo que não consigo compreender, mas quero agarrar com ambas as mãos e apertar até que seu corpo queime com as marcas vermelhas que minhas mãos deixam.

— Sinto muito pelo seu pai, Silas.

Suas pequenas palmas percorrem as bordas da minha jaqueta, tirando fiapos inexistentes dos meus ombros. O movimento é falso, mas seus olhos brilham de sinceridade.

— Mas não. — Ela me dá um sorriso desdentado, rápido, delicado. Negando-me com graça.

— Não quer se apegar a alguém como eu. Esta sou eu retribuindo outro favor. Se você acredita em alguma coisa que esta cidade lhe diz? Acredite que sou amaldiçoada.

TARDE DA NOITE

Coraline

Minhas mãos tremem quando pressiono o botão liga/desliga na lateral do meu telefone, observando a tela ficar preta como breu. As mensagens de texto não respondidas desaparecem enquanto calmamente deixo o iPhone no lixo ao meu lado, ouvindo-o bater no fundo da lata de metal.

Ambas as mãos agarram a pia, a cabeça caída entre os ombros enquanto respiro.

Está com saudades de mim?

Esqueceu como é meu amor?

Usou minha cor favorita hoje.

Você se lembra do que acontece quando me ignora, garota Circe?

Mesmo trancada dentro do banheiro do restaurante com quatro cantos que posso ver, ainda quero verificar por cima do ombro.

Balanço a cabeça, cerrando os dentes enquanto sinto uma lágrima escorrer dos meus olhos.

As noites são longas.

Não me lembro da última vez que tive uma noite inteira de sono, mas agora as horas passam tão devagar. Meus olhos não fecham e passo o tempo sentada na sala, olhando para a porta da frente com uma pequena arma no colo, esperando.

Os textos nunca foram uma brincadeira. Não é uma brincadeira.

Era ele.

Estou esperando por esse momento desde que saí do porão. Nada parece diferente, talvez exceto o fato de não me sentir mais louca, sabendo que aquela reviravolta em meu estômago estava certa. Eu sabia que ele voltaria por mim.

Stephen Sinclair estar livre não muda nada para mim.

Atrás das grades, ele me manteve prisioneira e fará o mesmo agora.

Estou pronta para ele, e quando aparecer, porque sei que aparecerá, colocarei uma bala na sua cabeça.

Contei a verdade a Silas há duas noites. Não quero vingança. Não quero matá-lo como vingança. Não há nenhum desejo em mim de deixá-lo passar fome por meses, alimentá-lo apenas com carne crua por uma semana como punição por não dizer as coisas certas. Não preciso quebrar o tornozelo direito ou deslocar um dos ombros para me sentir justificada.

Eu o quero morto. Inexistente neste planeta podre. Fora da minha vida. Fora da porra da minha cabeça.

Não tenho medo dele. Estou cansada dos jogos.

Solto um suspiro, me olhando no espelho do banheiro. Rapidamente, retoco o corretivo abaixo dos olhos, cobrindo as bolsas roxas ali. Dando uma pequena sacudida no meu corpo, pratico um sorriso algumas vezes.

Quando estou convencida de que parece verossímil, saio e sou saudada pelo cheiro de óleo de fritura. A agitação da conversa fica mais alta à medida que me aproximo da sala de jantar principal.

O Tillie's Diner é um centro em Ponderosa Springs, um dos únicos estabelecimentos que não recebeu um upgrade desde os anos setenta e parece que caberia melhor em uma pequena cidade caipira do que aqui.

São jovens estudantes do ensino médio e universitários que frequentam, mas o que esperam? É o único lugar aberto vinte e quatro horas. Onde mais os drogados e os insones conseguirão comida?

Esta noite, Lilac e eu não somos nenhum dos dois.

Volto para nossa mesa de canto ao lado da grande janela. A escuridão dos pinheiros se estende por quilômetros logo além do estacionamento de cascalho iluminado por neon.

Lilac está sorrindo enquanto dá outra mordida em seu cheeseburger com pimenta, os restos de sua comida escorrendo por seus antebraços, e isso faz um sorriso genuíno aparecer em meus lábios enquanto pego uma batata frita.

— Não acredito que é vegetariana — ela resmunga com a boca cheia de parada cardíaca. — Parece ilegal.

— Vai vomitar isso em todos os lugares em cinco horas — digo.

Ela tem treino às oito da manhã. Se eu fosse mãe, teria lhe dito para voltar a dormir quando entrou na minha sala de pijama e tênis, pedindo para buscar comida. No entanto, não sou a sua mãe. Sou a irmã dela.

Seu rabo de cavalo alto penteado para trás balança enquanto ela balança a cabeça, dando outra mordida para provar seu ponto de vista. Lilac é uma tenista incrível. Provavelmente a melhor que Ponderosa High já viu, e não é porque seja um dom natural. Ela é disciplinada além da medida, focada e determinada a ser a melhor.

É uma característica que herdamos do nosso pai. No entanto, ela é capaz de equilibrar seu desejo de sucesso e amor pela vida muito melhor do que eu ou nosso pai.

Nas ocasiões em que ela deseja hambúrgueres, eu atendo. Embora sejam três da manhã e odeie o Tillie's. Ela merece breves momentos de felicidade como esses.

— Seu *backhand*¹³ parecia bom ontem.

— Obrigada. — Ela sorri, engolindo a comida. — O técnico diz que se eu mantiver esse ritmo, voltarei as nacionais.

A escola acabou, mas o seu treinamento não. Abril é o início do período de entressafra e ela tem todo o verão para trabalhar antes que

os jogos recomeçam. A rotina que segue fora da temporada é rígida, mas ela gosta.

Eu me certifico de estar lá para buscá-la e alimentá-la. Às vezes a levo de volta para a mansão de vidro onde seus pais moram, mas na maior parte do tempo ela está comigo, morando confortavelmente no meu quarto de hóspedes. Regina e James só a querem em casa quando há companhia, de qualquer maneira.

— Claro que vai. Você é a melhor tenista que conheço.

Ela revira os olhos, abaixando seu hambúrguer e enxugando as mãos para poder pegar o telefone, cheio de um milhão de notificações. O que é ser adolescente e ter tantas pessoas com quem conversar?

Você cresce e deseja apenas silêncio? Ou nos distanciamos das pessoas por causa da sobrevivência?

— Sou a única tenista que conhece, Cora.

Lilac sorri para a tela, mordendo o lábio inferior antes de seus dedos voarem pelas teclas. Determinada a responder o mais rápido possível, ao que parece. Há apenas uma razão para olhar para um telefone assim, e não são memes de gatos.

— Quem é o garoto? — Questiono, levantando uma sobrancelha de brincadeira.

Um sorriso malicioso se espalha por seus lábios. — Garota.

Pego outra batata frita, mergulhando-a em um copo de milkshake de baunilha na minha frente.

— Oh? Pensei que ter desistido das garotas depois do que aconteceu com Brit?

Ela me acena. — Isso foi há três meses. Superei. De qualquer forma, não éramos exclusivas.

Eu rio de como essa resposta é *ela*.

Como Lilac sabia falar, era ela mesma, despreocupada com os limites e regras que o mundo lhe dava. Quando tento me lembrar de coisas antes de ser sequestrada, as únicas coisas que tenho em mente

são dela.

Ela deu os primeiros passos aos dez meses porque se recusava a engatinhar. Eu tinha acabado de completar seis anos e ela deu cinco passos à frente antes de cair em meus braços esguios. Nós duas acabamos no chão.

Eu a ajudei a arrancar o primeiro dente quando tinha cinco anos. Tinha visto o truque do barbante e da maçaneta na internet. Quando tentei bater à porta para arrancá-lo, ela gritou, exigindo fazer isso sozinha. Regina estava zangada com o sangue no chão. Nós rimos disso debaixo das cobertas naquela noite.

Até os dezoito anos, fiz o meu cabelo para todas as ocasiões. Cobri os joelhos com band-aid quando pensou que queria ser skatista profissional. Ensinei-a a se maquiar e a navegar na arte dos períodos menstruais. Segurei a sua mão em todos os pesadelos, afugentei o monstro debaixo da cama e passei horas deixando-a atirar bolas de tênis em mim como um alvo humano.

Certa vez, um repórter me perguntou em um café o que mais senti falta nesses dois anos em que estive fora. Joguei meu café gelado na cara dele e, mais tarde, quando me acalmei, pensei na minha resposta.

De Lilac.

Perdi dois anos da sua vida, e cada momento que passava me matava. Durante meses naquele porão, chorei. Com medo de que ela pensasse que eu a deixei de boa vontade. Que a abandonei sem um adeus. Era só ela que eu queria ver quando chegasse ao hospital.

Perdi dois anos e jurei que nunca perderia nem mais um segundo.

— Vai me contar sobre ela ou terei que bisbilhotar?

Ela fica em silêncio por apenas um momento antes de explodir com informações. Nunca é difícil fazê-la falar sobre si mesma - seu signo do zodíaco é Leão, e ela nunca me deixa esquecer disso.

— Ela é tão linda, Cora. Oh! E joga futebol. Nossas conversas duram horas e são muito mais significativas do que qualquer uma das

que tive com pessoas de Ponderosa Springs. Ela é apenas... profunda. Enviamos mensagens sobre coisas que importam — ela fala, e apenas sorrio, ouvindo-a falar.

— Ela tem um nome?

— Reece. — Seu rosto fica rosa quando diz isso.

Eu a deixei tagarelar sobre sua paixão, ouvindo-a ler as conversas entre as duas e dar meu aceno de aprovação quando me mostra selfies da garota. Escuto, deixo-a ser uma adolescente e me deleito com sua capacidade de sentir essas coisas. Para ter esperança, para saber que ela tem toda a vida pela frente e, faça o que fizer com isso, estarei lá para apoiá-la.

— Reece está praticando sexo seguro?

— Oh meu maldito Deus. — Uma mistura de gemido e guincho ecoa em nossa mesa enquanto ela bate as mãos na frente dos olhos. — Nem saímos ainda, nos conhecemos no bate-papo do distrito escolar. Sexo ainda não surgiu, Cora!

— Não estou envergonhando você. Só perguntando. Não ensinam sexo seguro para *pansexuais*¹⁴ no ensino médio. Ainda pode pegar herpes de...

— Não termine isso. Jogarei esse hambúrguer em você.

Reviro os olhos. — Tão dramática.

A campainha toca e a porta de vidro da frente se abre. Outro cliente noturno entra, mas quando olho por causa da minha natureza humana, amaldiçoo silenciosamente o universo.

O grupo chama a atenção como uma nuvem de escuridão. Uma pausa silenciosa cobre o restaurante. Até mesmo o som do clique do metal vindo dos cozinheiros nos fundos para.

É o efeito Hollow Boys.

Uma piada que meu grupo de amigos fazia quando entrava em uma sala. Quando carrega o peso de seus sobrenomes e reputações, não há como passar despercebido.

Seja por respeito ou medo, as pessoas param, olham e abaixam a voz quando chegam, não importa onde vão ou apareçam. Seus olhos examinam o interior retrô da lanchonete, olhando finalmente para uma mesa vazia não muito longe da nossa.

O tempo passado longe de Ponderosa Springs não diminuiu sua influência. Cresceu ao longo dos anos. São tudo o que os idiotas de prestígio de Ponderosa Springs têm pavor.

Quando adolescentes, eram uma anarquia, um incêndio violento que precisava ser apagado, mas não podia ser contido a tempo. Agora que são adultos com acesso total ao dinheiro e ao poder que o seu legado oferece, não há esperança de libertação. Usarão seu poder para retaliar contra o sistema que os transformou em monstros no segundo em que forem tentados.

São os ricos devorando os ricos.

Todo mundo sabe a verdade. Os Hollow Boys sempre tiveram dentes mais afiados.

— Acha que eles trançam o cabelo um do outro? — Lilac sussurra do outro lado da mesa, olhando por cima do ombro para eles por uma fração de segundo antes de se virar. Ousada o suficiente para fazer uma piada, mas não corajosa o suficiente para deixá-los ouvir.

Dou uma risada no fundo da garganta enquanto caminham pelo corredor.

Alistair Caldwell lidera a fila, como sempre; não sabe nada além de primeiro. Cabelo escuro. Olhos escuros. Maldito coração escuro. Se alguma vez teve um problema, era famoso por resolvê-lo com os punhos. Era estranho para alguém que odiava esta cidade tanto quanto ele possuir tanto dela.

Seguindo atrás dele, mexendo em sua jaqueta de couro até Alistair encolher os ombros, Rook Van Doren. Ele irradia rebelião com um único fósforo entre os dentes, combinado com um sorriso infantil. O branco de seus olhos está manchado de vermelho por causa da maconha. Tenho certeza de que a sua larica é a razão de estarem aqui

tão tarde. Eu me pergunto quando desistirá, antes ou depois de seguir os homens de sua família e se tornar juiz.

— Como se Thatcher Pierson fosse deixar alguém tocá-lo — digo, fazendo-a rir em seu milkshake.

Thatcher não anda; desliza, flutuando em seu enorme ego. Sua história é a história assustadora favorita de todos, sendo não apenas um legado da família fundadora, mas também o filho do único assassino em série de Ponderosa Springs. Ele mostra medo em sua pele pálida quase tão bem quanto em seu terno recém-passado.

A risada de Lilac chama a atenção do último integrante do grupo. Como se eu precisasse de outro encontro com Silas Hawthorne. O mistério silencioso que se apegava à sua pessoa como uma sombra se projeta sobre a nossa mesa enquanto ele desliza para a mesa ao lado de Rook.

Sou humana, tenho olhos e não me culpo por ter olhado para ele.

Ele parece grande demais para caber na cabine, flexionando os bíceps enquanto passa o braço na parte de trás da cabine. Músculos ameaçam rasgar em pedaços os fios de sua camiseta cinza justa. Tatuagens das pontas dos dedos longos até a garganta adornam sua pele morena clara. Vários desenhos que, como artista, estou muito longe para realmente apreciar. Seu cabelo, que normalmente é raspado rente ao crânio, está coberto por um gorro preto.

Tranquilo, calmo, firme, com esta confiança inabalável. A sua presença é uma exigência sem palavras, uma ordem sem voz. Ele é uma força imparável, inalterada desde o ensino médio.

Eu conhecia Silas antes de tudo isso: a ligação, Vervain, a gala de arte. Todo mundo conhece. Sua aparência, sua reputação, a história que Ponderosa Springs construiu para ele. O filho mais velho da família Hawthorne com olhar inflexível, comportamento intimidador e diagnóstico de esquizofrenia.

Meus olhos traçam seu rosto.

Artistas que pintam rostos ou esculpem corpos estão sempre em

busca do equilíbrio perfeito de simetria. Porções de excelência, sem falhas. Silas, sem saber, é provavelmente a maior referência mundial para esse exato dilema.

É impressionante como tudo está equilibrado. Maças do rosto nítidas e bem definidas, criando sombras sutis que brincam em seu rosto, acentuando seu queixo forte e atualmente tenso. Uma beleza robusta e endurecida que torna impossível não notá-lo em uma sala.

As pessoa o chamavam de Schizo que era injusto e sem originalidade, mas se esta cidade precisa de alguma coisa, são rótulos. Acho que, mesmo naquela época, me lembrei de ter recebido um nome que nunca se encaixava na minha narrativa.

Passamos anos nas mesmas escolas, basicamente toda a nossa infância, e posso contar nos dedos de uma mão o número de vezes que passei por ele nos corredores ou esbarrei com ele. Corremos em círculos diferentes, e mesmo em tenra idade, quando encontra um grupo de pessoas? Fica lá, nunca ousando sair dessa. Ao que parece, o universo está recuperando o tempo perdido, jogando-nos de volta no espaço um do outro.

— Ohh... — Lilac cantarola, um sorriso conhecedor em seu rosto.
— Qual deles está fodendo com os olhos?

Olho para ela, franzindo as sobrancelhas. — Do que diabos está falando?

— Não parou de olhar para a mesa desde que eles se sentaram, então fale. De qual deles gosta?

Tenho que manter meus olhos fisicamente nos dela para que não voltem para Silas. Mordendo o interior da minha bochecha, balanço a cabeça.

— Termine sua comida para que possamos voltar para casa. Você tem que acordar em quatro horas.

Lilac bufa, mas escuta, devorando silenciosamente seu cheeseburger com uma mão enquanto distraidamente folheia seu telefone com a outra. Tento ignorar a tensão da minha mesa para a

dele.

O que está sendo difícil, considerando que nossa última conversa girou em torno de eu ser sua falsa esposa depois de tentar lhe fazer um simples favor de bancar a namorada. Isso é o que ganho por tentar ser legal. Eu me ferro e acabo me metendo muito mais fundo do que planejei.

Eu me senti uma merda deixando-o lidar com as consequências disso. Espero que possa inventar uma mentira sobre eu tê-lo traído ou deixado, algo verossímil. Não me importo com o que ele diz sobre mim, contanto que não esteja ligada a ele romanticamente. Mesmo que seja falso.

Sou a última coisa que ele precisa adicionar ao seu prato.

Olho para ele por um rápido segundo, me perguntando o que se passa em sua mente. Como ele é capaz de lidar com tudo. Quero dizer, o seu pai está morrendo e ele saiu com os amigos, a imagem de alguém despreocupado.

Pare, digo a mim mesma abruptamente. Não se envolva. Não pense no que Silas está pensando ou como está. Fique longe.

Tenho certeza que ele conseguirá encontrar alguém legal. Bonita, mais adequada para o que procura. Não será difícil - ele é bonito e tem mais dinheiro que Deus. É melhor para nós dois. Melhor para ele, para ser honesta. Os homens não podem chegar perto de mim e sair. Homens mortos não contam histórias.

Lilac solta um arroteo alto, esfregando as mãos. — Pronta para ir?

Concordo com a cabeça, pegando minha bolsa e a colocando no ombro enquanto deslizo para fora da cabine e mantenho a cabeça para frente. Recuso-me a olhar na direção deles conforme ando em direção ao caixa na frente.

Quando enfio a mão na carteira para pegar meu cartão, a garçonete aparece atrás do balcão.

— Sua refeição foi paga. — Ela sorri, como se isso fosse uma coisa boa. Uma coisa legal.

— Isso é tão legal...

— Por quem? — Interrompo minha irmã, apertando o dinheiro em minha mão.

Sem esperar minha reação, as sobranceiras da garçonete se juntam em confusão enquanto silenciosamente aponta para onde Silas está sentado com seus amigos, sem perceber nossa conversa.

A irritação aquece minhas veias.

Pego uma nota de vinte dólares e lhe entrego como uma gorjeta antes de virar.

— Cora, onde vai?

Minhas calças de moletom escorregam até meus quadris enquanto ando em direção à sua mesa, sem me preocupar em arrumá-las quando chego à beira da mesa. Parece que meus dentes quebrarão se eu os apertar com mais força.

Quatro pares de olhos pousam em mim.

Thud. Minha palma bate na superfície vermelha, com dinheiro embaixo dela. Ignoro o resto deles, encontrando um par de olhos castanhos muito mais escuros que os meus, escondendo segredos e intenções desconhecidas.

— Já que isso não ficou claro o suficiente na outra noite, deixe-me ser franca. — Murmuro, com o cabelo caindo sobre meus ombros enquanto empurro o dinheiro para ele.

Enfio a mão na bolsa, tiro mais algumas notas de vinte e as deixo cair na mesa.

— Não posso ser comprada e isso nos deixa empatados — digo.
— O jantar é por minha conta esta noite, rapazes.

O DINHEIRO DO PAPAI

Silas

Meus ouvidos zumbiam quando outra bala perfura o alvo à minha frente.

Não é o poder da arma que me atraiu ou o dano da bala que me mantém casado com ela.

É o cheiro.

Uma nuvem de fumaça sobe em espiral do cano, carregando um cheiro de caos controlado. É forte, produtos químicos queimados se misturando com o tom metálico da pólvora aquecida. À medida que desaparece, deixa para trás um rastro fugaz de carbono queimado, uma terrosidade, o poder bruto da arma.

O perfume é a prova de toda a beleza encontrada na violência.

Meu telefone vibra na mesa de madeira à minha frente. Uma mensagem de Rook ilumina a tela, avisando que ele está aqui. Retiro os cartuchos vazios na minha frente e enfio outro carregador na Canik preta de 9 mm, depois a enfio no cós da minha calça jeans, na altura do quadril.

Começo a limpar a mesa, desmontando os rifles de precisão que disparei no início do dia, guardando tudo na mochila preta. Seguro a Desert Eagle calibre cinquenta em minhas mãos por um momento. Um presente de Rosemary anos atrás que só uso mais para praticar tiro ao alvo. É impraticável para o uso diário.

As duas frases gravadas nas laterais do metal são o que guardei comigo. Todas as armas que possuo, mesmo aquela que está em meu quadril, diz a mesma coisa.

Non timebo mala on the left.

*Vallis tua umbra on the right.*¹⁵

As mesmas palavras estão tatuadas na parte externa da minha mão esquerda e direita, do pulso aos nós dos dedos. Rosie começou a tradição gravando-a no presente, sabendo o quanto as palavras significavam, e eu continuei.

Coloco a arma dentro da bolsa, fecho o zíper e jogo por cima do ombro, fugindo do sol escaldante além dos pinheiros.

Quando passo pela porta dos fundos da casa dos meus pais, sei que não poderei sair rapidamente porque a voz de Rook está ecoando na cozinha. Ótimo, fantástico *pra* caralho. Passará uma hora antes de sairmos pela porta.

— Vai levar dois minutos. Apenas me deixe fazer um corte em você.

Quando entro, minha mãe está puxando os fios do cabelo de Rook, ficando na ponta dos pés, inspecionando o comprimento até o couro cabeludo como se ele fosse uma criança e ela procurando piolhos.

— Estou deixando crescer, mãe — murmura, sorrindo, provavelmente a segundos de lhe dizer sim. Ele sempre teve problemas em dizer não a ela.

— Isso era muito mais fácil quando era pequeno e não conseguia dizer não.

— Isso foi antes ou depois de fazer um corte tigela nele? — Minha voz anuncia minha presença enquanto os observo da entrada.

— Não foi um corte tigela! Foi fofo. — Ela bate a mão em minha direção, me dispensando e deixando Rook sair de sua inspeção maternal. — Em que problemas vocês dois estão se metendo esta noite?

Rook sorri, esfregando as mãos, e eu respondo antes que ele tenha a chance de enfiar o pé na boca e causar um ataque cardíaco em

minha mãe.

— Pôquer. — Limpo minha garganta. — Com alguns amigos.

Seus olhos castanhos e calorosos enrugam suavemente nos cantos e ela balança um pouco a cabeça. Não sei se ela suspeita que estou mentindo ou não. Provavelmente contaria às pessoas que conhece quando eu estiver, mas tenho mentido para ela a maior parte da minha vida, e ela nunca percebeu, ou talvez seja porque não tinha um motivo para isso.

Zoe Hawthorne brilha com um toque suave de tempo e experiência, desaparecendo com graça em seus últimos anos. A empatia transborda de cada sorriso. Tudo nela é maternal e tive sorte de tê-la.

Todos os rapazes são, especialmente Rook.

Ele é de longe o favorito dela.

A luz da cozinha brilha em seus cabelos castanhos, com suaves mechas prateadas em suas raízes que ela se recusa a pintar. Gosta do cinza, diz que a deixa com uma aparência majestosa.

— Enquanto estiver fora, Rook, talvez possa convencer meu filho a trazer *a noiva* algum dia. Aparentemente, não somos bons o suficiente para sermos apresentados. — A sua voz é brincalhona, deixando-me saber que ela está brincando, mas no fundo, sei que toda essa situação a aborreceu.

— Em breve, mãe. Prometo.

Assim que eu escolher uma esposa.

O jantar de família desta semana foi passado me interrogando. Planos de casamento, quem era minha futura esposa, por que não lhes contei sobre isso. Felizmente, por algum ato de Deus, Daniel ainda não tinha mencionado isso ao meu pai no trabalho, mas é apenas uma questão de tempo até que isso exploda na minha cara.

Meu plano a partir de agora é simples.

Vou lhes contar a verdade sobre Coraline. Ela estava no lugar

errado, na hora errada, sem saber das minhas núpcias, e tentou ser uma boa amiga ajudando a afugentar um colega intrometido.

O que, se tudo correr bem, deverá me dar tempo suficiente para examinar uma lista de mulheres decentes e elegíveis, dispostas a ter um casamento arranjado por pelo menos dois anos. No papel, isso parece impossível. Em Ponderosa Springs?

Será fácil.

A maioria das filhas e irmãs que ficam aqui, o que, para progredir? Quer ser o melhor, e a forma de fazer isso por aqui? Dinheiro. Acontece que tenho muito disso.

No entanto, há uma mulher em particular que parece odiar a ideia de estar ligada ao meu dinheiro. O que é engraçado, considerando que é a única que eu quero. Por pura conveniência. Ela entende o que está em jogo, sabe sobre Stephen. Temos um inimigo mútuo e isso nos tornaria grandes parceiros.

— Bem, esteja seguro esta noite. Papai ficará chateado por sentir sua falta, mas não quero acordá-lo. — Ela puxa Rook para um abraço apertado que ele retribui, beijando-o suavemente na bochecha. — Obrigada pelas minhas flores, querido menino. Cuide do meu bebê.

— Sempre, mãe — Rook murmura, deixando-a apertar um pouco mais forte do que o normal antes de se afastar.

Quando ela caminha em minha direção para me dar o mesmo amor, olho para ela.

— Sou um adulto, sabe?

— E? Sempre será meu bebê. Dê-me um abraço antes de sair.

Abaixo-me, enrolando meus braços em volta de sua cintura, me curvando para que ela possa passar os braços em volta do meu pescoço. Ela sempre cheirou a baunilha desde que eu era criança. Agora, não importa onde eu esteja, a baunilha me lembra de casa.

— Da próxima vez que entrar nesta casa, é melhor ter aquela garota em seu braço, ou levarei isso para o lado pessoal.

Pressiono meus lábios na lateral de sua cabeça. — Sim, senhora.

Odeio isso. Sempre odiei. A sensação no meu estômago que leva ao silêncio. Como me sinto um merda por dentro, sabendo que minto para minha família. Saber que é tudo que faço.

Minha saúde mental, esse noivado, Stephen.

Acho que nenhum deles realmente me conhece. Na verdade não, não o verdadeiro eu.

Ser honesto parece fácil, mas não quando todos sabem que você é uma coisa específica desde que era jovem. Não quando dizer a verdade os deixaria preocupados.

Depois de nos despedirmos, Rook e eu percorremos a distância entre a cozinha e a porta da frente. No momento em que nossos pés chegam na minha varanda, ouço o barulho de um isqueiro, seguido pelo cheiro de fumaça de cigarro.

— Escala de um a dez. Qual é a probabilidade de Easton tentar me matar esta noite?

— Onze.

* * *

Rook decidiu pelo grupo que não era necessário bater. Então nós três o seguimos pelos corredores surpreendentemente vazios da Mansão Sinclair. Às vezes tropeçamos na sorte em nossa devassidão.

Há rumores de que todas as quintas-feiras à noite, Easton Sinclair se reúne com seus amigos para jogar pôquer, seguindo os passos de seu pai ao se tornar o chefe da casa de sua família.

Como conseguiram manter o mesmo estilo de vida depois que Stephen foi para a prisão é algo que quero saber. Não tem seus bens apreendidos e depois continua vivendo no luxo.

A arma em meu quadril pressiona minha lateral, uma raiva que não é minha faz meus punhos se apertarem. Não me surpreenderia se

Easton soubesse sobre a garota mantida como refém na casa de sua infância. O tempo todo, ele a deixou apodrecer sob sua riqueza por medo do poder de seu pai.

Ele foi um covarde durante toda a nossa maldita vida; não me surpreenderia.

— Como sabe para onde ir? — Alistair pergunta por cima do meu ombro enquanto mantenho um olho nas empregadas ou em Lena Sinclair, que ainda usa sua aliança de casamento e mora no local.

— Já estive aqui antes — Rook diz em voz alta, sem se importar se alguém o ouve. Acho que ele quer ser pego, só para adicionar um pouco mais de caos ao nosso plano. — Uma vez fodi Sage dentro do salão de sinuca. Algo assim é difícil de esquecer.

Thatcher zomba de trás, segurando a língua para não dizer algo sarcástico, tenho certeza.

O ódio que instalou e fluiu entre nós e o único filho de Stephen Sinclair vai muito além de Rook ter roubado sua namorada anos atrás. Não, nossos sobrenomes são conflitantes desde antes de nascermos.

Nossa rivalidade está na fundação de Ponderosa Springs. Sangue cheio de ódio espalhado sob o solo. O Halo foi iniciado como vingança, a união dos homens Sinclair que sequestraram, espancaram e estupraram as filhas e irmãs das famílias fundadoras de Ponderosa Springs.

Caldwell.

Van Doren.

Pierson.

Hawthorne.

As mulheres do nosso legado foram um trampolim para o que se tornou a maior e vil organização que Stephen orquestrou. Onde sequestrou meninas inocentes e obteve lucro as vendendo sabe Deus para quem.

Estávamos destinados a nos odiar, e embora queira pensar que

estou acima de brigas herdadas, é difícil não continuar quando Easton Sinclair é um desgraçado de merda e tem sido desde que o conheço.

Quando chegamos ao final do corredor, Rook vira à esquerda, parando em frente a um conjunto de pesadas portas duplas de mogno. A música vaza por trás delas e, em vez de parar um segundo para refazer nosso plano, pressiona ambas as mãos tatuadas sobre elas e empurra.

Ponto final, sem cautela em todos os momentos. A sua mão está sempre no acelerador e morrerá ali.

— Impaciente *pra* caralho — Alistair resmunga enquanto as abre.

— Faz muito tempo que não nos vemos, Sinclair. — Rook grita, estendendo os braços para a sala cheia. — Tem espaço para nos dar as cartas?

Nós quatro entramos na sala de pôquer enevoadada pela névoa dos charutos. Além do véu de fumaça, quatro amigos de Easton estão caídos em suas cadeiras, mal prestando atenção em suas mãos, viciados em drogas ou álcool ou consumidos pelas mulheres que flutuam pela sala.

Easton não parece muito melhor. Provavelmente o pior que já o vi nos anos que o conheço. Seu rosto está enterrado no pescoço de uma garota com um vestido vermelho minúsculo, seu corpo, de costas para nós, empoleirado em cima da mesa de feltro verde, com fichas de pôquer espalhadas por ela. Os cordões do vestido estão soltos em seus braços enquanto ele olha por cima do ombro em nossa direção.

— Deem o fora da minha casa — ele exige, dando um tapa no quadril de sua garota, fazendo-a deslizar da mesa em direção a outro grupo de mulheres.

O lado esquerdo do rosto cicatrizou decentemente. Graças a várias cirurgias plásticas, as cicatrizes de queimaduras são brancas, passando por baixo da órbita ocular até o queixo. Pele listrada, com a lembrança da mão de Rook pressionando seu rosto na lateral do escapamento de sua moto.

— Diga, por favor — Rook provoca, sorrindo.

Provocá-lo é seu jogo favorito.

A mandíbula de Easton está tensa, tremendo de raiva com a nossa intrusão, mas essa é a única coisa familiar sobre ele. Balança a mão, agarrando o gargalo de uma garrafa de vodka. Seu cabelo loiro está despenteado, olhos avermelhados, pele pálida e doentia.

Parece que o tempo também não foi gentil com ele.

— Chupe meu pau, Van Doren. — Ele grita, pressionando a ponta da garrafa contra os lábios e engolindo um bocado de líquido antes de limpar a boca com as costas da mão. — Saia, ou a polícia pode te obrigar. Sua escolha.

— Não é meu tipo, cara. — Rook enfia as mãos mais fundo nos bolsos, balançando para frente e para trás sobre os pés. — Tenho um verdadeiro tesão por ruivas. Talvez tente um pouco de tintura de cabelo e possamos voltar a isso?

Não preciso ver para saber que ele tem um sorriso de merda no rosto, sabendo que Easton está caindo em uma pilha de cinzas enquanto ele consegue a garota. Merece tudo o que está vivendo agora pelo que a fez passar.

Nossos sobrenomes podem ter dado origem ao nosso ódio, mas Sage Donahue? Ela é a gasolina para esses dois.

Easton ri loucamente, jogando a cabeça para trás. Minhas sobrancelhas se contraem enquanto olho para Alistair, que o observa em silêncio.

— Virando-se para a bebida depois que o papai foi para a prisão? Que clichê. — Rook murmura.

Isso o deixa sóbrio, o som de vidro quebrando quando bate a garrafa na mesa. Seus passos à frente são mais coordenados do que eu esperava. Anda até ficar na cara de Rook. Meu amigo apenas sorri à medida que o homem que representa toda a dor de sua namorada levanta o punho.

— Toque-o. — O clique da segurança da minha arma ressoa no ar, a ponta do cano batendo em Easton em sua têmpora — Facilite as coisas para mim.

Eu o observo tensionar. Todo mundo é durão até que haja uma arma envolvida.

O silêncio ecoa na sala. Todos ficaram perfeitamente imóveis.

— Saiam da porra da sala — Alistair vocifera para os espectadores inocentes que ainda estão lá dentro.

Ouçõ o arrastar de pés, sussurros abafados enquanto correm para fora da sala, ao mesmo tempo que seguro a arma no crânio de Easton, observando seus olhos vidrados à medida que continua olhando para Rook.

Obviamente, o envolvimento de Easton no Halo não foi suficiente para fazê-lo ser preso junto com seu pai e os outros envolvidos, mas sabemos que ele é o próximo na fila para assumir. O que significa que qualquer informação que ele tenha, nós queremos.

— Vai mandar seus cachorros atrás de mim? Devo esperar que Alistair comece a bater em qualquer besteira que quiser de mim? — Easton vocifera, virando a cabeça para me olhar.

Meu dedo roça o gatilho. Basta um pouco de pressão e ele morre.

— Estou velho demais para brincar com você — responde Alistair, agarrando seu ombro e o empurrando para uma cadeira vazia. — Tornará isso mais fácil. Fazemos uma pergunta e você responde.

Pressiono a coronha da arma em sua testa, aplicando pressão para dar ênfase.

— Onde ele está? — Thatcher fala pela primeira vez desde que chegamos aqui.

— Seja mais específico — sorri. — Ele quem?

Alistair agarra um punhado de seu cabelo, jogando a cabeça para trás, olhando para ele, a pele doentia e suada destacada pelas luzes do

teto.

— Eu disse que estou velho demais, não que não farei. Ser espertinho só piora as coisas. Onde está seu pai?

Easton sorri enquanto passa a língua pelo lábio inferior seco. — Isso não tem preço, porra.

Balanço meu braço em direção à parede, apertando o gatilho, sentindo a batida do martelo no metal percorrer meu braço enquanto uma bala se aloja na parede. Lascas de madeira se filtram pelo ar.

— Será sangrento se você não falar.

Sua mandíbula se contrai, os dentes rangendo enquanto move os olhos para mim.

— Ele não entrou em contato comigo. Descobri que havia saído pelo noticiário como todo mundo. A última vez que conversamos? Estava sendo preso.

— Besteira de merda. Seu único filho não teve notícias dele em dois anos? Tente novamente, Easton.

— Eu queria sair. — Ele balança a cabeça. — Quando soube que Sage não te deixaria, disse a ele que queria sair.

— Cuidado com a porra da sua boca...

— O quanto me odeia nunca — Easton interrompe Rook, sacudindo a cabeça do aperto de Alistair — *nunca* tirará o que ela significa para mim, Van Doren. Supere isso ou me mate.

Não sei tudo sobre o que aconteceu entre os três. Não o trauma que Sage experimentou nas mãos de Easton, um garoto que conheceu durante toda a sua vida. O que eu sei? Ela era um peão em um negócio do qual nunca quis fazer parte. O seu jovem relacionamento rapidamente se tornou uma troca com a qual ela não consentiu. Uma forma de o seu pai pagar as dívidas, e ela era o dinheiro.

Apesar de tudo isso, uma coisa tenho certeza? Easton Sinclair não ama Sage. Talvez em sua mente, com sua visão distorcida do amor, seja real para ele. Ou talvez seja o poder que tinha sobre ela e a sua

vida que ele deseja.

Ele não a ama, no entanto. Não do jeito que Rook ama.

Há uma grande diferença entre os dois. Um arriscaria a garota pelo poder. O outro desistiria de tudo por ela.

Rook é meu melhor amigo, mas se isso significasse me matar ou salvar Sage? Eu estaria morto.

— Está nos dizendo que não gravou o vídeo que nos foi enviado?
— Pergunto, tentando redirecionar a conversa de volta ao assunto em questão. Eles passarão horas discutindo e isso não levará a lugar nenhum.

Ele suspira, passando a palma da mão pela boca. — Sim, gravei o vídeo em que se livrava do corpo de Godfrey. Segui você da cidade até a cabana de Lyra. Gravei, mas não tenho mais. Assim que enviei para Stephen, eu o apaguei.

O punho de Alistair corta o ar, acertando um soco sólido no queixo de Easton, fazendo sua cabeça tombar para o lado. O impacto de pele contra pele ecoa na sala, mas é apenas a risada de Easton que se segue.

— Vocês quatro são tão estúpidos. — Ele cospe sangue no chão, uma risada vibrando em seu peito. — Cabeças enfiadas tão fundo na bunda uns dos outros que nem conseguem entender o quanto quero Stephen morto. Ele estar fora não afeta apenas vocês, também fode minha vida.

— Guarde os problemas do seu pai para um terapeuta — diz Rook asperamente, com os braços cruzados na frente do peito. — Não estamos no mesmo time aqui.

— Não devo a nenhum de vocês uma explicação pelo meu envolvimento. Não fiquem aí sentados e ajam como se me conhecesse.

— Isso tudo é muito conveniente para você — Thatcher pressiona, ajustando as lapelas de sua jaqueta. — Você não sabe nada. Está no escuro. É apenas um espectador inocente.

— Eu te disse que não sei onde ele está.

— De onde vem o dinheiro, então?

O suor se acumula ao redor do colarinho de Easton quando fecha a boca, juntando os lábios. O ar ao seu redor tem um cheiro forte, ressentimento e hostilidade, como um cachorro rosnando antes de atacar, com os pelos arrepiados.

— Sou mais esperto que você, Sinclair. Não é muito difícil fazer as contas. Você e sua mãe nem piscaram desde que ele foi preso. No papel? Deveriam ter perdido tudo. No entanto... — Thatcher levanta uma sobrancelha, abrindo bem os braços. — ...aqui está você, vivendo entre os ricos como se nada tivesse acontecido.

Eu mudo a arma enquanto ele se move, recostando-se na cadeira e esfregando o queixo inchado antes de cruzar os braços na frente do peito.

— Seu pai é um idiota, mas Wayne Caldwell cuida de sua amante. — Ele olha rapidamente para Alistair, cravando uma faca familiar em seu peito. — Pagar pelo silêncio da minha mãe tem um bom preço.

O nivelamento de suas palavras nos deixa sem palavras. Meu aperto na arma aumenta, minhas sobrancelhas franzem. Quero dizer que estou surpreso, mas o pai de Alistair anda dormindo com Leah Sinclair há anos.

Há peso em suas palavras, um peso que eu gostaria que não existisse.

— Não acredita em mim? — Ele arqueia uma sobrancelha. — As declarações estão em meu escritório. O código do cofre é 6598.

— Meu pai pode colocar seu dinheiro e pau no lixo que quiser — resmunga Alistair. — Quero seguro.

— Ligue para a porra da State Farm, Caldwell.

Pressiono o metal frio da arma com força contra sua têmpora e o sinto estremecer. Eu me inclino mais perto, minha respiração em sua bochecha, o cheiro de álcool e dias de suor grudados em sua pele.

— Provas, Sinclair. Provas de que não está ajudando seu pai.

Observo seu pomo de adão; o medo de uma bala paira no ar, pressionando sua pele como um peso físico do qual nenhuma quantidade de álcool pode libertá-lo.

— Se eu te ajudar. — Sua respiração sai instável. — Então quero algo em troca..

Posso sentir o canto da minha boca começar a se contorcer, formando uma expressão rara: um sorriso malicioso. Levanto minhas sobrancelhas, zombando dele com desprezo.

— Que tal me dar a porra do seu endereço IP e eu não espalhar a porra do seu cérebro na parede?

FLOCOS DE NEVE

Coraline

O barulho de uma lata de tinta derramando no chão ecoa atrás de mim.

Um líquido acrílico pegajoso mancha a sola dos meus pés enquanto luto para encontrar as chaves, enfiando os pés no primeiro par de sapatos que vejo perto da porta da frente. Há uma vela acesa no fogão que não me preocupo em apagar.

Deixo queimar.

Dez minutos atrás, estava sozinha em casa, com música pesada tocando nos alto-falantes do meu apartamento, perdida no que seria minha nova pintura favorita.

Dez minutos atrás, estava tudo bem.

Meus pés batem nas escadas do estacionamento e destranco o carro antes mesmo de chegar ao patamar. Um homem se pressiona contra a porta que dá para a garagem, segurando-a aberta para mim com uma expressão perplexa no rosto.

Em choque, tenho certeza.

Alguém no meu estado saindo correndo de um complexo de apartamentos histórico com um aluguel mais alto do que o pagamento de uma hipoteca: ondas naturais crivadas de babados, camiseta preta justa com mais buracos do que material, sem sutiã e jeans tão folgados que estou tendo que segurá-los enquanto corro.

Este homem, talvez meu vizinho ou alguém que mora no mesmo andar, pelo menos, está dando uma olhada no cóis da minha calcinha Calvin Klein. Espero que isso o distraia o suficiente para que não

chame a polícia por testemunhar o que provavelmente pensa ser uma tentativa de roubo.

Meu peito dispara, a respiração saindo em baforadas rápidas enquanto deslizo para o banco da frente do meu carro, abrindo mão do cinto de segurança e prendendo meu novo telefone ao suporte preso na ventilação. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, escorregadias e molhadas. O zumbido do motor ganhando vida faz minhas mãos tremerem.

Rapidamente abro o tópico de mensagens de Lilac, desejando ignorar a mensagem mais recente para que possa encontrar sua localização, mas meus olhos não conseguem evitar. Derivam para a pequena bolha azul, e o medo que as palavras provocaram antes me atinge com força mais uma vez.

Lilac: fruta do dragão.

É uma fruta estúpida e boba, que Lilac odeia e vomitou uma vez quando era jovem. É estúpido, mas é a nossa palavra-código. Eu a fiz inventar uma, e ela achou que seria engraçado. Deveria ser para o caso de algo ruim acontecer enquanto estávamos separadas, para me avisar que ela precisava de ajuda, que estava com problemas.

É imprudente e selvagem, às vezes acha que as regras do mundo não se aplicam a ela, mas... ela não usaria isso como uma piada. Lilac sabe melhor, sabe que só deve ser usado quando sua vida estiver em perigo. Eu a ensinei melhor.

Emoções desagradáveis e vis destroem meu interior. Medo, culpa, vergonha.

Eu a ensinei a se defender. Como usar o spray de pimenta no chaveiro e o Taser embaixo do assento. Ensinei-a a fugir dos problemas, a correr. Todas as coisas que gostaria que alguém tivesse me mostrado, e o medo está me dizendo que não será suficiente.

Eu não fiz o suficiente para protegê-la. Meus dentes rangem, permitindo que a adrenalina que corre em minhas veias entorpeça todo o resto. Meu pé pisa no acelerador, saindo da garagem.

— Siri. — Espero pela sua resposta robótica antes de falar novamente. — Ligue para Lilac.

A voz repete o comando antes que o temido tom de discagem ecoe dentro do carro.

Toque.

Voo através de um sinal vermelho flagrante. O som de uma buzina vem da minha esquerda enquanto acelero no trânsito, escapando de um acidente por meros segundos, tenho certeza.

Toque.

Minhas lágrimas borram o mapa na tela do meu telefone, meus dedos ficam brancos enquanto apertam o volante, virando bruscamente para a direita para evitar perder uma curva.

Toque.

Sua última localização fica a vinte minutos de mim. Vinte minutos.

Toque.

Demorou menos de cinco para eu desaparecer. Num momento, estava caminhando para casa. No próximo, inconsciente. Roubada. Drogada. Nua. Fiquei fora por dois anos em menos de cinco minutos. O que poderia acontecer com ela em vinte?

Toque.

— Olá, aqui é Lilac! Estou aqui, mas não atendo o telefone, obviamente. Se...

— Porra! — Grito, interrompendo a mensagem pré-gravada do correio de voz. — Porra. Porra. Porra!

Minhas mãos batem no volante até as palmas ficarem com um violento tom de vermelho. Estou presa atrás de outro carro, o sinal vermelho pendurado acima de nós me provocando.

Deixo cair a cabeça no volante, balançando a cabeça enquanto lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. Não são lágrimas de

tristeza, mas de raiva, frustração tingida de pânico. Meu corpo está tão sobrecarregado de emoção que não tem escolha a não ser vazar. É uma coisa mórbida e horrível que estou fazendo.

Esperava que minha irmã sofresse um acidente de carro ou se machucasse durante uma caminhada. Disse a ela várias vezes para sempre ir com os amigos quando explorasse trilhas, mas agora? Espero que não tenha ouvido.

Vou considerá-la teimosa em relação à alternativa. Quero ser uma pessoa otimista, que acredita em acidentes, mas no fundo, sei que ela está em apuros e ele está envolvido.

Stephen sempre teve pouca paciência comigo, especialmente quando me recuso a falar com ele. Nos primeiros meses no porão, recusei-me a abrir a boca. Nem uma palavra para ele.

Isso foi até ele deslocar meu ombro.

Durante horas seguidas, ele me enforcava. Correntes pesadas foram presas ao teto de concreto e prenderam meu pulso. Ficava ali, pairando logo acima do chão, meus dedos dos pés roçando o chão, me provocando, me deixando saber que o alívio estava a poucos centímetros de mim e tudo que eu tinha que fazer era conversar.

Ele me manteve lá com um ombro deslocado por dois dias, até que aprendi a falar uma vez conversado.

Isso é o que ganho por ignorar suas mensagens.

Achei que ele viria direto para mim, mas fui estúpida em pensar isso. Nunca é tão fácil com ele.

Stephen me quer destroçada. Veja, ele quer que eu *precise* dele. Ele destruirá tudo, me matará de fome e me torturará até que a única luz que vejo seja a que ele dá.

Não pode haver nada além dele para mim.

Por isso, embora queira ser otimista, ser a garota que espera o melhor, sei que ele fez algo com ela porque sabe que Lilac é a única coisa que me importa.

Alguém buzina atrás de mim, me fazendo pular, e piso no acelerador e passo pelo semáforo. Tento seguir as instruções no mapa, o corpo tremendo enquanto olho para a tela do meu telefone, observando a distância entre nós ficar cada vez menor.

Lilac não conseguirá, minha mente me diz, e sei que isso é sem dúvida verdade.

Ela não sobreviverá a Stephen.

Sempre houve depravação em meus ossos, escuridão em minha alma. Sou subproduto de um caso, nasci amaldiçoada e matei minha mãe antes mesmo que ela me conhecesse para provar isso. Essa maldade, tanto doada quanto roubada? Isso me ajudou a suportar Stephen Sinclair.

Lilac não é como eu. Ela é boa, transbordando de luz. Não vai conseguir.

— Ei, siri. Ligar...

Preciso de ajuda, certo? Ligar para quem?

A polícia local? Não farão nada – provavelmente metade deles ainda trabalha com Stephen.

Nosso pai? Nem tenho certeza se ele atenderia o telefone.

Não tenho ninguém porque me tornei uma ilha. Um dia olhei no espelho e disse que era melhor ficar sozinha. Quando se está sozinha, ninguém pode te machucar.

Este é o problema, no entanto.

Quando se está sozinha, ninguém também pode ajudá-la.

Mordo o interior da minha bochecha, sabendo que preciso me acalmar. Preciso de ajuda e só consigo pensar em uma pessoa agora.

— Ligue para Silas Hawthorne.

Minhas mãos giram o volante enquanto faço uma curva, piscando entorpecidamente ao mesmo tempo que o telefone toca. Começo a odiar tons de discagem.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior. Apesar do que aconteceu em Vervain, do meu comportamento de merda Tillie's e fora da gala de arte, preciso que ele atenda este telefonema.

Sou egoísta, tenho plena consciência de como sou indigna de sua bondade, mas ainda preciso que ele atenda. Para meu alívio, atende no segundo toque. Aquela voz calma e firme, como brasas crepitantes, ricocheteia nas janelas do meu carro, envolvendo-me no cheiro de fumaça de charuto e colônia cara.

— Coraline.

A maneira como saboreia cada sílaba do meu nome enquanto fala me faz sentir um arrepio. Ele diz isso como se soubesse que estou com problemas, como se esperasse minha ligação.

— Silas. — Solto um suspiro. — Preciso de...

Preciso de ajuda. Preciso de ajuda.

Preciso, mas não sei como pedir. Como confiar em alguém.

— Tudo o que precisa, já é seu.

Nos meus momentos mais sombrios, quando o pânico toma conta do meu peito e ameaça me consumir, foi a sua voz, a lembrança dela, que me puxou do limite uma e outra vez. E não tenho ideia do porquê.

Há algo nela, uma nota ou um zumbido, algo que acalma. Canta canções de ninar para meu coração acelerado até que volte ao ritmo normal. Apesar de tudo, não posso negar o que isso faz por mim.

Não sou nada para ele. Eu o tratei mal e, ainda assim, ele responde. Não quero nada com ele, não quero chegar perto o suficiente para possivelmente machucá-lo, mas continuo achando mais difícil ficar longe. Quero aceitar sua devota disposição em me ajudar, mas não posso. Todo mundo quer algo de você, e quero saber o ângulo dele. O que ele quer de mim? Por que me ajudar?

— Minha irmã está com problemas e não sei como explicar, mas acho que Stephen está envolvido. Não... — Engulo o nó que se forma na minha garganta. — Eu não sabia para quem mais ligar.

Essa coisa entre nós? Não pode ter nada a ver com Lilac. Não se trata de nós ou da falta *de nós*; é sobre ela. Silas e eu compartilhamos um inimigo comum. Ligar para ele também o ajuda com Stephen.

Não passa de uma transição entre nós dois. É tudo que pode ser.

— Onde está?

* * *

O sol está começando a se pôr quando entro em Black Sands Cove. É uma caminhada de cerca de um quilômetro do estacionamento de asfalto até a praia.

Meu peito dói quando vejo as vagas de estacionamento vazias, o carro de Lilac sozinho. Saio rapidamente do meu veículo, corro até a janela do motorista do BMW e encontro o seu telefone no banco do passageiro.

A partir deste lote existem três trilhas diferentes que podem levá-lo para cima e para baixo ao longo da costa, caminhadas que variam de três a dez quilômetros.

Ela poderia estar em qualquer lugar.

Mordo minha língua enquanto a fúria aquece meu interior.

Se Stephen a levou, será sua ruína.

Vou rasgá-lo em pedaços com os dentes, arrancar seus ossos um por um até que se transforme em um patético saco de carne. Não restará nada dele quando eu terminar. Não descansarei até que o seu sangue pinte minhas palmas.

Meus dedos apertam minhas chaves. Fechando o punho em volta delas, certifico-me de que uma delas está solta antes de bater com a lateral da mão no canto da janela. O choque do metal colidindo com vidro estilhaçando ecoa em meus ouvidos.

Há uma pulsação surda em meu pulso, mas ignoro enquanto destranco o carro por dentro. Quando abro a porta, tomo cuidado para

não tocar nos cubos de vidro espalhados lá dentro antes de pegar o telefone do banco do passageiro.

O alívio toma conta de mim quando a tela se acende.

Não sei o que procuro quando procuro. Estou invadindo a sua privacidade sem nenhum remorso, percorrendo as mensagens de texto recentes para ver se ela deveria encontrar alguém aqui hoje, mas não encontro nada.

Estou acessando seus aplicativos de mídia social, tentando vislumbrar qualquer coisa que possa me ajudar a descobrir onde ela pode estar ou quem é o culpado quando o barulho de uma motocicleta ressoa ao longe.

Os faróis aparecem quando a moto entra no estacionamento, seguida pelo icônico Dodge Challenger cinza ardósia 1970 de Silas. Não estou surpresa que tenha trazido seus amigos com ele, dadas as circunstâncias.

Se Stephen tem algo a ver com isso, é melhor que todos estejam aqui.

O bater das portas do carro me faz estremecer. Os quatro se movem em sincronia, sombras iminentes que deslizam em uníssono. Uma parte de mim sempre teve ciúmes deles, de seu vínculo. Como nunca estavam sozinhos, sempre em grupo.

Fiquei fascinada pela ideia de que algo mais do que o legado da família os unia tão fortemente. Não se conecta apenas a uma pessoa ao longo da história. O que fazem um pelo outro? Há traumas e segredos que os unem.

Por mais enigmáticos que sejam, só me vejo olhando para Silas. Aqueles olhos castanhos profundos falam palavras que sua boca não fala. Ao lidar com alguém como ele, alguém que não fala nem demonstra nenhuma emoção, aprende rapidamente a captar os micromovimentos.

Como agora, com as sobrancelhas abaixadas, os olhos semicerrados enquanto me olham de cima a baixo? Ele está

preocupado comigo, verificando se há lesões, certificando-se de que estou bem.

Quando ele para de olhar para minha mão, instintivamente olho para ela, olhando para a pequena poça de sangue acumulada no chão abaixo. Como se meu cérebro agora me lembrasse da minha lesão, uma pulsação surda irradia do meu pulso. Levanto a mão, olhando para o corte feio que se estende do canto do pulso até a articulação do dedo, vazando sangue.

— O que aconteceu?

— Nada — respondo secamente, esfregando o pulso na calça jeans para limpar um pouco do sangue. — Apenas um corte da janela do carro.

Não sou fraca. Não por fora.

Não mostrarei a eles o quão destruída realmente estou.

Mesmo que um deles já saiba.

Independentemente da minha indiferença em relação a ele, da minha luta interna com a minha atração e necessidade de distância, sei que Silas manterá esse segredo. Ele não lhes dirá o quão destruída e assustada estou.

Silas Hawthorne é o guardião de segredos. A força imparável e o objeto imóvel. Água silenciosa, de profundezas desconhecidas e cheias de mistérios que levará para o túmulo.

— Encontrei o telefone dela, mas não consigo encontrar nenhuma menção de onde poderia ter ido, se ela conseguiu sair deste estacionamento. Acho que deveríamos nos separar.

Rook, Alistair e Thatcher me observam, os três evocando suas avaliações sobre mim, tirando conclusões sobre o que sabem e o que veem. Olhos em mim nunca me deixaram desconfortável, apenas irritada. Posso lidar com os olhares; é o julgamento que me incomoda.

— O quê? — Digo. — O que estão olhando?

— Sem apresentações? — Rook pergunta, levantando uma

sobrancelha. — Paga pela nossa refeição na outra noite e isso te faz pensar que pode começar a dar ordens?

Eles não me entendem. Não entendem, e tudo bem. Eu também não preciso deles, mas não vim aqui para fazer amizade com eles. Não estou aqui para criar laços ou falar sobre nossas histórias tristes. Quero encontrar minha irmã.

Não liguei para eles. Liguei para Silas. Se eles têm algum problema com isso, precisam conversar com ele.

— Não estou interessada em apresentações entre nós. Não quando sabem meu nome e eu sei os seus. E agora? Isso é tudo que precisamos saber uns sobre os outros — retruco asperamente. — A temperatura está caindo. Se ela estiver em algum lugar em Black Sands Cove, não sobreviverá aos elementos durante a noite.

— Sem ofensa, mas por que deveríamos ajudá-la? — Essa pergunta vem de Thatcher, com as mãos enfiadas nas calças, me observando como se pudesse ver meu esqueleto. — A única razão pela qual estamos aqui é porque afirma que isso tem a ver com Stephen. Por que ele sairia da prisão só para ir atrás da sua irmã? Se você estiver aproveitando a situação, não gostará do resultado.

Meus molares rangem, minha mandíbula se contrai enquanto coloco o telefone de Lilac no bolso de trás. Pelo canto do olho, vejo Silas se aproximar um pouco mais de mim antes de falar.

— Ela não é a inimiga aqui. Cuidado com o maldito tom. — A voz de Silas é áspera, cortando minha pele com calor, chocando seu amigo, ao que parece pela expressão em seu rosto.

Porém, não preciso de ninguém para me defender.

Faço contato visual direto com o homem que eles chamam de morte. Aquele que dizem que corta pessoas vivas para se divertir e adormece ao som de gritos. Seus duros olhos azuis se fixam nos meus, mas me recuso a recuar, a desviar o olhar.

— Acha que tenho medo de você, Pierson? — Um sorriso cruel aparece no canto da minha boca. — Suportei uma tortura que faria

você cagar nas calças Brioni. Não se envergonhe tentando me intimidar.

Paro um momento para olhar para todos eles, e então agarro a barra da minha camisa e rasgo um longo pedaço de tecido, sentindo o tecido ceder sob meus dedos.

— Pelo menos ela conhece suas marcas — ouço-o murmurar baixinho.

— Quer Stephen morto, certo? Isso é ótimo. Eu também. — Enrolo o material preto em volta do meu pulso sangrando enquanto falo. — Precisa encontrá-lo, e sou sua melhor chance nisso. Então, ou nos ajudamos ou saia do meu caminho.

Thatcher inclina um pouco a cabeça e juro que vejo um lampejo de respeito em seu olhar. — Não me importa o quão triste seja a sua história. Estamos fazendo um favor a você por estar aqui.

Não posso deixar de zombar.

— Então sabem onde ele está se escondendo? Qual é o plano dele? — Balanço a cabeça diante da falta de noção deles. — Não há ninguém que o conheça melhor do que eu. Sei como ele se move, como pensa. Se estiver perto de mim? Está dez passos mais perto dele.

— E devemos acreditar na sua palavra sobre isso?

Dou um passo ameaçador à frente. Qual é a pior coisa que esse cara fará? Matar-me? Ele terá que fazer muito mais do que isso para me assustar.

Os Hollow Boys são brincadeira de criança comparado com o que vi.

— Deixe-o te trancar em um porão por dois anos, depois pode me fazer essa porra de pergunta novamente.

Os olhos frios de Thatcher se estreitaram, o queixo levantado enquanto ele olha para mim.

— Você é uma brincadeira de criança comparado ao que vi. Ajude ou não. — Encolho os ombros, dispensando-o com os olhos

antes de desviar o olhar. — Vou encontrar minha irmã.

A luz do dia está acabando e não tenho tempo nem paciência para discutir com Thatcher Pierson. Ele tem seus motivos para ser cauteloso comigo, tenho certeza, mas não dou a mínima.

Não liguei para ele. Liguei para Silas.

E agora, estou começando a me arrepender dessa decisão.

Deixo que decidam qual será o próximo passo sem mim, seguindo em direção ao cais de madeira que leva à praia. Existem cavernas no extremo de Black Sands Cove.

Os adolescentes vão lá fumar maconha e foder como coelhos. Lilac é inteligente. Se ela precisasse se esconder, era para onde iria. Forço meu coração a desacelerar, respirando pelo nariz e expirando pela boca.

O vento uivante do oceano gira em meus ouvidos, uma brisa salpicada de água salgada acaricia meu rosto enquanto a madeira se transforma em areia maleável. Agarro o cós da minha calça jeans, sabendo que não tenho tempo de trocá-la, mas gostaria de ter feito isso. Estou a um segundo de tirá-las e fazer essa caçada de calcinha.

O oceano agitado é turbulento, correndo e colidindo, azuis escuros e laranjas profundos espalhados pelo céu escuro. Black Sands Cove sempre teve uma beleza intocável, especialmente quando está vazia.

— Lilac! — Grito o seu nome na esperança de que seus ouvidos estejam próximos para ouvir. — Lilac!

Sou respondida apenas pelos ecos que saltam entre os pinheiros à minha esquerda. Há apenas silêncio por alguns segundos antes que seu nome seja gritado novamente das profundezas das árvores, desta vez por uma voz mais profunda, seguida por outra, depois outra.

Sinto-me mal por ser tão dura, sabendo que eles estão ajudando, mas me afasto disso.

Eles não estariam aqui se não estivessem ganhando algo com isso.

Lembre-se disso, Coraline. Tudo tem um preço.

Minha garganta dói quando grito o seu nome novamente, meu peito aperta enquanto a pouca esperança que eu tinha começa a se dissipar, deixando-me apodrecer de pânico.

Lembro-me da dor de seus golpes, de como algumas noites implorava para que ele me batesse com os punhos só para não me enforcar pelas correntes. Eu vivia com um vazio constante e persistente por comida e conexão física. Como se uma pequena criatura habitasse meu interior, arranhando, lembrando-me do que me faltava.

Ele me alimentava apenas com o mínimo necessário para me manter viva, mas dependia dele, desesperada por seu retorno, mesmo que isso significasse ser ferida no processo.

Imagino minha irmã mais nova naquele cenário em minha cabeça, incapaz de mantê-lo de fora. Seu cabelo loiro manchado de sangue e sujeira. Corpo atlético e saudável arrancado pelas mãos da fome. Meus olhos fechados, a mão segurando meu estômago enquanto a náusea balança meu corpo.

Seus gritos estão ao meu redor, estridentes, sacudindo meus tímpanos enquanto implora por sua vida. Ela gritou por mim quando ele a levou? Perguntou-se onde eu estava? Estava com raiva por eu não estar lá para protegê-la?

As mãos estão nas minhas costas, palmas grandes e quentes deslizando pela minha coluna enquanto a pessoa que as possui circula na frente do meu corpo. Os dedos deslizam ao redor dos meus quadris, sem segurar, apenas descansando na minha pele.

A brisa pega o cheiro de tabaco e carvalho. O aroma calmante da terra encharcada de neblina na floresta, tocado por algo quase feminino. É tão intenso, tão desgastante que praticamente posso ver as gotas de chuva escorrendo das agulhas dos pinheiros.

— Respire por mim, Hex. Respire — Silas murmura em um sussurro baixo, escondendo a voz do vento como se estivesse ouvindo,

esperando para contar segredos ao mar. — Vamos encontrá-la.

Ouçõ um clique, um farfalhar de tecido se movendo atrás dos meus olhos fechados, antes de sentir seus dedos puxarem minhas calças até os quadris. Mãos fortes que parecem tão poderosas, mas tão gentis comigo. Como se eu fosse frágil. Como se não fosse perigosa para alguém como ele.

— Ela é a última coisa boa que me resta. Não posso perdê-la.

— Prometo a você — ele diz enquanto seus dedos enfiam algo em cada laço, envolvendo minha cintura inteiramente. — Quando abrir os olhos, continuaremos procurando e não pensará no que aconteceu com Stephen. Você está segura.

Um cinto.

Sinto-o quando ele aperta minha cintura, o couro mantendo meu jeans levantado enquanto ele o prende no lugar. Estou confusa entre agradecida e irritada.

Durante toda a minha vida, especialmente depois do meu retorno a Ponderosa Springs, as pessoas me olharam como se fosse um quebra-cabeça, avariado e indigno de ser remontado, dando muito trabalho para elas.

No entanto, para Silas, sou como vidro.

A maneira como ele vê claramente através de mim, capaz de ver o que preciso sem que eu diga. Como se, quando me olha, pudesse ouvir cada pensamento que passa pelo meu cérebro.

— Relaxe e abra os olhos — ele incentiva, passando o polegar pela minha bochecha. — Vamos, abra os olhos para mim, Hex.

Mordo meu lábio inferior, sentindo minhas pálpebras se abrirem.

Silas Hawthorne é dono do termo *olhos mortos*. Mantêm uma quietude perturbadora, como se as janelas para seu mundo fossem desprovidas de emoção. Beleza endurecida e masculinidade pura que ele usa quase melhor do que sua camiseta preta justa.

Como ele era quando estava vivo?

— Hex — respiro. — Por que me chama...

— *Coraline!*

Meu corpo estremece, eletrificado pelo som da voz de Lilac gritando por mim. Viro a cabeça na direção de onde veio, afastando-me do toque de Silas e indo em direção à voz da minha irmã.

— Lilac, estou aqui! Onde está? — Grito acima do vento uivante, os olhos procurando freneticamente a linha das árvores.

Acho que minha mente está me pregando peças, que foi apenas minha imaginação, mas a vejo sair das árvores, firmando o equilíbrio no mato alto enquanto vira a cabeça para me procurar. Quando ela me encontra, o mundo parece desacelerar por um segundo.

Nossos pés batem no chão enquanto corremos um em direção a outra. Não paramos, não até que seu corpo bata no meu. Meus braços envolvem seu pescoço, as palmas das mãos segurando a parte de trás de sua cabeça, segurando-a com muita força contra meu peito.

O alívio que toma conta de mim é instantâneo. Um balão esvaziou.

Ela cheira a suor e sujeira, mas o alívio que me invade é instantâneo. Digo a mim mesma que nunca considerarei isso garantido, a sensação dela em meus braços. Sua segurança. Juro a mim mesma que nunca mais a colocarei em risco assim. Nada me impedirá de fazer o que preciso para protegê-la.

— Sinto muito — ela soluça, com o corpo tremendo. — Não sabia, Cora. Juro que não sabia.

Logo abaixo do som das ondas, ouço os passos de Silas, próximo o suficiente para ouvir nossas palavras, mas também nos proporcionando um momento de privacidade.

— Shhh, está tudo bem — acalmo, acariciando seu cabelo com as palmas das mãos enquanto minhas sobranceiras se juntam. — O que aconteceu, Li? O que você não sabia?

Essa pergunta provoca outro grito em sua garganta, mais lágrimas

e soluções. Tento me preparar para o pior, me preparar para o que precisa dizer, mas ela apenas chora, nervosa demais para falar.

— Lilac, olhe para mim. — Coloco sua cabeça entre as palmas das mãos, levantando seu rosto para olhar para ela. — É muito importante que me conte a verdade, tudo bem? Tudo o que aconteceu. Prometo a você que não ficarei chateada.

— Sou tão estúpida, Cora. Deveria saber melhor. Você me ensinou melhor, mas pensei... — Um ruído abafado rouba sua respiração antes que ela fale novamente. — Parecia real. Parecia tão real para mim.

Fico em silêncio, deixando-a levar o tempo que precisar para falar. Para pronunciar as palavras do jeito que ela precisa. Meus dentes afundam na parte interna da minha bochecha, antecipando.

— Deveria conhecer Reece pela primeira vez. Combinamos de nos encontrar aqui já que somos fãs de praia. Fiquei tão animada que cheguei trinta minutos mais cedo, mas a pessoa que apareceu não foi Reece.

Meu sangue gela, o vento fica gelado.

— Quem foi? — Insisto.

— Stephen. — Lágrimas grandes e grossas caem de seus olhos enquanto ela olha para mim. Tudo que posso ver é dor. — Reece nunca foi real. Foi tudo um truque para chegar até você. Todos os presentes, as conversas noturnas. Foi um jogo. Era ele.

Estou sentindo muito, mas nem um pouco. Há um entorpecimento que me domina.

— Que presentes?

— Huh?

— Que tipo de presentes ele mandou para você?

— Hum, flores — ela murmura, os ombros parando enquanto seu corpo para de tremer — Uma cópia comentada do livro *Circe* e alguns desenhos a carvão.

Aquela doença anterior retorna.

Ele deu a ela meus desenhos, aqueles que estavam pendurados nas paredes daquela cela de concreto e observou cada coisa vil que tinha feito comigo. Deu à minha irmã mais nova meu trauma de presente.

— Será que... — limpo a garganta — As flores pareciam tulipas de cabeça para baixo?

Como se eu precisasse de mais provas de que era ele quem a estava atraindo. Como se não acreditasse em cada palavra que ela pronunciou. Minha mente ainda está em negação. Talvez estivesse desde que ouvi a notícia de sua fuga. Precisava de evidências concretas.

Que ele realmente havia voltado para mim.

— Sim, ele disse que eram chamados de *snowdrops*. Por que? — Ela pergunta, parecendo confusa, completamente inconsciente de que os presentes que recebeu eram lembranças para mim.

Stephen está zombando de mim.

Meus desenhos a carvão. Um livro com meu apelido.

As flores que costumava me trazer.

— Na *Odisseia de Homero*, Hermes deu *moli*, uma erva mágica, a Odisseu para protegê-lo da magia de Circe. Um biólogo a chamou de floco de neve, o *moli* da vida real — digo distraidamente, cuspidando as palavras que ele havia falado comigo durante a noite. — Stephen costumava me dizer que quando se cansava de mim e pronto para me deixar ir, ele me fazia engasgar com elas.

Não estava dizendo isso em voz alta para ela saber, para qualquer um saber. Simplesmente saiu como se a memória precisasse ser falada em voz alta.

É adequado para ele. Para se ver como o herói, Odisseu, em nossa história.

Sou a malvada e astuta Circe que o enganou e o fez amar,

forçando-o a ficar comigo. Não lhe dei escolha, costumava me dizer. Foi tudo culpa minha, ele dizia enquanto acariciava meu cabelo.

A maldição em meu sangue, aqueles olhos de bruxa, tornaram impossível para ele me vender. Teve que me manter. Fiz com que ele me mantivesse naquele porão. Era um prisioneiro do meu amor, do meu corpo e da minha alma.

Foi por causa da minha maldição que ele não pôde me deixar ir.

O mesmo não será dito da minha irmã.

Solto Lilac do meu aperto, virando-me para poder ver Silas, que está parado logo atrás de mim, imóvel, me observando com o mesmo olhar passivo de sempre.

Não há tristeza, nem simpatia, apenas olhos mortos.

— Precisamos conversar.

ESTE CORAÇÃO MISERÁVEL

Coraline

— Ela está bem? — Ouço no momento em que fecho a porta atrás de mim.

Silas está encostado na ilha de granito escuro de sua cozinha, com os braços cruzados na frente do peito enquanto olha para mim. O seu apartamento é exatamente o que imaginei que seria, não que tivesse pensado nisso. Apenas no caminho até aqui, imaginei isso por um momento.

Cheira a café fresco e sua colônia, uma mistura reconfortante.

É caro, com um toque masculino robusto. Com uma planta aberta com madeira escura e detalhes em preto, é taciturno e encharcado de seu cheiro. Dois quartos, iluminação suave com paredes profundas pintadas em carvão, o melhor que o dinheiro poderia comprar em Ponderosa Springs.

Minimalista, montado por um designer, tenho certeza, e perfeitamente ele. A falta de cor, a limpeza, é tão diferente do meu apartamento, um reflexo físico da nossa dissimilaridade.

— Não. — Exalo pesadamente, meu peito apertado. — Mas ela está dormindo e eventualmente ficará bem.

Não estava mentindo quando disse que precisávamos conversar, mas também não deixaria Lilac sozinha. O apartamento dele ficava mais perto do Cove do que o meu. Ela tinha adormecido no carro, o que significava que eu provavelmente dormiria no sofá de Silas Hawthorne esta noite.

Mais perto do que jamais quis estar dele.

Ando pela sala até a cozinha, ficando do lado oposto da ilha, descansando os braços na superfície fria. As luzes pendentes iluminam suavemente seu rosto, e não posso deixar de contar rapidamente as poucas sardas que cobrem suas bochechas e nariz.

— Obrigada — digo a ele, engolindo meu orgulho, sabendo que merece uma gratidão genuína de minha parte. Mesmo que seja apenas neste momento. — Por tudo.

Ele me encara por um segundo antes de pegar a caixa quadrada branca à sua frente e abri-la com o polegar para revelar suprimentos médicos.

— Estou bem. Eu não...

— Não estava perguntando — ele interrompe, pegando algumas coisas antes de ir para o meu lado da ilha. Observo Silas estender um pedaço de gaze, um esparadrapo e o que acho que é água oxigenada. — Não preciso de você sangrando na minha cozinha.

Sem perguntar, ele se abaixa, puxando suavemente minha mão para cima e a virando com a palma para cima antes de desfazer o pedaço de tecido encharcado de sangue.

Não posso deixar de estremecer ao ver meu ferimento. Mal senti isso até que minha adrenalina diminuiu. O cheiro de antisséptico queima meu nariz enquanto ele o limpa. A dor é intensa, mas fico quieta, imóvel, como se os seus dedos enrolados nos meus fossem uma âncora.

— Deveria comer alguma coisa — ele murmura, enrolando a bandagem em volta da minha mão. — Tenho sobras de carne e brócolis na geladeira. Posso aquecê-lo para você.

Balanço a cabeça, olhando para ele enquanto se concentra no meu corte.

— Não como carne.

— É vegetariana?

— Tecnicamente pescetariana, ainda como peixe. Parece

surpreso? Pensou que eu comia carne? — Arqueio uma sobancelha, os dedos pressionando a pulsação do meu pulso. Pergunto-me se ele está contando o aumento dos meus batimentos cardíacos.

Há uma suavidade em Silas, sobre a qual os rumores nunca falaram. Uma quietude que as histórias cruéis deixaram de lado. Como se ele estivesse em sintonia com as minhas emoções, com as emoções de todos ao seu redor, sabendo exatamente quando sua atenção é necessária.

— Não estou surpreso, apenas curioso.

Quando termina, ele vira as costas para mim, limpando.

Os músculos de suas costas flexionam sob a camisa enquanto pega uma caneca de café. Eu rapidamente desvio meus olhos, girando meu corpo de volta para a ilha, os cotovelos apoiados nela para me apoiar.

— Stephen costumava... — Faço uma pausa, e a percepção de que ele é uma das únicas pessoas com quem falei de bom grado sobre o que aconteceu comigo pesa sobre mim. A ideia de ser vulnerável me deixa doente, mas há algo de seguro nele.

— Ele costumava me obrigar a comer bife cru. Agora o cheiro me deixa enjoada.

Eu o ouço se movendo atrás de mim antes de reaparecer no lado oposto da ilha, colocando a caneca cinza escura na sua frente.

— Você o quer morto? — Ele pergunta. — É por isso que queria conversar? — Pega uma colher, mergulhando-a em um pote de mel antes de colocá-la no copo. Metódico, como faz todos os dias.

— Não. Eu falei sério. Não quero vingança, Silas.

— Então por que está aqui, Coraline?

Um silêncio suave toma conta de nós enquanto continua a misturar mel em seu café, e eu fico olhando para ele. Nossos olhos se encontram e apenas olhamos um para o outro.

O que está pensando, Silas? O que vê quando me olha assim?

Ele secretamente vê quão vil sou por dentro? Consegue ver

minhas partes feias e egoístas que surgem no momento em que estou com raiva ou com medo? Ou simplesmente não vê nada? Outra garota, outro rosto na multidão.

Ele é uma estátua estoica, destinada a ser admirada, mas nunca verdadeiramente compreendida. Silas incorpora a ideia de que a presença de uma pessoa pode dizer muito sem a necessidade de uma única palavra.

— Vim perguntar se ainda precisa de alguém para bancar a namorada falsa.

É direto, apressado, sem vergonha. Era a única maneira de chegar ao ponto sem recuar. Arrancado rapidamente como um band-aid velho, foi por isso que quis falar com ele.

— Não. — Ele gira a colher em círculos, olhando para baixo e depois para mim, mas o olhar em seus olhos é diferente agora. Enrugados nos cantos, brilham com uma alegria que nunca vi nele.

É um sorriso malicioso, sem realmente mover os lábios.

— Preciso de uma esposa.

Se eu morrer de parada cardíaca, a causa da morte será a maneira como ele me olha ou a maneira como diz esposa. Talvez uma combinação de ambos, mas espero que Lilac ainda consiga receber seguro.

Esposa.

Não entre em pânico. Não entre em pânico, porra. Esta é a razão pela qual vim aqui esta noite. A razão pela qual dormirei no seu sofá, por que estou na porra do seu apartamento.

— Se eu fizer isso, se *fizermos* isso, preciso que me faça uma promessa.

Silas não fala, apenas espera que eu continue, me dando espaço para falar. É diferente e revigorante conversar com alguém que realmente escuta, e não apenas espera para responder.

— Não importa o que aconteça, tire Lilac daqui. — Certifico-me

de que meus olhos não vacilem. Os tons de nossas íris se chocam, um olhar de ébano e mocha, nenhum deles cedendo.

— Pode me usar para se aproximar de Stephen. Casar comigo vai irritá-lo. Vai atraí-lo. Vou me pendurar no seu braço e fazer o papel da Hawthorne Tech, mas se algo acontecer comigo no processo, tem que garantir que minha irmã esteja bem cuidada. É a única maneira de dizer sim.

Protegê-la foi o único pensamento em meu cérebro quando ela caiu em meus braços. Não sou suficiente para mantê-la segura, especialmente de um homem como Stephen Sinclair, mas quatro famílias fundadoras conseguiram.

Posso ser orgulhosa demais para pedir ajuda aos outros às vezes, mas para Lilac?

Imploraria nas ruas por mudanças. Faria qualquer coisa para garantir o seu futuro.

Isso nunca deveria fazer parte do plano, mas Stephen não deveria sair da prisão. Eu tenho que fazer o que tenho que fazer. Estou ficando sem opções.

— Ela sabe?

Pisco para afastar a névoa mental. — O quê?

— Sua irmã sabe? — Ele pergunta novamente, semicerrando os olhos um pouco. — Que você está se matando pela felicidade dela? Que a única razão pela qual ainda está em Ponderosa Springs é porque não pode deixá-la?

Uma dor aguda se estende pelo meu coração. As paredes que me cercam voltam a cair; não tinha percebido que os deixaria escapar.

Se nos casarmos, pretendo fazer voto de silêncio. Ele não pode me ler assim. Eu me recuso a deixá-lo me fazer sentir tão transparente.

Pressiono meus lábios em uma linha apertada, sentindo a tensão crescendo em mim. Tenho vontade de me revoltar, afastá-lo, empurrá-lo para baixo por achar que poderia chegar perto. Minha língua rola

lentamente pelos dentes da frente enquanto balanço a cabeça.

— Não — digo com firmeza. — Ela está felizmente inconsciente. E continuará assim. Esta noite, um pedaço de sua inocência foi roubada. Sobre a porra do meu cadáver, isso acontecerá de novo.

Silas me encara com um olhar pesado. — A perda da inocência é inevitável. Acontece com todos nós. Não pode impedir o destino, Hex.

Inclino a cabeça, levantando as sobrancelhas em desafio. Minha voz está crua de convicção. — Observe-me.

Sem perder o ritmo, ele responde — Estou.

Como veludo líquido, ele pega a colher e arrasta o utensílio entre os lábios, limpando quaisquer gotas de café remanescentes de sua superfície, sem interromper o contato visual nenhuma vez. Os músculos de seus braços flexionam enquanto ele se apoia na ilha da cozinha, levando a caneca à boca.

Gavinhas de veias grossas sob camadas de tinta em seus antebraços captam a luz.

Silas é o tipo quieto e bonito.

Não gritado. São sussurros em seu ouvido no escuro. Ele é o som que os arrepios fazem quando aparecem ao longo dos meus braços, um fascínio espelhado apenas pelo ar frio deslizando pela pele quente.

O ar se agitou ao nosso redor.

Haverá um preço por esse casamento arranjado e meu coração o pagará.

A pior parte é que não será ele quem quebrará. Serei eu. Sou a única vilã desta história.

Estou fazendo isso por Lilac, mas não serei egoísta com Silas Hawthorne no processo. Seu coração não merece o que sou capaz de fazer com ele.

— Regras. — Limpo minha garganta. — É preciso que haja regras entre nós. Quanto tempo precisamos permanecer casados?

Ele bate o dedo na lateral da xícara de café. — Dois anos, de acordo com o conselho.

— Presumo que queira que eu vá morar com você. Será estranho se não morarmos, mas quero que minha irmã fique aqui até que Stephen seja cuidado. Lilac e eu podemos dividir um quarto.

Ele acena com a cabeça, concordando calmamente.

— Sem sexo. — Meus dentes afundam em meu lábio inferior, escondendo suavemente um sorriso enquanto ele faz um som engasgado com a bebida. — Pode conseguir uma amante adicional ou doze.

O barulho da caneca contra a ilha de mármore é como um trovão em meus ouvidos, seu barulho aquecendo o ar carregado. Sua mandíbula contrai, seu olhar encapuzado me perfura. Os segundos passam e sinto-os como gotas de água na minha pele.

— Planeja fazer o mesmo?

Meus olhos se estreitaram, palavras com gosto de desafio. — Se eu fizer?

Quando ele fica em pé, um pequeno pedaço de seu abdômen retesado aparece através da abertura de sua camisa. Deixei meus olhos caírem por uma fração de segundo até que sua camisa voltasse ao lugar.

Há um estalo no ar.

A menção da palavra *sexo* me faz pensar nisso com ele.

Sexo sujo e violento. Sexo com Silas.

Olho para suas mãos, palmas grandes com as quais provavelmente machucaria minha bunda. Destruiríamos um ao outro no quarto. Nenhum de nós estaria disposto a abrir mão do controle, deixando-nos cheios de beijos violentos e arranhões profundos.

A luxúria não é uma emoção que sinto há muito tempo e não gosto de admitir que sinto falta dela. A maneira como lambeu a parte de trás dos meus pés, o calor subindo até meu estômago e queimando

por dentro.

Combino com sua postura, ficando em pé com os braços cruzados, sem dizer uma palavra enquanto seus olhos percorrem meu corpo abertamente. É o meu ego me dizendo que ele está tendo os mesmos pensamentos imundos que eu.

Silas se inclina para frente, estreitando os olhos enquanto considera minhas palavras.

— Não tem acordo — ele grunhe, o som enviando um arrepio na minha espinha. — Ninguém acreditaria que sou infiel à minha esposa. Todos sabem o que acontece quando alguém toca no que me pertence.

— Não sou sua. — Irrito-me, minha mandíbula cerrando de raiva.

Calor e irritação se agitam dentro de mim, uma chama ardendo.

— No momento, não é. — Seus dentes afiados agarram seu lábio inferior, fazendo meu corpo se contorcer enquanto seus olhos percorrem meu corpo — Em particular, pode dar as ordens, mas para o resto do mundo? Você é minha, porra, e eu não compartilho.

A eletricidade percorre minha espinha.

Não sou uma coisa que possa ser possuída, nunca mais, mas não posso negar que a ideia de deixar Silas Hawthorne controlar meu corpo me excita.

Preciso desesperadamente transar ou pelo menos ter um orgasmo antes que isso aconteça.

— Então isso deixa a abstinência até o divórcio, porque não dormirei com você.

Mesmo que queira, se as nossas circunstâncias fossem diferentes, eu faria coisas perversas com ele. No entanto, estamos muito perto. O sexo apenas confundirá os limites e nenhum de nós precisa disso. Não posso arriscar.

Seu olhar escurece enquanto ele me sorri silenciosamente.

— Então é melhor estocar baterias, Hex. Vai precisar delas.

Minhas bochechas coram, uma imagem vívida dele me observando me tocar com um dos meus brinquedos afundando no fundo da minha mente, mas afasto isso, franzindo as sobrancelhas.

— Casamentos arranjados são uma coisa comum, Silas. Por que temos que fazer um show para o público?

O fogo que arde em seus olhos é apagado, a emoção desaparecendo quase imediatamente.

— Meus pais. — Ele suspira, passando a mão pelo queixo áspero. — Minha mãe ficará com o coração partido se ela souber que me casei por qualquer motivo, menos por amor. Não farei isso com ela. Essa é a minha única condição.

Por mais que não goste do conceito de ser propriedade pública e privada, entendo. Fico ressentida por entender isso, mas sua lealdade à família me faz admirá-lo de uma forma que nunca esperei.

Silas também não quer estar nesta situação. Tenho certeza de que estar casado comigo não estava nos seus planos, mas fará isso porque precisa.

Ele fará isso porque ama as pessoas ao seu redor.

Somos duas pessoas muito diferentes, com experiências muito semelhantes.

Não preciso saber seus sonhos ou sua cor favorita para saber quem ele é. Sua lealdade fala mais alto do que palavras jamais poderiam, e seu desejo inabalável de proteger aqueles ao seu redor reflete o meu.

Isso é o suficiente para eu prosseguir com isso. É o suficiente para confiar nele.

— Jogos para os sogros. — Dou a ele um sorriso de lábios apertados. — Entendi.

Eu sei que a sua mãe me odiará. As mães sempre me odeiam.

— Alguma outra regra?

— Sim. — Concordo com a cabeça, mordendo o interior da minha

bochecha. — Não se apaixone. Não estou dizendo isso para tentá-lo. Isto se aplica a nós dois. Precisa permanecer o mais falso possível, ou então vou embora.

É o melhor, manter distância, ser uma vadia. Ele me agradecerá por isso no longo prazo.

Ele toma outro gole de café, os olhos fixos no meu rosto com o movimento, antes de falar novamente.

— Esse é o seu maior medo, Hex? Apaixonar-se?

Sua pergunta é tão inesperada, tão estranha, que rio em resposta.

— Não pode ter medo de algo que nunca conheceu — respondo com sinceridade.

Silas amou, e pelo que ouvi? Ele deu cada grama de si mesmo. Eu poderia facilmente deixá-lo cair em mim e depois chupá-lo até secar. Usar as suas emoções a meu favor. Deixá-lo se aproximar de mim, e depois ir embora quando ele estiver muito longe ou simplesmente observá-lo se destruir como qualquer homem que ousou tentar antes dele.

A cidade pode chamar esse homem de vilão, mas por dentro é um amante. Exala um cheiro. Boas intenções e romance. Seu terno coração sangra por todos aqueles de quem ele cuida.

É fácil lê-lo, escrito em cada centímetro de seu ser - alguém que daria absolutamente tudo por aqueles que ama.

Sou muito perversa para merecer esse tipo de devoção.

— Não, Silas. Não tenho medo do amor — digo com firmeza. — Mas você deveria ter medo de mim. Magoei pessoas que tentam se importar comigo, Hawthorne. Não se deixe tornar mais uma vítima do meu miserável coração.

QUATORZE

OLÁ, ROSIE

Silas

— *Silas, quando descobrirmos para onde vamos, podemos fazer um jardim?*

— *Claro.*

— *Quero cultivar cravos.*

— *Cravos?*

— *E peônias!*

— *Tudo bem.*

— *Diga que jura.*

Descobrimos para onde íamos, mas o único jardim que Rosemary Donahue tem agora são as flores que entrego mensalmente em sua lápide.

Já faz um tempo desde a última vez que estive aqui. Passo a mão pelo topo da sua lápide. A pedra está desgastada, as letras do seu nome deterioradas, uma lembrança dolorosa do tempo que passou.

Cravos rosa.

— Ei, menina Rosie.

A brisa quente me cumprimenta. Uma suave carícia de ar natural, um alô além do véu dos vivos. A morte e o luto são diferentes para todos, mas por alguma razão, sempre senti que ela está aqui comigo quando a visito.

— Você se foi há quatro anos. Não parece real, não é?

Um sentimento familiar rói meu intestino. Minhas costelas estão firmemente contraídas, permitindo-me apenas respirar fundo e rapidamente. É o corte de papel na pele sensível, um lembrete indesejado.

Não parece nada mais do que culpa. Culpa gananciosa e demorada.

Eu estou vivo e ela não.

Eu não estava lá quando ela precisou de mim. Não pude salvá-la.

Se trocássemos de posição, como tantas vezes implorei, a vida de Rosemary estaria cheia de cores. Ela teria aproveitado ao máximo cada respiração, todos os dias. Transformado até os piores momentos em algo lindo, porque foi isso que ela fez.

Ela era uma existência linda.

O espaço dentro de mim, aquele reservado para Rosie, dói. Não é uma escolha; é um fato inabalável. Ela levou consigo um pedaço de mim que ninguém mais terá. É dela... eu nunca lhe tiraria isso.

Demorei para perceber que seguir em frente, sofrer, não tirou o amor que eu tinha por ela. Achei que se continuasse com raiva, se machucasse as pessoas que a machucaram, isso me traria paz. Perseguir a vingança só abriu mais portas para a dor.

Não estou orgulhoso do que fiz durante meu luto, de como deixei meu ódio por mim mesmo me controlar. Embora as pessoas envolvidas na morte de Rosemary merecessem seu destino pelo que fizeram não apenas com Rosie, mas com todas as outras garotas que levaram, ainda há muitas coisas das quais me arrependo. Principalmente, não percebendo antes que a cura de sua perda não era eu tentando esquecê-la. Era uma forma de homenageá-la. Uma forma de talvez ajudá-la a encontrar paz na vida após a morte, sabendo que estou bem aqui sem ela.

Tive esse sonho depois que tive alta da enfermaria, na noite seguinte a Lyra ter matado Conner Godfrey.

Eu estava observando Rosemary sendo puxada em duas direções

diferentes. Podia vê-la existindo neste lugar intermediário de um nada branco e sólido, um braço estendido em direção à Terra e o outro sendo puxado na direção oposta. Estava presa, incapaz de passar por minha causa. Ela não conseguia abandonar seu corpo mortal porque estava preocupada comigo.

Eu lhe causava dor ao tentar curar minha culpa. Era uma dura verdade, saber que disse a mim mesmo que tudo isso era por Rosemary, para vingar sua morte, quando na realidade, era apenas eu tentando fazer as pazes por não estar lá para ajudá-la quando ela morreu.

Meus olhos encontram o chão onde ela está sepultada. É muito duro segurar uma garota que era muito gentil e gentil.

— Quando te digo isso, espero que faça sentido. Espero que não esteja chateada e saiba que desta vez estou fazendo isso pelos motivos certos.

Há outra brisa, desta vez mais forte, arrancando o capuz da minha cabeça. Balanço a cabeça, passando a palma da mão pelo topo do meu cabelo penteado. Ela odiava quando eu tentava me esconder nos meus moletons.

No começo, respirar doía sem ela. Acordar, sabendo que nunca mais abriria os olhos, tornou fisicamente impossível inspirar e expirar. Como se o oxigênio fosse um lembrete de que eu estava vivo e ela não.

Às vezes odeio que seja mais fácil agora. Esse tempo, de fato, fez com que a sua perda doesse menos.

Tornou também mais difícil lembrar. Lembro-me de quem ela era como pessoa, de sua aparência e de algumas das coisas que disse. Ela é tão real quanto as vozes que vão e vêm na minha cabeça. Aquelas que às vezes ganham forma e se lançam pela parede em forma de sombras.

São as pequenas coisas que perdi ao longo do caminho da cura.

Soltando pedaços de sua risada, deixando-os para trás. Esquecendo o cheiro do seu perfume, perdendo o som da sua voz no meu ouvido. Não dói, e às vezes eu gostaria que doesse.

Com a dor vem a lembrança. A pulsação e a dor da perda são um lembrete constante da pessoa que não existe mais. Quando nos machucamos, nos lembramos de tudo com muita clareza porque a dor nos obriga a isso.

Quando para de sofrer, esquece.

A ferida lentamente para de escorrer, a pele se unindo e criando uma cicatriz. Uma que às vezes coça ou incomoda, lembrando que está ali, mas no dia a dia mal percebe que está ali.

Rosemary Donahue merecia alguém que machucaria por toda a vida.

Há dois anos, pouco antes de eu e os rapazes nos separarmos, fiquei diante deste túmulo e lhe fiz uma promessa. Jurei que deixaria Stephen no passado, deixando-o definhando em uma cela para pagar por seus pecados. É por causa dele que tenho que quebrar mais uma promessa à garota que está deitada a sete palmos do chão.

— Eu te disse que estava deixando para lá, o que Stephen fez. Prometi que faria melhor, seria melhor na próxima vez que aparecesse. — Minha garganta queima com uma raiva silenciosa, uma fúria que mantive sob a superfície muito bem. — Mas isso não é vingança, Rose. É pelos rapazes, por Sage. Seus futuros. Desta vez é ele ou nós.

Desta vez, não é vingança para mim. É a minha vez de viver do outro lado da moeda. Estou tentando proteger aqueles que amo enquanto um homem tenta se vingar de nós pela vida que roubamos dele. Espero que ela saiba que tudo o que estou fazendo daqui em diante não é com um coração vingativo.

Lentamente, me movo para me sentar contra a parte de trás de sua lápide. Apoiando minha coluna na pedra, inclino minha cabeça para olhar o céu. Quando Rosie e eu estávamos no ensino médio, sentávamos de costas um para o outro e olhávamos para cima. Ouvia enquanto ela inventava histórias sobre todos os coelhos nas nuvens.

Muitas vezes esquecemos que não estávamos apenas em um relacionamento. Quando ela morreu, perdi minha amiga.

Rose e eu passamos por um trauma que mudou nossas vidas e que ninguém além de nós acreditava. Tínhamos fé nas palavras um do outro porque passamos por isso juntos. Esse evento nos uniu.

Por isso, quando venho visitá-la agora, conto a ela sobre o que há de bom. Falo sobre o casamento de Alistair, sabendo que ela ficaria louca ao saber que o homem furioso que chamava de “irmão mais velho” finalmente deixou alguém amá-lo. Mesmo que ele odiasse, conto a ela sobre Thatcher, sobre Lyra, de quem acho que ela seria a melhor amiga. Eu me certifico de que saiba que estou cuidando de Sage, mesmo que Rook esteja fazendo um ótimo trabalho sozinho.

Digo-lhe que estamos bem, que independentemente da chantagem que paira sobre nossas cabeças, da possibilidade de irmos para a cadeia se for divulgada, estamos bem. Que ficamos bem sem ela.

Digo a ela o mal.

Que a possibilidade de ela ver meu pai está chegando mais cedo do que jamais pensei. O que me leva a falar sobre trabalho e Stephen, eventualmente chegando à parte da minha mentira inocente de ter uma namorada. Ela riria se estivesse aqui – riria de mim por entrar em pânico.

Eu derramo minhas entranhas em uma lápide que não tem escolha a não ser ouvir, e espero que a garota que conheci me ouça.

— Mamãe me matará se descobrir que estou mentindo. Não posso simplesmente deixar meu pai morrer sabendo que todo o trabalho da sua vida será vendido. Depois de tudo que tentaram fazer por mim, Rose, não posso deixar isso acontecer. — Engulo o nó de frustração na garganta, deixando escapar um suspiro enquanto deslizo a palma da mão pela minha bochecha. — E Coraline, ela é...

Coraline é o quê?

Teimosa. Obstinada. Muito teimosa. Uma garota que tenho muita vontade de beijar toda vez que ela está na sala?

No silêncio deste cemitério, me permito sorrir enquanto balanço um pouco a cabeça.

— Coraline é... Coraline. Não sei muito sobre ela, exceto que é uma artista, e Rook gosta dela, o que não é surpreendente – ele é fã de qualquer um que dá merda a Thatcher.

Queria dar um tiro no pé de Thatch pela forma como falou com ela? Tive vontade, sim.

Gostei também de vê-la mastigá-lo e cuspi-lo sozinha? Absolutamente.

Ela faz cara de corajosa, mas está a um momento de se despedaçar. Quando estamos sozinhos, vejo isso. Sinto. Vi isso na minha cozinha outra noite. Vi quando ela adormeceu no meu sofá, enrolada como uma bola, protegendo-se mesmo quando está inconsciente.

Stephen a machucou. Ninguém jamais saberá o que aconteceu naquele porão além dela e dele. Ela tem tanto medo de ser vista como vítima que não se deixa curar.

Sei o que é sentir esse trauma, uma ferida viva que respira. Estar apegado à raiva, à necessidade de vingança, mas para Coraline, é como se o passado a tivesse consumido. Isso a tornou dura, inacessível e me deixa louco porque sei que ela não é assim. Ela mostra vislumbres disso, mas nunca toda a verdade.

— Acho — suspiro, mordendo o interior da minha bochecha — acho que quero conhecê-la mais, mas ela não facilitará as coisas se eu tentar. Ela está com dor e orgulhosa *pra* caralho. Posso ver isso toda vez que fazemos contato visual. É como uma extensão de si mesma – vive em todos os cômodos em que entra como uma sombra. Está na sua arte. Isso me mata. Ela sabe que poderia encontrar conforto se deixasse alguém entrar, mas se recusa.

Coraline me dá vontade de conversar. Abrir-me só para poder tê-la. Puxar as cordas que ela enrolou com tanta força em torno de si para que possa ver o que há por baixo enquanto ela se desenrola para

mim.

Há algo na maneira como ela se move, como fala tão descaradamente com uma ferocidade subjacente em cada palavra, a maneira como seus olhos captam a luz e derretem como mel quando olha para mim.

Essa conexão entre nós é palpável, zumbindo no ar, e se tornando mais difícil de ignorar. Em breve estaremos sob o mesmo teto; então ela não terá onde se esconder de mim. Carregará meu sobrenome, existindo em meu espaço. Estamos prestes a ficar juntos por pelo menos dois anos, e ela não consegue resistir a mim por tanto tempo. Principalmente se eu aplicar um pouco de pressão. Mal tentei.

Ela cederá por mim.

Não tenho medo de maldições, principalmente quando se parecem com Coraline Whittaker.

QUINZE

FILHA DA SUA MÃE

Coraline

— Achei que tivesse dito que eles não estariam aqui.

— Não estavam — Lilac murmura enquanto a siga pelos degraus da frente da casa dos nossos pais. — Acho que voltaram mais cedo da viagem.

Eu vim porque ela precisava de ajuda para arrumar o resto das suas coisas. É normal que ela fique comigo na maioria dos dias, mas não a quero longe de mim agora. Fomos facilmente capazes de convencer Regina de que Lilac queria ficar comigo durante o verão e voltaria para casa assim que as aulas recomeçassem.

Não tenho certeza se ela realmente ouviu a conversa, apenas balançou a cabeça enquanto folheava um tabloide. De qualquer forma, Lilac vem comigo; os detalhes não importam.

A mão de Lilac agarra a maçaneta da porta da frente, apenas para vê-la aberta pelo lado oposto. Lá dentro está Regina, usando um vestido verde perfeitamente passado que me lembra uma meleca. Seu cabelo loiro retocado preso em rolos, e tem aquela expressão permanentemente contraída no rosto enquanto cruza os braços na frente do peito.

— Coraline — ela zomba. — Quando planejava contar a seu pai e a mim sobre estar noiva do filho mais velho dos Hawthorne?

Como se a tivesse ouvido, meu pai aparece no canto, vestindo calças como sempre. Exceto que a expressão em seu rosto é diferente do que eu esperava. Não há olhar de desprezo ou desaprovação; quase parece feliz.

Parece que o colega de trabalho de Silas da outra noite havia oficialmente revelado o que viu na gala de arte.

Não queria vê-los. Eu realmente não queria vê-los agora que sabia que haviam descoberto sobre meu casamento próximo. Porque se isso tem que ser real em público para Silas? Significa que tenho que tornar isso real para as duas pessoas à minha frente que se autodenominam meus pais.

Espero por Deus que Silas não queira ter um casamento de verdade porque não quero que essas pessoas vejam isso. Talvez isto devesse ter sido algo que mencionasse quando estabelecendo minhas regras. A culpa é do fato de ter me distraído com os seus braços naquela camisa.

O cérebro sexual estraga tudo.

Não gosto da ideia de casamentos para estarmos juntos. Não dedicar suas vidas um ao outro, tudo bem. É ter toda aquela gente por perto para assistir. Na minha opinião, algo assim deveria ser compartilhado em particular. Não quero ser vulnerável ao mundo, apenas à única pessoa que está à minha frente esperando para dizer que sim. Só eles conseguem me ver em um estado de suavidade, com todas as minhas paredes abaixadas e nada entre nós além de mãos.

— Olá, Regina. — Coloco meus óculos escuros na cabeça. — James.

— Isso será estranho... — Lilac murmura baixinho, entrando na casa e indo em direção às escadas, pronta para me deixar com os abutres como uma traidora.

É o melhor, provavelmente. Ela é uma péssima mentirosa.

A conversa entre mim e Silas sobre esse acordo terminou conosco concordando que poderia contar a verdade a Lilac e ele poderia contar a seus amigos. Essas eram as únicas pessoas que poderiam saber o que estava acontecendo entre nós.

— E onde pensa que está indo, senhorita?

Li se vira para a mãe, revirando os lábios, tentando ao máximo

não parecer irritada. — Arrumar o resto das minhas coisas. Ficarei com Coraline durante o verão. Eu te disse isso, mãe.

— Querida, Silas e Coraline precisarão de espaço. Planejando um casamento, acordo pré-nupcial. — Regina solta uma risadinha. — Nenhum homem quer ser sobrecarregado com bagagem.

— Mas...

— Ela não é bagagem — interrompo, minha madrastra e eu fazendo contato visual. — E nós a queremos em nosso espaço. Ela ficará comigo durante o verão, Regina. Isso lhe dará mais tempo livre para passar no clube de campo.

O que acontece com a mulher na minha frente é que, quando confrontada com sarcasmo, ela sempre encontrará uma maneira de retribuir. Quase nunca é na forma de um insulto direto. Às vezes é um elogio indireto; outras vezes é pura mesquinhez.

Quando eu estava no ensino médio, falei sobre algo que não consigo lembrar agora, era tão pequeno, mas depois? Ela dormiu com meu professor de história e, dois dias depois, minha nota caiu para C, o que estragou minha média de notas. Não tinha provas, mas estava convencida de que ela tinha fodido com ele só para que baixasse minha nota.

Lilac consegue subir os degraus, evitando o resto da conversa.

— Sem anel? — Regina pressiona, os saltos estalando enquanto caminha em minha direção, pegando minha mão para inspecionar o dedo nu. Suas unhas arranham a parte inferior das minhas mãos.

— Ainda não escolhemos um — ironizo, puxando meu membro da sua mão.

Seus lábios se curvam em um sorriso sutil, a cabeça se inclinando levemente, como se ela estivesse me avaliando. Seu olhar examinador varre meu short simples e minha camiseta. Eu simplesmente levanto meu queixo um pouco mais alto.

Não me lembro de uma época em que ela não tenha olhado para mim assim. Mesmo quando criança, o peso de seus olhos

condescendentes me deixava inquieta. Era como se eu fosse uma ameaça, que todo o meu ser fosse um insulto para ela, mas eu cresci, ganhei coragem e descobri que existem feras muito mais assustadoras no mundo do que a madrasta malvada.

Entro na minha antiga casa, notando a recente remodelação para se adequar ao novo estilo do ano de Regina. Uma vez, quando tinha quatorze anos, ela era tão obcecada pelo lilás escuro que mandou pintar a piscina dessa cor.

— Por que não nos apresentou a ele na festa de gala?

Olho para meu pai, parado com as mãos nos bolsos no hall de entrada enquanto Regina caminha atrás de mim para fechar a porta da frente, me prendendo dentro desta casa até Lilac terminar de fazer as malas.

— Silas é uma pessoa reservada. — A mentira escapa facilmente, principalmente porque acho que pode ser verdade. — Nós dois somos. Não queríamos dizer nada até estarmos prontos.

Terei que extrair pistas de contexto do que vi dele até agora com esta conversa e tentar evitar deixar as coisas gravadas em pedra. Regina contará cada detalhe disso para seus amigos do clube de campo, e isso se espalhará como um incêndio.

Eu deveria, pelo menos, ter sentado e conversado sobre as cores favoritas desse cara. Nem sequer elaboramos um cronograma de relacionamento. Como ele espera que eu mostre isso em público se nem nos conhecemos?

— Simplesmente não consigo acreditar. Estávamos com medo de que fosse uma solteirona, mas parece que teve sorte. — Ela ri enquanto passa um braço em volta da cintura do meu pai, inclinándose para ele. — Poderia ter escolhido alguém um pouco mais estável mentalmente, mas com essa quantia de dinheiro, isso realmente não importa.

Ela ri como se fosse engraçado. Como se o conhecesse e a piada às custas dele fosse de graça.

Um sabor acobreado enche minha boca, a pressão dos meus dentes afundando na minha língua.

Regina é apenas um rato nesta cidade enganosa; essas pessoas autoproclamadas honradas que escondem suas falhas e esqueletos sob o ego e o dinheiro encharcados de sangue. Andam como membros da realeza no topo de suas torres de marfim, empurrando as pessoas para baixo em seu caminho até o topo, construindo impérios sobre ossos quebrados. Durante anos, disseram-me que os Hollow Boys eram vilões. Que o seu reinado de terror tinha contaminado esta cidade respeitada, conhecida por abrigar a universidade mais prestigiada do país.

Não se pode corromper, porém, algo que já está podre.

Eles eram apenas bodes expiatórios.

É a razão pela qual o Halo durou tanto tempo. Assecclas mesquinhos e densos tinham seus olhos voltados para garotos explodindo igrejas e pregando peças estúpidas, em vez de remover o véu de seus olhos e ver que os homens que adoravam eram falsos ídolos. Compravam e vendiam as filhas como se fossem pedaços de carne. Transformou as meninas em uma mercadoria. Arrancou-lhes a humanidade e as transformou em nada mais que vacas leiteiras.

— Regina, eu tolero você pelo bem de Lilac. — Aproximo-me dela, apertando as mãos em pequenos punhos. — Jogo bem. Ouço suas reclamações e lamúrias sem fim.

Vejo-a se encolher um pouco nos braços do meu pai, mas isso não a impede de tentar escapar.

— Como ousa falar comigo...

— Mas se disser mais uma palavra sobre Silas, se tiver um pensamento negativo sobre ele, me certificarei de que estará livre com nada além de sua personalidade *brilhante quando tirar minha parte da Elite*. — Sorrio para ela enquanto me inclino para frente. — Pobre tem um cheiro, e você não gostará quando eu te deixar coberta dele.

Só de pensar em ficar por aqui para ouvir quaisquer palavras que

ela tente juntar me irrita. Por isso decido não esperar. Eu simplesmente me viro e ando em direção aos degraus para ajudar Lilac.

Quanto mais rápido ela arrumar suas coisas, melhor.

Não quero ficar nesta casa por mais tempo do que o necessário.

Então, durante os próximos trinta minutos, engulo minha raiva. Deixo-a ferver sob a superfície, retirando roupas dobradas violentamente e as enfiando em uma mala.

Antes, eu era capaz de deixar os seus comentários escorregarem pelas minhas costas como água. Poderia ignorar isso e seguir em frente. Sou assim com muita gente.

É mais fácil desviar. Tenho mais saídas e emoções menos intensas. Ainda não me cansei de ver pessoas pisando em mim. Stephen mudou isso, e acho que devo agradecê-lo por isso. Ele forjou minha língua prateada a partir dos gritos de agonia e construiu minha espinha dorsal de aço a partir do verdadeiro desespero.

Sou um nervo exposto.

Cada toque de oxigênio, comentário desagradável e elogio indireto enviavam fortes e agonizantes choques de dor através de mim. E algo dentro de mim mastigou aquela dor e a transformou em raiva.

Ficar com raiva é mais fácil do que ficar triste.

Ficar com raiva é melhor do que ser vítima.

— Quase terminou de pegar suas coisas no banheiro? — Pergunto por cima do ombro enquanto a porta se abre, virando-me e esperando encontrá-la com uma sacola cheia de suas coisas, mas em vez disso encontro meu pai.

Quando olho para ele, é difícil ver qualquer coisa além do meu trauma. Não posso mais olhar para trás com ternura para nossas memórias porque agora todas parecem inúteis. As viagens de pesca e os brownies noturnos na cozinha. Toda e qualquer risada que

compartilhamos é poeira desvanecida.

Quando meu pai foi preso por seu envolvimento com o Halo, ele foi rápido em desabafar para salvar sua pele. Alegou que não se envolveu até eu desaparecer. Estava simplesmente obedecendo para me trazer de volta para casa em segurança.

Ele contou à polícia tudo o que precisavam saber e em troca cumpriu apenas seis meses. Passou cento e oito dias atrás das grades por fornecer contêineres ao The Halo que contrabandeavam meninas traficadas. É isso.

Tudo por mim, ele diz. Tudo para me trazer de volta.

Será a minha amargura para com homens como ele que torna impossível acreditar nele? Ou simplesmente meu instinto me diz que ele é um mentiroso.

Por isso, quando olho para ele, tudo que vejo é um homem que conheci. Somos estranhos, nos corpos de pai e filha.

Ele se mexe como se estivesse desconfortável sozinho em uma sala comigo. Minhas sobancelhas se unem, concentrando-me na sacola de roupas brancas pendurada em seu braço esquerdo.

— O comentário de Regina foi despropositado. — Ele limpa a garganta depois de dizer isso, querendo dizer mais, mas interrompo, não dando a ele a chance de elaborar, estreitando os olhos para ele.

— Veio se desculpar por ela? Nesse caso, pode economizar fôlego. — Eu me recuso a encará-lo, virando-me para dobrar outro moletom com capuz de Lilac em um pequeno quadrado.

Posso sentir sua presença atrás de mim como uma parede invisível, me prendendo no lugar.

— Coraline, eu... — Ele para, como se escolhendo as palavras com cuidado. — Está feliz? Com Silas? Ele te faz feliz?

Meus olhos reviram com tanta força que tenho medo de que fiquem presos, e balanço a cabeça diante de sua audácia. Algumas semanas atrás, esse homem tentava me arranjar um cara que me

ofereceu sexo no banheiro.

— Por que se importa, James? — Minha voz é áspera, mas isso não o perturba, apenas o faz soltar um suspiro pesado – um som que guarda todo o cansaço do nosso relacionamento.

Ele nunca foi muito bom em lidar com minha atitude. Quanto pior fico, maiores são as chances de ele simplesmente ir embora, como sempre.

— Você é minha filha e, apesar do que possa acreditar, apesar de algumas de minhas ações, quero que seja feliz.

— Alguns anos tarde demais para isso — digo violentamente, virando-me lentamente para ele. Ele deu mais alguns passos para dentro do quarto, um pouco mais perto de mim do que antes.

— Veio perguntar se eu poderia deixar sua lavagem a seco? — Aponto para a sacola de roupas pendurada em seu braço, minha voz cheia de raiva.

— Aqui. — Sua mão se estende em minha direção. — Nora gostaria que você ficasse com isso. Este seria o vestido que ela usaria no nosso casamento... — limpa a garganta desconfortavelmente antes de continuar. — Pegue. Livre-se disso, use-o, o que quiser.

A descrença me atinge. Nem sabia que ele planejava se casar com minha mãe. Inferno, acho que esta é a primeira vez que o ouço falar o nome dela em voz alta. Tudo o que ouvi foram as merdas que Regina disse ao longo dos anos e as suposições de sua raiva.

Quando não me movo para pegá-lo, ele passa por mim e o coloca na cama ao lado da mala aberta de Lilac.

— Guardou isso? Depois de todos esses anos? — Pergunto, minha voz quase um sussurro. Olhando entre a bolsa e seu rosto, procuro qualquer pinga de desonestidade que posso encontrar.

— Sim — ele responde, enfiando as mãos nos bolsos. — Não sei por que exatamente. Regina incendiaria a casa se soubesse, mas talvez isso me lembrasse de uma época em que as coisas eram mais simples. Quando eu era jovem e apaixonado. Antes que a vida atrapalhasse.

Meus dentes rangem.

Apesar de tudo, da raiva, da dor, da amargura, consigo ver a dor gravada em seu rosto. Posso ver a aparência de um jovem segurando um bebê contra o peito, sozinho no berçário de um hospital, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto cantarola, sabendo que o amor de sua vida está fria no quarto ao lado.

Nada disso faz sentido, ele me dando isso, falando assim comigo. Não faz sentido.

— Vejo muito de Nora em você. O mesmo espírito tenaz, suas listras brancas. Você tem os olhos dela.

Engulo o nó na garganta. — Por que me contar tudo isso? Porque agora?

Quero acreditar que, ao longo dos anos, nós dois deixamos Regina envenenar nosso relacionamento, que ela foi a barreira entre nós. Há verdade em suas palavras que não posso negar, mas o perdão não está na minha língua.

James encolhe os ombros, passando a mão pelo cabelo escuro, um sorriso triste aparecendo nos cantos dos lábios. — Há muitas coisas das quais me arrependo, Coraline. Coisas sobre as quais espero que um dia possamos conversar quando estiver pronta.

Ele me deixa lá depois disso, interpretando meu silêncio como uma resposta, fechando a porta atrás de si.

Fico ali parada, olhando para o vestido que deveria ser usado por uma mulher que nunca conheci, e sinto o peso de suas palavras se instalando em meu peito. Meus dedos puxam o zíper da bolsa, expondo o vestido dentro. Há camadas de renda e seda delicada com bordados intrincados ao longo do corpete e botões marfim nas costas. Tem uma elegância atemporal que resistiu ao teste do tempo.

Minhas sobrancelhas se unem em confusão quando noto um pequeno pedaço de papel desbotado enfiado sob o tule branco, com as bordas recuadas dando-lhe um tom amarelo.

São os votos.

Sinto como se espiasse um mundo que nunca foi feito para mim, um mundo que pertence apenas a James e Nora. É uma lembrança de um amor que foi perdido, de uma promessa não cumprida, de um sonho que nunca se concretizou.

Enquanto leio, lágrimas queimam os cantos dos meus olhos e isso me deixa pensando.

Alguém é realmente quem finge ser?

DEZESSEIS

LUZES APAGADAS

Coraline

— Quanto por noite?

Viro a cabeça em direção à voz, tirando o cigarro dos lábios.

— Com licença? — Solto uma nuvem de fumaça em direção ao homem à minha frente.

Seu cabelo loiro penteado para trás, seu terno azul recém-passado e sua carteira na mão, o polegar vasculhando as notas.

Ele está me propondo trabalho sexual agora?

Como se estivesse respondendo silenciosamente à minha pergunta, seus olhos vagam pelo meu corpo e uma sensação de mal-estar toma conta do meu estômago. Olho para o vestido frente única. É um pouco curto e mostra um pouco de pele com as costas abertas, mas está quente e estamos no meio do dia. O que diabos há de errado com ele?

— Quanto por noite? — Ele repete, sua voz baixa e quase gutural.

Dou um passo para trás, zombando enquanto balanço a cabeça, dando outra tragada no cigarro antes de jogá-lo na rua.

Minha primeira viagem a Portland em meses, e é com isso que a cidade me cumprimenta?

A pura audácia e ignorância de alguns homens em presumir, com base no que visto, que estou à venda? Um pensamento assustador passa pela minha cabeça. Foi por isso que Stephen me escolheu? Por causa da minha aparência?

Esmago imediatamente depois de pensar.

Ser sequestrada não foi minha culpa. Posso ter dificuldade em aceitar algumas coisas sobre o que aconteceu, mas essa não é uma delas. Não fiz nada para merecer o que fizeram comigo.

— Que tal se afastar?

Uma voz estrondosa, profunda e ameaçadora, reverbera atrás de mim. Eu o sinto como uma névoa densa, enrolando-se em torno de mim, movendo-se como névoa.

Intuitivamente ou talvez porque seu tom me fez pular, dou um passo para trás, meus sapatos pretos fazendo barulho na calçada. Minhas costas batem em seu peito, a cabeça vários centímetros abaixo de seu queixo.

O Sr. Corretor de Banco, ou talvez um gerente de ações, também dá um passo para trás, parecendo um pouco surpreso com a intervenção repentina. O medo o faz engolir em seco.

— Olha, não quero problemas — ele murmura, enfiando a carteira no bolso e erguendo as mãos em defesa. — Eu pensei que ela estava...

— Não me interessa. Vá embora enquanto ainda pode.

Reprimo uma risada, não com as palavras, mas com a forma como o homem empalidece, enfiando o rabo entre as pernas e saindo correndo.

Quando ele se vai, viro-me para encarar o cavaleiro de armadura brilhante que não queria nem precisava, com a intenção de lhe dizer que posso travar minhas próprias batalhas, mas decido manter a boca fechada quando o vejo.

Os olhos castanhos escuros de Silas refletem o sol, expressão severa meio que desaparece quando ele desvia o olhar do homem nobre e olha para mim.

O terno cinza que veste complementa meu vestido perfeitamente, como se ele estivesse no meu quarto enquanto me vestia e observasse para que pudéssemos combinar. A maneira como dobra e curva os músculos do peito e dos braços. Mordo o interior da bochecha,

inclinando a cabeça para olhar um pouco mais de perto as tatuagens espalhadas por seu pescoço, aparecendo por cima do traje.

Sinto-me fisicamente pequena na sua presença.

— Parece que estou à venda? — Arqueio uma sobrancelha, cruzando os braços na frente do peito para criar alguma distância entre nós.

Ele zomba, o ar soprando em seus lábios. Se eu não soubesse, pensaria que foi uma risada suave, mas, na verdade, sei melhor. Silas levanta lentamente o dedo indicador e desliza uma mecha de cabelo branco da frente do meu rosto, seu anel dourado brilhando na luz.

— Não se pode colocar um preço em você — ele sussurra roucamente, inclinando-se mais perto, seu peito tocando meus braços. — Os homens ainda pagariam milhões, mas isso não tem nada a ver com a sua aparência.

Meu estômago revira, o calor subindo pelas minhas bochechas, mas zombo para encobrir o efeito que suas palavras têm sobre mim.

— Vamos acabar com isso — murmuro, limpando a garganta e virando as costas para ele. — Tenho que voltar ao estúdio esta noite.

— Sim, senhora.

Ouçó os passos de Silas me seguindo enquanto passamos pelos degraus de concreto da frente e entramos no tribunal.

Assim que passamos pelos detectores de metal, um segurança acena com a cabeça em reconhecimento, acenando para que avancemos antes de revistar a mala de outro visitante.

Tento me concentrar no barulho dos meus saltos enquanto ando, mas tudo que consigo pensar é no fato de que estou prestes a obter minha certidão de casamento.

Vou me casar, porra.

Posso sentir o olhar de Silas perfurando minha nuca, como se ele pudesse sentir meu pânico, removendo cada camada de apreensão com seus olhos enquanto o pavor se infiltra em minhas veias.

Seguimos por um longo corredor, chegando ao elevador somente depois de passar por três postos de segurança.

Silas mantém a porta do elevador aberta para mim e entro. Assim que nosso botão é pressionado, minhas palmas suam um pouco. Posso sentir o cheiro de sua colônia, sentir o calor irradiando dele.

Sabia que isso aconteceria. Eu concordei com isso, mas uma súbita onda de pânico me invadiu.

E se isso não funcionar? E se Stephen matar alguém quando descobrir? E se a família de Silas descobrir a verdade, que tudo isso é uma farsa?

E se. E se. E. Se.

O barulho do metal e o ranger das engrenagens encham meus ouvidos. Um grito angustiante rasga o ar quando o elevador de repente avança. Meu corpo dispara para frente, minhas mãos instintivamente se estendem para agarrar as grades de cada lado enquanto as luzes piscam por alguns segundos antes de voltarem ao normal.

— Só pode estar brincando comigo. — Silas geme ao meu lado, pressionando o botão de ajuda de emergência. Um tom de discagem preenche o espaço confinado.

Mal consigo ouvir a conversa entre ele e a empresa operadora de elevadores por causa do barulho em meus ouvidos. Minha garganta coça, o calor sobe pela minha espinha. Como se eu precisasse de outro sinal, a energia acaba completamente, submergindo-nos na escuridão total. A senhora do alto-falante nos garante que alguém virá ajudar em breve, mas já é tarde demais.

Espaço pequeno e escuro.

Fecho os olhos, tentando estabilizar minha respiração e acalmar meus pensamentos acelerados. Ninguém fala sobre como a escuridão é sufocante. Como forma mãos tangíveis, as envolve na sua garganta e aperta até esquecer como era a luz.

Passei dois anos sufocada no escuro.

— Ficaré tudo bem...

— Isso é um erro — sibilo, encostando-me na parede atrás de mim. — Isso é um sinal de que toda essa merda é um erro.

Uma risada enlouquecida sai dos meus lábios enquanto balanço a cabeça.

— Nem nos conhecemos. Somos estranhos e isso é um erro estúpido. Não podemos fazer isso...

— Pare. — Sua voz ecoa nas paredes. — Respire.

Meu coração dá um pulo quando percebo que ele se aproximou, seu hálito mentolado fazendo cócegas em meu rosto. Achei que tê-lo tão perto só aumentaria minha ansiedade, mas isso não acontece.

Tenho andado na corda bamba e ele se tornou uma rede estável abaixo de mim. Sempre lá, por algum motivo, quando minha mente gira e o mundo se move rápido demais.

Inspiro, enchendo meu nariz com o cheiro dele antes de soltá-lo pela boca.

— Boa menina, Hex — elogia suavemente, os dedos tocando suavemente meu braço. — Pergunte-me.

— O quê? — Sussurro, respirando fundo novamente enquanto abro os olhos, mesmo que não consiga vê-lo.

— Tudo o que precisa saber, pergunte-me. — Sua voz é firme. — Pergunte-me. Deixe-me falar com você. Faça de mim mais do que uma voz.

Deixe-me falar com você.

Foi assim que tudo começou, não foi? Tudo porque procurei o seu número em um par de sapatos. Quando estava desmoronando e sua voz me ajudou a juntar os cacos.

Talvez, de alguma forma, meu cérebro tenha conectado sua voz à segurança, algum tipo de feedback positivo. Quando o ouço, me sinto mais leve. Não esta pessoa pesada e danificada, oprimida pela dor.

Coloco meu lábio inferior entre os dentes. Como posso lhe dizer que preciso que ele mantenha a voz? Que não posso querer conhecê-lo? Como posso dizer que quero saber tudo sobre si, mais do que tudo? O que será e onde esteve. Quero saber como é te tocar, tocar em você de verdade, porra.

Como posso dizer a ele que quero isso, mas não posso ter? Que isso o mataria se eu pegasse o que queria.

— Qual é a sua cor favorita? — Pergunto estupidamente.

Silas se aproxima de mim, seu ombro tocando o meu antes que o ouça deslizar até a parede e se sentar. Sabendo que ficaremos aqui por um tempo, me junto a ele no chão, esticando as pernas na minha frente.

— Laranja — ele diz, suspirando em torno das palavras.

Sufoco uma risada. — Como laranja neon?

— Como uma laranja avermelhado.

Estou surpresa com a sua resposta. Ele parece um cara meio cinza. A maioria das pessoas inclui sua cor favorita em sua casa ou guarda-roupa. Nunca o vi usar laranja e não vi isso em seu apartamento. Provavelmente é uma coisa pessoal.

— Qual é a nossa história? — Direciono meu olhar para frente, observando o preto se estender diante de nós, deixando a pressão da perna de Silas contra a minha agir como um lembrete de que não estou mais presa naquele porão.

— Você me viu e se apaixonou perdidamente. Exigiu que me casasse com você.

Um sorriso surge em meus lábios enquanto viro a cabeça em sua direção, embora não consiga distinguir suas feições no escuro. — Você acabou de fazer uma piada, Hawthorne?

Seu ombro se ergue ao meu lado, confirmando o que ouvi em sua voz, um sorriso malicioso.

— Sério, não pode me mandar para a casa da sua família e

esperar que eu torne isso realista se não tiver uma mentira pronta para contar. Se as coisas fossem diferentes, como teríamos conhecido?

Há silêncio por um momento, apenas o som da nossa respiração antes de ele falar.

— Seu estúdio — diz ele, sua perna pressionando com mais força minha coxa. — Hedi me disse para ir ver o trabalho que estava fazendo para a Light. Você estava terminando uma aula, vestindo algo velho e largo, macacão ou uma camiseta com muitos buracos. E eu não poderia ir embora sem conhecê-la.

Minha respiração fica presa na garganta e rolo meus lábios. É apenas uma história, apenas faz-de-conta, mas uma parte secreta de mim gostaria que fosse real, mesmo que por um momento.

— De alguma forma, convenci você a ir jantar, o que será a parte mais difícil desta história para fazer minha família acreditar.

— Por que? — Pergunto, franzindo a testa em confusão.

— Porque você é teimosa *pra* caralho.

Eu rio alto. Uma risada verdadeira que sinto no fundo do estômago, um som desinibido de alegria, porque ele tem razão.

— Passei o resto da noite tentando te fazer recriar aquele som. — Ele se inclina um pouco mais para o meu lado. — O resto, minha mãe não precisa ouvir.

O elevador dá um solavanco e um suspiro escapa dos meus lábios. Um barulho horrível ressoa em meus ouvidos e minha mão dispara, agarrando sua coxa. Minhas unhas cravam na pele enquanto meu estômago despenca.

Meus olhos se fecham com força, como se isso fosse impedir minha destruição iminente. Então meu coração começa a acelerar por um motivo totalmente diferente. O braço de Silas se estende sobre mim, agarrando meu quadril com sua palma grande e me puxando para seu colo.

Instintivamente, minhas pernas se abrem, montando nele, e

minhas mãos descansam em seus ombros para me equilibrar enquanto ele me força ainda mais em seu espaço.

— Faça-me outra pergunta, Hex. — Sua respiração é quente e derretida em meu pescoço, o cascalho no fundo de sua garganta roçando minha pele.

O coração irradiando de seu corpo está tornando impossível resistir a me empurrar contra ele. Seus dedos traçam padrões em meus quadris.

Isto é ruim. Muito ruim.

Uma dor, profunda e implacável lateja entre minhas coxas. Mordo a parte interna da minha bochecha, tentando ignorá-la, sentindo o calor se espalhar pela minha pele. Tentando não fazer algo estúpido como me esfregar em seu colo como uma gata carente.

— Eu, hum. — Gaguejo e tropeço nas palavras. Afasto-me um pouco dele, as mãos pressionando firmemente seu peito para me firmar. Meus joelhos afundam no chão abaixo de nós. — Você me faz uma pergunta.

— Sua tatuagem — ele diz suavemente. — Por que Medusa?

Quase tinha me esquecido da tatuagem preta e cinza na parte superior das minhas costas - longe da vista, da mente, suponho, mas a memória volta à tona, o brilho das agulhas e da tinta gravada em minha carne.

É exatamente essa a sensação deste momento com Silas.

Uma queimação profunda e um leve puxão quando a agulha penetra na pele. É nítido e monótono ao mesmo tempo e te deixa com um lembrete permanente da experiência.

Mais uma vez, o elevador sacode e estremece ao nosso redor, me fazendo cair para frente em seu peito mais uma vez. Minha cabeça está encostada na lateral de seu pescoço, a palma da mão pressionada atrás de sua cabeça contra a parede fria de metal.

— Eu transformo os homens em pedra, por que mais? — Minha

voz está tingida de calor sobre o qual não tenho controle.

Seu aperto aumenta, apertando dolorosamente meus lados com tanta força que minha pele vibra com a sensação. Tudo está tão quente – a pressão entre minhas coxas, sua respiração contra minha orelha – que parece fogo queimando em minhas veias.

— Mhmm — ele cantarola, os lábios pressionando contra o lado da minha garganta. Sinto a vibração do som na minha pele, fazendo minhas coxas apertarem sua cintura.

— Isso não é uma resposta — ofego através do calor, deixando meu peso cair em seu colo, quase choramingando quando sinto seu comprimento endurecido embaixo de mim pressionando minha calcinha úmida.

— Estou tentando decidir se devo continuar deixando você me contar pequenas mentiras para que possa continuar fingindo. — Seus dentes roçam a pele sensível do meu pescoço. — Ou dizer que vejo através de você.

Minha respiração sai mais rápida, usando minha mão atrás de sua cabeça para criar espaço, olhando para baixo. Está escuro, mas posso sentir seus olhos em minha boca.

Nós nos inclinamos um para o outro, minha testa tocando a dele. Posso sentir sua respiração, como um segredo. Escondido e irresistível.

— Não. — Balanço a cabeça levemente, sinto-o congelar embaixo de mim. — Isso não é real.

Minhas palavras pretendem lembrá-lo de que esse arranjo é falso, talvez rompendo o véu da luxúria com a razão.

— Nada no escuro é — ele murmura, a ponta do nariz batendo no meu — Se está escuro, ainda não é real.

Sua mão sobe da minha coluna até a base do meu pescoço antes de me puxar para perto com um aperto violento.

Nossos lábios estão tão próximos agora que quase se tocam, tão próximos, mas não o suficiente. A razão começa a sangrar.

O que quer que aconteça no escuro fica aqui, digo a mim mesma. Poderia beijá-lo nas sombras e esqueceríamos o que aconteceu quando desaparecessem.

O elevador, contudo, dá um último solavanco – a única coisa ao nosso redor com a mente clara, aparentemente, é uma peça de maquinário. Eu me afasto, o peito arfando enquanto olho para seus olhos.

Não estamos mais cobertos pela escuridão.

A luz voltou, assim como a realidade.

Conseguimos separar nossos membros um do outro, ficando de pé e nos movendo naturalmente para extremidades opostas do elevador. Enrolo um braço em volta da minha cintura, com as bochechas quentes, pois o silêncio só torna as coisas mais estranhas.

Silas limpa a garganta pouco antes de um ding ressoar e as portas se abrirem.

Do lado de fora estão vários membros da equipe com olhares de preocupação em seus rostos. Quando saímos, imediatamente começam a falar com Silas. Afinal, ele é esse homem, e eu sou apenas uma mulher delicada e frágil.

Evito revirar os olhos antes de me afastar alguns metros, só para conseguir algum espaço. Minha mente faz aquela coisa de bloquear tudo, cair em si mesma e ter conversas das quais outras pessoas não têm conhecimento.

A primeira vez que tropecei em Vervain, procurando alguém para ficar, estava desesperada para apagar a memória do corpo de Stephen dentro do meu. Queria me livrar das células da pele que ele queimou com a ponta dos dedos, fechar os olhos e não vê-lo em cima de mim.

Descobri que a única maneira de fazer isso seria se eu estivesse no controle. Eu tinha que estar por cima. Tinha que ser rápido e apenas para a felicidade estúpida que acompanhava o orgasmo. Não se tratava de conexão ou sentimento, apenas tentando afastar a memória do homem que roubou meu corpo.

Silas Hawthorne estava com as mãos em cima de mim e, embora estivesse montada em seu colo, nunca pensei em nada além dele. Não senti nada além de seu aroma de tabaco e carvalho.

Mesmo na escuridão total, ainda era o rosto de Silas em minha mente. Isso nunca vacilou por um segundo.

Não tenho medo de fazer sexo com ele. Estou com medo de que não seja apenas sexo entre nós. Não quando existe essa conexão entre nós. Uma linguagem sussurrada. Uma que ele ouve quando estou em perigo e que lhe permite saber como me ancorar. Palavras que parecem um bálsamo calmante na minha pele depois de anos em chamas abrasadoras.

Precisando de uma distração, enfio a mão na minha pequena bolsa e pego meu telefone. Estou pensando em mandar uma mensagem para Lilac, perguntando o que ela quer para o jantar, para que eu possa pegar no caminho para casa, mas há um número desconhecido na minha tela.

Desconhecido: Eu não a teria machucado, Circe. Sabe que eu não faria isso com você. Foi só para que pudesse receber meus presentes. Gostou deles? Certifique-se de dizer ao Schizo para manter as mãos onde elas pertencem, certo? Sinto sua falta. Vejo você em breve.

Como diabos ele sempre consegue meu número?

— Silas — chamo acima do barulho dos funcionários do tribunal.

Seus olhos imediatamente se voltam para os meus, desligando todos menos eu. Seus passos fecham a curta distância entre nós. Sem dizer uma palavra, viro meu celular para ele ver a tela.

— Posso ficar com isso? — Ele aponta para o telefone quando termina de ler, sem a energia do elevador, substituída por um homem que carrega uma expressão de raiva. — Comprarei um novo para você.

Concordo com a cabeça, deixando-o tirá-lo das minhas mãos.

— Precisamos nos preparar para o que ele fará quando descobrir que somos casados — digo. — Ele não aceitará bem.

— É com isso que estou contando.

VELHOS HÁBITOS

Silas

— Vai parar de mastigar tão alto? — Alistair diz enquanto chuta a cadeira de Rook ao meu lado com um baque alto.

Eu olho, observando Rook sorrir enquanto come outro Doritos, mastigando os dentes ruidosamente só para ser um idiota. Seus dedos estão polvilhados com pó de queijo, seus pés apoiados na minha mesa. Balanço a cabeça, pensando em quantas vezes ele fez exatamente isso ao longo dos anos de nossa amizade, escondido em qualquer caverna que criei, comendo um lanche conforme mexo no computador.

Meu teclado brilha em um azul profundo sob minhas mãos. Os estalidos falsos da máquina de escrever ecoam quando viro levemente a cabeça para olhar para uma das telas menores à esquerda do monitor grande e iluminado à minha frente.

— O que exatamente está fazendo e por que preciso estar aqui para isso?

— Ligação, Thatcher. Não aja como se não sentisse minha falta — diz Rook, apontando para as telas à sua frente. — E ele está fazendo algo legal com tecnologia. *Wormholes* e cortinas de fumaça digitais.

Thatcher revira os olhos. No reflexo de uma das telas, vejo-o cruzar os braços, recostando-se na mesa de metal atrás dele. — Sabe o que essas palavras significam?

— Não.

Solto uma risada. Ele está envolvido com essas coisas há bastante tempo. Estou surpreso que isso seja tudo que ele percebeu.

Números verdes caem em cascata pela tela à minha direita, um

sorriso malicioso aparece em meus lábios. Depois de semanas rastreando e-mails e analisando endereços IP, a teia que ele teceu está se desfazendo a cada pressionamento de tecla.

Eu me sinto relaxado em meu trabalho. Tudo ao meu redor parece desacelerar, o zumbido suave dos servidores e das luzes piscando se transformando em ruído branco que envolve o porão do meu apartamento. É um consolo temporário da realidade. As prateleiras de cabos e placas de circuito lançam tons neon na mesa de vidro e metal à minha frente.

Meu playground. Meu porto seguro.

Durante semanas, arquivei as linhas recebidas e analisei cada endereço IP na ordem inversa. Em questão de minutos, se tiver sorte, terei o servidor de e-mail original do remetente. Não poderei rastrear a localização deles, mas poderei fazer a próxima melhor coisa.

Existem regras que se deve seguir com tecnologia, códigos e sequências que são imutáveis, mas depois de dominá-los, entender como funcionam, está à sua disposição.

Quando eu era jovem, meu pai me disse que todo homem que se prezasse precisava saber jogar xadrez. Foi enquanto aprendia esse jogo que me apaixonei pelos computadores. Ele recitava movimentos usando notação algébrica. Peão por Peão, o Cavalo é conquistado.

Hackear é um grande jogo de xadrez. É por isso que sou tão bom nisso.

— Não quero apressar sua genialidade, mas precisa estar no tribunal em menos de uma hora — diz Rook ao meu lado, como se eu precisasse ser lembrado do que é hoje.

Hoje é o dia do meu casamento.

O rosto de Coraline aparece em minha mente, os dedos desacelerando um pouco nas teclas enquanto me lembro da sensação de seu corpo tenso e quente pressionado contra o meu há três dias. Minha língua passa pela frente dos meus dentes, o cheiro dela ainda permanece no meu nariz.

Lavanda e mel.

Ingredientes simples, viciantes na pele.

Ela ignorou todos os sinais das minhas mensagens desde então, menos hoje, quando lhe enviei o horário para estar no tribunal em Ponderosa Springs, o que me rendeu um simples OK.

Nem mesmo a palavra completa.

Não sei dizer se ela está me evitando porque odiou o que aconteceu no elevador ou porque gostou, o que a assusta. Tudo nela é um enigma. Há uma suavidade que aparece, apenas para ser combatida por uma dureza majestosa que ecoa em sua língua afiada.

Como se seu cérebro se sentisse vulnerável e enviasse bots para desligá-lo, optando por atacar qualquer um que ousasse chegar muito perto de derrubar suas paredes. Eu sei que ela sente isso, essa conexão entre nós.

— Falando na sua noiva — diz Rook. — O que há com isso?

Viro-me um pouco para ele, arqueando uma sobrancelha.

Ele afasta os pés da mesa, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos nos joelhos. — Ela sabe sobre a sua esquizofrenia?

Você sabe? Quero perguntar.

Esse cara é meu melhor amigo há anos. Ele me forçou a comer quando tudo que eu queria era murchar. Esteve ao meu lado enquanto eu estava amargo, comemorou quando me curei.

Nunca houve um momento, bom ou ruim, sem Rook Van Doren.

No entanto, ele ainda não me conhece. Não inteiramente, não totalmente, não do jeito que o conheço.

— Ela cresceu em Springs, não foi? — Respondo.

Rook cresceu em um lar violento com um pai que lhe ensinou que a angústia seria sua forma de arrependimento. Todos os dias, mesmo quando não o vejo fisicamente, sei que ele luta para não perseguir o ápice da dor. É a droga favorita do RVD.

A mordida, a picada, a onda de sofrimento. Isso apodrece nele como um mau hábito, e ele luta para se recuperar.

Costumávamos correr entre nós pela floresta ao redor do Peak quando éramos crianças. Estive ao seu lado enquanto fugíamos da polícia. Sei que ele tem medo de perder as coisas boas que tem na vida.

Sage. Os rapazes.

Sorrindo para esconder seu segredo mais sombrio de todos. Que às vezes ele não está feliz. Às vezes, os pesadelos de seu passado ainda vão para a cama com ele e o mantêm como refém.

— Só quero ter certeza de que ela sabe sobre seus remédios. Dessa forma, não...

— Não preciso de um maldito cuidador, Rook. — Minha voz é áspera, fria e cortante. O triste é que nem estou bravo com ele.

Estou frustrado com a situação. Não o culpo por pairar. Eu sei que ele só tem medo de me perder depois de tudo que passamos, mas isso também torna impossível conversar com ele.

A única pessoa para quem quero contar mais do que qualquer outra pessoa, e não posso porque ele será o primeiro a me internar de volta no hospital.

A tela do meu computador pisca para mim, o endereço IP do remetente original aparecendo na frente. Mordo o interior da minha bochecha, sentindo um pouco de alívio porque a parte difícil disso está feita.

— Não é Easton — murmuro.

O endereço IP que ele nos deu não corresponde. O que significa que destruir o antigo escritório do Stephen enquanto o Easton vigiava depois de o termos mantido sob a mira de uma arma foi infrutífero. Tudo o que descobrimos foi que Wayne Caldwell está, na verdade, pagando a conta de sua amante e de seu único filho. Eu sei que Alistair diz que isso não o incomoda, atenua suas feições e segue em frente, mas eu o conheço.

Eu sei que o menino que existe nele, que nunca teve a infância que merecia de seu pai, está magoado. É exatamente por isso que quando fui buscá-lo hoje, Briar estava de mau humor e batendo em um saco de pancadas.

As feridas que um pai deixa em seu filho nunca desaparecem. Só crescem com eles até a idade adulta.

— É Stephen?

Dou de ombros, olhando por cima do ombro para Alistair. — Provavelmente. Não tenho certeza. De qualquer forma, quem enviou está prestes a ter todo o seu disco rígido apagado.

O software personalizado que passei anos construindo foi criado para coisas assim. Alguns minutos depois, o tempo passa antes que eu entregue um malware ao sistema deles. Nem terão tempo de saber que está lá antes que destrua o sistema e se apague.

— Vai apagar o vídeo? — Thatcher pergunta atrás de mim.

Concordo com a cabeça, recostando-me na cadeira e colocando as mãos atrás da cabeça. — A menos que eles tenham feito uma cópia, o que duvido, considerando o quão ruins são seus firewalls, desaparecerá nos próximos vinte segundos.

Um problema resolvido, vários outros pela frente.

Pelo menos eu queimar um corpo não estará no noticiário nacional.

— Quer comemorar esta pequena vitória?

Três cabeças se voltam para Alistair, a curiosidade passando por cada um de nós.

— Briar quer jogar — ele murmura, enfiando o telefone no bolso da jaqueta de couro.

Um jogo.

O Graveyard. O Labyrinth. O Gauntlet. O Peak.

Todos os anfitriões de um jogo perverso diferente que pelo menos

um de nós participou nos últimos anos, variando em perigo e sempre desequilibrado.

Tínhamos quinze anos quando competimos no Gauntlet pela primeira vez. No primeiro dia da primavera, West Trinity Falls e Ponderosa Springs entram em guerra. Os jogos e locais mudam a cada ano, mas a adrenalina permanece. O jogo daquele ano foi *Fugitive*. Tinha algumas jovens dirigindo carros, brincando de policiais, e a outra metade eram prisioneiros fugitivos. O objetivo era roubar algo de valor da cidade do time adversário e voltar aos limites de sua casa sem ser pego.

Ganhamos depois que roubamos uma viatura policial do departamento local de West Trinity. Essa também foi a primeira vez que o pai de Rook teve que nos tirar da prisão sob fiança. Jogávamos desde que éramos crianças. Sempre será algo que bombeia adrenalina em nossas veias como fogo líquido.

Rook bufa, um sorriso adornando seus lábios. — Tenho certeza de que isso não tem nada a ver com a sua perversão primal/presa que vocês têm.

— Vai se foder, Van Doren. Você marcou a bunda da Sage. Com um isqueiro. — Alistair levanta o dedo médio em sua direção, mas a resposta de Rook é simplesmente mostrar a língua e piscar como uma criança. — Além disso, não foi ideia de Briar. Foi de Lyra.

Thatcher ri baixinho, um som raro que só sai quando sua namorada está por perto ou é mencionada. Ele pressiona o polegar e o indicador nos olhos, balançando a cabeça. Lyra é sorrateira, indo até as meninas sabendo que Thatch diria não. Não porque não queira jogar, mas porque com tudo que está acontecendo, sua principal prioridade é proteger a rainha dos insetos favorita de Ponderosa Springs.

— Iniciação da Loner Society para Coraline — diz ele.

Apesar dos anos que se passaram, continuamos reféns da mesma sede cativante de rebelião, com a alma embriagada pela emoção do que acontece ao anoitecer. Somos criaturas da noite sempre, um caos

sangrento e indomável.

Não importa para onde fomos ou quão longe nos distanciamos, permaneceríamos para sempre à mercê da escuridão.

— Que jogo? — Rook pergunta.

— Esconde-esconde. — A boca de Alistair se curva em um sorriso sinistro. — Na Universidade Hollow Heights.

Meu sangue corre quente em minhas veias com a ideia de procurá-la, provando que não importa quão boa seja a sua luta, ela não pode escapar dessa conexão entre nós. Ainda posso sentir suas unhas cravadas em meus ombros, tremendo sob meu toque no elevador. Ela queria se derreter e se curvar debaixo de mim, mas sua mente recusou.

Ficar preso naquele elevador com ela foi apenas mais uma confirmação de algo que eu já sabia na medula dos meus ossos. Um pensamento que reprimi e tentei negar desde o momento em que saí do quarto do hospital, há dois anos.

Eu quero Coraline Whittaker.

Aquela coisa sinistra e dolorosa dentro dela que arranha e morde? Aquela que a assusta? Quero que deixe marcas em mim. Grita por mim quando ela me deixa chegar perto, me implorando para passar minha língua ao longo de cada centímetro quadrado de sua pele tensa.

Suas tentativas fúteis de colocar distância entre nós apenas alimentam minha fome. Coraline quer que eu a tema, como se aquela coisa adorável e sombria dentro dela fosse algo de que fugir. Ela é a única que não consegue ver que é o canto de uma sereia.

Não é a sua aparência que atrai os homens para as profundezas do seu mar, afogando-se por uma oportunidade de tocá-la.

É a aura de mistério que envolve cada movimento seu. Aquela força intocável e intangível enterrada em seus ossos.

Ela pode lutar contra isso se quiser. Isso não mudará nada.

O que quer que ela sirva, engolirei inteiro.

— Precisamos de máscaras.

Silas

O ar cheira a chuva, tocado por um zumbido que avisa que um raio está chegando.

— Acha que ela aparecerá?

Passo a língua pelo lábio inferior enquanto faróis aparecem entre as árvores. O carro de Coraline passa hesitante pelos portões de ferro abertos que levam à Universidade Hollow Heights.

Alistair pega o cigarro entre meus dedos, dando uma longa tragada antes de expelir vários anéis de fumaça que flutuam na escuridão.

— Sim.

Minha camisa preta de manga comprida se estica nas minhas costas enquanto cruzo os braços, recostando-me no carro.

Estou agradavelmente surpreso, considerando que quando lhe enviei uma mensagem com a proposta do jogo desta noite, ela me deixou lendo.

Menina teimosa.

Ela cuidadosamente estaciona em uma das muitas vagas livres no estacionamento dos estudantes, desliga o carro e abre a porta.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior quando ela sai, o vento batendo em seu cabelo imediatamente. Sopra para trás de sua cabeça em uma cortina de gavinhas marrons, e ela coloca minhas duas mechas favoritas atrás das orelhas.

— Adoro o cheiro de arrombamento e invasão. — Rook uiva

enquanto passa o braço por cima do ombro da namorada.

Acostumar-me a ver Sage Donahue foi um dos meus desafios mais difíceis depois que saí da enfermaria. É gêmea da minha ex-namorada morta. Durante muito tempo, tudo o que vi quando olhei para ela foi Rosemary, mas o tempo foi uma bênção secreta.

Não recuo mais quando aparece ou evito olhar para ela. Todas as suas diferenças na aparência começaram a ficar mais claras. Ela é sarcástica e às vezes dramática demais, enquanto Rose era mais relaxada. Seus cabelos têm tons diferentes de vermelho, olhos de cores diferentes, narizes de vários formatos. Ela lentamente se tornou apenas Sage, não mais uma imagem espelhada do amor que eu perdi.

Trouxe-me paz que uma parte de Rose, por menor que seja, conseguiu viver em sua felicidade. Sei que sua irmã ficaria feliz em vê-la se tornar a pessoa que sempre pensou que sua irmã gêmea poderia ser.

— Não é arrombamento se tiver as chaves. — Alistair aperta as chaves na mão com um sorriso antes de enfiá-las no bolso.

— Essa é a minha camisa? — Briar diz, inclinando a cabeça para olhar a roupa de Sage.

— Você literalmente está usando meu jeans.

Balanço a cabeça divertido e solto um pouco de ar dos meus lábios ao mesmo tempo que olho para Coraline, lentamente atravessando o estacionamento em direção ao nosso grupo. As meninas correm para o lado dela, sorrindo enquanto Coraline parece apavorada com a atenção. Nervosa até, como se já não fosse uma delas.

Ela foi aceita no momento em que deu um soco na cara de um homem adulto por Sage.

Eu as vejo interagir, abafando o som dos rapazes, seus ombros começando a relaxar, um sorriso aparecendo em seus lábios antes que sua risada ecoe em meus ouvidos.

Coraline poderia ser feliz se acreditasse por tempo suficiente que

merecia.

Quando elas começam a se aproximar um pouco mais, seus olhos se fixando nos meus, deixo que ela me observe absorvê-la.

Seus membros beijados pelo sol são exibidos em seu short preto quase imperceptível. Um top Thrasher preto justo se estende sobre seus seios, colocando uma imagem gráfica do meu pau preso entre eles em minha mente. Meu pau se agita atrás da minha calça jeans com o pensamento.

Esta cidade me diz que estou morto. Por um tempo, uma parte de mim estava.

Coraline Whittaker despertou algo em mim.

Desejo, saudade, necessidade.

Uma dor que nunca senti por ninguém antes. Não preciso que ela me ame. Não se trata de amor. Preciso que ela seja minha.

— Rook tem a mesma camisa — Thatcher diz quando ela chega perto o suficiente para ouvi-lo por cima do vento uivante, inclinándose no carro ao meu lado, Lyra caindo em seu peito enquanto envolve sua frente.

— Deve ter bom gosto, então — ela diz, ajustando a jaqueta de couro nos ombros.

— Discutível — ele murmura antes de pressionar o nariz na lateral da cabeça de Lyra, enterrando o nariz em seus cachos soltos como um psicopata. Eu brinco que ele viveria dentro do corpo dela se pudesse.

O que se transformou em um longo debate sobre uma torção [vore17](#).

— Agora que todos estão aqui, repassemos as regras. — Lyra esfrega as mãos. — Temos trinta minutos para nos esconder. Quando o tempo acabar, cada um de nós envia uma mensagem de texto ao buscador com uma pista. Se você não conseguir encontrar a pessoa escondida, poderá ligar para ela para obter alguma orientação, mas só

podem dizer quente ou frio.

— Quem está procurando quem? — Coraline pergunta, cruzando os braços na frente do peito e olhando para o grupo em busca de alguém que lhe dê uma resposta.

Quando seu olhar para em mim, ela percebe.

— É uma coisa de casal, entendi. Pergunta estúpida — ela diz enquanto balança a cabeça. — Então você...

— Caçarei minha noiva. — Puxo meu lábio inferior entre os dentes, evitando um sorriso malicioso.

Relâmpagos cortam o céu, rompendo o horizonte como um quebra-cabeça, acompanhados por trovões estrondosos, avisos de que a tempestade se aproxima.

— Vocês têm trinta minutos para nos encontrar — diz Briar, continuando as regras — e não podem ajudar uns aos outros. Têm que caçar sozinhos, rapazes.

Coraline levanta uma sobrancelha. — O que os vencedores ganham?

— Isso é entre você... — Rook aponta na direção dela antes de me apontar o polegar — ...e o Silas.

Os casais ao nosso redor começaram a se dispersar, preparando-se antes que as meninas se espalhassem para se esconder. Coraline dá um passo mais perto de mim, ficando a poucos centímetros de onde estou, encostado no capô do meu carro.

Seus olhos são escuros, o tipo de escuridão que parece convidativo. Que nos atrai.

— Estava começando a pensar que você não apareceria.

— Não ia. — Ela torce os lábios, um rubor tingindo suas bochechas. — Mas então me lembrei de ouvir sobre todos os jogos infames que vocês quatro jogavam no ensino médio. A adolescente que há em mim não me deixou recusar a chance de viver a fantasia que tinha de ser convidada.

Meus olhos semicerram um pouco enquanto inclino a cabeça, mordendo o interior da bochecha com diversão.

— Tem uma queda por um dos terríveis Hollow Boys no ensino médio, Hex?

Seus olhos reviram, mas o rubor em seu rosto permanece. Estava apenas brincando, mas algo me diz que talvez eu esteja certo com meu palpite.

— Você deseja — ela ironiza, fingindo. — Então, o que ganho quando eu ganhar?

Afasto-me do carro, dou mais um passo à frente e olho para ela com as mãos enfiadas nos bolsos. Tudo nela é pequeno comparado a mim.

— O que quer? — Minha voz é um grunhido rouco, mais rouco que o normal.

Coraline cantarola no fundo da garganta, debatendo suas opções. Olho para suas mãos, as pontas dos dedos tingidas de azul, manchadas de tinta. Ela me encara, olhos determinados.

— Tem que me contar um segredo — ela diz finalmente, segura de si em suas palavras. — Algo que ninguém mais sabe sobre você.

O vento uivante carrega todas as verdades sussurradas que nunca disse em voz alta. Um pensamento passa pela minha mente sem meu consentimento.

Você acreditaria em mim?

Tenho fé suficiente para que, se eu contasse a ela, confiaria em minhas palavras sem provas físicas? Ou seria como todo mundo, colocada dentro de uma caixa na minha vida, uma caixa que está fora do meu alcance, mas que nunca poderei tocar.

— E quando eu ganhar? — Pergunto.

— Se — ela corrige, semicerrando os olhos para mim com um desafio. — Eu lhe darei o mesmo em troca.

Ela diz como se fosse suficiente. Como se um segredo seu fosse

tudo que eu quisesse dela.

— O cronômetro começa em um minuto! — Lyra grita de onde está.

Viro a parte superior do corpo, agarrando a máscara que está no capô do meu carro e a segurando com uma das mãos enquanto balanço a cabeça.

— Não — murmuro, com a determinação tomando conta. — Não quero nenhum segredo seu, Hex. Quero todos eles.

Deslizo a balaclava preta sobre o rosto, deixando apenas os olhos visíveis. Ela está prestes a falar de novo, pronta para discutir, mas me aproximo mais, minha boca bem perto de sua orelha, o cheiro de lavanda em seu cabelo.

Seu corpo estremece sob meu toque, me fazendo sorrir por trás do tecido fino que cobre meu rosto.

— *Quando* te encontrar, não se, eu te direi o que quero — sussurro, arrastando minha boca pela concha de sua orelha. — Comece a correr.

* * *

Coraline

A Hollow Heights University é um show assustador durante o dia, retirado diretamente das páginas de uma história de fantasmas vitoriana.

Quando o sol se põe? É um pesadelo.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam enquanto corro pelas colunatas do Kennedy District. A chuva bate nos paralelepípedos, e trovões ressoam ao longe.

As sombras da Floresta Ponderosa à distância mudam durante a

noite, seus troncos se retorcendo ao vento como dedos nodosos me chamando para frente. Os lamentos da agitação do Pacífico gritam bem ao meu lado, a brisa de água salgada entrando pelos arcos. Gárgulas que montam guarda no campus se iluminam quando o raio cai e parecem se mover quando são mergulhadas de volta na escuridão.

Convidamos o sucesso, diz o lema da universidade com décadas de existência.

Os únicos convites enviados para este lugar são para o inferno.

É construído sobre ossos e dentes quebrados. Segredos sangrentos encharcam as páginas dos livros da Biblioteca Caldwell. Farsa e traição escorrem de todas as estátuas e fontes do local.

É para aqui que as pessoas enviam os seus filhos para se tornarem grandes líderes, apenas para serem surpreendidas quando, em vez disso, se tornam animais corruptos e famintos de dinheiro.

Uma parte de mim está feliz por nunca ter me formado aqui.

Está estranhamente silencioso quando empurro as pesadas portas de mogno. Cada passo ecoa por quilômetros pelos corredores escuros. Cheira a pavor, e uma parte de mim tem medo de admitir que estou com medo de desacelerar com receio de vislumbrar um fantasma.

O alarme do meu telefone quase me faz sair da pele. O barulho retumbante perfurando o silêncio me lembra que não tenho tempo para me esconder. Rapidamente, entro em uma das portas fechadas da sala de aula no primeiro andar do departamento de Inglês.

A porta bate atrás de mim enquanto atravesso a sala. É uma sala de aula estilo auditório, com filas intermináveis de assentos à minha esquerda. Sabendo que logo teria que enviar uma pista para Silas, decidi me esconder atrás da mesa do professor.

Minha linha de pensamento é que Silas abrirá portas, espiando dentro de cada uma delas para me encontrar. Por isso deslizo minhas costas pela lateral da mesa, deixando o grande pedaço de madeira me esconder da porta.

No entanto, isso me deixa de frente para uma parede de janelas altas que dá para a praça do campus. Certamente, ele não andaria lá fora na chuva.

Sem tempo para mudar de ideia, abro meu telefone e lhe envio uma mensagem. Meu pulso está no polegar enquanto digito, o batimento cardíaco batendo forte em meus ouvidos. Não esperava que isso fosse tão intenso, mas assim que todos saímos do estacionamento, se transformou em mais do que um jogo.

Estou sendo caçada. Perseguida e rastreada por um predador de ponta que, segundo rumores, não para por nada para conseguir o que deseja.

O boato diz que se andar onde estou escondido à meia-noite, poderá ouvir os gritos de uma garota cujo amor não correspondido a fez tirar a própria vida.

O barulho da minha mensagem sendo enviada ressoa na sala silenciosa.

Rapidamente tiro minha jaqueta de couro, me sentindo idiota por usá-la, sabendo que correria, e a jogo na minha frente. Coloco meu telefone no peito, ouvindo meu coração bater em meus ouvidos, tentando recuperar o fôlego, e minha cabeça se inclina para trás, batendo na mesa de madeira atrás de mim.

Meus olhos se concentram no espetáculo de luz elétrica dançando no céu, na escuridão e no vento que dançam do lado de fora do pátio de Hollow Heights. Não havia nenhuma razão real para eu concordar com isso. De qualquer maneira, não é uma boa.

Eu estava sentada no chão cheio de lonas manchadas de tinta, olhando para uma tela em branco enquanto tentava decidir se deveria simplesmente pedir comida tailandesa e assistir ao *The Great British Baking*¹⁸, quando Lyra enviou mais uma mensagem de texto. Eu não apareceria.

E então, essa coisinha.

Um brilho.

Brilhou e disparou em meu peito como uma estrela cadente. Um vislumbre de esperança de que talvez, apenas talvez, pudesse fazer amizades. Que esta poderia ser uma chance de não ficar tão sozinha.

Quando tentei me integrar novamente à minha antiga vida, visitando amigos do passado, tentando seguir em frente, continuei bagunçando tudo. Eu era muito quieta ou muito dura com amigos que conhecia desde o ensino médio. Não era mais divertida.

Isso aliviou uma verdade brutal sobre meu futuro.

Não mereço a vida que tive porque sou uma pessoa diferente. Uma versão mais cruel e fria.

Meu isolamento das pessoas era por medo, o medo que via no espelho todas as manhãs ao acordar. Vivia sob minha pele, baratas se enterrando em minha carne, e só eu podia vê-lo. Medo de não merecer nada de bom, porque não sou boa.

Muitas mulheres que conheci através da Light são gentis. Doam e nutrem corações que sorriem através do horror de suas experiências. Florescem como lindas flores e as pessoas admiram sua força. Admiro a força deles para ainda amar e confiar neste mundo depois do que ele fez com eles.

Ninguém elogia no que eu me transformei. Não sou uma tulipa que pode colher da terra, colocar em um vaso e admirar até murchar.

Tornei-me uma terra estéril. Um vale desolado onde nenhuma vida poderia prosperar. Não poderia me pegar em suas mãos sem que eu corresse a gaiola em que tentou me colocar.

Eles me julgam, me criticam, me dizem que devo ser grata e aprender a curar. Como se minha raiva não fosse o resultado de eu tentar me livrar da pele velha e consertar cicatrizes. Como se a porra da minha raiva não fosse eu aprendendo a curar.

Eu mereço minha raiva, e ela me merece.

O toque do meu telefone toca alto e me esforço para atender, precisando que cale a boca antes que desista do meu esconderijo.

— Alô? — Sussurro, não tendo tempo de verificar o identificador de chamadas antes de apertar o botão verde neon.

— Coraline.

Aquela maldita voz. Sua maldita voz.

É criminosa.

A maneira como ele diz meu nome é como a de pecadores que imploram aleluia. Rola de sua língua, uma oração que saboreia, deixando-a permanecer em seus lábios. Sua voz reverbera pela sala, agarrando-se ao ar como se não quisesse deixá-la sair da boca, querendo me manter ali.

— Frio — murmuro, lembrando-me das regras que Lyra havia falado antes.

Ele só conseguia obter instruções de temperatura. Frio quando estava longe, quente quando se aproximava, quente quando prestes a me encontrar.

— Você não está com fria, Hex — ele diz pelo alto-falante. — Eu te senti queimando sob minhas mãos outro dia.

Meu estômago embrulha, me fazendo engolir nervosamente. Essa conversa me leva de volta àquela noite no telhado, quando Silas não era Silas. Era apenas uma voz.

Uma voz que cura, acalma e faz minhas coxas enrijecerem.

Acho ridículo que uma pessoa que sabe não falar fale comigo. Que um pária cheio de mistério permite que sua voz seja ouvida por alguém como eu. O homem que diziam ser um vazio silencioso possui uma voz que me vira do avesso.

Aparentemente, minha boceta é ativada por voz.

É pior agora porque tenho uma imagem concreta de como ele é.

Silas Hawthorne tem sido letal no departamento de aparência desde o ensino médio, magro e tonificado, movendo-se como se fosse dono do chão abaixo dele. Embora meus amigos e eu costumávamos brincar sobre seu reinado de terror, minha respiração sempre ficava

presa quando ele entrava em uma sala.

Agora? Ele é um homem.

Braços grossos e musculosos, altos e imponentes nas maiores salas, tudo nele se contorce de poder. É esculpido em granito, construído para guerras em nome do Império Romano, mas carrega o coração de um poeta grego, gotejando amor trágico em cada veia dividida.

Uma porta bate ao longe, me fazendo ofegar. Os corredores vazios fazem tudo parecer mais próximo do que parece, como se ele estivesse bem ao meu lado.

— Seu coração está acelerado, sabendo que te encontrarei?

Escarneço, mentindo descaradamente. — Mais frio.

Meus ouvidos captam o som dele soltando o ar, como se estivesse rindo. Uma risada curta e secreta.

— Acabou de rir? — Sussurro, incapaz de evitar perguntar.

— Grite por mim e descobrirá. — Sua respiração sibila, zombando de mim.

Outra porta bate, ricocheteando pelo corredor até a sala em que estou. O medo percorre minha espinha, mas não do tipo de medo que tenho. Parece mais o tipo de medo que as pessoas perseguem. Do tipo que os viciados em adrenalina querem reprimir e engolir quando estão entediados.

— Quer saber o que me dará quando eu ganhar, Hex? — É falado como uma ameaça, pouco antes de outra batida trovejar em meu ouvido. — Um gostinho dessa boca de bruxa.

Minha língua traça meu lábio inferior com o pensamento, sabendo que ele me devoraria com a boca se eu deixasse. Não sei muito sobre Silas Hawthorne, mas ele não é doce no quarto.

Há uma energia inegável que me faz saber que sairia da sua cama com hematomas na garganta e arranhões na pele.

Ele não apenas me beijaria; me devoraria inteira e foderia se eu

não quisesse deixar.

Minhas coxas pressionam, esfregando para cima e para baixo, forçando meu short jeans a roçar contra minha calcinha úmida. A pequena faísca de atrito me faz querer mais, me faz querer tudo. Mordo minha língua enquanto a mão que não segura o telefone faz um rastro pelo meu corpo. Minha palma esfrega contra meu peito e meus mamilos apertam o metal que os perfura, fazendo-me arquear as costas ao meu próprio toque.

— Mais quente — murmuro quando meus ouvidos captam o som de suas botas tocando o chão de marfim.

Deixei minha mão roçar meu estômago, pernas estendidas enquanto meus olhos se fechavam. Na escuridão desta sala de aula, deixei minha mente vagar, deixei-a pensar em Silas olhando para mim, me observando.

Como seus olhos me absorveriam, como fizeram quando saí do carro esta noite.

— Tem um gosto doce, Coraline? Se eu fosse um apostador, diria que sim — ele sussurra, com uma promessa perversa no fundo da garganta. — Você pingará como mel na minha língua, não é?

Sua voz se torna elétrica, mãos tangíveis, me iluminando, praticamente me forçando a deslizar a mão por baixo da bainha do meu short. Tento reprimir o gemido na minha garganta quando as pontas dos meus dedos se arrastam pelo meio da minha calcinha.

Estou molhada, encharcando o tecido fino, pingando como mel, e só consigo pensar em Silas lambendo-o.

O som de seus sapatos desaparece e meus ouvidos se esforçam, tentando ouvir outra porta se abrindo, mas não ouço nada. Minhas entranhas parecem uma bobina esperando para partir, apenas a sua respiração do outro lado da linha quando meus dedos se enfiam na minha calcinha.

— Está se escondendo em algum lugar onde ninguém pode vê-la se tocando?

Meus olhos se abrem, em pânico, enquanto giro minha cabeça ao redor da mesa, olhando para a porta fechada. Não há outro ponto de entrada e, quando olho para as janelas altas, não há nada além de chuva. Nem um único indício de movimento.

— Como...

— Se gemer um pouco mais alto da próxima vez, poderei encontrá-la, Hex. — Há um sorriso malicioso em seus lábios – ouço na maneira como suas palavras se curvam e me envolvem.

— Frio — suspiro quando meu dedo médio desliza entre minhas dobras, enviando uma onda de choque de prazer da ponta dos pés até a coluna. Uma dor irradia do meu núcleo, me implorando por mais, implorando a ele por mais.

— Quando te encontrar com a mão ainda na calcinha, vai me deixar substituir seus dedos pela minha língua?

Minha respiração fica presa na garganta quando sua brincadeira se transforma em algo mais primitivo, um rosnado baixo em sua boca a cada palavra. Com os olhos fechados, é quase como se ele estivesse bem no meu ouvido, seus lábios roçando a pele sensível do meu pescoço, murmurando cada palavra obscena.

— Gelado — provoco, esfregando círculos apertados ao redor do meu clitóris.

Estou tudo menos com fria. Meu corpo está queimando, minha mente girando com imagens obscenas. Flashes de Silas enrolando a mão no meu cabelo, me empurrando para trás enquanto deixa marcas vermelhas na minha bunda por me foder com tanta força por trás. O olhar em seus olhos quando vê os piercings nos meus mamilos pela primeira vez, o quão cheia ficaria com seu pau enterrado até o punho em meu corpo.

— *Tsk. Tsc.* — Silas estala a língua. — Não minta para si mesma, baby. Não finja que não me quer entre essas coxas, comendo sua boceta até encharcar meu rosto. Porque é isso que farei se me deixar encontrar você.

Relâmpagos estalam lá fora, seguidos por trovões angustiantes. Minhas costas arqueiam, quadris pressionando mais meu dedo enquanto me esfrego com mais força. Minha boceta pinga na minha mão, um gemido entrecortado se misturando com a tempestade lá fora.

Quero seus olhos escuros olhando para mim entre minhas pernas, me levando ao limite do prazer e me observando cair do penhasco.

— Vou abri-la, encher sua boceta gotejante com meus dedos. Esticando-a para que esteja pronta para o meu pau. Você não será nada além de um buraco apertado para eu usar, certo?

Suas palavras me fazem tremer, os quadris balançando enquanto afasto a fricção da minha mão. Minhas pernas se abrem como se quisesse dar espaço para seus ombros largos, como se ele estivesse aqui.

Isso é tão fodido, mas meu corpo se rendeu à sua voz. Sou uma marionete em suas cordas vocais, deixando que me amarre e me toque como achar melhor. Eu o deixaria usar meu corpo como um brinquedinho, nada além de uma coisa para ele usar e abusar até terminar comigo.

— Estou chegando mais perto?

— Quente — suspiro, meu corpo fodendo meus dedos com vigor.
— Muito quente.

— Aposto que está perto, não é, baby? Posso ouvir essa boceta apertada fazendo bagunça. — Ele geme como se isso o machucasse fisicamente. — Diga-me onde está, linda.

O suor escorre entre meus seios por baixo da camisa enquanto trabalho, as ondas intensas de prazer do meu clitóris me fazem tremer. Eu me atrapalho para colocá-lo no viva-voz, ficando de quatro ao mesmo tempo que o telefone cai no chão, sem me incomodar com a ideia de ele me encontrar, curvada com a mão nas calças.

Meus quadris rangem contra minha mão, os ecos dos meus gemidos e da minha boceta molhada ressoam na sala de aula. Estou

tão perto que posso sentir o gosto do meu clímax na minha língua.

— E se eu terminar antes de você chegar aqui? — Minha garganta se contrai com as palavras, terminando com um gemido desesperado, praticamente implorando para ele me encontrar para que possa me foder até que meu corpo se abra para ele.

— Então terá sido uma *garota muito boa* para mim, Hex.

A sensação é indescritível. A forma como essa frase rebate nas paredes ao meu redor, uma linha direta para o meu clitóris. Meus quadris empurram para frente, me levando ao limite. Isso me atinge como um trem de carga, meu coração batendo forte no peito.

— Silas... — choramingo enquanto as pulsações ecoam por todo o meu sistema nervoso. Minha boceta aperta e abre em torno de nada, desejando que fosse ele.

Eu me contorço, balançando através do tremor que envia pequenos choques pelo meu estômago. Meu peito se agita quando coloco a cabeça entre os ombros, tentando recuperar o fôlego.

— Esse é o orgasmo mais fácil que terá de mim. — Seu tom é ameaçador, misturado com uma luxúria insaciável. — Você trabalhará muito mais para o resto.

Estremeço com a ameaça, a mão escorregando do meu short enquanto me inclino na parte de trás das pernas, ajoelhando-me na escuridão.

O alarme dispara no meu telefone. Um sorriso ilumina meu rosto, uma risadinha saindo dos meus lábios. Um orgasmo e uma vitória. Uma onda de orgulho adolescente surge em mim. Tinha acabado de derrotar um Hollow Boy em um de seus jogos. — Eu venci — digo, expirando. — Pague, Hawthorne. Dê-me o seu segredo.

Eu me pergunto se o resto das garotas ganharam ou caíram em circunstâncias semelhantes às minhas.

— Adoro vê-la gozar.

Minhas sobrancelhas se juntam, confusas. A satisfação que senti

momentos antes desmorona como um balão murchando, a sala fica silenciosa demais novamente. Depois ouço, meu ego se despedaçando. Um som que me arrepia até os ossos, um ruído distinto de batidas que atrai meu olhar para a parede de janelas.

Há mais do que escuridão lá fora agora.

Logo além do vidro está Silas, iluminado pelo raio que lança uma sombra sinistra em seu rosto, deixando-me ver seus olhos queimando nos meus.

— Levante-se de joelhos com a boca aberta assim, Coraline, antes que eu quebre este vidro e te faça engasgar com meu esperma.

Ele assistiu a tudo. Venceu e não disse nada só para me ver gozar na minha mão.

Lentamente, ele traça letras na janela com o dedo indicador, soletrando uma palavra com traços medidos que fazem meu coração acelerar.

Zugzwang.

— Inglês? — Estalo, abrindo um buraco na minha língua enquanto olho para ele, usando a mesa atrás de mim como apoio para ficar de pé. Meus joelhos ainda tremem, mas me recuso a mostrar isso a ele.

— Alemão — resmunga, em um tom cheio de sarcasmo. Sua voz é áspera e rouca por falta de uso, e odeio a maneira como isso faz cócegas na minha espinha. — Qualquer movimento que fizer só piorará sua posição.

— Outro termo de xadrez? Então? O que isso significa para mim?

Essa coisa toda foi um grande erro. Vir aqui, fazer isso com ele. Caí em um buraco do qual nunca conseguirei sair. Amanhã, me casarei com esse homem. Amanhã, será uma luta manter intactas todas as paredes restantes que o protegem de mim.

Amanhã, a guerra para proteger seu coração realmente começa.

— Xeque-mate inevitável. — Ele está olhando para mim com

olhos semicerrados que veem todas as mentiras que tentei esconder. Sabe que o que acabamos de fazer destruiu um muro que nunca poderei reconstruir.

— Isso significa que é minha agora, Hex.

DEZENOVE

ATÉ A MORTE

Coraline

Quando eu era pequena, talvez com oito ou nove anos, meu pai e Regina me levaram ao meu primeiro e único casamento. Na época, não entendia o que tudo aquilo significava. Tudo que eu sabia era que era bonita a propriedade histórica onde o casal trocou votos.

Durante a recepção, enquanto os pais dançavam e bebiam a noite toda, deixando os filhos aos cuidados de babás e cuidadores, saí e passei por um arco de pedra até o jardim dos fundos, onde pétalas de rosas pendiam como lanternas vermelhas em galhos pretos. Pequenos focos de luz de tochas estrategicamente posicionadas iluminavam caminhos sinuosos através de sebes enfeitadas com cristais que brilhavam como estrelas.

Foi perto de uma daquelas luzes que um garoto chamado Jeremy me deu uma flor.

Uma rosa vermelha singular que jurei guardar para sempre. Éramos pequenos e não tínhamos ideia do que o mundo nos reservava. Naquele momento, contudo? Sabíamos tudo. Sentimos tudo. Corações minúsculos brincando de pega-pega em trajes formais até cairmos na grama úmida, nossos peitos arfantes e risadas ecoando na noite.

Ele me olhou antes de sair, segurando minha pequena mão na sua, e disse — *Eu te amo*.

Não era verdade. Tínhamos acabado de nos conhecer; ainda não sabíamos o que a palavra significava, na verdade não. Tínhamos ouvido nossos pais dizerem isso, visto em filmes quando as pessoas se davam as mãos, mas para nós, naquele jardim, era amor.

Era o suficiente.

Só meses depois é que descobri, através dos amigos fofoqueiros de Regina, que minha maldição havia completado um círculo pela primeira vez. Jeremy morreu em um acidente de carro com seus pais depois de sair daquele jardim.

Não me lembro se chorei, apenas que me senti culpada por não ter guardado a rosa que ele me deu para sempre, como lhe disse que faria.

Eu não sabia ainda, mas meu coração amaldiçoado havia ceifado duas vidas antes mesmo de eu começar a acreditar que minha mãe havia passado algo mágico para mim.

Um azar. Um feitiço.

Isso é tudo em que tenho pensado nos últimos vinte minutos ao mesmo tempo que estou neste banheiro no tribunal, tentando domar meu cabelo até ficar submisso, mas ainda se recusa a cooperar.

Pressiono as palmas das mãos suadas na pia, olhando no espelho. Os fios soltos voam em volta do meu rosto, zombando de mim. O coque elegante que tinha em mente é inútil, não quando o lado esquerdo do meu cabelo simplesmente não fica preso para trás.

— Precisa de um spray de cabelo?

Olho no espelho, o reflexo da minha irmã é claro. Ela segura uma sacola de roupas familiar no braço e o que acho que é seu kit de maquiagem no outro.

— O que está fazendo aqui? — Pergunto, virando-me para ficarmos de frente uma para a outra. — E por que tem isso?

Seus lindos sapatos marrons batem no chão enquanto caminha em minha direção, o vestido amarelo combinando perfeitamente com sua pele bronzeada, cachos dourados emoldurando seu rosto.

Não poderíamos ser mais diferentes.

— Apesar do sentimento deste vestido, é lindo demais para não ser usado, e me recuso a deixá-la se casar com... — Ela olha meu vestido preto simples de cima a baixo com desgosto. — Isso.

O vestido de noiva da minha mãe.

Era uma relíquia para algo mais do que eu. Não queria desonrar a sua memória usando-o em um casamento que só tem papéis assinados em um tribunal. Parece que estou desrespeitando a sua memória.

— Não é um casamento de verdade, garota. Não precisamos de uma florista.

Há um suspiro em seus lábios, ombros caindo enquanto se aproxima e coloca o vestido na pia ao lado de sua bolsa de maquiagem.

— Ele também parece nervoso. — Ela se inclina contra a pia ao meu lado, sorrindo enquanto me bate com o quadril. — Se isso ajudar.

— Quando o viu?

— Espreitei no tribunal. — Seus olhos brilham com aquela travessura que conheço tão bem.

Silas está nervoso?

Espere, é claro que está. Não é como se ele também tivesse muita escolha no assunto.

— Quando se tornou tão intrometida? — Pergunto, cutucando seu ombro com o dedo indicador, um sorriso brincalhão nos lábios.

— Cara, eu costumava deitar embaixo da sua cama enquanto você falava merda com seus amigos em ligações a três — ela brinca de volta. — Sempre fui intrometida. Você só está percebendo isso agora.

Eu rio, balançando a cabeça com sua bobagem. Nos dias mais sombrios, ela nunca deixou de ser uma luz no fim do túnel.

— Mas ele fica lindo de smoking.

Não consigo evitar o rubor que aquece meu rosto com suas palavras.

— Oh meu Deus, você gosta dele — ela suspira como se tivesse me pego mentindo. — Gosta mesmo dele!

Meus olhos reviram com sua reação exagerada, tentando apagar

meus sentimentos do meu rosto.

Atração não é a razão pela qual não estou cantando músicas de casamento e enrolando o cabelo de alegria. Eu sei como ele é, sei que há centenas de garotas que matariam para estar no meu lugar.

Ele me faz sentir vulnerável. Faz-me sentir segura, como se eu pudesse me abrir e saber que ele não fugiria assustado com o que tem dentro.

— Não, eu não gosto. — Minto, sentindo o gosto amargo na minha língua. — Além disso, não importa, Lilac. Isso é... simplesmente não importa.

Um suspiro derrotado sai de seus lábios, desistindo de tentar me deixar animada para esse momento. Com dedos ágeis, ela enfia a mão na bolsa e tira um alfinete prateado e azul de dentro. Intrinsecamente desenhado com pequenos cristais azuis e delicadas filigranas de prata, é uma joia deslumbrante.

— Precisa de algo azul. — Lilac gira o dedo, fazendo sinal para que eu me vire. Decidindo não discutir com ela sobre esse assunto, encaro-me novamente no espelho.

— Sei que você está com medo — ela sussurra, passando os dedos pelo meu cabelo e enrolando-o. — Fingir saber o que passou não melhora, e argumentar para me deixar entrar não acabará com isso.

Mordo o interior da minha bochecha enquanto ela arruma meu cabelo, me lembrando de todas as vezes que fiz a mesma coisa por ela. Quando ela cresceu?

— Mas acho que Silas poderia ser bom para você, Coraline. Acho que também poderia ser boa para ele. Vocês dois cheiram a tristeza.

Meu estômago revira desconfortavelmente.

— Você não o conhece. — Endireito meus ombros quando ela prende o coque atrás da minha cabeça. — Isso é para mantê-la segura, Lilac. Não se trata de amor. Nem todo mundo sonha com isso.

— Você costumava sonhar — ela afirma, encontrando meus olhos

no espelho. — Costumava sonhar em se apaixonar. Pode não se lembrar, mas eu sim. Cada conto de fadas antes de dormir, cada encontro com Emmett. Admirei a maneira como perseguiu o amor. Agora, apenas bloqueia.

Isso foi antes de me tornar indigna disso, tenho vontade de gritar.

Quero que ela entenda, mas não sei como lhe dizer. Que há partes de mim que ainda vivem no porão dos Sinclair. Ele tirou coisas de mim que nunca recuperarei.

Não posso simplesmente perseguir o amor porque sei o quão amargo é o sabor.

O amor é uma arma e já matei muitas pessoas com ela, mas está certa. Estou assustada.

Com medo de que um homem bom, um grande homem, como Silas, morra por minha causa. Há duas partes de mim me destruindo por dentro. A parte que sabe como isso acaba e a parte que quer ser egoísta.

Eu quero conhecê-lo. Para saber como ele luta com coisas que não existem, como lida com sua mente constantemente pregando peças nele. Se ainda assombram seus dias e noites. Quero saber o que o assusta e se são iguais aos meus.

Eu o quero, mas não mais do que quero que ele viva.

— Gostaria que pudesse se ver do jeito que eu vejo. A maneira como os outros te veem. Você não é essa vadia fria, Coraline. Não importa o que o mundo tente dizer. — Seus dedos empurram o alfinete no topo do meu coque, mantendo efetivamente os fios no lugar. — É gentil e seu coração foi feito para dar. É ferozmente protetora, tem mais medo de machucar os outros do que de ferir a si mesma. Tem permissão para deixar o amor entrar, Cora. Não estou dizendo para se apaixonar por ele. Só estou pedindo que, se a oportunidade se apresentar, permaneça aberta à possibilidade. Estou lhe pedindo tenha uma chance de ser feliz. Vê-la tão triste está me matando.

Amo minha irmã, e quando vejo as lágrimas sutis em seus olhos brilhando nas luzes do teto do banheiro, isso me mata. Eu faria qualquer coisa para garantir a sua felicidade, mas não posso mentir para ela. Não posso dizer a ela que tentarei porque não posso.

Por isso, faço a próxima melhor coisa.

— Dê-me o vestido estúpido.

* * *

Silas

— Senhor. — A juíza limpa a garganta. — Se a noiva não estiver aqui nos próximos dez minutos, teremos que remarcar.

Olho para o corredor curto, passando pelos bancos de madeira. Não sou de ficar ansioso. Raramente, ou nunca, duvido de mim mesmo, mas sabia que depois do jogo de esconde-esconde da noite anterior, a probabilidade de Coraline ficar assustada era alta.

Talvez seja a ignorância me dizendo que ela aparecerá de qualquer maneira. Que é muito teimosa e obstinada para recuar. Sei o quanto Lilac significa para ela e Coraline sabe que cumprirei minha palavra. Que se algo acontecer com ela, será cuidada.

Apesar da nossa ligação, ela não arriscará a segurança da irmã.

Se o e-mail que recebi esta manhã de quem presumo ser Stephen servir de indicação, ela precisará da minha proteção contra ele. Era uma linha, o suficiente para me informar que meu pequeno vírus havia fodido todo o seu plano.

***Acha que preciso de um vídeo para acabar com vocês quatro?
Este jogo apenas começou.***

— Preciso de um momento — digo à única pessoa nesta sala, a juíza sentada na plataforma elevada atrás de mim.

Ando pelo corredor, pressionando as palmas das mãos nas grandes portas. Quando abrem para o saguão principal, me deparo com centenas de pessoas se movimentando pelos pisos de alabastro. Homens e mulheres em trajes de trabalho, estranhos tentando não perder seus compromissos no tribunal.

É muito diferente da sala silenciosa da qual acabei de sair. Enfio a mão no bolso, procurando meu telefone, preparado para ligar para ela e atraí-la, mas parece que não preciso.

Entre o mar de corpos sem rosto, ela desce da grande escadaria. Seu cabelo está puxado para trás, expondo suas feições marcantes. A maquiagem que usa é diferente do delineador escuro habitual. É mais suave, mais neutro. A luz do sol que entra pelas paredes das janelas toca cada passo que ela dá no mármore e granito.

Seu vestido branco segue cada curva de seu corpo como uma segunda pele.

Eu não esperava que ela usasse um vestido de noiva, mas agora que usou, não quero vê-la com mais nada, envolta em quilômetros de tecido de seda que quero rasgar com os dentes.

— Jesus Cristo — murmura um homem que passa por mim, parando para observá-la.

Eu me pergunto se foi o decote mostrando quilômetros de sua pele macia ou a renda delicada que veste seus braços que o fez parar.

Seria fácil me distrair com a sua aparência, mas não é isso que me deixa tão paralisado. É a maneira como sua cabeça se inclina para cima, sem se incomodar com os olhos nela, sem um pinga de nada além de confiança em cada passo em minha direção.

A seda desce, formando uma poça de tecido que flui ao redor de seus pés quando finalmente me alcança. Há um sorriso tenso em seus lábios enquanto ela pega o vestido na cintura, agitando-o.

— Demais?

Seus olhos brilham à luz do sol, como ouro derretido. Mel derretido no café. Meu maldito favorito.

Têm um calor que pode dissipar a preocupação e uma perspicácia que pode acabar com as besteiras.

Os olhos nunca mentem. Ela é gentil e feroz. Mel e castanha. Frio e quente.

Um pequeno enigma.

— Perfeita.

Suas bochechas ficam rosadas enquanto ela limpa a garganta, aquela confiança que carregava momentos atrás derretendo sob meu olhar. Como se o que estou pensando a deixasse constrangida.

— Preparada? — Pergunto, estendendo minha mão para ela pegar.

— Não — ela murmura, os dentes puxando nervosamente o lábio inferior. — Não posso...

Um passo para frente, dez para trás, com este.

— Coraline. — Suspiro, me perguntando o que Stephen fez com ela que a deixou com tanto medo de mim. O que seu passado lhe contou que a fez se opor tanto a confiar nos outros.

— Não, não é sobre mim. — Ela balança a cabeça, uma carranca entre as sobrancelhas. — Tem certeza de que quer fazer isso? Sei que está fazendo isso pelo seu pai, mas tem certeza que ele quereria isso para você? Tem certeza de que não quer esperar para se casar com alguém que ama?

Hesito por um momento antes de responder, consciente dos segundos que passam e sabendo que precisamos nos encontrar com a juíza em breve.

Suas perguntas pairam no ar como uma névoa densa, aproximando-se de mim. A verdade é que sei que meu pai não quereria isso para mim, mas não posso lhe dizer isso, porque ela o usará como uma desculpa para sair dessa, e isso é tudo. Ela querendo que eu duvidasse disso. Querendo que me agache e corra para que ela não seja responsável pelo que acontece depois que dissermos que sim.

Passei dois anos em uma onda de vingança porque era isso que eu queria, mas se eu for honesto comigo mesmo? Eu a quero. Quero isso com ela.

Não são circunstâncias ideais, casar com ela antes de nos conhecermos de verdade, mas ainda a quero. Quero os dois anos de acesso a essa miragem de mulher porque pela primeira vez em muito tempo ela me faz sentir vivo. Há uma faísca dentro de mim que não existia antes, que nunca acreditei que pudesse existir.

Egoisticamente, quero seus próximos dois anos – setecentos e trinta dias protegendo-a, conhecendo seus hábitos, desvendando seu mistério fio por fio.

O resto? Atrair Stephen, salvar a empresa da minha família? Tudo se tornou um benefício adicional.

— Tenho certeza. Você é a única que tem dúvidas aqui. — Viro-me ligeiramente, tentando agarrar a maçaneta da porta do tribunal. — Perderemos nossa chance se...

— Pare. Apenas pare por dois segundos — ela sussurra, agarrando a manga do meu smoking, me puxando para que eu fique de frente para ela. — Pare de fingir que tem tudo sob controle. Pare de fingir que é isso o que quer. Seu pai está morrendo e o homem responsável pela morte de sua ex-namorada quer arruinar sua vida. Por dois malditos segundos, pare de ser uma base tão sólida e me mostre as rachaduras na sua calçada.

Passo a palma da mão pelo meu queixo. — O que quer que eu diga aqui para levá-la até o altar, Hex?

— A verdade — diz com firmeza, exigindo uma resposta para a qual não tenho certeza se ela está preparada. — O calmo e legal Silas e a quebrada e bagunçada Coraline. Está sempre lá, tentando estar lá para mim, para outras pessoas. Não posso fazer isso se sou a única que se inclina. Você também precisa se apoiar um pouco em mim.

Meus dentes rangem. Este é o problema de ficar em silêncio: todos assumem seus sentimentos. Constroem sua narrativa sem fatos e

cospem em você como se fosse verdade, usando pistas de contexto e besteiras para tecer uma teia para que possam entendê-lo.

Quando não falamos, ninguém conhece a história.

É uma guerra que tive que criar para mim mesmo, uma batalha que travei por Rosemary. Uma contra quem venho lutando há anos. Deixar o mundo me dizer quem sou, o que sinto e o que me tornarei.

Médicos, meus pais, meus amigos, até Rosie. Ninguém me conhece porque nunca dei oportunidade a ninguém.

— Estou a meses de perder o homem que me criou. — Olho para ela, realmente olho para ela por um momento. Sua pele bronzeada brilha ao sol, a boca cheia em linha reta. — Tenho pavor de falhar com ele. Com medo de como seria a vida sem ele. Receio não ter tempo suficiente para aprender como manter com sucesso a empresa da nossa família antes que morra, mas tenho uma mãe e dois irmãos que não podem se dar ao luxo de ver esse medo.

Eu me aproximo dela, em seu espaço, lentamente alcançando seu rosto em minha mão. Meu polegar passa logo abaixo de seu olho e uso meus dedos para inclinar seu pescoço para trás, para que olhe para mim.

Quero que ela me veja para que possa ouvir essas palavras e saber que nunca foram ditas em voz alta para ninguém além dela. São essas partes de mim? Ninguém mais tem. Ninguém sabe.

— Estou a poucos minutos de deixar a culpa pelo que fiz me comer vivo. Não consigo dormir à noite porque sei que o motivo pelo qual Stephen está tentando destruir meus amigos é por minha causa. Tudo o que penso, tudo o que sonho, é mandar uma bala no seu crânio e acabar com isso para sempre.

Deixei que ela me visse, imóvel. Eu a deixei saber que não estou fugindo disso, dela. Estou nisso com ela. Estou depositando também minha confiança nela.

— Estou a segundos de beijar sua maldita boca porque está tão linda e ainda sente a necessidade de me perguntar se tenho certeza

sobre me casar com você. — Minha voz é um sussurro no fundo da minha garganta.

As feições de Coraline suavizam quando meu polegar traça seu lábio inferior. O mundo a assustou irreconhecível, feriu e espancou sua alma. No entanto, ela está aqui, com medo de *me machucar*.

Apesar de tudo que nós dois passamos, preciso que ela saiba que estou nisso. Aconteça o que acontecer a seguir, independentemente do que signifique para ela, ela sempre terá alguém com quem possa contar.

Mais que uma voz. Mais do que um número de telefone. Ela sempre me terá.

Deixo minha testa na dela, respirando profundamente com seu perfume.

Sua respiração fica presa no fundo da garganta, a cabeça inclinada ainda mais para trás, como se para me dar acesso, como se me deixasse explorar sua boca com a língua bem aqui. Enfio meus dedos em sua nuca, agarrando meu autocontrole.

— Mas não vou — murmuro, afastando-me de seu rosto, criando espaço entre nós dois. — A primeira vez que te beijar, Hex, é quando te farei minha esposa.

A língua de Coraline traça seu lábio inferior, pegando meu polegar no processo.

— Não há mais ninguém no mundo com quem eu preferiria fazer isso — digo honestamente. — Estou inclinado o suficiente?

Ela limpa a garganta, balançando a cabeça lentamente enquanto dá um passo para trás do meu aperto. O calor sobe de seu pescoço e pinta suas bochechas.

— Devíamos... — aponta para as portas atrás de mim. — Provavelmente deveríamos entrar lá.

Meus dentes apertam meu lábio inferior enquanto balanço a cabeça. Essa maldita garota.

Como se a ideia fosse dela o tempo todo, estendo minha mão, abrindo a porta para ela passar. Para minha surpresa, chegamos ao fim sem dar um pio, finalmente ficando na frente da juíza.

— Que bom que todos pudemos vir — diz ela, reajustando a toga preta e pressionando os óculos na ponta do nariz. — Estamos prontos para começar?

Viro meu corpo de frente para Coraline, que faz o mesmo. Mais uma vez, estendo ambas as mãos. Vou a cinquenta, e só preciso que ela venha os outros cinquenta. Ela respira fundo antes de colocar as mãos nas minhas, dando um aceno fofo de cabeça.

— Ótimo. — A juíza bate palmas, levanta um pedaço de papel branco e lê-o. — Coraline Whittaker e Silas Hawthorne, hoje vocês escolheram entrar nos laços do casamento. O casamento é um compromisso com a vida, com o melhor que duas pessoas podem encontrar e extrair uma da outra. Oferece oportunidades de partilha e crescimento que nenhum outro relacionamento pode igualar. O casamento não é apenas uma cerimônia ou um pedaço de papel; é um pacto entre duas pessoas de amar, honrar e valorizar uma à outra pelo resto de suas vidas.

Meu polegar esfrega o topo de sua mão como se tentando suavizar todos aqueles anos de solidão com um simples gesto, deixando-a saber que estou bem aqui, igualmente destroçado, e que ainda não vou a lugar nenhum.

— Tem votos preparados ou devo continuar lendo o roteiro?

Olho para a juíza. — Os votos padrão serão...

— Na verdade — Coraline interrompe — tenho uma coisa, se estiver tudo bem.

Franzo a testa enquanto ela tira um pedaço de papel amarelado de dentro da frente do vestido. A juíza atrás de sua mesa levantada ri de seu esconderijo.

Ela limpa a garganta, com as bochechas coradas quando começa.

— Silas, prometo ser a sua paz quando o mundo oferecer apenas

guerra. Para ser sua guardiã de segredos e porto seguro. Hoje, prometo ser a única pessoa que te aceita como é e quem você se tornará. — Ela olha para mim, sustentando meu olhar enquanto fala a última linha. — Até que a morte nos separe.

O papel parece velho demais para ser dela. Independentemente do significado que tenham para ela, independentemente de terem sido feitos para mim, ainda fazem meu peito apertar. Quanto tempo se passou desde que alguém foi minha paz? Há quanto tempo estava em guerra sem tempo para descansar?

— Sr. Hawthorne? — Diz a juíza, instando-me a trocar minhas próprias promessas com a mulher à minha frente.

Observo-a dobrar o papel e colocá-lo de volta no vestido antes de pegar minha mão novamente. Coraline se inclina, sua voz é um sussurro abafado. — Pode apenas fazer os normais. Sei que isso não foi planejado nem nada.

Balanço a cabeça, segurando suas mãos para puxá-la para mais perto de mim.

— Neste dia, prometo fazer minha a sua raiva, resistir à tempestade da sua vingança e mantê-la segura para sempre. Prometo ficar ao seu lado. Não importa o que aconteça, nunca estará sozinha. Até que a morte nos separe.

Cada palavra é verdadeira, cada promessa que pretendo cumprir. Não importa o que isso me custe. Não sou mais só eu nisso; é ela também.

— Coraline, aceita Silas como seu legítimo marido enquanto os dois viverem?

As palavras da juíza vibram no ar parado. Um silêncio doloroso se estende antes que ela respire fundo, apertando minhas mãos.

— Aceito.

— Silas, aceita Coraline como sua legítima esposa enquanto os dois viverem?

A realidade desta situação deveria se estabelecer, mas por alguma razão, tudo que consigo pensar é no fim disso – quando recebo ordem do tribunal para beijar a mulher na minha frente, meus lábios roçando os dela para que possa provar o doçura de sua boca, derretendo todas as palavras sarcásticas e sorrisos maliciosos com minha língua.

— Aceito.

— Tem anéis para trocar?

O pânico invade o rosto de Coraline, mas o canto da minha boca se ergue. Posso não ter planejado os votos, mas planejei isso. Enfio a mão no bolso e pego os dois anéis.

Entrego a ela a minha, uma aliança simples de ouro com uma gravação na parte interna que diz #dd4a3d. Meu segredinho, considerando que ela não percebe quando coloca no meu dedo.

Lentamente, retribuo o favor, deslizando o diamante solitário redondo com uma aliança de ouro combinando em seu dedo. Não é chamativo ou terrivelmente grande; é algo de beleza furtiva, refletindo a mulher que o usa.

— Pelo poder que me foi conferido pelo estado de Oregon, agora os declaro marido e mulher. — A juíza suspira, como se esta fosse a parte que menos gosta. — Agora, pode beijar a noiva.

Os olhos de Coraline se arregalam quando minha mão desliza em seu cabelo, puxando-a para mais perto. A sensação do anel enrolado em meu dedo é uma sensação com a qual preciso me acostumar.

— Nada que possa lhe dar se parecerá com amor, Silas.

— Então fingirei.

Sua respiração fica presa, mas engulo.

Minha boca pressiona a dela em uma colisão faminta. Não sou suave nem gentil; paciência é a última coisa em minha mente.

Os lábios de Coraline se abrem sob os meus, submetendo-se antes mesmo de eu obrigá-la. Meus dedos seguram seu cabelo, mantendo nossas bocas juntas, recompensando seu bom comportamento

traçando o interior de sua boca com minha língua.

Eu mergulho e roubo meu primeiro gostinho da Bruxa de Ponderosa Springs. A amaldiçoada. Pela primeira vez, esta cidade pode ter acertado em algo. Sua boca é um feitiço.

Ela estremece em meu abraço, fazendo-a agarrar a frente do meu smoking com ambas as mãos. Puxando-me para ela, move os lábios lentamente, completamente sobre os meus. Quando fica na ponta dos pés, precisando de altura extra para se aproximar de mim, como se não conseguisse chegar perto o suficiente, eu sorrio contra sua boca. Meu braço livre envolve sua cintura, pressionando-a contra meu peito antes de levantar seus pés do chão.

É tudo o que um primeiro beijo nunca deveria ser. Não é doce ou bem-humorado. Não é dado com amor.

Um gemido suave vem do fundo de sua garganta, me fazendo morder seu lábio inferior para que me dê mais daquele som. Eu o chupo em minha boca para me encher com seu sabor, aquela magia negra presa profundamente em suas veias que tem gosto de maldito mel e açúcar no fundo da minha garganta. Os seios de Coraline roçam meu peito, me fazendo gemer. Seu corpo implora por mim, pelo prazer que sei que posso dar a ela.

Quero foder minha esposa, aqui mesmo nesta sala, e não me importo com quem assiste. Deixe-os vê-la aberta em um desses bancos de madeira. Deixe o mundo ver o quão flexível e boa para mim ela é, com as pernas tremendo enquanto me implora para parar de fazê-la gozar, apenas para eu continuar até que goze mais duas vezes.

Mais. Mais. Mais.

É a feitiçaria de sua língua me fazendo desejá-la em quantidades prejudiciais à saúde.

— Com licença. — A voz desconfortável da juíza ecoa em meus ouvidos, fazendo Coraline afastar os lábios dos meus imediatamente. — Há outro casal esperando para se casar hoje.

Por uma fração de segundo, me pergunto se consigo fazer com

que Rook descubra uma maneira de demitir essa mulher. Contra a minha vontade, coloquei Coraline de pé novamente, observando-a mexer no cabelo e ajeitar o vestido.

Estamos saindo desta sala como marido e mulher.

Eu sei que esse casamento é falso. Ao longo dos anos, tornei-me muito bom em distinguir entre o que é a realidade e o que é a minha mente brincando.

No entanto, nada me pareceu mais real do que esse beijo.

VINTE

MAMÃE ESTÁ LOUCA

Silas

Bang. Bang. Bang.

Outra forte sucessão de batidas na minha porta da frente.

— Pelo amor de Deus — murmuro, passando a mão pelo rosto.

Estive no escritório ontem à noite revisando relatórios apenas para voltar para casa e passar duas horas colocando um dispositivo de rastreamento no telefone de Easton Sinclair.

Mesmo que não tenhamos encontrado nada na Mansão Sinclair que provasse que ele ajudava seu pai, não acreditaria apenas na sua palavra. Não quando sei que ele é uma maldita cobra.

Abro a porta da frente e encontro meu irmão mais novo do outro lado. Ele ainda é vários centímetros mais baixo que eu, mas parece muito mais velho do que me lembro da última vez que o vi.

— Levi? — Franzo a testa. — Que porra está fazendo aqui?

— Sendo um irmão fantástico e avisando que o furacão Zoe chegará à sua porta na próxima hora. — Ele enfia papel em meu peito nu, entrando no apartamento.

Não preciso olhar para saber que ele vai para a cozinha, provavelmente para assaltar minha geladeira. Desde criança ele tem um apetite que reflete um poço sem fundo.

Puxando o papel para baixo, sinto uma dor de cabeça atacar meu cérebro imediatamente.

***Sinos de casamento para bilionário da tecnologia e
herdeira do petróleo.***

O *Ponderosa Springs Tribune* descreve com desagrado nosso relacionamento tranquilo, sem esquecer de mencionar a história de terror do tráfico humano de Coraline para maior contexto.

Como se o trauma dela fosse necessário para atrair mais atenção para o jornal de merda deles. Uma foto nossa saindo do tribunal está colocada na coluna da esquerda.

Engulo a vontade de rasgá-lo ao meio, puxando meu telefone da calça de moletom cinza. Ligo para Coraline três vezes antes que ela atenda, parecendo sem fôlego.

— Sim?

— Preciso de você no meu apartamento nos próximos trinta minutos — murmuro, esfregando a testa para aliviar a tensão. — É uma emergência.

— O que aconteceu? — Apressa em dizer, o eco de algo pesado caindo ao fundo. — É Stephen?

— Pior. — Suspiro. — É minha mãe.

Coraline respira fundo; praticamente posso ouvir seu pânico pelo telefone. Eu disse a ela depois do casamento que teria que conhecer meus pais em breve. Planejei ganhar o tempo que ela precisasse, mas, aparentemente, três dias é tudo o que conseguiremos.

— Estarei aí em breve — ela murmura no alto-falante, não me dando mais tempo para informá-la antes de desligar, deixando-me com um tom de discagem vazio.

Maldita mulher, optando por entrar em pânico por conta própria, então deixe-me convencê-la a descer da borda por telefone antes que chegue aqui. Ela será a minha morte, tenho certeza disso.

Fechei a porta da frente, andando lentamente pelo chão frio até a cozinha.

— Parabéns — Lev murmura em torno de um muffin comprado em uma loja. — Mamãe matará você. É bom ver o irmão de ouro cair.

Meus olhos reviram. Ele se pergunta por que digo que ele é o

dramático. Ando em direção à máquina de café, ligando uma nova cafeteira, antes de pegar dois frascos de comprimidos. Um para minha enxaqueca crescente, outro para depressão. Jennifer Tako ficaria muito orgulhosa em saber que ainda os tomo e não os troquei por vitaminas.

— Não apenas se casou antes de ela conhecer sua esposa, como ela descobriu através de um jornal. Está realmente fodido.

— Deixe-me preocupar com nossa mãe — digo. — Por que está em casa? Aconteceu alguma coisa com o seu estágio em Boston?

Observo o café ser preparado lentamente, sem pressa, como se não fosse a única coisa nesta sala que me ajudaria a superar o que está prestes a ser o dia mais longo da minha vida.

— Senti sua falta também, idiota. — Estou de costas para ele, mas sei que ele está me ignorando. — Os estagiários têm uma semana de folga e eu queria ver o papai.

— Caleb?

Lev está em silêncio, me contando mais do que qualquer uma de suas palavras brincalhonas. Quando há café suficiente, coloco-o em uma caneca, virando-me para encará-lo antes de repetir minha pergunta.

— Você conhece Caleb, Silas. — Ele suspira, largando o muffin meio comido e se apoiando na minha ilha. — Ele está evitando seus problemas. Surfando pela vida, mal atendendo meus telefonemas. Evitando ir para casa para não ter que enfrentar o fato de que papai está morrendo.

Levi e Caleb sendo gêmeos é apenas uma de suas características interessantes. São uma série de traços de personalidade que mudaram e cresceram ao longo dos anos. Levi está estudando microbiologia em Boston, enquanto Caleb está no SoCal¹⁹, só fazendo faculdade para que nossos pais paguem seu apartamento na praia.

O vínculo deles, entretanto, sempre permaneceu inabalável. Até agora, até nosso pai adoecer e as diferenças na forma como lidam com

o estresse começaram a aparecer.

Levi é um pouco como eu, quer enfrentar o problema para poder resolver. Caleb está... Caleb está com medo. Acha que se simplesmente não pensar sobre isso, desaparecerá. Papai não fica doente se não voltar para casa.

Nenhum deles está errado, mas sei que um dia Caleb se arrepende de não ter visto mais o papai antes de morrer. No entanto, essa não é minha batalha. Não vou forçá-lo a lidar com a situação da maneira que acho que deveria. Estarei lá apenas no rescaldo para ajudar a juntar os cacos.

— É egoísta ele agir dessa maneira. Ele nem fala com a mamãe.
— Sua voz está tingida de veneno quando olho para ele.

— Caleb está lidando com isso no seu próprio tempo, do seu jeito. Não há nada de egoísta nisso. Dê-lhe tempo para fazer isso sozinho. Quando estiver pronto, ele voltará para casa — digo calmamente, colocando uma colher de mel na minha bebida. — E você? Como está lidando com isso?

— Estou bem. — Ele encolhe os ombros com indiferença. É robótico e praticado. Provavelmente é isso que ele diz à mamãe, o que diz ao papai e aos amigos na Costa Leste quando perguntam.

Caleb pode estar evitando, mas Levi está desviando.

Aproximo-me até ficar ao seu lado. Recostando-me na ilha da cozinha, olho para ele, esperando que encontre meu olhar.

— Lev, olhe para mim.

Depois de alguns momentos de silêncio, ele levanta lentamente a cabeça para que nossos olhos se encontrem.

— Não sou a mamãe. Não sou o papai. Não precisa se fazer de forte pra mim. — Cruzo os braços na frente do peito. — Pode ficar triste aqui. Ou com raiva. Ou feliz. Sinta tudo o que precisa sentir.

Eles podem pensar que são homens, durões e que estão sozinhos no mundo, mas sempre serão meus irmãos mais novos. Crianças que

precisam de permissão para não serem fortes o tempo todo. Seu pai está morrendo bem na sua frente; ele tem permissão para ceder.

— Você já ficou com medo, Si?

— O tempo todo — digo a ele honestamente.

— Eu também. — Ele engole em seco. — Estou sempre com medo. Só esperando o telefonema de que ele se foi. Cada vez que meu telefone toca, entro em pânico. O que faremos quando ele não estiver aqui?

Lágrimas cobrem os cantos de seus olhos e gostaria de poder aliviar sua dor. Gostaria que houvesse uma maneira de melhorar isso, mas nada do que eu disser pode fazer isso.

— Viveremos, lembraremos dele e seremos felizes porque é isso que ele quer para nós. Tudo o que ele sempre quis. Não será fácil e haverá dias em que lutará mais do que outros, mas aprender a amar a memória de alguém que perdemos ajuda. Só leva tempo.

Foi o que me ajudou a chorar por Rosemary, o que me ajudará a chorar por meu pai quando ele falecer. Aprendendo a amar a memória de quem eram nesta Terra, em vez de focar no fato de não estarem aqui.

O luto não é uma batalha difícil. É um processo que tem altos e baixos, não apenas altos.

Levi acena com a cabeça, aceitando minhas palavras, mas sem realmente ouvi-las. Não ouvirá, não até que esteja pronto, e isso é tudo que posso pedir a ele agora.

— Como faz isso? — Ele pergunta, com uma carranca entre as sobrancelhas. — Pai, Hawthorne Tech, a esquizofrenia? Estou lutando pra caralho, e você é como um muro de pedra, como sempre.

Mordo o interior da minha bochecha, tentando pensar em como responder sem adicionar mais pressão sobre ele. Não sei como lhe dizer que não quero ser assim, mas preciso. Por ele, por Caleb e mamãe. Se eu desmoronar, começar a tentar explicar a verdade sobre minha doença mental, será demais para eles carregarem.

Não posso impor isso a eles e não preciso fazê-lo - pelo menos não agora.

Porque espreguiçando pela entrada da cozinha está minha esposa.

O anel é um ajuste, mas chamar Coraline de minha? Fácil.

Com seu um metro e meio de altura, os cachos castanhos caindo em cascata sobre seus ombros, emoldurando suas feições marcantes, a curiosidade brilhando em seus olhos, quase como se também esperasse para ouvir minha resposta.

A fome se acumula em meu estômago.

A jaqueta de couro que fez várias aparições está pendurada em seus ombros. Isso me lembra Alistair e sua obsessão pela jaqueta que usa desde o colégio. Uma minúscula regata branca que mostra sua barriga me faz pensar em como seria fácil rasgar o material com os dentes.

Coraline me olha, ocupada demais me observando para perceber que notei sua presença, olhos castanhos suaves traçando as linhas do meu corpo sem camisa. Se meu irmão mais novo não estivesse na sala conosco, eu a deixaria continuar.

— Coraline. — Minha voz rouca faz seus olhos se fixarem nos meus, um rubor em suas bochechas ao saber que foi pega.

Levi gira a cabeça tão rapidamente que me dá uma chicotada. Contenho meu aborrecimento enquanto ele se comporta como se nunca tivesse visto uma garota antes.

Ela dá a ele um sorriso desdentado, acenando sem jeito. Seus quadris balançam enquanto entra na cozinha, me provocando com a perspectiva de levantar só para ver de que cor é sua calcinha.

— Oi — ela respira baixinho, estrangulando a alça da bolsa.

— Droga — Levi murmura baixinho como se não pudéssemos ouvi-lo.

Imediatamente estendo a mão e dou um tapa na parte de trás de sua cabeça. — Maneiras.

Coraline tem que morder o lábio inferior para não sorrir, e fico irracionalmente zangado com os seus dentes por cuidarem disso, escondendo uma das coisas raras e lindas que ela faz.

Gosto do sorriso dela. Gosto da sua risada. Eu gosto *dela*.

É uma situação estranha para mim, gostar de alguém. Não tenho uma paixonite desde o ensino médio, e isso parece muito mais intenso do que me lembro.

— Levi, o irmão mais atraente. — Ele estende a mão para apertar a dela. — Como diabos esse idiota conseguiu você?

Malditos irmãos.

Eles foram criados para nos irritar constantemente. É por isso que Rook se dá tão bem com minha família.

— Não é o gêmeo mais novo? Pode ser o mais atraente se houver uma cópia mais antiga sua? — Ela inclina a cabeça, piscando enquanto finge confusão, pegando a mão dele e apertando-a. — E eu tenho uma queda pelo tipo silencioso e taciturno.

Ele zomba. — Caleb gostaria de ter esse queixo.

Como o elástico que é, ele volta ao normal. Nossa conversa anterior se dissipa, todo o seu medo escondido atrás de um sorriso ofuscante.

Eu a observo rebentar com ele por mais alguns minutos, ouvindo-os brincar antes de ele ir para o banheiro, deixando nós dois sozinhos.

— Qual é a emergência? — Ela pergunta, inclinando-se para ter certeza de que Levi não está ao alcance da voz da nossa conversa.

— Minha mãe e meu pai estão vindo para cá.

Seus olhos se arregalam antes que ela olhe para sua roupa e volte para mim. — Não pensou em mencionar isso antes? Teria usado alguma coisa, não sei... — joga as mãos para o alto. — Mais nupcial, porra? Pareço Jackie, a Estripadora.

— Está gostosa — murmuro. — E meus pais não se importarão com o que está vestindo, Hex. Contanto que eles conheçam você.

Ela zomba. — Duvido. Como descobriram? Achei que fosse nos ganhar tempo?

Simplemente deslizo o jornal que Levi me deu pela ilha na sua direção, depois pego meu café e tomo um gole enquanto ela lê. Seu nariz torce enquanto examina a página.

Seu nariz faz exatamente a mesma coisa quando está prestes a gozar.

Porra.

Não pense nisso agora. Pense literalmente em qualquer outra coisa, seu idiota. Por reflexo, olho para minha virilha. A última coisa que preciso é estourar uma ereção antes que minha mãe invada minha casa.

— Encontrar o amor depois da casa dos horrores? Acha que eles se cansam da perspectiva do sequestro?

— Você? — Pergunto. — Já se cansou da maneira como ainda falam sobre o que aconteceu com você?

— Sim — ela respira, pressionando o polegar e o indicador no canto dos olhos — Mas tenho uma pele grossa, por isso não me incomoda mais. Serei apenas uma coisa nesta cidade, para estas pessoas. Nada que eu faça mudará isso. É apenas...

— Exaustivo. — Termino a frase para ela, observando-a tirar a mão e acenar para mim. Como se só por um instante ela percebesse que somos mais parecidos do que diferentes.

Quando as estações de notícias reciclaram a sua história a nível nacional uma e outra vez, mostrando o mesmo vídeo dela fugindo do porão apenas para se atirar nos braços do seu captor, lembro-me de uma profunda sensação de compreensão me atravessando.

Entendi como ela se sentia.

Ter que ouvir a narrativa que as pessoas inventaram sobre você porque nunca falou a verdade publicamente. Como se devesse sua história ao mundo, ou eles simplesmente inventariam uma para você.

Para esta cidade, ela pode ser para sempre a garota que foi sequestrada, mas isso não é tudo o que ela é, nem tudo o que se tornará.

Eu só me pergunto se ela sabe disso.

— Foi difícil para você? — Coraline pergunta. — Crescer com esquizofrenia e todos saberem disso?

Percebo que esta é a primeira vez que ela me pergunta sobre isso. A primeira vez que o tema da minha saúde mental foi levantado entre nós dois.

— Às vezes.

O que não é mentira.

Foi extremamente difícil saber a verdade sobre minha própria mente, mas ainda assim ter que deixar as pessoas acreditarem de forma diferente. Constantemente me perguntando como poderiam não ver isso? Como poderiam não acreditar em mim? Por isso encontrava sempre a resposta: por que acreditariam?

— Não queria perguntar sobre isso. — Ela faz uma pausa, passando o olhar pelo meu rosto, procurando qualquer sinal de emoção — Achei que se quisesse falar sobre isso, vocêalaria.

Levanto uma sobrancelha. — E se eu decidisse nunca mais falar sobre isso com você?

Ela levanta um ombro, colocando uma mecha de cabelo branco atrás da orelha, despreocupada. — Não me importaria. Não é da minha conta.

Sua franqueza, o tom impetuoso e inabalável, faz meus lábios se contraírem. Sei que suas palavras são sinceras, severas, mas verdadeiras. Não são floreadas, não são besteiras de falsa simpatia tentando me fazer sentir melhor.

— Você não se importa que eu seja esquizofrênico?

— Eu me importo que receba o apoio e os cuidados médicos de que precisa. — Ela balança a cabeça, se abaixando e arrancando um

pedaço do muffin meio comido de Levi, falando sobre a guloseima. — Não sou completamente sem coração, mas não, não me importo. É uma doença mental, não uma praga.

Sua voz é como uma brisa de honestidade, afastando toda a falsa simpatia e conselhos que ouvi ao longo dos anos. Sinto seus olhos em mim, me estudando como se eu estivesse com ela.

— Obrigado.

— Não. — Coraline solta uma zombaria, franzindo a testa. — Não me agradeça. É o mínimo. Irrita-me que sinta necessidade de agradecer a alguém por tratá-lo como um ser humano.

Como essa mulher pensa que é cruel está além da minha compreensão.

— Eu...

— Silas Edward Hawthorne!

A voz da minha mãe atravessa meu apartamento, fazendo Coraline pular. Seus olhos se arregalam, a boca aberta.

— Oh, é o nome completo. Você está fodido — Levi ri enquanto volta para a cozinha.

Olho para Coraline, passando um braço protetor em volta de sua cintura, silenciosamente deixando-a saber que pode cair em mim se precisar. Hesitante, ela coloca a mão no meu peito nu, piscando para mim.

— Pronta, esposa?

— Pronta como nunca estarei.

CONHEÇA OS HAWTHORNES

Coraline

Ouvi dizer que quando não se decide que é um bom pai, seu filho decide se é um bom pai.

Não conheci Caleb, mas se Silas e Levi servirem de indicação, Zoe e Scott Hawthorne são ótimos pais. Nunca tive conhecimento ou fiz parte de uma dinâmica familiar calorosa. Meus pais não organizavam noites de jogos em família nem informavam sobre o que aprendi na escola.

Eles foram rápidos em me entregar aos cuidadores e só me arrancaram de suas prateleiras douradas quando era necessário para fazer sua aparência parecer mais completa. Eu era um peão, um símbolo extra para a imagem de uma família feliz.

Essas pessoas sentadas nesta mesa se entendem e se movem umas com as outras como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Nunca conheci uma casa que não parecesse casca de ovo espalhada sob meus pés, esperando para me cortar por andar com muita força.

— Há meses que procuro um novo hobby. Essas aulas de arte parecem perfeitas. Quando as ministra? — Zoe sorri, tomando outro gole de vinho tinto.

— É principalmente para sobreviventes do Halo, mas na próxima quinta-feira deixarei a Light sediar um evento onde algumas das meninas que ensino poderão vender seu trabalho. Gostaria de vir, para que possam conhecê-la antes de entrar na aula? — Retribuo o sorriso, antes de tirar uma vagem verde com alho do meu prato.

— Conte comigo! — Ela grita, batendo palmas. — Olha só, querido, novo hobby para mim.

O que diz sobre mim o fato de esperar que ela fosse embora assim que descobrisse quem eu ensinava? Quando percebeu que não era um poço de fofocas cheio de mulheres da alta sociedade, mas sim uma terapia para meninas que tinham visto a crueldade da vida.

Suponho que fiquei tão acostumada com respostas indiretas e olhares de pena que não sabia como era uma alma genuína e gentil.

Todo esse jantar mudou minhas expectativas. Achei que meu trabalho era me pendurar no braço de Silas e ficar bonita. Estava nervosa porque me viam fechada com minha roupa, muito rígida nas bordas, esperando que eu estivesse de vestido. Falar quando falarem com você, comer com o garfo correto e nunca parecer nada menos que perfeita.

Eles, porém, não queriam nada disso de mim.

Apesar de suas preocupações intencionais, tudo o que queriam era me conhecer. Conhecer a pessoa com quem seu filho mais velho escolheu para passar a vida. Isso fez meu peito queimar – não esperava me sentir tão culpada por mentir para eles, mas eles eram tão gentis, tão interessados em quem eu era com intenções genuínas, que não pude deixar de me odiar um pouco por enganá-los.

— Deus me ajude, ainda estou pagando pelo último hobby — Scott murmura, dando uma cotovelada em Silas, que está sentado ao seu lado. — Lembra quando ela começou a tricotar?

— Tive que usar suéteres de tricô para ir à escola todos os dias durante seis meses — Levi fala. — Sabe o quanto essa merda causou coceira?

— Linguagem, Levi Vincent!

— Desculpe, mãe — ele murmura, enfiando um pedaço de bife na boca e sorrindo para ela com um sorriso infantil que me diz que ele usou isso para se livrar de muitos problemas em sua vida.

Eu sorrio, me escondendo atrás da minha taça de vinho e os

observando coexistirem. Embora Silas não fale muito, posso ver como ele se sente confortável com eles aqui. Como seus ombros e traços faciais parecem relaxados. Uma luz em seus olhos que ilumina seu rosto.

A mão de Silas rasteja pela mesa. Sem perceber os outros, começa a brincar com as pontas da minha mão, fazendo círculos em volta das minhas unhas, traçando as pontas dos meus dedos. Tão casual, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes.

— Então gosta do que faz, Coraline? — Scott me pergunta, minha atenção voltada para ele.

Talvez seja porque não o conheço bem ou só o vi de passagem, mas para alguém que luta contra o câncer, parece perfeitamente saudável. Suspeito que foi daí que Silas tirou sua fachada de pedra.

O peso do mundo poderia repousar sobre seus ombros, mas eles nunca deixariam ninguém ver isso.

— Gosto. — Concordo. — Gostaria de me formar em história da arte, mas gosto de lecionar. Vender minhas pinturas é apenas para pagar o aluguel.

— Silas terá que ceder um desses quartos para você trabalhar. Tenho certeza de que poderíamos contratar um empreiteiro para expandir — observa Zoe, olhando em volta como se pudesse ver onde colocaria um cômodo extra para eu pintar.

— Oh, isso não é necessário...

— Já fiz — Silas interrompe, pegando meu dedo e deslizando o polegar para cima e para baixo antes de girar meu anel. — Queria esperar até que Coraline se instalasse antes de transformar o lugar em uma zona de construção.

Olho para ele, tentando esconder meu choque quando nossos olhos se encontram. O dia inteiro ele esteve... diferente. Suas mãos nunca me abandonam; de uma forma ou de outra, está me tocando. É um show convincente que está fazendo, muito melhor do que eu, que acabei de aquecer com as mãos no meu corpo.

É falso, sei disso, mas às vezes, quando seus dedos tocam meu corpo ou ele me puxa para seu peito, parece um pouco real demais.

— Esse é meu garoto. — Scott dá um tapa nas costas de Silas, sorrindo. — Ele está te tratando bem, certo? Pode me dizer. Ele não é velho demais para eu colocá-lo de castigo.

— Ele fica um pouco rabugento antes de tomar o café, mas nada que eu não possa suportar.

— Bem, se precisar que eu o mantenha na linha, me ligue pedindo ajuda.

— Sr. Hawthorne, respeitosamente... — levanto as sobrancelhas para ele de brincadeira — Sou faixa vermelha em *tae kwon do*. Acho que será ele tentando ligar para você pedindo ajuda.

A risada ricocheteia pela sala. Um som tão comum na vida cotidiana, mas dos quais meus ouvidos estavam privados há muito tempo. É uma sensação... legal.

Percebendo que todos estão terminando suas refeições, pressiono as mãos na mesa, empurrando minha cadeira e pedindo licença para ir até a cozinha pegar a sobremesa na geladeira que Zoe trouxe com ela.

Ainda posso ouvir os ecos de suas risadas e conversas enquanto desembrulho a torta e procuro na cozinha de Silas por pequenos pratos em vários armários antes de finalmente encontrar o prato certo.

Mãos envolvem minha cintura, dedos pressionando minha barriga enquanto coloco os pratos no balcão. Viro a cabeça em direção ao ombro, reprimindo um sorriso.

— Você me toca muito — digo quando ele me aperta levemente. O calor de suas mãos parece fogo na minha pele fria. O calor derrama sobre mim, fazendo-me apertar as coxas.

— É muito palpável, Hex.

Sua voz faz cócegas na minha pele, me fazendo tremer em seu abraço, mas ele apenas me segura com mais força, mergulhando a cabeça no espaço entre meu pescoço e ombro, inalando meu cheiro.

— Não acho que seus pais estejam nos espionando na cozinha. — Coloco minhas mãos no balcão, me firmando. É difícil me concentrar, fingir quando ele é tão incrível. Forte e firme, cada músculo de seu peito e abdômen pressionado contra minhas costas. — Podemos parar de fingir agora.

Eu suspiro quando ele me empurra para frente, pressionando sua metade inferior na minha bunda, forçando-me a sentir seu pau duro contra mim. Minha pele dói por mais, necessidade correndo em minhas veias. Meu corpo derrete e relaxa por ele. Não há explicação de por que ele é a única pessoa que me toca sexualmente e isso não me deixa em uma espiral.

Não existe um manual de transtorno de estresse pós-traumático - quero dizer, tenho certeza de que alguém escreveu um, mas navegar nele é diferente para cada pessoa. Ninguém fala sobre como em um minuto está beijando um cara no banheiro de um clube e no outro está debaixo do seu estuprador. Esse cheiro pode colocá-lo no chão da cozinha com a cabeça enfiada entre os joelhos, com falta de ar.

Eu tinha passado de uma jovem estudante universitária sexualmente positiva, para alguém que não acreditava mais no desejo e no desejo sexual.

Silas, porém, é como se ele soubesse como me manter enraizada no presente. Com ambas as mãos, ele me segura no chão, se recusa a me soltar e me faz sentir tudo.

É assustador.

— Isto não é para eles. Isto é para mim — ele murmura contra a minha pele, os lábios deixando beijos leves como uma pluma.

— Eu... — Um gemido rouba minhas palavras enquanto ele prende meu corpo no balcão, meu núcleo latejando ao mesmo tempo que me ataca por trás.

Há um desejo latejante de senti-lo. Pele com pele. Sem roupas ou barreiras. Só ele.

— Quando eles partirem, vai me deixar batizar este lugar? — Ele

resmunga enquanto inclino minha cabeça para trás em seu peito, dando-lhe mais acesso a mim. — Dobrá-la sobre este balcão, observá-la abrir as pernas e enfiar meu pau em você até que esteja pingando no chão da minha cozinha.

Meus olhos se fecham à medida que me deixo cair na sensação de suas mãos pressionando meu estômago, forçando nossos corpos a se unirem. Ele não me deixa duvidar, se recusa a me deixar pensar muito, sabendo que se eu pensar, me afastaria, forçaria a distância entre nós para proteger nós dois da ira de uma conexão destruída.

Cair é divertido até chegar ao chão.

Quando um de nós fica com os ossos quebradiços e o outro está morto.

Alguém pigarreia atrás de nós e meu rosto queima. Tenho certeza de que sou da cor de um hidrante. Deslizo para o lado, para longe do abraço de Silas, vendo seus pais rindo na entrada.

— Oh meu Deus — murmuro ao mesmo tempo que Silas diz — Podemos ajudá-lo? — Sua mandíbula está contraída, os músculos saltando em sua bochecha.

— Ah, não fique tão tenso. Seu pai e eu já fomos jovens. — Zoe envolve o braço em volta de Scott, puxando-o para seu lado. — Não queríamos interrompê-los, pombinhos, mas queríamos contar algo para vocês antes de sairmos. Seu pai acordou cedo.

Código para - ele está fazendo quimioterapia - tenho certeza.

— Seu pai e eu estávamos conversando. — Ela olha para o marido, mordendo o interior da bochecha. — Sabemos que são legalmente casados e estamos muito felizes por vocês dois. Só gostaria de ver meu bebê mais velho subir ao altar. Com tudo acontecendo, eu...

Ela faz uma pausa, a emoção pesada em sua garganta enquanto coloca a mão sobre a boca.

— Gostaria de morrer sabendo que verei pelo menos um dos meus filhos se casar — diz Scott por ela, ombros retos enquanto fala

tão casualmente sobre morrer como se fosse algo para o qual já estivesse preparado. Apesar da quimioterapia, ele não reza por um milagre; apenas se submeteu ao seu destino. Não sei o que é mais doloroso – manter a esperança ou aceitar a morte tão cedo.

— Pai. — Silas limpa a garganta. — Coraline e eu...

—

Adoraríamos.

As palavras vêm de um lugar de tristeza, de culpa. A última coisa que preciso ou quero agora é um casamento, mas essas pessoas, essa família, merecem algo de bom.

Sua mãe e seu pai não têm ideia de porquê nos casamos. Tudo o que sabem é que seu filho parece feliz. Não quero tirar isso deles, ainda não.

— Realmente? — Os olhos de Zoe brilham. — Oh meu Deus, isso é fantástico! Achei que teria que fazer uma tempestade num copo d'água.

— O cartão do câncer é útil — Scott brinca levemente, com um sorriso correspondente no rosto.

Aproximo-me de Silas, passando um braço em volta de sua cintura. Sei que isso não foi algo que planejamos ou conversamos, mas não posso recusar os pais dele. Assim não. Não quando sei que estou simplesmente me aproveitando da gentileza deles, tecendo uma linda teia de mentiras enquanto o seu filho e eu trabalhamos para corromper o sistema.

— Não quero sobrecarregá-la — diz Zoe, andando mais para dentro da cozinha em minha direção antes de passar a palma da mão para cima e para baixo no meu braço, acalmando, confortando, como uma mãe faria. — Fui abençoada com três meninos indisciplinados, mas secretamente estou esperando uma filha. Eu adoraria mais do que tudo planejar esse casamento para ambos, com a orientação de vocês, é claro. Poderíamos nos conhecer mais porque eu adoraria fazer isso com você, Coraline.

Doeu saber que nunca tive a chance de me sentir aceita assim

pela minha própria mãe, de experimentar o amor incondicional entre filho e pai. Acho que dói mais saber que estou mentindo para ela.

— Claro, Zoe — eu digo.

— Fantástico! Almoçaremos na próxima semana para repassar alguns detalhes?

Eu aceno, concordando pouco antes de ela me envolver em um abraço. O cheiro de baunilha atinge meu nariz e percebo que essa é a nota doce do perfume de Silas. Baunilha, assim como sua mãe, leva seu amor aonde quer que vá.

Quando ela se afasta de mim, respiro fundo. Scott sorri com ternura para sua esposa, como se ela segurasse o sol. Silas desliza um braço protetor em volta da minha cintura e Levi se junta, perguntando sobre a torta.

Por um breve momento, me permito imaginar como seria se esta fosse minha família. Quem eu teria me tornado se as mãos destinadas a me levantar tivessem nutrido meu espírito em vez de me fazerem odiá-lo? Se palavras gentis fossem proferidas livremente e não com um sabor ácido?

Meu telefone vibra no bolso e, quando o retiro, minhas sobranceiras se franzem.

— Quem é? — Silas pergunta ao meu lado, como se percebesse meus ombros tensos.

— Meu senhorio. — Sinto um arrepio percorrer minha espinha.

— Alô? — Digo hesitante, pressionando o telefone no ouvido enquanto me afasto do grupo.

— Senhorita Whittaker, é Ian do seu prédio — ele começa. — Lamento ligar para você tão aleatoriamente, mas a segurança local acabou de nos informar que seu apartamento foi invadido.

Meu coração para e o tempo para.

As garras afiadas do pânico afundam em meu peito e apertam com força. Lembro-me que Lilac está com Regina hoje no cabeleireiro,

que está segura, mas isso não impede o ataque de medo.

Ouçõ Ian me dizer que a polícia está lá, mas sua voz começa a ficar abafada. Nada mais é seguro – nem as quatro paredes da minha casa que deveriam ser um santuário contra todo o caos.

A realidade retorna com suas mãos rápidas e frias, lembrando-me que esta não é minha família. Que não sou uma esposa de verdade e que há um homem por aí que se recusa a me deixar ir.

Nada de bom é real. Não para mim.

Não para sempre.

MACHUCAR PESSOAS

Coraline

O que costumava ser um porto seguro para mim se transformou em um reflexo distorcido da turbulência que vive em mim. Cada centímetro deste lugar é agora um lembrete do quanto devo temer. Permiti-me afastar muito do plano. Tinha deixado Silas me puxar ainda mais para ele e para longe do perigo do qual ele não poderia me proteger.

Stephen Sinclair invadiu meu apartamento.

Posso sentir sua presença em todos os lugares. Sua malícia permanece em cada prato quebrado. Possessão descontrolada existe em cada pedaço de tecido rasgado. A tinta preta espalhada em todas as paredes marcada com suas impressões digitais.

Enquanto ando pelas ruínas da minha casa, o cheiro de *Old Spice* faz meus olhos arderem. Ele se infiltrou em todas as memórias que criei aqui, contaminando a vida que construí depois dele só porque podia.

Mal recuo quando passo por cima de uma pilha de vidro quebrado, andando em direção ao meu quarto enquanto Lilac fala ao fundo com Silas. Suas vozes são estáticas, ruído branco.

A porta se abre com um rangido. Recuso-me a chorar, não com as pessoas aqui, mas quando vejo o estado do meu quarto, fico tentada. Não de tristeza, mas da raiva que ferve em meu estômago, transbordando em minhas veias. Todos os meus projetos atuais foram demolidos. Cortados, queimados e destruídos além da salvação. As penas dos meus travesseiros espalhadas pela minha cama quebrada. Minhas roupas foram arrancadas, rasgadas e encharcadas de tinta.

No entanto, é a única tela apoiada em um cavalete sobre o caos que sela minha fúria.

Escrito com tinta acrílica vermelha em uma tela que havia começado, uma que costumava parecer totalmente familiar para Silas, está a caligrafia rabiscada de Stephen. O recorte de jornal do nosso casamento pregado nela, com uma nota abaixo.

Ele nunca livrará seu corpo da minha memória. Se você está em mim, então me recuso a deixá-la. Nunca escapará de mim, Circe.

— Cora? — A voz suave de Lilac ecoa atrás de mim.

Estou cega pela raiva, o vermelho se infiltrando em minha visão por todos os cantos. Só consigo sentir a raiva pulsando em minhas veias, batendo em meus ouvidos, bombeando em meu coração.

Ele não tomou o suficiente de mim naquele porão? Teve que me lembrar que eu ainda tinha um coração, só para que pudesse destruir o seu último pedaço.

Há um rugido em meus ouvidos, tão intenso que quase me cega.

Não bastava uma parte; ele tinha que ter tudo. Com as mãos calejadas, quebrou minhas costelas uma por uma, arrancando o órgão tolo da minha cavidade torácica para que pudesse se alimentar dele.

Ele nunca pararia, não até me devorar inteira. Até que tudo em mim voltasse a lhe pertencer, mesmo que não estivesse viva.

Lembro-me da noite em que implorei a Silas, do telhado, ao telefone. Quando implorei para voltar e morrer naquele porão, deixada tão vazia que não queria viver. Tudo que eu queria era que ele levasse o que restava de mim e deixasse meu corpo na terra dura para apodrecer em paz. Suponho que as estrelas estavam ouvindo naquela noite e atenderam ao meu desejo.

— Ei. — Sinto a mão gentil de Lilac em meu ombro. — Ainda podemos salvar algumas dessas coisas. Sei que parece ruim...

— Não me toque — vocifero, arrancando meu braço do seu

toque. Não me preocupo em me virar para ver a tristeza em seu rosto. Não tenho energia para fazê-la se sentir melhor agora. — Deixe-me em paz.

— Coraline. Não consigo imaginar como é isso, mas descobriremos juntas, está bem? A polícia disse que conseguiu pegar um dos homens fugindo do apartamento. Ficaré tudo bem, prometo.

— Lilac — digo com uma expiração irregular — estou pedindo que me dê algum espaço antes de eu dizer coisas que não quero dizer.

— Eu...

— Sua besteira despreocupada não me ajudará agora! — Meu corpo gira enquanto jogo minhas mãos para cima. — Só quero que me deixe em paz.

Ela se encolhe, minhas palavras crescem em mãos e batem nela, e ela recua em direção à porta com os olhos vidrados. Nunca falei com ela assim antes, nunca sequer levantei minha voz em sua direção.

Há tanta raiva em mim, tão potente que quase me sinto embriagada com seu poder. Sou um ser humano volátil agora e temo que qualquer pessoa que entre em contato comigo fique tão destroçada quanto eu.

— Ela não merecia isso.

Silas aparece, encostado no batente da porta, apenas me observando com aqueles olhos escuros. Olhos que veem demais, mais do que quero que ele veja.

— Se eu quisesse um sermão sobre meu comportamento, pediria. — Eu cerro os dentes. — Sei que sou uma vadia e sei o que ela não merecia.

— Você não é uma vadia, Coraline. Só está sofrendo, só isso — diz ele.

Odeio como ele parece tão seguro de si. Como se soubesse disso de fato. Como se tivesse certeza de que não sou uma pessoa horrível, como se ele me conhecesse.

— Você me fez gozar uma vez e de repente me conhece? — Eu rio incrédula. — Caia na real e saia.

Seus olhos se estreitaram, os braços cruzados na frente do peito, mantendo-se firme. — Precisa de um lugar para colocar toda essa raiva, Hex? Coloque em mim. Dê-me o melhor que tem.

Eu me afasto dele, me distraíndo tentando encontrar alguma coisa neste quarto que possa valer a pena ser salva. Chuto papéis e roupas para ver o que há por trás do barulho.

Minha boca tenta selar; se eu tivesse cola, forçaria o fechamento para conter o veneno que corre em minhas veias, ameaçando vomitar da minha garganta em direção a qualquer um que se aproxime demais, que tente ajudar.

Ninguém pode me ajudar. Ninguém entende que me odeio pela maneira como quero machucar outras pessoas, por causa da maneira como fui magoada. Não porque me faça sentir melhor ou mais poderosa; faz com que me sinta uma merda, mas dá a toda essa angústia um lugar para onde ir.

— Você é teimosa. Não quer ouvir, mas sei o que está fazendo. Posso ver em seus olhos, toda essa dor apodrecendo abaixo da superfície. Não pode mantê-la para sempre, Coraline. Isso vai matá-la.

— Você não sabe nada sobre minha dor, Hawthorne. — Minhas palavras estão misturadas com veneno, com a intenção de ferir, de forçá-lo a sair deste quarto. Não me importo se isso ferir seus sentimentos. Não me importo se ele me odeia. Só quero que fique longe do meu caminho de destruição antes de pegar tudo de bom que há em Silas e engoli-lo inteiro.

Aponto meu dedo para ele, os olhos ardendo de raiva. — Sua namorada morreu. Chore por isso. Minha cavidade orbital foi destruída porque não abri minha boca para seu pau rápido o suficiente. Nossas histórias não são as mesmas.

Quero ficar sozinha com minha fúria, escondida para poder sofrer em paz. Não quero que ninguém aqui me veja desmoronar. O mundo

inteiro me viu enlouquecer em rede nacional. Eu era a história do século, milhões de olhos me vendo explodir em cacos de vidro minúsculo apenas para piorar a situação ao sentirem pena de mim.

Por isso, os cortei. Deixei que pisassem em mim com os pés descalços e me enterrei em seus saltos como pequenas lâminas de barbear.

Quero ceder. Quero chorar e jogar tudo sozinha, sem olhares para mim, em um silêncio onde a única coisa que consigo ouvir são as batidas do meu próprio coração.

— Meu melhor amigo passou a vida inteira engolindo sua dor como pregos enferrujados só para transformá-la em uma arma. Eu o vi comê-lo vivo e agora estou observando-o no rescaldo — ele me conta. — Ser mau? Isso não me fará ir embora, Coraline. Resisti a tempestades muito mais violentas que você. Você não é o que o mundo lhe diz. Não é uma vadia. É uma garota. Uma garota que foi abusada. Uma garota apenas tentando sobreviver.

Meu peito parece desabar sobre si mesmo, o espaço vazio onde meu coração costumava ser apenas um buraco negro que suga toda a bondade do quarto só para cuspi-la de volta.

— Foda-se, Silas.

Ele entra no quarto como se minhas palavras fossem um convite. Está no topo do meu quarto demolido, nos escombros da minha casa, como uma estátua. Uma impressionante obra de arte esculpida em um espaço de pura malícia.

— Se você não aprender a aceitar que foi uma vítima antes mesmo de ser uma maldição, tudo o que fará é continuar cortando pessoas que não a machucaram. — Sua cabeça se inclina, me observando. — É isso que quer? Eliminar todo mundo e ficar sem ninguém?

— Não fui a vítima — ironizo, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Estou exausta, cansada de Silas sempre me achar tão destruída. — Não consegue ler um jornal? Estava apaixonada por ele.

Eu queria estar lá.

Pego pedaços de tela como se fossem pedaços esfarrapados do meu coração e os jogo no ar, observando-os chover sobre mim. Minha voz é quase um grito. — Isso não é uma vítima. Não estou destruída — todo o meu dinheiro me recompôs. Não consegue ver isso? Eu *pedi* por isso, Silas. Pedi tudo isso.

Você pediu isso.

Você me ama. Diga que me ama.

Quer ficar aqui comigo para sempre, certo?

Tem sorte de ter dinheiro, garota. É horrível para aqueles que não tem.

Poderia ter sido pior, sabe?

Você é uma das sortudas.

As palavras de Stephen e a cruel enxurrada de acusações de todos ao meu redor ecoam em meus ouvidos, milhares de pequenos martelos martelando minha mente. Estou tão perto de explodir com uma raiva que poderia consumir o mundo, tão perto de rasgar a terra com os dentes, mas então algo milagroso acontece.

Os dedos de Silas empurram uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, a palma da mão na minha bochecha, absorvendo as lágrimas que tentava desesperadamente conter. Olho lentamente para ele, com as sobrancelhas franzidas. Ele olha para mim antes de seus lábios se transformarem em um sorriso suave.

Pela primeira vez desde que conheço o nome Silas Hawthorne, ele sorri. Um maldito sorriso de verdade. É triste, comovente e inconfundivelmente genuíno. Como se ele soubesse neste momento que eu precisava de algo caloroso, algo gentil mais do que qualquer outra coisa.

Ele está olhando para mim, para a bagunça que sou, como se eu fosse alguém a quem valesse a pena sorrir. É um presente que ele dá a muito poucas pessoas. Um presente que silenciosamente me diz que

sou digna do seu tipo de graça, de sua bondade.

— Não, Hex — ele sussurra, balançando a cabeça. — Você fez o que tinha que fazer para permanecer viva. Isso nunca te tornou fraca. Nunca significou que pediu por isso. Isso faz de você uma sobrevivente.

Um soluço escapa da minha garganta. Estou assustada.

Com medo do que farei com as pessoas de quem gosto. Vidas inocentes são destruídas por pessoas feridas que foram feridas antes de terem a chance de se curar. Sou o exemplo nesta arte de destruição.

Passei por algo horrível, sobrevivi e todos me disseram que tive sorte, mas ninguém me mostrou como conviver com isso. Com esse peso, essa dor, essas lembranças.

— Ainda está vivendo em modo de sobrevivência. Você só precisa aprender a desligá-lo, baby.

VINTE E TRÊS

UM LADO SOMBRIO

Silas

Não há nada além de silêncio na escuridão do meu escritório em casa, oferecendo à minha mente uma chance de se acalmar. A fumaça do meu charuto gira no ar, um *bourbon* na mão enquanto me recosto na cadeira.

Olho para a arma apoiada na madeira à minha frente, o metal preto brilhando ao luar que entra pela janela atrás de mim.

Há uma hora, foi isso que usei para matar alguém.

Ainda posso sentir o cheiro da pólvora e do sangue chamuscando o ar, ouvir o som que uma bala faz quando atravessa um crânio e atravessa o cérebro.

A pessoa que conseguiu consolar Coraline destrozada dias atrás não existe nesta sala. Não essa noite.

Meus dedos apertam meu copo, levando-o aos lábios para um longo e lento gole de uísque.

Charlie Monroe foi reprovado na escola de tecnologia no final dos anos noventa. Ele é - bem, era - empregado de uma loja de conserto de computadores próxima. Com esposa e um filho em casa, Charlie foi uma vítima ingênua das circunstâncias, a quem foi oferecido dinheiro em troca de seus serviços de invasão e aparentemente de vandalismo.

Eu me pergunto se Stephen Sinclair o avisou quem ele enfrentaria quando fosse pego. O destino que encontraria na ponta da minha arma se eu descobrisse que foi ele quem fodeu com meus amigos. Minha esposa.

Ele foi corajoso, no início. Todos são. É por isso que destruí-los é

porra tão divertido.

— Meio milhão por algum trabalho leve no computador e pela destruição do apartamento de uma garota? — Ele ri, com cheiro de cigarro velho em seu hálito. — Isso é a porra de uma boceta.

Rook levou menos de vinte minutos para pagar a fiança desse rato, apenas para empurrá-lo na traseira de um carro e levá-lo até o Peak, deixando-o sozinho comigo.

Aposto que ele achou que teve sorte, passando apenas dois dias na prisão só para sair impune.

A coronha da minha arma bate na lateral da sua cabeça com um baque surdo. O sangue escorre do ferimento quase imediatamente ao mesmo tempo que resmunga, caindo de lado, incapaz de segurar a cabeça latejante devido às cordas amarradas nas costas.

— Meio milhão é tudo o que a sua vida vale — murmuro, olhando para ele enquanto se ajoelha no chão molhado. — Que patético.

Há uma raiva inexplorada em mim que quero liberar sobre esse idiota. Não tenho pressa antes que uma bala acabe com sua vida. Esmagar seu crânio com minhas próprias mãos ou quebrar sua coluna, mas quero poupar isso.

Quero ser paciente e guardar toda a minha raiva para o homem que realmente a merece. Quando finalmente pusesse as mãos em Stephen Sinclair, faria com que ele me implorasse para matá-lo, sufocando-se com seu próprio sangue. Eu o faria implorar pela misericórdia da morte.

Ele se arrependeria de cada grama de dor que infligiu a Coraline Whittaker.

Minhas mãos apertam a arma em minha mão, a raiva amarga tem gosto de moedas na minha boca pensando no que ele a fez passar. O que ela viveu naquele porão.

— Stephen tem algo especial reservado para vocês quatro. Ele pegará aquela garota, não importa quantas pessoas mate para evitar isso. — Ele sorri, exibindo seu sorriso amarelado.

— Charlie — digo enquanto me agacho na sua frente. — Esta bala atingirá seu crânio esta noite.

— Então acabe com isso, covarde.

— Se quiser levar os segredos de Stephen para o túmulo, não usarei isso contra você. — Minha cabeça se inclina, observando sua reação. — Mas sua família vai. Seria uma pena se todo esse dinheiro que está deixando para eles simplesmente desaparecesse.

— Você não pode...

Pressiono a ponta da arma em sua testa. — Deixar seu filho na sarjeta da pobreza. Cada conta que possui será sugada, e tudo o que restará de você é sua esposa amaldiçoando seu nome enquanto apodrece nas ruas.

Seus olhos se arregalam, o pomo de Adão balançando enquanto debate silenciosamente se estou blefando. Como se eu não tivesse tudo que preciso para arruiná-lo, e ele nem precisasse estar vivo para ver isso.

— Um botão, Charlie. É tudo que tenho para pressionar.

— Tudo isso por alguma vadia? — Ele zomba, tentando se livrar de suas restrições. — Você é maluco.

Na escuridão da noite, apenas eu e o homem que estou prestes a matar, sorrio, meus dentes à mostra em um sorriso retorcido. Fico em pé, empurrando meu pé de combate em seu ombro, forçando-o a rolar de costas.

— Certificável — digo a ele enquanto pressiono minha bota em sua garganta, aplicando pressão. — Diga mais uma palavra sobre minha esposa e deixarei suas entranhas na porta de sua casa. Acha que seu filho gostará de encontrar o que sobrou do pai?

Todo mundo tem um ponto fraco, um ponto onde cede. Só precisa saber como encontrá-lo.

— O que quer saber?

Ele provou ser inútil. Tudo o que ele me contou eu já sabia e não me deixou mais perto de encontrar Stephen. Charlie era o hacker que

ajudava a enviar os e-mails e concordou em ajudar a vandalizar o apartamento de Coraline.

Eu odiava que Stephen soubesse o que estava fazendo. Deixando Charlie propositalmente como isca, sabendo que o pegaríamos. Saber que me irritaria muito quando não conseguisse nada dele.

Tudo o que essa noite me deu foi uma maldita dor de cabeça e sangue na minha camisa branca.

Matá-lo não aliviou nenhuma raiva ou estresse. Não me fez sentir melhor. Não quando sei que o homem responsável por ferir Coraline ainda está lá fora, respirando, jogando xadrez comigo.

Na verdade, só piorou as coisas.

Estou transbordando de uma raiva não derramada que não tem para onde ir. Não posso ser o homem paciente e gentil que fui com Coraline no dia em que o seu apartamento foi invadido.

Não com todo o barulho me consumindo. Toda a culpa me mastigando por dentro. Não há ninguém para culpar por isso, exceto eu. Coraline está revivendo a pior experiência de sua vida porque a convenci de que casar comigo era a decisão certa. Alistair está se deteriorando lentamente com o peso de estar nesta cidade e ter seus pais respirando em seu pescoço.

Tudo isso para dizer que, se eu não tivesse deixado Rosemary Donahue voltar da biblioteca sozinha para casa depois daquela briga, para começar, nenhum de nós estaria nesta posição.

Meu egoísmo causou essa discussão. Meu egoísmo colocou todas essas pessoas com quem me importo no caminho de um pedaço de merda narcisista que não parará até que não respire mais.

Não nos dei escolha.

É matá-lo ou deixá-lo continuar nos matando. Mais sangue em minhas mãos, independentemente de quem matar.

Olho em direção à porta do meu escritório, ouvindo-a se abrir. O cabelo escuro cai sobre o ombro de Coraline enquanto ela espreita a

cabeça pela fresta da porta.

Eu fiz os rapazes ficarem aqui hoje enquanto os transportadores levavam as coisas de Lilac e Coraline para dentro e pedi às meninas que viessem ajudar Coraline a desempacotar suas coisas.

Foi a distração perfeita, manter todos ocupados para que ela não percebesse minha ausência, não questionasse meu comportamento, e quando acordasse de manhã, tudo estaria de volta à nossa versão do normal. Pelo menos esse era o plano.

Ela desliza os pés descalços para dentro, pressionando as costas contra a porta, fazendo-a fechar com um clique. Persigo as linhas de suas pernas expostas, quilômetros de pele lisa e bronzeada implorando dedos para tocá-las.

Meu pau se contorce atrás da minha calça jeans. Estou pendurado por um fio esta noite, e ela estar aqui, vestindo uma camiseta desleixada e shorts minúsculos, não está ajudando. Só fazendo meu sangue arder mais quente. Tentando-me a fazer algo de que ela se arrepende durante o dia.

— Estas são minhas pinturas — Coraline fala no silêncio. Sigo seu olhar pelo meu escritório, suas obras de arte que comprei na festa de gala penduradas nas paredes cinzentas.

Todas as doze.

— Idiota rico que pagou o dobro. — Inclino meu copo fingindo aplausos. — Prazer em conhecê-la.

Mesmo nas sombras desta sala, posso ver suas bochechas ficarem vermelhas, o nervosismo a consumindo enquanto balança para frente e para trás sobre os pés.

— Por que comprou todas elas? Para a Light?

— Pareciam privadas demais para estar em qualquer casa além da minha. Era como se já pertencessem a mim.

Nossos olhos se cruzam, travando-se. O ar entre nós fica mais espesso com eletricidade. Ela fica quieta por um momento, estudando

meu rosto como se tentasse reunir coragem para dizer alguma coisa.

— Onde esteve?

Arqueio uma sobrancelha. — Já bancando a esposa chata?

— É verdade? — Ela exige, sem nenhum sinal de pergunta em seu tom.

Meus dedos apertam o copo em minha mão enquanto me recosto na cadeira, olhando para ela por cima da minha mesa. Ela é esperta em manter distância, apoiando-se na porta para poder fugir a qualquer momento.

Quanto mais tempo ela fica ali, menos resistência tenho contra a ideia de ver o quão bonita aquela sua boca de bruxa é esticada e inchada em volta do meu pau. Quero usar seu maldito corpo apertado como uma válvula de escape para essa raiva. Foda-se toda a culpa.

— Seja mais específica, Coraline. Se quiser saber uma coisa, seja crescida e me pergunte.

Seus olhos se estreitaram assim que ela levantou o queixo, olhando para mim antes de cruzar os braços na frente do peito, como se isso fosse de alguma forma protegê-la de mim.

— Matou o homem que ajudou a destruir meu apartamento esta noite?

O som de sua traqueia estalando sob minha bota ecoa em meus ouvidos.

Concordo com a cabeça, levando a borda do copo aos lábios e tomando um gole da minha bebida antes de jogar a bala que perfurou Charlie Monroe bem entre os olhos na minha mesa.

— Recordação — digo acima do barulho do metal contra a madeira, observando a bala de prata rolar pela mesa antes de parar.

Fez mais barulho do que seu corpo quando caiu do Peak, colidindo com o mar revoltoso e as rochas abaixo.

Seus olhos se arregalam de choque, como se ela estivesse surpresa com o que fiz.

— Oh, meu Deus.

Finjo confusão, franzindo as sobrancelhas. — Esqueceu com quem se casou, Hex? Esqueceu o que sou ou ignorou todos os rumores e esperou que eu fosse diferente?

Eu disse uma vez que as pessoas lutam constantemente contra duas versões de si mesmas.

A pessoa que quer existir quando ninguém está olhando se preocupa com Coraline. Quer mostrar a ela como se ajudar a curar. Quer ser o ombro em que ela cai. Essa pessoa pode lhe dar paz.

A pessoa que dou ao mundo? Não se importa com como ela se sente agora. Sou um homem cruel que não hesitará em mandar outra pessoa gritando para o inferno se ameaçar pessoas próximas a mim. Vi muita corrupção e perdi muitas pessoas para me importar com o quão amaldiçoada está minha alma. Essa pessoa só trará guerra para ela.

— Mas que porra, Silas — ela sussurra, passando as mãos frustradas pelos cabelos. — Por que? Por que não poderia simplesmente deixar isso pra lá?

Eu me inclino para frente na cadeira, colocando meu copo na mesa, os olhos escurecendo enquanto minha mandíbula se contrai.

— Cuidado com a porra da boca, Coraline — aviso, uma ameaça no fundo da minha garganta. — A pouca paciência que me resta está se esgotando. Não discuta comigo esta noite.

Ela se move pela escuridão com os punhos cerrados ao lado do corpo. Uma pequena bola de raiva. Gosto de vê-la tentar me intimidar. Suas palmas batem na mesa à minha frente, ondas de cabelo caindo na frente de seus ombros, aquelas duas mechas brancas refletindo a luz da lua.

— Não é seu trabalho me proteger. Pedi para você cuidar de Lilac. Esse foi o nosso acordo. — Ela enfia o dedo indicador na madeira. — Não concordei que fizesse o estereótipo alfa idiota.

— Que tal fazer um favor a nós dois, Coraline. — Cerro meus molares. — Dê o fora.

Ela se sacode como se eu tivesse batido nela. Percebo que esta é a primeira vez que falo com ela assim. A primeira vez que precisei. Não estou fazendo isso para ser mau. Estou fazendo isso porque se ela não for embora, o que eu obrigá-la a fazer a seguir irá mandá-la para a cama saciada e fazê-la acordar com o estômago cheio de arrependimento.

Não quero que ela se odeie por se permitir me possuir, mesmo que seja apenas uma noite.

Sua língua rosa passa pelo lábio inferior, inclinando a cabeça enquanto joga um jogo que perderá. — E se eu não sair? O que vai fazer, Hawthorne?

Um sorriso se abre em meus lábios, minha língua rolando pelos dentes da frente.

— Vou fodê-la até que se desfaça. — Minha voz está rouca de luxúria. — Não tenho paciência para ser legal com seu corpo. Vou foder minha agressão reprimida em sua boceta apertada até que escorra pelas suas coxas. Por isso, dê o fora ou deslize sua bunda na minha mesa e abra as pernas.

Ela é teimosa, tem que aprender lições da maneira mais difícil em vez de ouvir, e estou muito perdido para dar a mínima para como ela se sente pela manhã. Não quando tudo que me interessa é dobrá-la sobre esta mesa e fodê-la no meu chão.

Coraline é transparente demais; Posso vê-la debatendo as opções. Ela quer ficar, quer se entregar a mim, mas tem medo. Tanto medo que espero que ela vá embora.

Deixe-me foder meu punho até me derramar com seu nome amaldiçoado em meus lábios.

Em vez disso, porém, ela se levanta e começa a contornar a borda da minha mesa. Sua camiseta solta desliza pelo ombro, permitindo que a luz da lua revele uma cicatriz branca que atravessa sua clavícula.

— O que está fazendo? — Pergunto.

Coraline desliza entre mim e a mesa, sentindo o cheiro de lavanda em seu cabelo molhado, e levanta a bunda, com as pernas balançando bem na frente dos meus joelhos.

— Ainda lhe devo mais um favor — ela diz suavemente. — Assim ficamos empatados.

Eu sorrio, passando a mão pelo meu queixo. Nunca fui o tipo de homem que precisa de reembolso, mas se essa é a desculpa que ela quer me dar para que eu possa tocá-la, tudo bem.

— Tire o short — ordeno, a voz rouca no fundo da minha garganta, rouca pela luxúria presa lá atrás.

Ela faz o que peço sem reclamar. Por mais que queira negar sua atração, ela quer mais ser uma boa garota para mim. Deslizando lentamente o short de dormir pelas longas pernas, sem pressa, me provocando com cada centímetro de tecido perdido. Meus dentes afundam em meu lábio inferior e abro um pouco mais as coxas, caindo de volta na cadeira. Meus dedos desabotoam o botão da minha calça jeans, abrindo o zíper enquanto inclino a cabeça, concentrando-me na calcinha de seda preta enfeitada com renda que quase não esconde nada dos meus olhos famintos.

— Calcinha também.

Seu peito arfa, uma respiração instável passando por seus lábios enquanto segue nervosamente minhas instruções. A vergonha e o desejo endurecem seus mamilos, os botões rijos sob a camisa fina. É uma combinação mortal, a sua necessidade de fazer o que eu digo para que a recompense e a fraqueza por receber ordens sem lutar.

Coraline Whittaker gosta de se comportar.

E não há nada que eu ame mais do que transformar uma mulher teimosa em uma puta necessitada. Completamente, totalmente à minha mercê, observando-a choramingar e chorar por um orgasmo que não pode ter a menos que eu diga.

Sua calcinha escorrega até os tornozelos e, antes que ela a deixe cair no chão, a pego com a mão esquerda, apertando o punho em

torno do material macio.

Eu a seguro entre os dentes, o cheiro de sua excitação tão perto do meu nariz me fazendo gemer enquanto abaixo minha calça jeans, apenas o suficiente para que possa tirar meu pau latejante da minha boxer. A ponta grossa está vermelha, dolorida e implorando por alívio.

Um suspiro alto me faz erguer os olhos no momento em que Coraline fala. — Tem um piercing?

O luar prateado captura o metal ao longo do meu eixo, três halteres uniformemente espaçados da base ao meio do eixo, brilhando enquanto perfuram os músculos duros do meu pau.

Deixo cair sua calcinha no meu colo antes de responder.

— Se você me implorar para fodê-la, eu te mostro para que servem.

Seus olhos deixam meu rosto e viajam pelo meu corpo, observando meus dedos enrolados na base do meu pau, os piercings frios na palma da minha mão.

— Nós... — Ela engole em seco, os olhos passando da minha cintura para os meus olhos. — Não é uma boa ideia.

— É por isso que está escorrendo na minha mesa? — Resmungo, apontando com os olhos em direção à sua boceta.

Sua bocetinha nua e exposta, rosada e chorosa para que eu a faça gozar. Ela me quer tão profundamente dentro dela que não consegue suportar. Rolo a ponta áspera do meu polegar contra a ponta avermelhada, espalhando o pré-sêmen.

Ela cora, as pupilas dilatando. Coraline observa cada movimento enquanto solto meu pau antes de pegar sua calcinha de seda e envolvê-la em meu eixo.

A sensação das minhas mãos calejadas e da sua calcinha puxando os piercings sob a palma da minha mão provoca um silvo na minha garganta.

Eu uso meus pés para avançar, a cadeira embaixo de mim rola

para mais perto da borda da mesa onde ela está sentada, forçando-a a abrir mais as pernas para acomodar o tamanho dos meus ombros. Isso coloca meu rosto diretamente na frente de sua boceta, exatamente onde estou morrendo de vontade de estar há meses.

— Não se preocupe, Hex. Não te foderei esta noite, mas vai desejar que eu fodesse.

VINTE E QUATRO

MORTE DO SOL

Silas

— *Silas.*

Seu gemido ecoa no quarto escuro, passando pelas minhas orelhas enquanto dou um beijo no topo de sua coxa. Os nós dos dedos de Coraline agarram a borda da mesa com tanta força que estão ficando brancos, como se isso fosse curar a dor entre suas coxas.

Minhas bolas apertam, a boca tão perto de uma boceta que está implorando para ser preenchida com carga após carga até que não consiga andar sem eu escorrer por suas coxas. Mantenho um ritmo constante, esfregando a palma da mão para cima e para baixo em meu eixo enquanto minha outra mão percorre toda a parte interna de sua coxa.

— Coloque os pés na mesa — sibilo. — Certifique-se de manter essas pernas abertas e essa boceta na minha cara.

O calor de seu núcleo me acalma enquanto ela faz o que lhe mandam. Coloco os meus dedos mesmo na borda da sua boceta, arrastando um dedo provocador para cima e para baixo na costura da sua boceta inchada. Uma lufada de ar passa pelos meus lábios, passando por sua pele molhada.

— Espere, eu... não fiz nada desde... — gagueja, colocando uma das mãos na minha cabeça para me impedir de festejar. Ela olha para mim com pânico nos olhos e luxúria tingindo suas bochechas.

— Use suas palavras, menina bonita. Fale comigo. — Esfrego meu polegar em sua pele, tentando arrancar as palavras dela.

— Toda vez que tentei ficar com outra pessoa, não fico lá com

ela. — Seus dentes roçam seu lábio inferior, parecendo tão dilacerado, mas tão necessitado. — Eu me perco na minha mente, no passado. Quero ficar aqui com você, Silas, mas não sei como.

Minha mandíbula se contrai.

Quero provar o seu orgasmo na minha língua. Quero que ela fique aqui comigo.

O que for preciso para chegar lá. Tudo o que preciso fazer para que ela confie em mim.

Minha mão se move entre suas coxas, chegando ao lado de seu quadril para pegar minha arma enquanto dou um beijo caloroso na parte interna de seu joelho.

Ela vira a cabeça para olhar para o lado quando toco seu pulso com o cabo da minha arma, oferecendo a arma para ela.

— O que está fazendo?

— Certificando-me de que fique comigo — murmuro. — E dando a você o controle se não ficar.

— Não pode estar falando sério — ela ofega, com o peito arfando. — Vai me deixar apontar uma arma carregada para sua cabeça enquanto...

— Eu disse isso, não foi? — Interrompo, arrastando meu lábio inferior pela parte interna de sua coxa, mal a tocando. Seus olhos escuros estão iluminados de desejo enquanto olho do ápice de suas coxas. — Se é isso que te faz sentir segura? Se isso é o que é preciso para me deixar prová-la? Tudo bem.

Pressiono meu rosto em sua pele, encostando a ponta do nariz ao longo de sua perna lisa, inspirando e expirando com um gemido de dor. Apenas o seu cheiro está me deixando louco.

— Levo uma bala no crânio, Hex. Apenas se certifique de gozar na minha língua antes de puxar o gatilho.

— Eu... não posso...

— Pegue a porra da arma, Coraline. Não pedirei de novo.

Pressiono o metal contra sua pele quente até ela estender a mão timidamente, tirando-a de mim, a palma trêmula se curvando em torno do cabo.

— Boa menina. — Gemo enquanto continuo bombeando meus quadris em meu punho, a fricção entre a pele e o tecido causa a quantidade certa de dor. — Estou confiando em você para não me matar. Vai confiar em mim para comer sua boceta.

Eu mergulho para frente, cortando qualquer discussão que ela possa ter. Minha língua lambe uma faixa na costura de sua boceta, forçando Coraline a jogar a cabeça para trás com um gemido choroso que faz meu pau pular na minha mão.

O metal frio da minha arma pressiona minha têmpora, fazendo meu sangue esquentar. Esta é a única maneira pela qual quero morrer.

A sua boceta tem o sabor que eu sabia que teria. Almiscarado e doce, derretendo na minha garganta, me deixando desesperado por mais. Minha boca faminta pressiona mais profundamente entre suas dobras, e gemo ao mesmo tempo que lambo sua umidade, à medida que minha língua rola contra seu clitóris, circulando o botão em círculos estreitos.

Sua boceta está quente contra meus lábios, o corpo tremendo embaixo de mim enquanto passo um dedo provocador ao longo de sua coxa, parando logo antes de seu minúsculo buraco.

— Porra, sim — ela choraminga, ofegante enquanto suas unhas arranham meu cabelo aparado, fazendo um arrepio percorrer minha espinha.

Puxo minha mão do meu pau, usando ambas para explorar seu corpo. Minhas mãos grandes apalpam sua cintura antes de deslizar por baixo de sua camiseta, traçando os contornos de suas costelas antes de pegar seus seios em minhas mãos.

Meus dedos passam por seus mamilos, me fazendo inclinar a cabeça.

— Tem piercing? — Murmuro, jogando a pergunta de antes para

ela enquanto dou um beijo no topo de seu monte.

Ela olha para mim, o rosto vermelho de êxtase, dando-me um aceno fofo enquanto morde o lábio inferior.

Essa maldita mulher.

Um grunhido sai do fundo da minha garganta enquanto rasgo a frente de sua camisa, deixando seus seios expostos e pendurados como frutas maduras para eu cravar meus dentes. Dois conjuntos de joias de coração decoram cada lado de seus mamilos escuros.

Este é o meu Jardim do Éden, e pecarei todas as vezes se for parecido com ela.

Levo a palma da mão até sua boca, apertando suas bochechas, fazendo-a franzir aqueles lindos lábios.

— Cuspa — ordeno.

E porque ela está tão desesperada para ser boa para mim, ela o faz.

Usando a saliva de sua boca como lubrificante, envolvo minha mão em volta do meu pau, gemendo com a sensação escorregadia de sua saliva e calcinha esfregando em cada veia ao longo do meu eixo.

— Isso nos deixa empatados, baby? Deixar-me usar seu corpo? Acha que vou deixá-la ir depois disso? Essa sua boca esperta é minha para foder. Essa boceta será meu café da manhã, almoço e jantar. E quando me sentir sádico, enfio meu pau nessa sua bunda apertada só porque posso. — Sibilo, minha voz é um sussurro na escuridão. — *Nunca estaremos quites* — provoco, minha voz um sussurro abafado na escuridão.

Coraline grita enquanto continuo minha exploração, minha língua é um borrão conforme circulo seu clitóris, aplicando a quantidade certa de pressão ao mesmo tempo que deslizo um dedo dentro de seu buraco molhado.

Ela aperta em torno de mim, quadris balançando para frente para perseguir a felicidade que minha boca está lhe proporcionando. A

arma desliza da minha têmpora para descansar no meu ombro, sua mente caindo em direção ao liberação enquanto seu corpo se solta debaixo de mim.

Sua umidade escorregadia cobre minha mão, ruídos desleixados ecoando em meus ouvidos enquanto enfio meu dedo dentro e fora dela com movimentos medidos, provocando aquele ponto macio enterrado profundamente em suas paredes.

— Silas, Silas — ela suspira, a respiração se tornando mais irregular. Seus seios saltam para cima e para baixo com o movimento, fazendo-me roçar seu clitóris com os dentes. Suas pernas tensionam e se pressionam enquanto ela se estica para encontrar minha boca.

Eu sorrio contra sua pele, removendo minha língua escorregadia, deixando-a caindo do alto, sem alívio. Seus olhos se arregalam, os dedos arranhando meu couro cabeludo.

— Não, eu estava bem ali. — É um gritinho entrecortado, acariciando meu ego quase tão bem quanto minha mão acaricia meu pau.

— Não achou que eu te deixaria gozar tão fácil, não é, Hex? — Pergunto.

Eu me recosto na cadeira, espalmando meu pau duro, movendo meu punho para cima e para baixo. Pré-sêmen desliza pelo meu eixo enquanto afundo meus dentes em meu lábio inferior, gemendo.

— Por favor — ela sussurra, queimando de vergonha por precisar tanto de mim.

Meus quadris batem no meu punho, os músculos dos meus braços e coxas tensionado enquanto o prazer corre através de mim. Estreito os olhos quando seus dedos tentam mergulhar entre suas coxas.

— Brinque com seus peitos para mim. Mostre-me o quanto quer isso. O quanto quer montar meu pau. — Minha voz embargada é baixa e rouca. — E se você quiser se foder, use minha arma para fazer isso.

Estou testando seus limites aqui, sabendo que ela estava muito perto e fará de tudo para atingir esse pico, mas até onde está disposta

a ir por mim?

Minha pele fica em chamas quando ela respira fundo, apalpando um dos seios com a mão direita, beliscando o mamilo entre dois dedos e arqueando as costas para sentir.

— *Porra, sim* — gemo, minha respiração engatando enquanto ela lentamente guia o cano da minha arma através dos lábios encharcados de sua boceta e levanta os quadris para esfregar contra o metal letal.

A mesma arma que usei para matar alguém esta noite.

Ela é uma coisa linda e bruxa, com o rosto queimando de felicidade, lábios entreabertos e olhos semicerrados, nunca rompendo o contato visual do meu pau latejante enquanto fodo minha mão ao ver seu clitóris esfregando contra minha arma.

Meu pulso torce e puxa, me aproximando do orgasmo.

— Uma boceta tão linda. Toda necessitada e pronta para mim. Quer ser um brinquedinho imundo para mim, Coraline? Apenas um buraco para eu aquecer meu pau?

Sua boceta aperta o cabo da arma com minhas palavras, um gemido longo e prolongado que aumenta de intensidade como se ela não aguentasse mais. Aqueles suspiros abafados de seus lábios carnudos me dizem que está se aproximando novamente.

Volto à minha posição anterior, agarrando seu pulso com a mão livre e arrancando a arma de sua boceta inchada. O grito que sai de seus pulmões é música para meus ouvidos. Faz minhas bolas formigarem, ameaçando derramar esperma por todo o meu punho.

— Silas! — Ela implora, se contorcendo embaixo de mim.

Meu nome nunca soou melhor, um gemido despedaçado em seus lábios perversos.

— Não respondeu minha pergunta.

Eu forço seus dedos a abandonar o controle da arma, segurando-a enquanto passo minha língua provocativamente sobre seu botão sensível. Uma poça de sua excitação cobre a mesa sob sua bunda.

— Sim! Sim, quero ser seu brinquedo, apenas um buraco para você. Por favor, farei qualquer coisa.

— Continue implorando, baby — cantarolo. — Gosto de te ouvir implorar por mim.

— Preciso gozar — ela me implora, o suor escorrendo entre seus seios, incapaz de respirar fundo. — Dói – Deus, dói, por favor.

— Aqui? — Ofereço, minha língua passando por seu clitóris latejante. Ela geme com um sobressalto, perseguindo minha língua. — Essa boceta está doendo bem aqui?

Minha boca acaricia seu núcleo repetidas vezes, lambendo-o, brincando com ele.

— Sim, Silas. Bem aí, bem aí.

O fogo percorre minhas veias enquanto meus quadris empurram meu punho erratically, perdendo o ritmo. Minha respiração ofegante se mistura com a de Coraline conforme canto entre suas coxas.

— Estou tão perto, por favor, não pare. — Há lágrimas no fundo de seus olhos. Deus, o pensamento de seu lindo rosto coberto de lágrimas porque precisa gozar faz meus quadris vacilarem.

Eu chupo seu clitóris em minha boca, rolando minha língua ao redor do botão antes de enfiar o cano da minha arma em seu buraco molhado, forçando suas paredes a se esticarem ao seu redor, enviando-a em espiral sobre a borda e em um oceano de euforia.

Os olhos de Coraline se fecham, suas costas se arqueiam e os gritos de seu prazer perfuram e ecoam pelo meu escritório. A força do seu orgasmo a deixa tremer, a sua boceta se contrai em pequenos espasmos à volta do metal preso dentro dela.

Quando suas unhas cravam buracos em meu ombro, acabo sem rumo em minha mão. Esse clímax inevitável na boca do estômago explode.

— *Coraline*. F-Foda-se, baby — gemo quando finalmente alcanço

minha liberação. A pressão em mim finalmente desaparece quando grossas cordas de esperma pintam meus dedos, cobrindo sua calcinha de seda.

Uma felicidade incandescente me percorre, a língua incapaz de evitar limpar os sucos que escorrem dela ao mesmo tempo que estremeço com os tremores da minha liberação. O sabor salgado, porém doce, de sua excitação cobre meu queixo enquanto puxo minha cabeça para trás. Ela cai de volta na mesa, com as palmas das mãos apoiadas atrás dela para mantê-la ereta.

Ela está cansada. Cansada e feliz.

Se ela soubesse que este é apenas o começo de onde a quero antes de fodê-la. Como se meu pau concordasse, ele se contorce, endurecendo enquanto me levanto. Quando passo entre suas coxas, ela pisca para mim, ainda tentando controlar sua respiração.

Agarro sua nuca, unindo nossas bocas. Ela geme, sugando minha língua em sua boca para beber o sabor de seu esperma. Mal arranhei a superfície do quão profundamente queria me enterrar dentro dela.

Ela me tem, e nem percebe isso, tão consumida em tentar me manter sob controle que não sabe que quero sua dor. Quero seus gritos de dor e raiva dolorosa. Aquela pessoa que ela esconde do mundo, aquela que teme no espelho.

Eu a quero.

E não sei o que isso significa para mim, para nós. Nunca fui de pensar com clareza quando algo que quero está no horizonte.

— Abra — ordeno contra sua boca, observando enquanto suas sobrancelhas franzem em confusão, mas seu queixo abaixa, lábios rosados se abrindo para mim.

Seguro seu rosto em minhas mãos antes de enfiar a calcinha de seda em sua boca. Meu esperma mancha o tecido, um pouco ainda pingando das bordas da renda.

Há um desejo em minhas entranhas que vem se acumulando desde o momento em que coloquei os olhos em Coraline. É um fogo

violento que cambaleia e geme, se contorce sob a terra como acontece sob a minha pele. É completamente inesperado e opressor, como se não se cansasse de si mesmo. Sangra e se espalha com o contato.

É a morte do sol, substituída pelas manchas douradas em seus olhos.

— Você é minha esposa, Coraline *Hawthorne*. Se eu quiser me cobrir com o sangue de mais mil homens para protegê-la, o farei — digo a ela. — Eles não podem machucá-la sem ter que responder a mim.

VINTE E CINCO

NOSSO QUARTO

Coraline

Ninguém fala sobre como as mãos são poderosas.

Não a força inata que podem exalar, mas o sentimento que podem proporcionar quando estão ligadas à pessoa certa.

Algumas mãos podem simplesmente existir e evocar emoções.

Silas tem mãos assim.

O que é a coisa mais infeliz do mundo para mim, pessoalmente.

Esta manhã, enquanto ele preparava seu café, o que faz todas as manhãs, irritantemente pontual com seu estúpido caldo de feijão, eu o observei do quarto de Lilac.

Tecnicamente, nosso quarto já que o dividimos porque me recuso a dividir a cama com ele. Morderei a língua e dormirei em uma cama que fica em frente à minha irmã de dezessete anos até ela ir para a faculdade, só para não cair no tropo da cama única. Eu prevalecerei.

Enfim, suas mãos.

Eram cinco da manhã em ponto, e eu ainda não adormeci. O que não é novidade: nunca durmo e, se durmo, nunca durante a noite toda. Minha mente me acorda a qualquer hora só para me lembrar o quão assustador o escuro pode ser.

Não tinha certeza se Silas foi para a cama ou se, assim como eu, tinha insônia crônica. Algumas noites, na quietude da noite, não ouço nada do seu quarto, e em outras, ouço sua porta se abrir antes que a porta do porão seja destrancada, e ele desaparece em sua caverna, só retornando às cinco da manhã seguinte para fazer seu café.

Por isso, esta manhã, estou olhando para ele do meu quarto, com um caderno de desenho no colo, e tudo que consigo focar são suas mãos. E músculos das costas. Ondulando e inchando com cada movimento que ele faz. Bem definidos, espaçados uniformemente enquanto ondulam ao longo de sua coluna até sua cintura estreita. Pele marrom-dourada manchada com sombras de luz solar.

Silas Hawthorne tem uma cintura vadia, mas as suas mãos.

As mãos de Silas são grandes, com palmas largas e dedos longos que se movem com graça sutil enquanto prepara o café. As veias sob sua pele sobem como uma cordilheira em miniatura, passando pelos nós dos dedos e pelo pulso até os braços. Apertam e seguram as coisas com tanta força, mas com uma suavidade que nunca vi.

Suas mãos dão um nó no meu estômago.

Desejo de senti-las em mim, desejo porque só de olhar para elas me lembro de seu toque. Cada segundo.

Passei toda a manhã tentando limpar meu estúdio de arte para o evento de caridade de Light hoje, e tudo que consigo pensar enquanto penduro as decorações é nas suas malditas mãos no meu corpo e na noite em seu escritório.

Quando o véu de sombras nos escondia e as nossas mãos exploravam território perigoso. Um arrepio percorre minha espinha, meu núcleo se aperta como se pudesse sentir o metal frio de sua arma pressionado contra minha carne superaquecida.

Passaram-se três dias.

Ele silenciosamente me deixou manter distância, sem mencionar o assunto em conversas casuais que somos forçados a ter quando colidimos depois de voltar do trabalho para casa. Ele geralmente chega em casa mais tarde do que eu e sempre faz a mesma pergunta quando passa pela porta.

— *Vocês duas comeram?*

Lilac é sempre quem responde sim antes de dizer que tem sobras no fogão ou não, pediremos comida para viagem.

É dolorosamente doméstico.

Os dois se tornaram amigos sem meu consentimento. O que não tinha previsto ser um problema antes porque são muito diferentes. Lilac é barulhenta, constantemente na sua cara com sua personalidade alegre, e Silas é, bem... nada disso.

Ontem cheguei em casa e os encontrei na sala, ambos sentados no chão com um tabuleiro de xadrez entre eles. Ele tentando ensiná-la enquanto ela pausava a televisão para mergulhar em uma explicação introspectiva de cada uma de suas cenas favoritas de *Move*.

Silas ficou quieto, balançando a cabeça enquanto ela falava, e não de uma forma que a ignorasse, apaziguando-a até que ela terminasse. Não, quando ela fazia uma pausa, ele fazia perguntas. E pude ver fisicamente como minha irmã se iluminava para responder.

Não há nada que ela ame mais do que pessoas ouvindo suas teorias e fixações atuais. É a sua linguagem do amor.

E minha linguagem de amor é quando as pessoas tratam bem minha irmã. É o equivalente a homens segurando bebês. Faz algo estranho em meu interior.

Naquela noite, antes de dormir, tive que lembrá-la de que isso era temporário e que se apegar a ele só tornaria as coisas mais difíceis para ela. Ele não era algo permanente – Silas Hawthorne era um momento passageiro em nossas vidas. Ela conhecia o acordo, mas Lilac é... bem, é ela, e não escuta.

Terei que estar lá para juntar os cacos quando isso acabar e ela sentir falta da companhia dele.

— Merda.

O banner que tento pendurar do lado de fora do estúdio mais uma vez cai da minha mão. Tenho exatamente duas horas antes que as pessoas comecem a aparecer, e este estúdio é um desastre. Nada está pronto e estou afundando ainda mais com o passar do tempo.

— Mãos estúpidas, calorosas e sexy. — Amaldiçoo baixinho, estrangulando o estandarte em minhas mãos. — Colônia estúpida que

cheira bem, língua estúpida que...

— Parece que chegamos na hora certa.

Quase caio da pequena escada em que estou quando me viro, o banner flutuando no chão enquanto olho para as pessoas que estão abaixo de mim.

Empoleirada na calçada em frente ao meu estúdio aberto, Sage olha para mim com óculos escuros pretos protegendo os olhos do sol de verão e com um sorriso.

— O que estão fazendo aqui?

Lentamente, começo a descer os degraus da escada até estar de volta ao chão, onde os pés pertencem. Foda-se essa escada e foda-se esse banner.

— Silas ligou e disse que talvez você precisasse de ajuda. — Briar está com um sorriso malicioso e o que presumo ser o moletom com capuz de Alistair pelo tamanho, pela forma como cai até o meio da coxa antes que as leggings arrastão assumam o controle. — Parece que ele estava certo.

— Sabe — Lyra cantarola, balançando para frente e para trás sobre os pés — começo a me sentir ofendida por não nos perguntar você mesma.

Mordo o interior da bochecha, sem saber se posso contar a verdade. Que estou tão acostumada a não ter apoio, a ter que fazer tudo sozinha, que esqueci que agora tinha gente disposta a me ajudar.

— Não leve assim — digo. — Sou assim com todo mundo. Pedir não é algo...

— Que é boa nisso? Não brinca — Sage interrompe, colocando os óculos na cabeça. — Não se preocupe, vai superar isso com essas duas. Eu superei, só leva algum tempo.

— Está fazendo isso porque sou casada com o melhor amigo do seu namorado? — Pergunto, olhando para cada um dos seus rostos, cruzando os braços na frente do peito. — Se formos apenas civilizados

por associação, tudo bem. Ou é pena? Por causa do que aconteceu comigo? Só preciso saber por que está se esforçando tanto para ser legal comigo.

Briar inclina a cabeça. — Por que é tão cética?

Admiro a franqueza da sua pergunta, embora tenha certeza de que ela queria dizer: *por que é tão vadia?*

Não é como se eu quisesse ser assim. Protegida e desconfiada, mas é difícil quando pessoa após pessoa te decepciona. Quero acreditar que as suas intenções são boas, mas não posso deixar de ficar desconfiada.

— Uma amiga minha do ensino médio, Yasmine? — Ofereço-lhes, sabendo que todas conhecem a filha de dois magnatas da arte, uma garota que conheço desde o jardim de infância. Nós nos apaixonamos pela arte juntas e, com a mesma rapidez, aquela obra-prima de amizade se desfez.

— Ela me apoiou quando fui resgatada. Enviou-me pacotes de melhoras e flores para o meu quarto de hospital. Até veio e trouxe essas refeições caseiras, tentando me incentivar a voltar a pintar. — Arrasto minha língua ao longo do lábio inferior, balançando a cabeça ao mesmo tempo que suspiro. — Sim, bem, três meses depois, houve um frenesi de notícias – as pessoas sabiam de coisas que só contei a Yasmine. As cicatrizes que Stephen deixou em mim, a tortura e a humilhação que me fez passar, todos os segredos que lhe contei em sigilo foram divulgados para consumo público, e eles os devoraram.

Isso quebrou algo em mim, saber que estranhos em todo o mundo liam sobre eu ser forçado a comer em uma tigela de cachorro e me aliviar em um balde, ouvindo podcasts e âncoras de noticiários falando sobre meu estado mental.

— *Como alguém se apaixona por uma pessoa que desloca o ombro?*

— *Ela devia estar envolvida em alguma merda excêntrica antes de ser sequestrada.*

Fui cortada, ainda viva e capaz de sentir, enquanto as pessoas

examinavam meu interior. Mexeram com suas mãos intrometidas, fazendo suposições baseadas apenas no que a mídia lhes transmitia.

Eu me tornei uma história. Minha humanidade foi esquecida. Foi exatamente por isso que me recusei a falar com a mídia.

Yasmine foi apenas a primeira a trair minha confiança.

— Que puta de merda — Briar murmura.

— Ela ainda mora em Springs. Poderíamos...

— Não tem permissão para esfaqueá-la. Se for presa, Thatcher nos culpará, e não lidarei com seu melodrama — Sage interrompe antes que Lyra possa terminar a frase, fazendo-a revirar os olhos.

— Ia dizer que poderíamos cortar os pneus dela — Lyra corrige, e embora suas feições transmitam uma vibração inocente e tímida, há uma expressão em seus olhos que me diz que ela mataria alguém se fosse necessário. — De qualquer forma, não tentamos ser amigas para ganhar dinheiro rápido com os tabloides.

— Então por quê?

— Cara — Sage suspira, como se fosse óbvio. — Você é a nossa quarta.

Franzo a testa. — Quarta o quê?

— Nunca assistiu *The Craft*? [20](#) Clássico cult de 1996?

Balanço a cabeça, o que faz seu queixo cair, como se eu tivesse acabado de contar que cometi um crime.

— A noite de cinema está marcada para este fim de semana. Não posso, em sã consciência, deixá-la caminhar mais neste mundo sem ver Fairuza Balk dominar — ordena. — Mas por enquanto, saiba que é a nossa quarta. Se levar algum tempo para se acostumar com essa ideia, que assim seja.

— Você agora faz parte da Loner Society — diz Lyra. — As esquecidas. Aquelas que nunca se encaixaram na hierarquia de Ponderosa Springs. Ainda pode ficar sozinha; ficaremos sozinhas juntas.

Cachorros velhos não aprendem truques em um dia, mas há uma parte de mim que anseia pelo que elas oferecem. Um sentimento de pertencimento.

Saber que existem pessoas por aí que se importam e sentiriam sua falta se morresse. Saber que não está sozinha e que se encaixa em algum lugar, por menor que seja o espaço.

Assim como na noite de esconde-esconde, aquela centelha de esperança acende em meu peito.

Então, ofereço um ramo de oliveira.

— Qual de vocês sabe pendurar um banner?

* * *

Várias horas depois, as pessoas lotam o interior do meu estúdio totalmente decorado. Hedi e os outros membros do conselho da Light haviam feito breves discursos e os lances para as pinturas das meninas haviam começado.

Foi uma boa participação, pela qual devo agradecer a Zoe Hawthorne. Ela entrou com um pequeno exército de mulheres e homens com bolsos fundos procurando limpar a consciência com alguma caridade.

Não me importava com quem eram; tudo o que importava era o dinheiro que ia para os bolsos das sobreviventes. Dinheiro que algumas delas precisam desesperadamente para obter os recursos que merecem para se curar.

— Senhorita Whittaker!

Viro meu olhar para Faye, abrindo caminho entre as pessoas para me alcançar. Seus shorts esfarrapados e cabelo rosa se destacam entre os ricos, mas ela não se importa. O sorriso em seu rosto não pode ser ofuscado por pessoas arrogantes. Hoje não.

— Oi, Faye. — Devolvo seu sorriso caloroso.

Ela fica sem fôlego quando para na minha frente. — Devo chamá-la de Sra. Hawthorne agora que é casada?

Engasgo com minha própria saliva, tossindo minha resposta. — Coraline está bem.

— Nunca acreditaria no que acabou de acontecer. Alguém comprou minha pintura! O cubismo sintético com o qual me ajudou? Acabou de ser vendido!

— Parabéns, Faye.

Meu sorriso é genuíno. Felicidade pura, intocada pela escuridão. Um fluxo de alegria em uma noite de tempestade. Ninguém merece mais isso do que ela. Tem toda a vida pela frente; esta alegria que está experimentando, este é apenas um pequeno momento no que espero seja uma vida longa.

Faye me pega de surpresa, jogando os braços ao meu redor e me esmagando contra seu corpo.

Ela está me abraçando. Sei como abraçar, mas ser pega de surpresa me deixa estranha quando a abraço de volta hesitantemente.

— Obrigada — ela respira, apertando ainda mais. — Obrigada. Gostaria que essas palavras fossem grandes o suficiente para expressar o que fez por mim.

— Não é necessário agradecimento. Isso foi tudo você. — Dou um tapinha nas suas costas suavemente, limpando a garganta enquanto me afasto. — Vá comemorar com sua família e diga a sua mãe que eu disse olá.

Eu a vejo desaparecer na multidão em direção à sua família, minhas bochechas queimando de vergonha. Não porque ela me abraçou, mas por causa do carinho físico flagrante em público. Ser vista como gentil por todas essas pessoas, como se eu me importasse? Faz de mim um alvo.

— É muito boa nisso. — A voz aguda de Sage flutua sobre meu ombro.

Virando-me para encará-la ao meu lado, sorrio. — Ficar de pé e ser bonita?

Ela arqueia uma sobrancelha. — Você se acha bonita?

Minha boca se abre um pouco antes que sua boca se derreta em um sorriso caloroso. Por um segundo, tive um vislumbre da garota que vi no colégio. A infame garota má de quem todos tinham tanto medo.

— Estou brincando. — Ela cutuca meu quadril com o dela. — A coisa de ensinar – você é boa nisso.

Estou desconfortável com todos esses elogios hoje. Não é uma coisa normal na minha vida, nunca foi, e de repente, há palavras gentis por toda parte, mais do que ouvi em toda a minha vida, e não sei como lidar com isso.

— Então, vocês dois foderam? — Ela pergunta sem rodeios, sorrindo para mim com um brilho conhecedor em seus olhos.

Eu tusso, surpresa. — O quê? Não? Por que pergunta? Ele disse...

— Rook adivinhou. Disse que Silas tinha um brilho pós-orgasmo. — Ela ri.

— Isso não é estranho para você? Falando comigo sobre isso depois que ele namorou sua irmã? — Meus escudos se levantam, esperando que ela recue antes que eu escorregue e diga algo que não deveria ser dito em voz alta.

Eu desvio e mordo quando as pessoas se aproximam demais, mas Sage também tem dentes.

— Querida, não tente ser cruel comigo. — Os olhos de Sage brilham com o desafio, os olhos azuis ardendo enquanto olha para as unhas vermelhas. — Vou ferir seus sentimentos.

Duvido que alguém, inclusive eu, consiga enganar a querida Sage Donahue. Sua ira é notória.

— Não quis dizer isso. Eu só... — Mordo o interior da minha bochecha. — Falar sobre merdas como essa me deixa desconfortável. Sou mal-intencionada quando estou desconfortável. Somos apenas...

somos amigos.

Amigos que podem ou não ter brincado. Amigos que estão em um casamento falso. É uma amizade estranha, mas é só isso. É tudo o que pode ser.

— Com certeza. Foi por isso que ele apareceu?

Eu me afasto de seu rosto sorridente, pronta para perguntar o que ela quer dizer, quando vejo de relance a figura imponente de Silas espreitando pela porta da frente. — Por que ele está aqui?

Ele ainda está usando o terno do trabalho, o material caro se estendendo sobre os ombros, afunilado para se ajustar na cintura. Parece caro, até importante, e não tenho certeza de como as pessoas conseguem acreditar que ele se casou comigo.

O que me faz lembrar que temos um evento com a sua empresa chegando. O que significa que precisarei descobrir uma maneira de convencer as pessoas de que sou alguém que Silas deseja. Alguém que merece seu sobrenome.

Foda-me.

— Porque ele se importa. — Sage se inclina em minha direção e sussurra — Ninguém se importa tanto quanto Silas Hawthorne. Todos temos uma maldição, Coraline. Essa é a dele.

Sage se afasta de mim, deixando-me sozinha enquanto rezo silenciosamente para que não me encontre, mas é impossível. É como se ele tivesse algum tipo de radar para mim.

Decido encontrá-lo no meio do caminho, já que seus olhos encontraram os meus, e quando estamos próximos o suficiente um do outro, ele é o primeiro a falar.

— Este lugar parece ótimo.

— As meninas ajudaram muito. Obrigada por ligar para eles. Você não precisava vir. O trabalho deve estar ocupado.

Eu mudo sob seu olhar duro, inabalável em meu rosto, como se ele não quisesse olhar para outro lugar além de mim. A atenção de

alguém tão intenso é avassaladora.

— Isso... — Ele aponta para o espaço ao nosso redor. — ...Light, ajudar essas meninas, é importante para você, certo?

Concordo com a cabeça baixinho, sem saber como responder com palavras, com tanto medo de mostrar a alguém, especialmente a ele, o quanto me importo.

— Então estarei aqui. — Ele levanta a mão, empurrando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Se for importante para você, posso faltar a uma reunião de orçamento por causa disso.

Seus dedos traçam minha bochecha, levemente com a parte de trás dos nós dos dedos. A aliança enrolada em seu dedo anelar capta a luz, um lembrete físico dos laços que nos unem.

Esta é a primeira vez que ele me toca desde a noite em seu escritório. Meu estômago aquece pensando nisso, as coxas se contraindo enquanto o calor se acumula em meu núcleo.

— Silas. — Limpo minha garganta. — Sobre a outra noite. Eu...

— Bem, James, nunca pensei que veria esse dia! — Pregos no quadro-negro interrompem meu vômito de palavra. — Finalmente conseguimos localizar o casal feliz!

Estremeço visivelmente quando vejo Regina e meu pai separando a multidão, andando juntos até ficarem diante de nós. Ela está usando um chapéu com penas e se parece muito com uma cacatua.

Silas, sempre ciente da minha linguagem corporal, desliza um braço íntimo em volta da minha cintura, apoiando a palma da mão no meu quadril enquanto me puxa para seu corpo.

— Regina Whittaker. — Ela estende a mão para ele. — Prazer em conhecê-lo finalmente.

Silas pega a mão dela, apertando-a para ser educado. Uma coisa que realmente gosto nesse homem é como nunca força um sorriso. Quero dizer, ele realmente não demonstra nenhuma emoção em seu rosto, mas gosto que ele não mude perto de pessoas diferentes.

Silas é Silas. O que você vê é o que obtém.

Comigo é diferente. Como se essa afirmação não se aplicasse quando estamos sozinhos. Às vezes Silas é tudo menos Silas. Ele é algo completamente diferente. É o tipo de homem que compra uma coleção inteira de suas obras de arte porque não quer que ninguém tenha as partes secretas de você que dá às pessoas de boa vontade. Ele quer toda para si.

— James.

A mandíbula do meu falso marido se contrai quando ele aperta a mão do meu pai, com um brilho de conhecimento, uma ameaça persistente em seus olhos. Silas conhece meu pai; James está alegremente inconsciente de quão bem.

— Coraline, que roupa é essa? Não teve tempo de se trocar antes do evento?

Olho para o macacão jeans puído e para a blusa branca. — É um evento de caridade, Regina. Ninguém dá a mínima para minhas roupas.

— Querida, essa boca, eu juro. — Ela se aproxima, batendo na minha bochecha ao mesmo tempo que balança a cabeça. Evito arrancar seu dedo com uma mordida enquanto se afasta. — Como vocês estão indo com a vida de casados? Lilac não é um fardo muito grande, não é? Tentei dizer a Coraline que um homem como você gostaria de ter seu próprio espaço.

Tento esconder o choque em meu rosto. Ela está dando em cima dele? Na minha frente? Na frente do meu pai?

— Gostamos de tê-la. Ela é ótima.

— Bem, espero que as duas estejam cuidando de você. Tentei garantir que Coraline soubesse administrar uma casa, mas ela estava sempre muito ocupada com seus pequenos desenhos.

Cada vez que ela abre a boca, lembro-me do motivo pelo qual quero costurá-la.

— Os pequenos desenhos que foram vendidos por meio milhão de dólares no meu último ano do ensino médio? — Digo, deslizando a mão protetora na barriga de Silas, sentindo a ondulação de seu abdômen por baixo da camisa. — Nós cuidamos um do outro, Regina.

— Tenho certeza que sim. — Ela balança a cabeça, me olhando do jeito que costumava fazer quando eu descia as escadas na adolescência, avaliando cada quilo de peso, cada peça de roupa.

— Silas. — Meu pai limpa a garganta. — Adoraríamos convidá-lo para jantar uma noite. Nosso chef faz costela que combina perfeitamente com uma garrafa de uísque. Você é um homem de malte único?

— Bebo bourbon. — Os músculos de sua mandíbula se contraem, a voz suave como noite líquida. — E não como carne.

Tento esconder o choque em meu rosto, mas acho difícil quando olho para ele. O bourbon, eu sabia. Tem um carrinho em seu escritório, abastecido com gelo todas as noites, mas e a carne?

— Desde quando? — Pergunto.

Silas olha para baixo, a aspereza em seus olhos se suaviza, e como se não fosse grande coisa, como se fosse a coisa mais simples do mundo, ele diz — Desde que me disse que não gosta do cheiro.

Ele quase parece ofendido por eu pensar diferente. Como se fosse autoexplicativo que se eu não gostasse de alguma coisa, ele também não gostaria.

Derreto-me um pouco naqueles olhos castanhos escuros, meu coração apertando no peito. É um gesto tão pequeno, mas é a coisa mais gentil que alguém já fez por mim.

Minha mão em sua barriga desliza até seu peito, e mesmo que meus pais estejam ali nos observando, não consigo evitar ficar na ponta dos pés para dar um beijo no canto de sua boca.

Casto e rápido, um agradecimento sem palavras.

— Parece que não teremos que esperar muito pelos netos, J.

O calor do meu corpo fica gelado. Coloco meus pés de volta no chão, estreitando os olhos para ela.

— Regina, respeitosa, por que diabos se importa?

— Com licença? — Ela suspira, com os olhos arregalados.

Não planejei dizer nada, mas como comecei, não há como parar.

— Nunca, nem uma vez na minha vida, você se importou. E agora? Porque me caso com alguém que tem dinheiro, se importa? Durante anos tentei conquistar o seu amor, como se fosse algo que precisasse ser trabalhado em vez de ser dado gratuitamente. — Balanço a cabeça com sua audácia, um sorriso rancoroso no rosto. — Passei minha infância me curvando para ser o que você queria, e isso nunca foi suficiente para você. Por isso, perguntarei de novo, por que diabos se importa?

— Não pode falar comigo desse jeito. Eu te criei o melhor que pude, mas você sempre foi tão... problemática. Desde o começo! — Regina engasga como um peixe fora d'água. — James, vai deixá-la falar assim comigo?

— Coraline...

— Sugiro — interrompe Silas, falando diretamente com meu pai — que escolha as próximas palavras com cuidado, James.

Meu pai sempre foi uma força imparável, mas Silas é um objeto imóvel. São titãs em confronto e, se tivesse que apostar, meu dinheiro estaria no meu marido. Falso ou não. Silas é um protetor por natureza; quando se está no seu círculo íntimo, ninguém pode tocar em você.

— Vocês dois podem comprar alguma coisa ou irem embora — eu corto, terminando a conversa, cansada de falar com eles, fingindo que realmente se importam.

Este evento não é sobre eles, e é isso que estou fazendo, sobre meus pais de merda. Não quero estragar esta oportunidade para essas meninas, por isso saio do abraço de Silas e vou tomar um pouco de ar fresco.

E assim como naquela noite de gala de arte, Silas me segue, encontrando-me à luz do dia. O sol brilha sobre nós enquanto ele enfia as mãos nos bolsos. Olho para ele, realmente olho por um segundo.

Independentemente do quanto eu tente negar, gosto dele. Muito mais do que alguma vez quis. Ele simplesmente torna isso tão difícil de não gostar. Tudo o que ele faz, tudo o que diz, só me dá vontade de ceder.

— O que precisa? — Silas pergunta.

— Huh?

— O que precisa? — Ele pergunta novamente. — Você franze a testa quando está chateada. Diga-me como resolver isso.

É exatamente disso que estou falando. Essa pessoa observadora que viu através de mim desde aquele primeiro telefonema. Ninguém nunca se importou comigo do jeito que ele faz. Prestou atenção na maneira como me movo e como me sinto como ele.

Durante toda a minha vida, fui levada a acreditar que não sou digna de amor. Que sou uma criatura amaldiçoada e difícil de amar, indigna de bondade, e Silas simplesmente... faz tudo parecer tão fácil.

— Eu te digo o que preciso para me sentir melhor e você simplesmente resolve? Um estalar de dedos? E se eu dissesse que esfaquear Regina com um garfo me faria sentir melhor, Hawthorne?

Ele se aproxima de mim, esfregando o polegar nas linhas da minha testa.

— Você está no controle de um monstro, Hex. Tudo o que precisa, já é seu.

A parte assustadora não é que ele se veja como um monstro.

É que eu acredito nele.

MEL NEGRO

Silas

— Onde está a linda Caroline esta noite, Silas?

Meu queixo tensiona quando olho para Daniel Highland, deixando sua pergunta pairar no ar por um momento. Dou-lhe uma chance de se corrigir, mas quando ele é um tolo e não aceita, faço isso por ele.

— O nome da minha esposa é Coraline, Daniel — digo, irritado com seu flagrante desrespeito. — Não me faça lembrá-lo disso de novo.

Ele engole o medo de ser demitido. Agora que assumi oficialmente o lugar do meu pai, aprovado pelo conselho por causa das minhas núpcias, o seu trabalho está por um fio, e ele sabe disso.

Levanto dois dedos para o barman, que rapidamente me serve outra bebida, deslizando o líquido âmbar pelo bar em minha direção. Preciso de um dispensário inteiro para passar o resto desta noite.

— Devo ter esquecido. — Ele limpa a garganta, tossindo com o punho fechado. — Não acontecerá de novo.

Aceno com a cabeça para ele, erguendo o copo de bourbon em sua direção antes de tomar um gole. Ele sabe o nome dela; só quer me irritar de qualquer maneira que puder, sem me desrespeitar abertamente. Não, ele é um maldito verme, então ele é dissimulado sobre isso.

Minha resposta silenciosa o faz fugir, desculpando-se baixinho como um cachorro chutado, deixando-me meditando sozinho pela primeira vez esta noite.

Sozinho com os noventa milhões de pensamentos que passam pela minha mente. Besteira de trabalho com a qual nunca esperei lidar com tão cedo. Planos de casamento da minha mãe, que pretende nos casar até o final do próximo mês. O que eu entendo, entendo – não temos certeza de quanto tempo resta para o papai, e não é como se tivéssemos uma grande cerimônia. É privada, apenas nossos familiares e amigos na Catedral de São Gabriel, mas é outro estresse adicional às nossas vidas.

Coraline tem levado tudo numa boa, mal se encolhe quando minha mãe aparece com paletas de cores para o jantar de ensaio e diferentes sabores de bolos. Sem falar que Lilac está se divertindo muito escolhendo flores para a cerimônia, e não para de falar sobre comprar vestidos de noiva há dias.

Essa parte posso ficar para trás. Coraline de branco é meu sonho molhado favorito. Não me importo de vê-la em um vestido de noiva novamente.

Ter Coraline no meu apartamento não é tão invasivo quanto pensei que seria. Gosto de tê-la por perto, apesar de ela ser muito ardente e fria. Um dia, ela me deixa entrar, e no outro, me exclui de volta.

É um joguinho divertido que jogamos.

Ela fingindo que não gosta de mim, eu deixando-a pensar que acredito nisso.

Não sou de negar o que quero; nunca fui. Sou uma pessoa simples. Se eu quero alguém, quero. Saberão disso, e eu quero Coraline.

Cada vez mais, quanto mais tempo ela estiver em minha casa.

Minha cabeça lateja quando o pensamento de Stephen surge em meu cérebro. Isso e ter que estar nesta maldita arrecadação de fundos para o trabalho está me fazendo desejar ter trazido analgésicos. Não é nem mesmo uma arrecadação de fundos – é um evento de socialização caro com empresas concorrentes. O que significa que não tenho

escolha a não ser conversar.

Meu pai era muito melhor nisso do que eu. Ele é capaz de entreter as pessoas, conversar e rir. Eu não sou esse homem, mas no trabalho, aqui? Pelo menos posso fazer alguma coisa. Pelo menos minhas mãos não estão ociosas.

A pior parte sobre Stephen é que não podemos fazer nada. Não há pistas a seguir; não houve uma palavra desde que invadiu o apartamento de Coraline. Somos apenas alvos fáceis.

Sabemos que ele está lá fora, nos observando. Podemos senti-lo no ar. Sua presença se apega a Ponderosa Springs como um vírus.

Com minha mente trazendo à tona Stephen, instintivamente procuro Coraline. Ela tinha ido ao banheiro, mas isso foi há vários minutos, o que significa que foi pega em uma conversa da qual definitivamente precisa de ajuda para sair.

Coraline é doce quando está confortável, mas a garota tem dentes afiados. E embora vê-la tirá-los para a madrastra outro dia me excitou, eu realmente gostaria de evitar ter que segurar as pessoas enquanto ela ataca alguém por ser um idiota.

Examino o salão de baile, iluminado pela suave luz dourada dos candelabros. As pessoas se movimentam graciosamente, rindo e conversando umas com as outras com suas roupas caras. Uma banda de dois integrantes toca música suave no canto enquanto os garçons andam carregando bandejas de prata cheias de aperitivos.

Estou prestes a ir em direção ao banheiro quando vejo seu longo vestido de seda laranja queimado. Adoro o jeito que ela arrumou o cabelo, penteado para trás, preso atrás das orelhas para mostrar seu queixo pontiagudo.

Cada vez que ela usa assim, só penso em enrolar aqueles fios marrons e brancos no meu pulso. Usá-lo como uma alça para enfiar meu pau em sua garganta.

Estou tão distraído com ela, com o quão letal é seu corpo naquele vestido, que não percebo o que ela está fazendo. Não percebo que está

piscando os malditos cílios para um homem que usa uma maldita gravata borboleta.

Não até que um de seus dedos trace o comprimento do braço dela.

Rolo minha língua contra minha bochecha, bebo o resto da minha bebida e coloco-a no balcão.

Não posso culpá-lo. Coraline é mel escuro.

Doce, irresistível, mas com um toque como nenhum outro.

A boneca de aparência perfeita para a alta sociedade que poderia calçar saltos altos e roubar o coração de qualquer pessoa que cruzasse, mas abaixo da superfície, há uma aspereza, uma maldade que nos diz que ela seria uma atrevida nos lençóis.

Ela é o que todo homem nesta sala deseja, mas nunca terão.

Porque ela é minha.

Dou um passo atrás do pequeno corpo de Coraline, pairando sobre ela para olhar para o homem à sua frente.

— Silas... — ela arfa quando meu peito toca suas costas. Algo aperta meu estômago, sabendo que ela nem precisou olhar para saber que era eu.

— Carson Bloom — diz o loiro, estendendo a mão para eu apertar. Ele não é afetado pela minha chegada, a confiança está em seu sorriso.

Ele é definitivamente filho de um político.

— Silas Hawthorne. — Aceito sua oferta, deslizando minha palma contra a dele. — É cego?

— O quê? Não? Por que... ei, cara, que porra é essa! — Ele geme enquanto apertado com mais força, esmagando os tendões ao meu alcance. Os nós dos meus dedos ficam brancos por estrangular seu dedo, e posso ouvir o barulho dos ossos quebrando sob meu alcance.

Inclino minha cabeça. — Essa é a única desculpa que consigo

pensar para você não ter visto o anel no dedo dela.

— Silas, pare — murmura Coraline, virando-se para mim, com as mãos no meu peito.

Um calafrio se espalha por mim como um veneno gelado, não afetado pela dor que torce o rosto de Carson enquanto continuo apertando. Ele engasga com um grunhido de dor à medida que estreito meus olhos para ele.

— Toque em minha esposa novamente e o próximo escândalo que seu pai terá que encobrir será o seu assassinato.

Solto sua mão, deslizando a minha no bolso da calça. Ele aperta o pulso contra o peito como se estivesse com medo de que eu o roube dele.

Aceno com a cabeça atrás de mim. — Obrigado por ter vindo, Carson.

Ele nem sequer olha para Coraline antes de fugir. Se eu tivesse que adivinhar, para procurar atendimento médico. Passo a mão irritado pelo queixo, olhando para o centro do estresse.

A porra do stress sexual.

Ela acha que isso é uma brincadeira, que estou brincando quando digo que vou matá-lo se ele chegar muito perto. Estou no controle deste tabuleiro e Coraline está a dois lances de receber o xeque-mate.

— Está brincando comigo? — Grita, olhando para mim como se seu rosto assustador fosse realmente me assustar. Ela usa isso em Lilac o tempo todo. É adorável *pra* caralho. Como uma gatinha que pensa que é uma pantera grande e má. Se ela acha que quebrar a mão da gravata borboleta é ruim, espere até ver o que faço quando chegarmos em casa.

— Estamos indo, Hex — resmungo, passando a parte de trás dos meus dedos em sua bochecha. — Agora.

Coraline

— Não pode fazer uma merda dessas, Silas. Se ele fizesse algo com o qual não me sentisse confortável, eu teria lidado com isso. — Digo, o constrangimento queimando minhas bochechas enquanto bato a porta do seu quarto atrás de mim.

Estou feliz que minha irmã esteja com os pais esta noite, porque tenho a sensação de que esta será uma discussão ruidosa. Infelizmente, minhas coisas estão em seu armário enorme, o que significa que para tirar esse vestido, temos que ter essa conversa novamente.

— Estou mais do que ciente do que é capaz, Coraline.

— Então pare de me colocar em uma posição onde eu tenha que ficar te lembrando.

— Não me coloque em uma posição onde tenha que mostrar o quão impiedoso posso ser — ele diz sombriamente, recostando-se na cadeira atrás de mim.

Olho para ele através do espelho, seus pés bem abertos. Suas coxas incrivelmente fortes abertas e convidativas em sua calça preta.

Não olhe as coxas dele, Coraline. Está brava.

— Não consigo nem começar a explicar o quanto está exagerando. Ele é inofensivo.

Tirando meus brincos, rapidamente desvio o olhar enquanto os coloco na cômoda ao meu lado. O material do meu vestido arranha minha parte inferior das costas.

— Não me importo se ele é um maldito santo. Ninguém toca na minha esposa. — A voz de Silas é rouca, quase como se estivesse atrás de mim, bem no meu ouvido.

Calafrios percorrem meus braços quando me viro para olhar para ele em sua posição de homem aberto. Cruzo os braços

desafiadoramente, pronta para abrir a boca e fazer outro comentário sarcástico, mas me encontro distraída.

Ele tira a gravata do pescoço e enrola o tecido preto liso em sua mão tonificada, apertando-a com força. Um arrepio violento percorre minha espinha.

— Ele se aproxima de novo? — Faz uma pausa, fazendo contato visual comigo. — Eu coloco uma bala nele com a arma que usei para foder sua boceta.

Meu estômago dá um nó de prazer, sentindo a umidade na minha calcinha com suas palavras, lembrando do prazer que Silas pode dar ao meu corpo quando deixo.

— É isso que acontece? — Engulo o desejo na minha garganta. — Quando fica com ciúmes, começa uma onda de assassinatos.

E porque estamos sozinhos, porque somos só nós e sempre vejo uma versão diferente de Silas nas sombras, ele sorri, inclinando um lado da boca, me mostrando sua arrogância.

— Não estou com ciúmes, Hex. — Há uma risada em sua voz, sombria e exigente. — Sei qual é o gosto dessa sua boceta apertada, e é meu pau que deseja. Sou protetor com o que é meu. Não confunda os dois.

— Eu...

— Não negue isso — ele retruca, balançando a cabeça um pouco. — Não se torne uma mentirosa.

Encosto as costas na cômoda, sentindo que preciso de apoio. Meu corpo parece cedendo, mas minha voz permanece forte, tentando manter a imagem de que não o quero.

— Foda-se.

Silas cuidadosamente começa a desfazer os primeiros botões da camisa, expondo a pele marrom-dourada por baixo, fazendo minhas coxas esfregarem sob o vestido.

— Poderia, se você se permitisse. Submeter-se a mim sexualmente

não a torna fraca, Coraline. — Ele me observa, me fodendo com os olhos. Pergunto-me se ele consegue ver meu coração batendo com aquele olhar intenso. — Quer comandar o show lá fora? Prepararei o terreno para você caminhar. Aqui dentro? Deixe sua mente ir e me deixe fazê-la se sentir bem, baby. Dê-me o controle e lhe mostrarei como é bom deixar isso de lado.

Controle. Desistir do controle.

Por que faria isso, quando acabei de ter uma aparência de volta? Por que eu desistiria de tudo por um maldito cara?

Porque confia nele.

Uma vozinha irritante em meu cérebro ecoa o pensamento. Meus mamilos apertam sob minhas roupas como se meu corpo quisesse apoiar a ideia que meu cérebro apresentou. A luxúria é uma traidora.

— E se eu quiser parar? Se eu me perder na cabeça e não conseguir ficar no momento com você?

O medo tenta dominar meu desejo, me dizendo que não posso ter uma vida sexual. Não é um ambiente saudável onde possa viver o momento com meu parceiro. O medo me diz que sempre serei assombrada pelas mãos de Stephen.

— Então diz vermelho e tudo para.

— Tão fácil? — Escarneo em descrença, sempre tão fácil. Como se quando diz isso, fosse lei.

— Essa é a única parte fácil de me foder, Coraline. — Seus olhos ardem na escuridão com luxúria, como se estivesse morrendo de vontade de que eu dissesse sim, que cedesse. — Mas sim, fácil assim. Você sempre estará segura comigo, até mesmo de mim.

Minha alma dói, meu coração realmente acelera e reinicia o ritmo. Mordo o interior da bochecha, com medo.

Porque realmente acredito nele. Meu coração confia nele e me recuso a deixar meu cérebro aceitar isso. Que pela primeira vez em muito tempo, confio em alguém. Eu acredito em suas palavras.

Nunca acreditei em palavras como acredito nas dele. Desde o momento em que conversamos no hospital, mesmo naquela época, por mais cautelosa que eu fosse, acreditei nele quando disse que eu poderia ligar para ele. Foi por isso que disquei o seu número, porque em algum lugar, bem abaixo de todo o meu sofrimento, eu sabia que podia confiar nele.

E meu corpo? Meu corpo o quer. Desesperadamente.

Meus saltos batem no chão enquanto dou um passo à frente, engolindo meu orgulho em nome do prazer, mas ele me levanta a palma da mão, fazendo sinal para eu parar.

— Você me quer? — Ele inclina a cabeça, sombras espalhadas pelos contornos de seu belo rosto. — Vai rastejar.

RASTEJAR

Coraline

Não tenho certeza do que é pior, ele me forçando a admitir em voz alta o quanto o quero ou me obrigando mostrar o quanto meu corpo precisa dele.

Uma respiração instável passa pelos meus lábios enquanto meus polegares se prendem às alças finas do meu vestido. O material escorregadio desliza dos meus ombros, caindo em cascata pelo meu corpo como água. De uma só vez, o material cai no chão.

Saio da poça de tecido laranja circulando meus pés, deixando-me apenas com um par de saltos altos e minha calcinha rendada. Estou totalmente exposta aos seus olhos, sem barreiras entre minha carne e seu olhar.

Essa é a pior parte, acho.

Deixar que ele me veja, como é meu corpo, o que Stephen deixou nele. Saí do porão, mas o porão ainda permanece na minha pele. Uma cicatriz branca irregular que começa em um ombro atravessa minha clavícula e termina no outro. Pequenas marcas em meus joelhos e coxas e, embora não consiga vê-las, sinto vergonha das marcas de remo em minhas costas. Existem apenas algumas, mas são visíveis de perto.

Meu corpo não é uma superfície lisa. É rígido e cheio de cicatrizes. Não é sexy – é repulsivo.

— *Porra.*

Encontro os olhos de Silas e minha respiração fica presa.

Seus olhos não me inspecionam, medindo cada imperfeição,

marcando cada pontinho. Não, me admiram. Comem avidamente a visão da minha pele nua, seu lábio inferior preso entre os dentes. É o suficiente para iniciar um pequeno incêndio no meu estômago, uma lasca de confiança retornando ao meu corpo.

Com cuidado, me ajoelho, colocando as mãos no chão à minha frente. Meus olhos de pálpebras pesadas perfuram os dele à medida que começo a engatinhar, o cabelo caindo em cascata sobre meus ombros, deixando-me sentir sem vergonha do meu desejo.

Quando chego ao espaço entre suas coxas, levanto-me na parte de trás das coxas, colocando as mãos em suas pernas fortes.

Silas se inclina para frente, agarrando meu queixo entre dois dedos. — Faça beicinho com esses malditos lábios e diga por favor.

Mordo meu lábio inferior suavemente. — Por favor, Silas.

Como se me recompensasse por implorar, seus dedos desabotoam o botão de sua calça, ficando de pé em toda a sua altura e se elevando acima de mim. Tenho que esticar a coluna para colocar meu rosto na frente de sua cintura, sentando-me sobre os joelhos. Tudo em Silas me faz sentir pequena em sua presença.

Coloco minhas mãos contra suas coxas, observando enquanto ele empurra suas calças e a boxer para baixo até que seu pau duro bate contra seu abdômen, fazendo minha boca salivar e o nervosismo acumular em meu estômago.

É tão grosso quanto meu pulso e nem quero quantificar quantos centímetros. Porque não tenho certeza se muitos centímetros caberão em meu corpo muito menor.

— Mostre a língua para mim, linda — ele ordena, olhando-me com uma exigência silenciosa em seus olhos.

Com a boca já aberta, abro um pouco mais, olhando para ele enquanto coloco a língua para fora. Silas se inclina pela cintura, agarrando meu rosto com uma das mãos antes de dar um beijo suave em minha testa.

Um paradoxo de ações. A calmaria antes da tempestade.

— Quero que molhe meu pau com sua boca, me prepare bem para sua boceta, Hex. Não posso foder seu rosto do jeito que quero com meus piercings. — Sua respiração é quente contra minha pele, o polegar acariciando levemente a curva do meu queixo. — Não gostaria de quebrar esses lindos dentes.

Seu aperto em meu rosto aumenta antes que ele cuspa na minha língua, me forçando a fechar a boca em torno disso, obrigando-me a engoli-la. Uísque e calor. O seu gosto familiar enche minha garganta, um gemido saindo dos meus lábios.

Eu poderia me afogar nele. O bourbon inebriante e a fumaça em seu hálito. Minha boca permanece aberta quando ele tira a mão, guiando a ponta do seu pau até meus lábios esperando.

Meu corpo permanece perfeitamente imóvel enquanto ele desenha meu arco de cupido, deixando-o brilhando com pré-goço. Incapaz de me conter, passo a língua, saboreando-o, desejando mais conforme chupo a cabeça em minha boca.

Sua cabeça cai para trás, um gemido torturado saindo de seu peito enquanto minha língua molhada trabalha. Balanço minha cabeça suavemente, tomando apenas alguns centímetros cuidadosos das barras de metal perto do meio de seu eixo.

Aperto a parte interna das coxas, tentando criar fricção para meu clítoris latejante, precisando de seu toque, mas precisando mais de seus sons de prazer.

Minha boca o adora, provocando gemidos inebriantes de sua garganta. Dedos serpenteiam em meu cabelo, juntando os fios em seu aperto e me segurando. Lambo a parte de baixo de seu eixo, arrastando uma língua achatada pelas laterais, usando minha saliva para cobrir cada centímetro.

— Boa menina — ele resmunga enquanto brinco com os piercings no topo, circulando-os antes de sugar sua ponta de volta na minha boca. Cada segundo que estou de joelhos me faz desejá-lo mais.

Eu quero fazê-lo se sentir bem. Para compensar tudo de bom que

ele fez por mim. Cada momento ele me pegou enquanto eu desmoronava, guiando-me cuidadosamente de volta. Quero que meu corpo seja seu conforto, assim como sua voz é minha.

O aperto em meu couro cabeludo aumenta quando ele dá algumas bombadas superficiais em minha boca, apenas o suficiente para provocar a si mesmo. Não paro de mover minha língua até que seu pau pingue com minha saliva, brilhando na penumbra. A umidade se acumula entre minhas coxas quando ele se afasta, a sua necessidade me percorrendo como um incêndio.

Destruindo. Queimando. Queimando tudo o que existia antes dele.

Apodera-se de cada fibra do meu ser. Toda a minha composição química está desesperada para derreter e separar até que possa voltar a ser tudo o que ele deseja.

Silas me faz querer me desfazer e esquecer tudo o que fui antes dele, apenas para me recompor e me encaixar perfeitamente nele. Não nesta maldita e amaldiçoada versão de mim mesma.

Eu quero ser alguém que o mereça. Seu elogio.

A mão em meu cabelo me puxa para trás com um estalo, e um gemido baixo sai da minha boca conforme meu olhar é forçado para cima.

— Será uma boa garota para mim, Hex? Deixar-me usar seus buracos até que escorram meu esperma? — Ele grunhe, olhos intensos e inflexíveis. — Tenha certeza da sua resposta porque não vou apenas fodê-la. Vou arruiná-la. Seu corpo não é seu – é meu. É meu templo para adorar e meu para destruir.

Meu coração dispara. *Seu templo.*

Ser transformada em apenas um buraco para seu prazer é humilhante. Deveria me ofender. Deveria me irritar ser despojada da minha humanidade, mas é tudo que quero de um homem em quem confio. Tudo o que desejo de um homem que quero.

Para remover os pensamentos, remover todas as memórias e

apenas *sentir*. Tento balançar a cabeça, mas seu aperto não deixa.

— Palavras, baby. Preciso das palavras.

— Sim, Silas. Serei uma boa menina — murmuro, lambendo meus lábios inchados.

Fome, fome pura e crua, rodopia em seus olhos escuros.

Usando a alça improvisada no meu cabelo como alavanca, ele me levanta de joelhos, me fazendo ofegar antes que sua boca esteja lá para sorver. Ele me devora, o braço serpenteando em volta da minha cintura e me levantando do chão.

Minhas pernas instintivamente o envolvem, sua barriga tonificada esfregando contra minha boceta me fazendo gemer em sua boca. Nossas línguas giram e se traçam enquanto ele nos leva em direção à cama, me segurando com apenas um braço durante todo o caminho.

Eu salto contra o colchão conforme ele me solta, me movendo nervosamente em direção à cabeceira da cama enquanto ele se move em minha direção como um predador pronto para consumir sua presa favorita.

Nós dois colidimos. Cedemos, deixando que nossos corpos tenham o que tanto desejam. Cedo ao desejo por ele, aquele que tentei ignorar por tanto tempo.

Minha mão agarra sua nuca quando ele rasteja entre minhas pernas, pressionando nossos lábios novamente, como se não eu suportasse separá-los. Duas estrelas em colisão que esperaram séculos para se tocarem, recusando-se a se separar.

Silas geme em minha boca quando afundo meus dentes em seu lábio inferior, puxando-o de brincadeira. Minhas mãos percorrem seus ombros, as palmas deslizando para seu peito, onde agarro os dois lados de sua camisa, rasgando-a. Botões batem no chão de madeira, mas não me incomodo.

— Eu gostava dessa camisa — ele murmura contra meus lábios, inclinando minha cabeça para trás para mergulhar a língua em meu queixo e dando beijos de boca aberta ao longo de minha pele.

— Gostava da minha camiseta branca que você rasgou na outra noite. — Suspiro quando ele morde a coluna da minha garganta, dentes vorazes arranhando minha pele. — Estamos quites.

Alcanço seu pau, precisando que alivie a dor entre minhas coxas, mas ele afasta minha mão.

— Você ainda não está pronta para mim. Tenho que te foder com a minha boca primeiro, baby. Tenho que soltar essa boceta apertada, ou não caberei. — Ele grunhe, acomodando a parte superior do corpo entre minhas pernas abertas.

Meu estômago se aperta, revirando por dentro, pensando nele me abrindo. As pontas dos seus dedos lentamente traçam minhas coxas, pegando a borda da minha calcinha e puxando-a para baixo das minhas pernas para expor minha boceta nua.

Ele solta um gemido com a visão, dando um beijo faminto na parte interna da minha coxa enquanto coloca a parte superior do corpo entre minhas pernas. — Tão porra linda, baby.

Uso minhas unhas para arranhar seu couro cabeludo, passando pelo cabelo bem aparado, fazendo-o cantarolar enquanto empurra meu toque.

— Adoro quando faz isso.

Estou com tanto tesão que não consigo computar pensamentos que não estejam diretamente ligados à minha boceta, mas tento fazer uma anotação mental disso para mais tarde. Eu coro sob seu elogio, meus quadris empurrando para cima enquanto ele sopra uma corrente de ar em direção ao meu núcleo encharcado.

Silas procura o interior das minhas coxas, passando as palmas das mãos para cima e para baixo na pele, as pontas dos dedos chegando perigosamente perto do meu centro, mas parando perto de onde mais preciso dele e ficando de joelhos.

— Silas — imploro, me contorcendo sob ele, tudo doendo *pra* caralho. — Por favor.

— Ah, vamos lá, Hex. Pode fazer melhor do que isso. — Sua voz

roça minha pele, o polegar roçando meu clitóris. — Implore-me.

— Tudo dói. Faça com que me sinta melhor, Silas, por favor.

Sua resposta é pressionar o polegar com mais força, desenhando pequenos círculos, fazendo-me abrir mais as pernas para ele, deixando-o entrar. Gemo profundamente no fundo da minha garganta quando sinto dois dedos deslizarem dentro de mim, me esticando sem aviso.

— Ah, porra...

— Isso não é nem metade de mim, baby — ele murmura com uma risada sinistra, como se estivesse ansioso para sentir o quão apertado será o ajuste. Estou surpresa com o quão bem minha boceta se abre para ele, deixando seus dedos entrarem na minha abertura apertada.

A boca de Silas substitui o polegar, a língua quente girando naquele feixe sensível de nervos, brincando com ele como se soubesse exatamente o que preciso para chegar lá. Este homem tem uma boca perversa; cada golpe e volta toca o lugar certo, fazendo-me arquear para fora da cama.

Pressiono meus quadris em seu rosto, encontrando cada impulso de seus dedos enquanto ele os bombeia para dentro e para fora de mim. Minhas mãos agarram seu ombro, precisando de algo para me firmar antes de levar deste maldito colchão.

Quando as pontas dos seus dedos roçam aquele ponto macio dentro de mim, jogo a cabeça no travesseiro. Sensações superestimulantes caem em cascata sobre mim, aquela faixa firmemente enrolada dentro do meu estômago apertando. Meus quadris rolam para baixo nos deliciosos círculos que ele esfrega ao redor do meu clitóris, forçando seus dedos cada vez mais fundo.

Os gemidos que saem de mim parecem involuntários, vindos da minha garganta como se fossem feitos apenas para Silas. Como se esperassem apenas por ele. Apenas para seus ouvidos.

— Está tão perto, baby. Vá em frente, seja boazinha e goze para

mim. — Ele enterra o rosto entre minhas coxas, as vibrações de sua voz massageando minha boceta. — Deus, mal posso esperar para sentir você estrangular meu pau assim.

Os ruídos obscenos que sua boca e seus dedos fazem entre minhas pernas estão me deixando louca. Sua língua absorve cada grama de umidade da minha boceta enquanto ele me fode com os dedos com golpes medidos. Estou no limite, e quando seus dentes roçam meu clitóris, apenas dor suficiente para combinar com prazer, me desfaço.

Meus músculos se contraem, os olhos se fecham, antes de soltar quando gozo com um gemido estridente, unhas enterradas na carne de suas costas. A autossatisfação queima através de mim, sabendo que ele deixará este quarto marcado por mim.

Olho para ele, observando-o continuar a mergulhar os dois dedos em minhas paredes apertadas, atingindo o mesmo lugar repetidamente, recusando-se a parar, recusando-se a me deixar cair do alto do meu orgasmo.

— Goze novamente. Sei que quer. Você consegue, pequena — ele diz entre beijos na minha boceta, olhos escuros subindo para me olhar, semicerrados e esfumados.

Eu não acreditei em suas palavras. Não acreditei que pudesse gozar consecutivamente assim, mas quando um terceiro dedo entra em meu buraco já cheio, quase fico cega de êxtase incandescente. Essa mesma sensação formidável se desenrola em meu estômago muito mais rápido do que esperava, e não tenho tempo de avisá-lo antes que meu núcleo esteja em convulsão, as coxas apertando em torno de sua cabeça conforme meus quadris se contrapõem em sua boca.

— Porra, porra, porra! — Choramigo, porque ele ainda não para, embora eu esteja tremendo em seus braços com meu segundo clímax. — Silas, pare, oh meu Deus, por favor!

Ele parece despreocupado, simplesmente prendendo meus quadris na cama com o braço. Balançando a cabeça para frente e para trás sob minhas coxas, mergulha aquela língua para cima e para baixo em minha boceta macia, me deixando sem escolha a não ser ficar ali

deitada e tomá-la, me contorcendo.

No fundo da minha mente, aquela palavra segura, *vermelho*, flutua em meu cérebro, mas não consigo usá-la. Porque não acho que quero realmente que ele pare. Meu corpo quer mais, independentemente de quão superestimulada esteja. Com mais uma chupada no meu clitóris, ele tem piedade da minha alma e me libera. Uma umidade reflexiva cobre sua mandíbula e boca. Meus membros parecem pegajosos, derretidos e inúteis enquanto tento afundar ainda mais na cama.

Olhos escuros e nebulosos absorvem meu corpo, aberto só para ele, completamente desenrolado e à sua mercê.

— Olha a bagunça que fez. — Balança a cabeça, estalando a língua antes de me mostrar como seus dedos estão encharcados. Ele sorri, mordendo o lábio inferior e apontando um único dedo para mim. — Venha me limpar com essa boca de bruxa.

Com a pouca força que me resta, levanto-me do colchão, meus braços tremendo de prazer. Ignoro meus membros letárgicos, desesperada para ser boa para ele.

Neste momento em que não consigo pensar em nada, onde sou apenas um nervo exposto, sentindo tudo, quero ser tudo o que ele precisa. O que deseja.

Uso a parte superior de seus ombros para me manter em pé, meu centro encharcado encontrando a base de seu eixo enquanto me aproximo. O calor de nossos corpos pressionados um contra o outro faz um tremor passar por mim.

Minha boca encontra a dele, o gosto do meu esperma é ácido, um sabor viciante que eu bebo. Rolando minha língua, sacudindo o céu de sua boca, chupo antes de me afastar para passar para sua mandíbula.

Limpo a bagunça que deixei em seu rosto, a língua girando em sua pele, recolhendo os restos do meu orgasmo. Suas mãos apertam meus quadris, balançando sua parte inferior contra a minha, deixando-me sentir seu pau duro pressionado contra minhas dobras macias.

Os gemidos ásperos em meu ouvido me estimulam a levantar meus quadris para encontrar seu movimento lento, apertando ainda mais suas costas. Os músculos das costas são firmes e tensos ao toque, como cabos de aço enrolados sob a carne. Cada centímetro dele é suave e elegante, cada músculo perfeitamente definido.

Quando o ranger fica demais, dou um beijo logo abaixo de sua orelha. — Preciso de você, por favor.

Há apenas uma pequena pausa antes que ele me pegue em seus braços, me deitando de volta na cama. Seu grande corpo paira sobre o meu e, por um momento, posso sentir seu coração batendo em meu peito. É intenso, o momento mais íntimo que alguém pode experimentar, sentir o coração de outra pessoa contra o seu.

Isso é apenas sexo. Isso é apenas sexo. Isso é...

As mãos de Silas sobem pela minha barriga, segurando meus seios pesados com as palmas das mãos. Passando os dedos pelo metal perfurando meus mamilos eretos, ele brinca com os corações negros em cada lado do meu mamilo, uma decisão impulsiva no momento que eu estava tomando Ecstasy em Vervain, pelo que estou feliz neste momento.

— Estes são deliciosos *pra* caralho — ele murmura antes de atacá-los com sua boca quente. — Enfiarei meu pau entre esses peitos macios e fodê-los até gozar em seu lindo rosto, mas não esta noite.

Eu me arqueio ao seu toque, minha cabeça parece leve e meu corpo implora para ser tocado por seus dedos. Ele leva seu tempo atacando meu peito, espalhando beijos em meu peito antes de se ajoelhar, tirando a camisa e a jogando no chão.

Seu estômago tonificado se flexiona à medida que ele envolve a base de seu pênis com uma mão grande. Vários centímetros ficam expostos do punho que faz, deixando minha boca salivando enquanto se bombeia algumas vezes antes de guiar a ponta para meu núcleo molhado.

— Esta noite, gozarei aqui mesmo, nesta boceta apertada. Enchê-

la e deixá-la escorrendo.

— Tomo injeção. — Gemo, franzindo as sobrancelhas enquanto olho para ele, observando-o arrastar seu pau para cima e para baixo nos lábios da minha boceta. — Estou limpa. Es...

— Acha que eu chegaria tão perto de fodê-la se não estivesse limpo? — Seus olhos suavizam quando inclina a cabeça. — Está segura comigo.

Tudo era tão intenso antes, dominado pelo desejo, e agora não é mais. A luxúria ainda ferve dentro de mim, mas agora não parece apenas sexo, porque meu peito está apertando. Emoções passam por mim, transbordando.

Quando a ponta do seu pau começa a espalhar minha abertura, entro em pânico. Sinto que estou muito envolvida com ele. Posso desejá-lo fisicamente, mas não posso tê-lo emocionalmente.

Não posso fazer isso com ele.

Pressiono minha mão na parte inferior de sua barriga, interrompendo seu movimento, olhando para ele através dos cílios úmidos. — Partirei seu coração.

Ele para, a mandíbula se contraindo. — Você me deixará entrar no seu.

Tarde demais, acho que pouco antes de suas palavras e seu corpo me roubarem o ar. Seus quadris pressionam para frente, empurrando através de minhas confortáveis paredes internas, lentamente me abrindo, forçando minha boceta a acomodar seu comprimento.

— Puta merda. — Gemo, balançando meus quadris. — Porra, estou tão cheia.

— Não estará cheia até que eu esteja completamente dentro de você.

Nem quero ver o quanto falta antes de ele estar completamente dentro de mim. Meu corpo derrete no colchão, sem saber se tenho espaço para ele caber. O corpo duro de Silas penetra o meu mais

profundamente, o metal frio de sua escada de Jacob tocando meu centro molhado.

— Relaxe para mim, Hex. — Uma de suas palmas se move dos meus quadris, pressionando levemente minha barriga. — Relaxe e me deixe entrar. Deixe-me fazê-la se sentir bem, baby.

Minhas coxas se espalham impossivelmente mais, os olhos se abrem quando ele mergulha em mim mais alguns centímetros, aqueles piercings esfregando ao longo da base da minha boceta.

— Ah, porra, oh, merda — murmuro incoerentemente — não acho... Deus, não acho que possa caber mais.

Meus dentes mordem o interior da minha bochecha, tentando respirar enquanto ele me penetra com seu pau. Sinto como se ele estivesse realmente me partindo ao meio, com a intenção de me partir em duas.

— É isso. Essa é minha garota. Chupe meu pau dentro dessa boceta apertada — ele geme quando chega ao fundo, olhando para onde nossos corpos se conectam, observando o massacre da minha boceta. — Olhe para você, Hex. Tomando tudo de mim como uma boa garota.

Ele me dá algumas carícias, deixando-me acostumar a ficar tão cheia. Deixando-me sentir cada centímetro antes que comece a acelerar suas estocadas. Meu corpo começa a encontrar o dele, o estiramento inacreditável fazendo meus dedos dos pés enrolarem. Estou vergonhosamente perto, e não ajuda quando ele começa a me foder de verdade, como prometeu. Silas Hawthorne começa a me arruinar. Dentro e fora.

Movimentos brutais e pesados de seus quadris me colocam em órbita. A profundidade do seu pau me faz tentar afastar do seu eixo, mas ele não me deixa. Não, ele agarra meus quadris e me puxa de volta ao lugar para que possa me foder do jeito que quiser.

— Porra, Silas. É demais. Porra, você está no meu estômago. — Quase grito, agarrando os lençóis abaixo de mim em busca de apoio,

minha boceta esticada ao máximo. Cada veia do seu pau roça nas minhas paredes sensíveis, atingindo algo dentro de mim que nunca foi tocado antes.

Silas se inclina em direção ao meu rosto e me mantém ali com um aperto selvagem na minha garganta. Dedos longos se espalham pela frente do meu pescoço, apertando as laterais, sentindo meu pulso sob as pontas dos dedos. Bombeia dentro de mim com estocadas que me fazem ver estrelas, impiedoso com meu corpo enquanto me penetra todo o caminho, deixando-me senti-lo enterrado até o punho antes de quase o retirar, apenas para me penetrar mais uma vez.

De novo e de novo e de novo.

A cabeceira da cama bate na parede com o seu ritmo, sua cama balançando sob nós com a força que está usando no meu corpo.

— Está tão molhada. Tão apertada. Deus, nada foi tão bom quanto você, baby. Está me levando tão bem. — Ele deixa cair a cabeça em meus seios, puxando um mamilo em sua boca. O êxtase preenche meu ser quando ele se afasta, depois move os quadris para frente, cada vez mais rápido, até que seu aperto na minha garganta seja usado para me manter imóvel para ele bombear.

— Tão bom... — ofego, me curvando para fora da cama. — Gozarei de novo, porra, Silas!

O prazer é demais. Estou muito cheia. Transbordante de prazer que lágrimas escorrem pelo canto dos meus olhos.

Silas me dá um gemido de aprovação contra minha pele. — Chore por mim, baby. Chore porque é tão bom e você sabe que o pau de ninguém usa essa boceta linda como eu. Chore por mim.

Ele se ajoelha, agarrando meus tornozelos com as mãos, me espalhando e forçando meu corpo a encontrá-lo, golpe por golpe. Bate em minhas paredes como se tivessem sido feitas para ele, moldando minha boceta para caber perfeitamente em seu pau, recusando-se a sair até que eu seja o buraco perfeito para ele usar.

— Eu... Deus... — murmuro incoerentemente, uma confusão de

palavras e frases que nunca ouvi de meus lábios antes.

— Shhh, não fale. Apenas pegue.

Olho para ele o melhor que posso, os olhos semicerrados e caídos, observando o aperto de seus músculos abdominais a cada impulso, seu corpo brilhando de suor e sobranceiras franzidas de concentração, olhos escuros me encarando com um olhar predatório.

— Goze para mim, Hex. Mergulhe esse pau, me aperte.

Como se meu corpo simplesmente esperasse por seu comando, sinto meus músculos se contraírem, as costas se arqueando na cama e um grito de êxtase saindo da minha garganta. Luzes brilhantes piscam atrás das minhas pálpebras enquanto tremo com gemidos ofegantes, arrastada por uma corrente de felicidade que tem gosto da mais doce ambrosia.

Foi assim que os deuses se sentiram, tenho certeza. Completa e totalmente eufóricos, como se nada pudesse tocá-los.

Estou batendo através das ondas, mal registrando sua voz rouca acima de mim, apenas sentindo suas investidas gaguejantes, superficiais e rápidas.

— Diga-me onde gozarei esta noite — ele ordena, me olhando maliciosamente, perseguindo sua própria libertação. — Diga, linda.

— Minha boceta — murmuro, afundando no colchão embaixo de mim, contente em deixar o material de pelúcia absorver meu corpo completamente fodido. Minhas paredes internas se contraem, apertando seu eixo, sentindo aquelas barras esfregando contra a pele dentro de mim.

Jesus, porra, Cristo. Como se ele precisasse de piercings com um pau desse tamanho.

— Isso mesmo, baby. É tudo meu, todo meu, porra — ele grunhe com estocadas curtas e brutais, seus quadris batendo contra minha pele pegajosa ao mesmo tempo que perde o ritmo. — Porra, vou enchê-la. Encherei essa boceta. Porra, porra...

Quando ele goza, bombeando fluxo após fluxo de esperma quente em minha boceta, é um momento lindamente cru. Há tanta emoção em seu rosto normalmente passivo.

Sobrancelhas franzidas, dentes cravados em seu lábio inferior, cabeça inclinada para trás de prazer enquanto ele continua a bombear preguiçosamente em mim, fodendo seu esperma profundamente dentro de mim.

Eu fiz sexo antes. Antes de tudo. Perdi minha virgindade no segundo ano do ensino médio com Ian, mas não foi isso.

Eu fui capaz de remover completamente minha mente da equação. Forcei minha cabeça a esvaziar e tudo que pude fazer foi sentir. Meu corpo zumbiu, torceu e empurrou em sua direção, quadris se encontrando com impulso após impulso. Estava perdida em um ciclone de prazer, me afogando lentamente em uma piscina de êxtase.

Não houve medo. Não houve memórias.

A felicidade absoluta e abrangente envolve minha mente e meu corpo. Silas é melhor do que qualquer Ecstasy que já tomei. Não há droga que possa se igualar a isso. Nada de ruim pode me atingir aqui. Com ele.

Quando há apenas nossas respirações pesadas ecoando na escuridão deste quarto, meu estômago começa a tremer. Meus olhos ardem de lágrimas e sei que quebrarei uma regra fundamental das ligações: não chore depois do sexo, mas não consigo evitar, não quando sei que estou me apaixonando por ele.

Não de uma forma brutal e descarada, que parece punhos quebrando meus ossos e dentes perfurando minha carne, não como o amor foi sentido no passado. Não da maneira que minha mente convenceu que meu amor era antes dele.

— Coraline — diz Silas, me olhando com preocupação em seus olhos escuros. — Hey, fale comigo. Você ainda está aqui comigo?

De uma maneira doentia, doce e suave que me faz chorar.

Porque agora? Por que ele?

Muitas vezes implorei para ser essa mulher linda e desejada, graciosa e gentil. À noite, me ajoelhava e orava a qualquer deus que pudesse ouvir para ser a pessoa digna de amor *verdadeiro*. Em vez disso, disseram-me que fui deixada de lado. Destinada a ser apenas noites amargas e manhãs contaminadas. Minha vida inteira seria amaldiçoada como uma coisa maldita, desagradável.

Silas, porém, demora com meu nome, como se fosse sua palavra favorita que quer manter na boca o maior tempo possível. Ele não se apressa como um mau presságio. Em vez disso, pronuncia como uma profecia destinada à sua boca.

Silas não me faz sentir amaldiçoada.

Ele me faz sentir amada.

— Por que não me deixa salvá-lo de mim?

A AMALDIÇOADA

Silas

Coraline está enrolada no meu moletom quando volto para o quarto. Escondida dentro do tecido preto, encostada na cabeceira da cama com os joelhos no peito.

Da porta, ela parece tão pequena, uma alma minúscula e frágil, e acho difícil acreditar que alguém já teve medo dela.

A caneca quente em minhas mãos produz vapor enquanto ando em sua direção, moletom solto em meus quadris à medida que me sento na beira da cama, dando-lhe espaço, mas estendendo a xícara em sua direção.

— Eu não bebo café — ela murmura, enxugando o rosto com a manga do moletom. A vermelhidão mancha suas bochechas, lágrimas ainda caindo de seus olhos.

Não posso dizer que essa era a reação que eu queria depois que transamos pela primeira vez, mas ela não é nada senão imprevisível. É uma das muitas qualidades que gosto nela. Como todos os dias se parecem diferentes e sempre há algo para descobrir.

— É chá de lavanda. — Limpo minha garganta. — Lilac mencionou que é a única coisa que te ajuda a dormir. Lavanda fresca, não aquela merda falsa. Palavras dela, não minhas.

Ela pisca os olhos turvos, e meus dedos têm que lutar para não estender a mão e enxugar as lágrimas. A única maneira que quero confortá-la é a última coisa que ela precisa.

Quero abraçá-la, tocá-la, fazê-la se sentir fisicamente segura, mas o toque é um gatilho para Coraline. É uma linha difícil de caminhar

quando tudo que quero fazer é tocá-la.

— Pensei que tinha saído. — Ela timidamente estende a mão, pegando a caneca e a colocando contra o peito.

Minha mão passa atrás do meu pescoço, coçando levemente. — Comprei uma planta.

— Comprou a porra de uma planta de lavanda? Por que?

Eu me abstenho de rir, porque foi isso que Rook disse quando contei a ele. Minha cabeça balança para cima e para baixo, um aceno lento, confirmando suas palavras.

— Porque você gosta.

Quando ela perceberá que não há nada que eu não faça por ela? Que se for o que ela deseja ou se beneficiar o seu bem-estar, eu farei. Conseguirei o que quer que seja. Ela quer um jardim de lavanda? Arranjo dois para ela. Ela merece isso.

— Isso é falso, Silas.

Como se ela tentasse se lembrar disso, como se tentasse se forçar a acreditar quando acho que nunca fomos falsos. Nunca fingi nada com ela.

— Mas parece real, não é?

— Isso é o que me assusta. — Ela leva a xícara aos lábios, toma um gole e me olha por cima da borda, o rosto coberto pela proteção do capuz.

Viro meu corpo completamente, pendurando uma perna para fora da cama. — Por que tem tanto medo de me machucar?

Há uma batida de silêncio onde ela procura meus olhos, e não consigo lê-la. Não tenho absolutamente nenhuma ideia do que quer dizer. O olhar vazio em seus olhos parte meu coração, saber o que quer que a faça me afastar a assusta tanto.

— Sei que o que estou prestes a lhe contar me fará parecer louca. Como se eu inventasse ou estivesse tudo na minha cabeça, e talvez esteja, mas é real para mim. É bastante real, e se te contar... — inspira

profundamente, fungando. — Quando te contar, preciso que acredite em mim, Silas. Prometa que não me fará sentir louca.

Coraline não tem absolutamente nenhuma ideia do quanto entendo. O desespero de precisar de alguém, qualquer pessoa, para validar o que está acontecendo em sua mente. Não tem ideia do quão longe tive que ir para distorcer a verdade para que ela se ajustasse à visão que outras pessoas tinham de mim. Não importa o que diga, acreditarei nela porque sei como é doloroso quando ninguém mais acredita.

— Prometo.

E isso é tudo que é preciso. Minha palavra é suficiente para ela começar a falar. Deixo-a, pela primeira vez, compartilhar sua história com ouvidos que entendem o que é guardar um segredo. Ocultar a verdade, carregá-la nas costas como uma guerra de cem anos.

É uma história que começa com o encontro de um menino em um casamento quando ela era jovem, que lhe deu uma flor e foi a primeira pessoa a dizer que a amava. Uma história que terminou com aquele menino morrendo num acidente de carro naquela mesma noite.

A primeira vítima do amaldiçoado.

— Esqueci dele, como se ele não significasse nada, como se fosse um pontinho na minha memória. Cresci e não pensei nele novamente até o ensino médio. Até conhecer um cara chamado Riley.

Minhas sobrancelhas franzem enquanto a ouço falar. Acho que fazer perguntas quando as pessoas têm muito a dizer é infrutífero. Quando damos aos outros espaço para conversar, eles nos contarão tudo o que precisamos saber.

Coraline só precisava de um ouvido confiável para contar suas tristezas; o resto viria.

— Namoramos na sexta série. Ele tinha uma falha nos dentes que achei a coisa mais fofa que já vi. Meio que parecia com Justin Bieber. — Ela ri, como se ainda pudesse ver o seu rosto em sua mente. — No último dia de aula antes das férias de verão, ele me beijou na escada.

Foi rápido, fofo, doce. Tudo o que se espera de um primeiro beijo. Pouco antes de partir, ele murmurou um eu te amo tão rapidamente que nem tive chance de responder. Não me lembro se era sério ou não. Esperei horas ao lado do meu telefone naquela noite, esperando uma mensagem de texto ou ligação dele, mas nunca chegou. Meu pai me contou na manhã seguinte que Riley havia se afogado na piscina do vizinho. Simples assim, ele estava lá e depois não estava.

Lembro-me vagamente disso, de um cara da nossa turma morrendo em um acidente por afogamento. Coisas assim não passam despercebidas pelos boatos. Simplesmente nunca soube que Coraline namorava com ele.

Suas lágrimas silenciosas se transformam em soluços, suas mãos tentando freneticamente enxugar as lágrimas enquanto seus ombros tremem. Agora que tenho certeza de que o seu choro depois do sexo não foi por causa de um flashback traumático, diminuo a distância entre nós.

Pego a sua caneca de chá, colocando-a na mesa de cabeceira antes de pegá-la em meus braços. Minhas costas apoiadas na cabeceira da cama e coloco seu pequeno corpo no meu colo.

Se ela está cansada de lutar comigo ou apenas fisicamente exausta do dia de hoje, ela cai em mim. Cede, derrete e deixa cair a cabeça no meu peito. Deixei que se refugiasse aqui, no abrigo dos meus braços.

— E então Emmet, Deus, Emmet... — Ela engasga com as palavras, e meu coração se despedaça por ela.

Seguro a parte de trás de sua cabeça contra meu peito, a outra subindo e descendo por sua espinha, acalmando-a. Meus lábios pressionam o topo de sua cabeça. Tudo que quero é protegê-la disso, protegê-la dessa dor, porque ninguém mais fez isso. Ninguém cuidava dela, e isso me enfurece e me destrói.

— Em 1997, o Deep Blue se tornou o primeiro computador a derrotar um campeão mundial de xadrez — digo suavemente, abraçando-a com força contra o meu corpo. — O Deep Blue trocou seu

bispo e sua torre pela rainha de Gary Kasparov depois de sacrificar um cavalo para ganhar posição no tabuleiro.

Coraline solta em meus braços, ouvindo atentamente enquanto continuo.

— É o meu jogo favorito de todos os tempos porque Kasparov teve uma oportunidade. Estava em uma posição de jogo, mas renunciou, sendo a primeira vez na carreira que admitiu a derrota. Quando lhe perguntaram sobre isso, ele disse que havia perdido o espírito de luta.

Sinto Coraline relaxar um pouco contra mim e faço uma pausa para dar um beijo suave em sua têmpora, minha voz é a mais suave que nunca.

— Não há derrota quando se recusa a perder. Só podemos ser derrotados quando desistimos de nós mesmos, Coraline.

Ela vira a cabeça, olhando para mim, o queixo apoiado no meu peito. — Como sabe tanto sobre jogos de xadrez?

— Quando eu era jovem, mantinha partidas de xadrez em meus fones de ouvido. Acalmava-me quando tinha muito a dizer, mas não tinha espaço para falar.

Afundamos no meu edredom cinza-aço, ouvindo a respiração um do outro. É bom saber que algo que me trouxe conforto quando criança pode fazer o mesmo por ela agora. Por vários momentos, ficamos sentados assim até ela perder o fôlego e continua a falar, terminando sua história com seu namorado de longa data do ensino médio, Emmet, que cometeu suicídio logo depois que ela terminou com ele.

— Stephen foi apenas uma confirmação, o único deles que eu realmente queria morto, e conseguiu viver. Ele sempre foi tão inflexível que foi minha culpa ter acabado em seu porão. Que havia algo em mim que o transformou em um monstro obsessivo, que o fez sentir que precisava me ter ou morreria.

— É por isso que ele te chama de Circe — sibilo..

O que antes era uma piada fodida que Regina costumava jogar na sua cara se tornou algo muito real para ela. Coraline acreditava genuinamente que estava amaldiçoada. Que foi azarada para arruinar os homens e meninos que escolheram amá-la.

É por isso que ela tem tanto medo de me deixar entrar, porque tem medo de me machucar. O que por si só me diz tudo o que preciso saber sobre Coraline. Algo que ela nem vê em si mesma.

Ela não é cruel ou apática. Está disposta a viver sua vida sozinha se isso significar não machucar outras pessoas.

— Se valoriza sua vida, pararia de tentar me fazer apaixonar por você — ela murmura contra meu peito.

Eu rio, o ruído estranho no fundo da minha garganta, um estrondo de som não utilizado.

Seus olhos se arregalam, brilhando com um pouco mais de luz do que antes.

— Você deveria rir mais, Silas. Por que está tão empenhado em esconder isso?

— Fiz uma promessa a alguém, alguém que jurei proteger. Um juramento que mantive por muito tempo, Hex.

— Uma promessa de não falar?

Mordo o interior da minha bochecha. — Algo parecido.

Isso a leva a se sentar, endireitando as costas e montando em meu colo, com ambos os joelhos fora dos meus quadris. Minhas mãos caem atrás da minha cabeça e sinto o calor entre suas coxas.

— Dê-me isto.

— Dar a você o quê? — Arqueio uma sobrancelha, olhando para sua metade inferior nua.

— Isso não. — Ela revira os olhos, sorrindo. — Eu lhe dei minha palavra de ser sua guardiã do segredo. Você fez um juramento, manteve um segredo. Agora pode me dar.

— É meu juramento — digo honestamente. — Não sei se acreditará em mim.

— Silas. — Ela inclina a cabeça, o cabelo saindo do capuz em sua cabeça. — Posso ser péssima nessas coisas emocionais e em me conectar com as pessoas. Entendi, mas uma coisa que posso prometer é que não importa o que aconteça, acreditarei em você. Sua voz é o som em que mais confio no mundo.

Que contradição com tudo que ouvi durante toda a minha vida. Quis dizer isso quando disse que não sei se é minha promessa dar a ela. Não sei e não posso pedir permissão à pessoa porque está morta.

Não gosto de presumir o que Rosemary queria porque ninguém a conhecia como ela mesma, mas se tivesse que adivinhar? Coraline é com quem ela gostaria que eu compartilhasse.

A única outra pessoa na minha vida que passou seus anos retratada como algo que não é, vivendo uma história que não foi escrita por nossas bocas. Senti isso no momento em que vi Coraline. Sabíamos que havia algo em nós que ninguém mais seria capaz de entender.

Olho para ela, sabendo o quanto lhe custou me contar seu passado. Para compartilhar essas partes dela comigo. É por isso que ela é perigosa para mim, não porque tenha um histórico ruim com os homens, mas porque quero conversar. Quero dar um salto de fé, para ver se ela retribuirá o favor da crença. Estou tão cansado de carregar isso sozinho nos ombros. Cansado do mundo me ver como uma coisa só e saber quem sou por dentro.

E eu sei que é ela quem precisa saber a verdade, porque enquanto estou sentado aqui, olhando para ela, não há um pinga de medo em meus ossos. Não há aquele chocalho e se saltando na minha cabeça como acontece com os rapazes. Sei que quando disser o que estou prestes a dizer, ela confiará.

Porque é Coraline.

Eu sou a voz que ela precisa. Ela é o ouvido com quem quero

falar.

— Não sou esquizofrênico.

Seus olhos se arregalam e, para seu crédito, ela se recupera bem. É melhor do que eu esperava que fosse a sua reação inicial. Sinto como se tivesse desconectado um ralo dentro de mim e a água que mantive trancada começa a escorrer. Sai de mim como sangue de veias abertas.

— Quando eu tinha doze anos... — Limpo a garganta. — ...estava consultando um psiquiatra há alguns meses. Meus pais ficaram assustados com o quão recluso eu era. Pensaram que conversar com alguém que não fosse eles seria bom para mim.

Mesmo depois de tantos anos, consigo ver a minha versão pequena participando dessas consultas, passando horas sentado em um sofá de couro, jogando xadrez e falando sobre nada. Não havia nada de errado comigo. Eu era quieto.

— Tinha terminado minha sessão do dia e esperando minha mãe me buscar quando ouvi uma menina chorando. Achei que ela poderia estar com problemas, por isso segui o som. Segui até encontrar meu médico abusando de uma garotinha. — Estremeço, desviando os olhos de Coraline por um segundo, lembrando-me dos flashes do que vi. — Entrei em pânico e comecei a gritar. Só queria ajudá-la, chamar a atenção de alguém para que ele parasse, mas acabei descobrindo até onde as pessoas vis de Ponderosa Springs irão para encobrir seus segredos.

Conto a Coraline como me sedaram e, quando acordei no hospital, ouvindo aquele canalha do médico contar aos meus pais que tinham um filho esquizofrênico.

A raiva ferve em minhas veias enquanto revivo as memórias daquele momento, sentindo a pontada da traição em meus lábios conforme implorava para que me ouvissem, um garoto de 12 anos implorando aos próprios pais que confiassem nele.

Eu morri naquele dia. Não quando Rosemary foi morta, mas

naquele mesmo dia, morri.

O filho que conheciam, aquele que criaram, havia desaparecido. Eu morri e fui substituído por algo que não pertencia. Eu me tornei a porra de um cadáver, e ninguém conseguia sentir o cheiro da minha alma podre além de mim.

A pior parte? Não posso ficar chateado com eles.

Não quando não tinham escolha. Havia um profissional médico dizendo que tudo o que vi naquele dia foi uma alucinação. Os pensamentos em minha cabeça agora contaminando minha realidade. Minha mãe e meu pai ficaram aterrorizados por mim. Tudo o que eles queriam era ajudar.

— Por um tempo, realmente me fizeram acreditar. Que eu inventei tudo. — Esfrego as mãos no rosto. — Então conheci Rosemary.

Depois conheci Rosie e tudo mudou.

— Ela era a garota que viu, não era? — Coraline pergunta, se aproximando da minha barriga, as mãos presas no meu rosto antes que suas unhas arranhem meu couro cabeludo.

Eu concordo. — Ela nunca teria me contado sobre o abuso se não tivesse visto. Para começar, nunca me disse por que consultava o psiquiatra. Rosie era boa em guardar segredos. Até de mim.

Não sei como nunca nos encontramos antes dos quinze anos, mas era como se o universo soubesse que precisávamos um do outro para sobreviver.

— Eu lhe fiz uma promessa de que nunca contaria a ninguém, e ela prometeu acreditar em mim quando dissesse que não havia vozes, que eu não estava enlouquecendo.

Vivi toda a minha vida com um diagnóstico errado de esquizofrenia para manter seu segredo. Para mantê-la segura. Porque ela era a única pessoa que eu tinha e não queria perdê-la.

— Meu surto psicótico depois que Sage voltou foi real. Todo o

trauma de perder Rose, é só... — expiro, me apoiando nas mãos de Coraline. — Isso me ferrou, mas a internação foi o melhor para mim. Se não acontecesse, eu não estaria aqui. Não teria descoberto a verdade por mim mesmo.

Não há dor de cabeça, apenas alívio total.

As represas desmoronam dentro de mim. Não me sinto mais preso em minha própria cabeça. Sou um rio caudaloso, fluindo, sentindo.

— Os rapazes — ela murmura. — Eles não sabem?

Balanço minha cabeça. — Contar a eles naquela época significaria trair Rosie. Eu não poderia fazer isso com ela.

Mesmo que eu quisesse. Mesmo que tenha implorado para ela me deixar contar a eles, só para que meus amigos mais próximos me conhecessem como eu realmente era e não quem esta cidade lhes disse que eu era.

No entanto, ela recusou, e era meu segredo entregá-los. Não consegui fazê-los acreditar na verdade de Rosemary. Por isso, engoli, mastiguei como se fossem unhas e vivi com eles esfaqueando minha garganta toda vez que eu abria a boca. Até que parei de falar porque doía muito mentir para eles.

— Quando estiver pronto — ela cantarola, um bocejo roubando sua voz — vai contar a eles. Eu irei com você. Podemos fazer isso juntos.

Olho para ela, levando a palma da mão até sua bochecha, esfregando o polegar logo abaixo de seu olho. Um pequeno sorriso surge no canto de seus lábios. Vê-la assim, vulnerável e aberta, me enche de calor.

Esta mulher não é uma maldição, nunca foi.

Ela é um maldito presente.

CRAVOS ROSA

Coraline

O último lugar onde esperava estar na minha vida era no túmulo de Rosemary Donahue.

Eu não a conhecia. Nunca nos falamos, quase não tivemos aulas juntas. Não fui ao seu funeral, embora toda a escola tenha comparecido. Não a conhecia.

— Espero que goste de cravos — murmuro para a pedra desgastada no chão, colocando as flores que comprei em sua lápide. — O Google disse que os cor-de-rosa deveriam representar gratidão ou algo assim.

Eu me abstenho de colocar a mão na testa. O que ela fará? Devolvê-los se não gostar da porra das flores?

Isso já parece estúpido da minha parte, como se estivesse estragando tudo. Depois da noite passada com Silas, ouvindo sua história, sua verdade, e ficando acordada até o sol estar alto no céu conversando, só havia uma coisa que eu queria fazer hoje.

Queria falar com Rosemary.

— Sei que provavelmente é muito estranho eu aparecer assim. Não nos conhecemos, mas você não me parece uma completa estranha. Estou me apaixonando por alguém que você amou e parece que isso nos conecta de alguma forma. Quero dizer, temos que ser meio parecidas, certo? Temos o mesmo tipo.

Fico tentada a rir da minha própria piada para acalmar os nervos, mas quando o silêncio me responde, acabo me sentindo mais ansiosa. Talvez seja porque a primeira vez que admito abertamente meus

sentimentos por Silas é para sua namorada falecida.

Eu me sinto como o exemplo de incompetência emocional.

— De qualquer forma, não era isso que eu queria dizer, e se estiver ouvindo, espero que entenda isso e saiba que estou falando sério. — Solto um suspiro. — Obrigada. Obrigada por amá-lo. Nunca conheci alguém tão merecedor de amor a cada segundo de cada dia como Silas.

Nem tenho certeza se o amor que tenho para dar é suficiente para um homem como ele. Meu coração parece um órgão sujo, enegrecido e podre que estou apresentando a uma pessoa com as mãos limpas. Está preso com band-aid velho e chicletes. Não está intacto; está fraturado e miserável, e sei que ele merece mais. Pode até não aceitar. Se fosse eu, não aceitaria.

— Obrigada por amá-lo, por lhe mostrar como amar os outros. Seu coração me ajudou de mais maneiras do que sou capaz de compreender. Acho que a gentileza que todo mundo sempre fala sobre você o contagiou, provavelmente sem que ele percebesse.

O silêncio do cemitério me envolve e estou um pouco grato por isso neste momento. Posso dizer o que quiser aqui e isso não mudará nada, mas é bom agradecer a ela. Para expressar minha gratidão.

— Acho que briguei tanto com ele porque soube desde aquele primeiro telefonema, sabe? — Faço uma pausa, balançando a cabeça. — Não pode responder isso, eu percebo. Desculpe. De qualquer forma, parecia que antes mesmo de ele me conhecer, naquele telhado, estava destrocada, e tudo bem. Ele me faz sentir que apenas ser Coraline é suficiente, amaldiçoada e tudo.

Sua voz por si só me deu mais conforto naquela noite do que o corpo inteiro das pessoas me mostrou em anos. Há uma segurança nele que nunca conheci antes. Uma confiança.

— Sinto muito por divagar. Só queria agradecer por tudo que fez por Silas, e acho que também por mim. Prometo que farei o meu melhor para proteger o coração que você alimentou. Obrigada, Rosie.

Enquanto falo o seu nome, a brisa quente do verão acaricia meu rosto, fazendo-me estremecer involuntariamente. Realmente nunca acreditei em vida após a morte, mas por hora, quero acreditar que é real e que ela me ouviu.

— Grandes mentes, hein?

Uma voz perfura a paz do meu cemitério, e me viro da lápide que encaro, encontrando uma cópia da garota a sete palmos do chão, segurando seu próprio conjunto de flores.

— Sage — suspiro, o rosto vermelho como fogo. — Eu não... não estava... eu...

— Não ouvi nada. — Ela me acena com um sorriso, aproximando-se e colocando as margaridas em seus braços ao lado dos meus. — Seus segredos estão seguros com minha irmã.

Alívio inunda meu corpo. Não que eu tenha vergonha do que sinto por ele. Só não gosto da ideia de todo mundo saber o que acontece na minha cabeça o tempo todo, principalmente isso.

Sage reflete minha postura, ficando ao meu lado olhando para o túmulo de sua irmã, e acho que isso é revelador.

Que nos parecemos como versões diferentes do mesmo espelho. Crescemos em famílias semelhantes, a mesma reputação de Ponderosa Springs nos incutiu desde tenra idade, pensando constantemente no que os outros pensam.

— Importa-se se eu lhe der algum conselho injustificado? Rook diz que eu deveria começar a perguntar primeiro, mesmo que vá dizer de qualquer maneira.

Eu rio, fazendo sinal para ela continuar.

— Deixe-o entrar.

Franzo as sobrancelhas. — O quê?

— Eles chegarão lá de qualquer maneira. Quando um Hollow Boy quer alguma coisa, ele consegue. É apenas da natureza deles. Sei o que é usar uma máscara e sei que tem medo de tirá-la, mas a vida é mais

do que fingir. Deixe-o entrar. Será muito mais fácil para o seu coração do que se ele derrubar essas paredes com força.

Sage e eu nos parecemos como duas faces da mesma moeda. Duas garotas que esconderam quem eram por tanto tempo porque sabíamos que se mostrássemos a verdade a este lugar, nos despedaçariam. Por isso o mantivemos perto, perto demais. Ela tinha aprendido um pouco mais rápido do que eu como deixar os outros entrarem.

— O que eu faço se ele já estiver dentro? — Murmuro.

Deus, há quanto tempo não falava com alguém sobre problemas de garotos? Há quanto tempo não tinha alguém com quem conversar?

— Então você conta a ele, ou ele não vai parar.

É complicado, quero dizer. É complicado porque sei que é melhor manter distância emocionalmente. Fisicamente, estivemos mais próximos do que duas pessoas deveriam estar. Aquele homem estava nas minhas entranhas ontem à noite.

É melhor eu guardar esse segredo para mim e para Rosemary. Porque se eu disser ao Silas que o amo, ele não parará. Não parará até que isso o mate, e não quero perdê-lo.

Não quero roubar o filho de Zoe e Scott Hawthorne. Não quero roubá-lo dos meninos. Egoisticamente, não quero que eles me odeiem por tê-lo levado embora. É fácil dizer que a maldição está na minha cabeça até que tenha vivido o que eu vivi. Até que tenha visto isso machucar as pessoas.

— Não vai destruí-lo, sabe? — Ela arqueia uma sobrancelha como se pudesse ver através de mim — não conheço Silas do jeito que Rook ou os outros rapazes conhecem, mas o conheço bem o suficiente. O suficiente para saber que ele não sai por aí tocando nas pessoas. Ele conhece Rook desde que eram crianças, e os vi se abraçarem talvez duas vezes? No entanto, ele não consegue tirar as mãos de você.

Talvez seja porque me senti confortável com a frequência com que Silas me toca e não percebi que ele fazia isso. A mão casual em meu quadril quando passou por trás de mim, o braço pendurado em

meu ombro, colocando aleatoriamente meu cabelo atrás da orelha. Parece algo que fazemos com frequência. Não é algo que lutamos para fazer aos olhos do público porque somos apenas... nós?

— Isso não é estranho para você? — Digo, tentando tirar a atenção de mim, apontando ao nosso redor. — Falando sobre isso comigo, aqui.

— Não — ela diz suavemente, passando os dedos pelo topo do túmulo de sua irmã. — Eu fiz uma promessa. Há alguns anos, depois que meu pai foi morto...

— Achei que o incêndio em que ele foi pego foi um acidente?

Sage passa a língua pela frente dos dentes. — Conhece meu namorado?

Bom ponto.

Rook Van Doren e fogo? Nunca um acidente.

É bom saber que não sou a única com segredos enterrados. Reconfortante. Não preciso saber os detalhes, porque não importam. É bom não estar tão sozinha.

— Foi para Rose. Ela já havia morrido, e quando nosso pai foi enterrado, jurei que não importava o que acontecesse, não deixaria Silas morrer triste. Jurei que faria com que ele estivesse feliz. Por isso, não, não é estranho porque posso ver o que você poderia ser para ele, o que ele poderia ser para você.

Engulo o nó na garganta.

Eu poderia contar a ela? Que a razão pela qual estou com medo é que na verdade sou amaldiçoada e não é apenas um apelido, não importa o quanto desejasse que fosse?

— Espero que não pense que estou tentando substituir Rosemary por estar nesse acordo com ele. Nunca faria isso com ele ou qualquer um de vocês. Sei o quão importante ela era. Respeito o amor que ele tem por ela. O amor que todos vocês têm por ela.

O que é tudo verdade.

Não quero que ninguém pense que estou desrespeitando a memória dela. Sei o quanto ela é importante para todos eles, principalmente para Silas.

— Não vai substituí-la, Coraline. Não vemos você dessa forma. Silas também não. Não pode substituir o que eles tinham porque o que você compartilha é completamente diferente — diz ela, olhando para mim. — Gosto de você, Coraline. Eu te entendo. Eu era você. E não consigo pensar em melhor maneira de Silas honrar a memória da minha irmã do que se apaixonar novamente. É tudo o que ela sempre quis para ele.

TRINTA

LÁ VEM A NOIVA

Silas

— Entre — resmungo, sentindo uma dor de cabeça latejando em minhas têmporas.

A porta se abre e a última pessoa com quem quero lidar hoje entra. — Que bom que pude te encontrar antes de sair, chefe.

Eu me abstenho de jogar o grampeador da minha mesa na cabeça dele. Daniel não diz chefe com respeito. É uma brincadeira, seu jeito passivo-agressivo de tentar me lembrar que nunca serei meu pai. Que nunca cumprirei seu legado nesta empresa.

Eu me inclino para frente, fechando meu laptop enquanto ele entra, sentando-se na cadeira de metal em frente à minha mesa. Aproxima-se, deslizando uma pilha de papéis para mim.

Olho para eles, mas na verdade não os leio antes de falar.

— O que estou olhando, Daniel?

— Nossos novos benefícios e propostas de valor de segurança de terminais — diz ele, orgulhoso de si mesmo por ter feito o mínimo necessário. — Sei que...

— Ele disse que o desenvolvimento do software não foi concluído — eu o interrompo, minha irritação com Stephen e Daniel se misturando. Pego os papéis, jogando-os em seu peito. — Tire isso da porra da minha mesa. Se o departamento de vendas não tiver os novos materiais de marketing para os firewalls de próxima geração até hoje à noite, não se preocupe em vir ao escritório amanhã.

Ele empalidece e balbucia — Não pode me demitir!

Arqueio uma sobrancelha, implorando para que me teste agora.

Daniel balança a cabeça, zombando de como sou inacreditável em obrigá-lo a fazer seu trabalho. Ele pega os papéis que caíram no chão antes de apontar o dedo para mim.

— Eu disse ao conselho que isso aconteceria. Seu transtorno mental o torna imprevisível, pensando com as emoções e não com a cabeça. Você não está apto para ser CEO.

— Saia do meu escritório, Highland.

— É melhor torcer para que *Caroline* e você possam durar nessa farsa de casamento. Esse assento será meu no momento em que assinar os papéis do divórcio.

Minha mandíbula se contrai.

O ar em meu escritório se torna uma pressão espessa e pesada que aumenta a cada palavra que sai de sua boca. É um calor sufocante e asfixiante que irradia de dentro de mim como ondas de calor no asfalto quente.

Daniel continua divagando, levantando-se e falando alto, pensando que não vou demiti-lo porque trabalha aqui há muito tempo. Perder o emprego é a última coisa que ele precisa temer agora.

Minha palma encontra o metal frio da minha arma. Como a lua pede a maré, a violência me encontra. A ponta do meu dedo traça a curva do gatilho, seu poder familiar vibrando através de mim.

Quando ele se vira para mim, pronto para me dar outro pedaço de sua mente sem brilho, fica paralisado em estado de choque e terror que dura talvez dois segundos antes que o som de uma bala abandonando a câmara ressoe entre as paredes do meu escritório.

O grito infantil de Daniel faz meus ouvidos coçarem. Cai no chão, segurando a perna enquanto um líquido escuro e carmesim sangra do ferimento logo acima da rótula.

Ele está se contorcendo de dor, tentando rastejar de volta para a porta com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto me levanto. O cheiro de pólvora e chumbo bombeia adrenalina líquida em meu coração.

Eu me agacho para que fiquemos no nível dos olhos quando ele se encolhe no canto, preso sem ter para onde ir e sem escolha a não ser encarar o cano oco da minha arma.

A lateral da arma capta a luz do teto.

Não tema o mal. A sombra e o vale são seus.

Pressiono a coronha da arma em sua garganta, levantando seu queixo para que ele seja forçado a olhar para mim, querendo que ele veja o quão pouco valorizo sua vida.

— Diga-me, Daniel. — Inclino minha cabeça, um sorriso no canto dos meus lábios. — Qual é o nome da minha esposa?

Seus lábios tremem e seus olhos se desviam dos meus enquanto engole em seco antes de pronunciar uma palavra sussurrada. — Coraline.

— Lembre-se desse nome. Foi ele que poupou sua vida.

* * *

Meu sangue ainda está rugindo em meus ouvidos quando entro na loja de noivas, o ar perfumado contrasta diretamente com a pólvora que permanece em meu terno.

Sou uma artilharia letal entrando em um lugar que cheira a suavidade feminina, a adrenalina ainda bombeando em minhas veias à medida que piso no chão com carpete grosso. Vestidos de grife pendurados em prateleiras ao redor da sala, os vestidos brancos brilhando como holofotes.

— Senhor. — Uma senhora vestida com uma saia e blazer preto simples aparece na minha linha de visão. — Posso ajudar?

— Onde está minha esposa?

Minhas mãos permanecem nos bolsos enquanto olho para ela com expectativa. Estou de mau humor, e a única coisa que me impedirá de ser um grande idiota com todos com quem entro em contato está entre

as coxas de Coraline.

Minha mente está em guerra e quero o consolo que só seu corpo dá.

A compreensão surge no rosto desta mulher. — Sr. Hawthorne, sinto muito, não tinha ideia de que se juntaria à festa nupcial hoje. Elas estão lá atrás. Deixe-me ver se estão decentes...

— Você e sua equipe terão um almoço prolongado — interrompo, puxando minha carteira do bolso antes de tirar algumas notas de cem dólares e oferecê-las a ela. — Vire a placa Fechado quando sair.

Eu tinha comprado a loja para o dia, o que significa que não precisava me preocupar com outras futuras noivas circulando por aí. Sei que a atenção deixa Coraline nervosa e queria que ela aproveitasse o dia de hoje. Tanto quanto pudesse, dadas as circunstâncias, de qualquer maneira.

— Claro. — Ela limpa a garganta, aceitando o pagamento. — Sua privacidade é nossa maior preocupação. Há mais alguma coisa em que possa ajudá-lo?

Balanço a cabeça, passando por ela e seguindo em direção aos fundos da loja. Minhas mãos abrem a cortina roxa escura que divide a loja ao meio entre a vitrine frontal e a área do provador.

O riso ecoa pela sala, as meninas batem palmas enquanto Coraline fica no centro da sala em uma pequena plataforma circular, girando, seu vestido de noiva marfim flutuando em ondas ao redor de seu corpo.

— Vera Wang nunca erra — Sage diz de seu lugar em um dos sofás macios, uma taça de champanhe na mão, mas Coraline não está prestando atenção.

A parede de espelhos à sua frente mostra meu reflexo na porta. A suave luz rosa lança um brilho em seu rosto quando se vira para olhar para mim, cabelos escuros espalhados atrás dela, longo véu preso no topo da cabeça, uma cascata de tule caindo em suas costas. O vestido de baile sem alças tem um decote profundo que me dá a visão perfeita

do espaço entre seus seios. Seda cara envolve a parte superior, caindo em ondas de tule que balançam em torno de seus pés.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior nas gravatas de chiffon de seda preta em sua cintura.

— Silas, que porra é essa! — Briar murmura, virando-se para mim. — Dá azar ver a noiva de vestido.

— Parece que me importo? — Respondo, esfregando meu queixo enquanto devoro a visão dela no material exuberante.

— Essa é à sua maneira de nos dizer para dar o fora? — Lyra pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Concordo com a cabeça lentamente, observando-as rir como colegiais enquanto juntam suas coisas. Sabia que minha mãe tinha saído para passar a noite com meu pai, o que só as deixa dizer adeus à amiga antes que eu a tenha para mim.

Eles deslizam silenciosamente para fora do provador enquanto me aproximo de minha esposa, que ainda não saiu de seu pedestal no meio da sala.

— Está atrapalhando o dia das meninas, Hawthorne — diz ela, inclinando a cabeça, com um pequeno sorriso nos lábios. — O que está fazendo aqui?

Fico na pequena plataforma com ela, colocando minhas mãos em seus quadris enquanto a giro para ficar de frente para a parede de espelhos à nossa frente. Minha cabeça abaixa, arrastando meu nariz ao longo do seu pescoço, inspirando-a.

— Passei o dia todo atrás da minha mesa pensando em como você é sob minhas mãos. — Aperto seus lados para dar ênfase. — Quero usar este corpo.

Ela ofega quando minha língua bate contra a pulsação em sua garganta.

— Esta é à sua maneira de me dizer que o toque físico é a sua linguagem de amor?

Eu sorrio contra sua pele, forçando seus quadris de volta para os meus, fazendo sua bunda esfregar contra a protuberância em minhas calças que não para de latejar até que seja drenado cada grama de esperma em sua boceta apertada.

— Acho que você pode ser minha linguagem de amor, Hex.

Coraline faz um barulho no fundo da garganta quando o tecido do vestido faz um barulho horrível de rasgo. Arranco punhados de tule da saia, afinando-o até conseguir sentir sua bunda nua pressionada na minha virilha.

— Sem calcinha, Hex? — Cantarolo minha aprovação. — Esperava que eu aparecesse e te fodesse em um desses vestidos?

— Esta é uma Vera Wang vintage de quatro mil dólares.

— Não mais. Agora não tem preço porque será o vestido que você encharcará de esperma para mim.

Seu peito incha com uma inspiração profunda enquanto minhas palmas percorrem a frente de seu corpo, deslizando o chiffon por sua barriga antes de mergulhar no decote profundo para segurar seus seios grandes.

— Aconteceu alguma coisa...

— Falamos mais tarde — murmuro. — Agora, você me verá usá-la.

Tocá-la não é suficiente. Torcer seus mamilos sensíveis entre meus dedos, brincar com aqueles lindos piercings não é suficiente. Quero despedaçá-la e me enterrar nas ruínas. Eu morreria feliz lá.

— Vai me foder agora? — Ela pergunta.

Estreito meus olhos para ela no reflexo do espelho e agarro seu rosto para virá-lo de forma que me olhe. Eu olho para ela, lambendo meus lábios ao ver como ela é deslumbrante.

Aqueles olhos castanhos sarcásticos giram em luxúria, desesperados por mim.

— Abra bem e diga por favor.

Sem perder o ritmo, ela pisca para mim e diz — Por favor, quer foder sua esposa, Silas?

E ela deixa cair o queixo, mostrando a língua rosa para eu cuspir. Que é exatamente o que faço antes de pressionar minha boca na dela, forçando minha língua entre seus lábios, saboreando e devorando cada gota dela.

— Seja uma boa putinha para seu marido e fique de quatro. — Minha mão bate em sua bunda, fazendo-a pular. — De bruços, bunda para cima, linda.

Beijo seus lábios antes de deixá-la sair do meu aperto, sorrindo enquanto cambaleia para fora da plataforma, já com os joelhos fracos. Coloco meu pau através da calça, esfregando da raiz às pontas, tentando reprimir o calor que me queima, mas sem sorte.

Sou incapaz de ser lento. De ser doce e levar meu tempo.

Eu quero estar dentro dela. Quero que o meu esperma escorra dela para poder empurrá-lo de volta para dentro com a minha língua.

Com uma mão, retiro o cinto, mantendo o couro na palma da mão antes de abrir a calça e descer da plataforma, seguindo-a enquanto ela rasteja em direção ao espelho.

Quando está confortável, ela para de me olhar através do reflexo. Lentamente, ajoelho-me atrás dela, virando o pouco tecido que resta acima de sua cintura. Minha mão agarra sua bunda nua, batendo com um pouco mais de força dessa vez.

— Silas! — Ela choraminga, afastando-se de mim.

Balanço a cabeça, estalando a língua, depois enrolo o cinto em volta de seu delicado pescoço e através da fivela antes de esticá-lo. Uma onda de satisfação passa por mim, fazendo meu pau se contorcer enquanto ela fica sem fôlego.

— Não pode fugir hoje, Hex. — Meus punhos envolvem o couro, usando-o como uma coleira para mantê-la imóvel. — Você deitará aqui e tomará cada centímetro meu em sua boceta.

Coraline choraminga, mordendo o lábio inferior com a cabeça inclinada para o teto, e balançando-a ansiosamente. Eu sorrio, usando minha mão livre para empurrar minha calça para baixo, expondo meu pau ao ar frio, me fazendo sibilar entre os dentes.

Arrasto meus dedos entre suas coxas, sentindo sua umidade encharcar minha mão. Um gemido faz cócegas em minha garganta enquanto circulo seu clitóris, sentindo suas coxas mais abertas para me dar mais acesso ao seu corpo.

— Amo que já esteja pingando no meu pau. — Pressiono meus quadris contra sua bunda, esfregando meu eixo ao longo de sua pele quente. — Adoro como essa linda boceta está necessitada de mim.

Usando seus sucos, lubrifico meu eixo, bombeando-me algumas vezes antes de guiar a ponta até sua entrada. Coraline geme, balançando a bunda para mim ao mesmo tempo que afundo a ponta em seu calor sufocante.

Vejo seu tornó de boceta me chupar dentro dela, cada centímetro do meu comprimento duro perfurando sua carne quente e rosada até que me enfie o resto do caminho e que não haja mais ar entre nós.

Estou enterrado profundamente dentro dela.

Aliviado, contente, *em casa*.

A força do meu impulso faz com que ela coloque a palma da mão no espelho, tentando se manter em pé enquanto me alojo em suas paredes apertadas. Está tão quente, tão quente, tão molhada que não posso deixar de inclinar a cabeça em direção ao teto, deixando um gemido alto sacudir meu peito.

Porra, nada nunca foi tão bom. Nada nunca mais será tão bom. A maneira como sua boceta se estica para mim, abrindo espaço, me querendo por inteiro.

— Esta doce boceta foi feita para mim, baby — resmungo, me retirando relutantemente antes de dar outro impulso faminto. — Perfeita para mim, caralho..

— Tão cheio. Demais. — Ela se inclina mais forte no espelho, a

outra mão pressionando a parte inferior do estômago, procurando por mim. — Deus, sinto você na minha garganta.

Sinto o calor de suas paredes internas me puxando para dentro toda vez que me afasto, apenas para penetrá-la de volta, cada impulso tentando me colocar mais fundo, querendo ser incorporado em cada centímetro de seu corpo e revestido de seu DNA para ela não possa passar um segundo sem que eu flua através dela. Se eu pudesse remover fisicamente minha alma apenas para costurá-la à dela, eu o faria.

E ainda assim, duvido que esteja perto o suficiente.

Seu pequeno corpo se ilumina em minhas mãos a cada golpe, as coxas tremendo enquanto suas palavras se misturam, dominadas por gritos de prazer que correm sobre ela como cachoeiras de êxtase.

Quero que ela desmorone. Quero que nós dois desmoronemos até que sejamos restos despedaçados de quem éramos. Tudo para que possamos nos recompor, até sermos um mosaico.

Meus quadris estabeleceram um ritmo brutal, apenas me tirando pela metade antes de mergulhar de volta para dentro, não querendo ficar fora de suas paredes apertadas por muito tempo. Sua linda bunda bate na minha barriga toda vez que chego ao fundo.

Meus olhos escuros se voltam para o espelho, vendo seus seios saltarem por cima do vestido, balançando com a força dos meus golpes. Sua cabeça está abaixada enquanto treme em meus braços, seu corpo muito menor tentando me levar com calma e ficar de pé ao mesmo tempo, mas quer sucumbir ao prazer, quer deixar seus membros cederem.

— Olha como é sexy, porra. — Puxo o cinto que enrolei nela para trás, fazendo-a se olhar no espelho. Sua boca se abre mais, as pálpebras caindo para cobrir pelo menos metade dos olhos de corça. — Uma puta linda e bêbada, baby.

Seu rímel está manchado em seu rosto, bochechas vermelhas, vestido rasgado e pernas bem abertas para eu abusar de sua boceta até

que tenha minha dose. Caramba, ela é perfeita.

— Silas — ela implora, a voz embargada pelo aperto que tenho no cinto em volta de sua garganta. — Silas, Silas.

Ela é uma bagunça divina. Arruinada e tão perto de gozar no meu pau. Minha linda e divina bagunça. Enfio-me nela com mais propósito, mais fome, usando os soluços de felicidade que escapam de seus lábios como combustível. Suor quente e seus sucos escorrem pelas minhas coxas, sua boceta se juntando aos seus gritos. As paredes ocas da sala ecoam o som em meus ouvidos.

— É uma garota incrível, me levando assim, Coraline. — Meus dentes rangem. — Vou preenchê-la toda até que transborde de mim.

Pareço mais ríspido do que gostaria, mas tudo parece tão cruel enquanto tento saborear cada centímetro do meu comprimento entrando em minha nova casa. Ela me observa no reflexo, os olhos úmidos e derretendo por mim. Está macia e encharcada, me engolindo como uma onda.

Minha mão libera o cinto, travando ambas as mãos em seus quadris, agarrando sua carne macia em minhas palmas, usando-as como alavanca para me afundar o máximo possível com cada impulso. Ela está tremendo, gemendo docemente, tão perto de cair na borda, e minhas bolas apertam, querendo segui-la até aquele penhasco.

Não me sentindo perto o suficiente, circulo meus braços em volta da sua cintura, puxando-a de volta para o meu corpo. Ela grita com a mudança de posição, meu pau se aloja tão profundamente dentro dela, os piercings atacando seu ponto G a ponto de ser quase demais.

No entanto, nunca terei o suficiente.

Sua bunda firme repousa no topo das minhas coxas enquanto a empurro para cima e para baixo no meu eixo, usando a sua boceta para massajar a meu pau como um brinquedo. Eu a fodo como se ela fosse minha para arruinar, porque é. Vou destruir, arruinar e demolir tudo o que ela conhecia antes e me ajoelhar em adoração à beleza daquilo em que ela reconstrói.

Meus lábios pressionam um beijo na lateral de seu pescoço, a respiração irregular em seu ouvido enquanto sinto o gosto do suor escorrendo por sua garganta.

— Molhe meu pau, querida. Goze em cima de mim. Mostre-me o quão incrível faço você se sentir — gemo, sentindo-a começar a se desfazer, aquela tensão na parte inferior de seu estômago se partindo em duas.

— Porra, porra, merda, oh meu Deus — ela xinga, o corpo enrijecendo em meus braços.

Sua boceta me estrangula, um puxão faminto que me leva ao limite no momento em que ela jorra por todas as minhas coxas, latejando em volta do meu pau até que eu a encha com meu esperma.

— Coraline.

O seu nome é um apelo na curva do seu pescoço enquanto continuo bombeando meu esperma em sua boceta encharcada, fodendo nós dois durante as ondas posteriores do nosso orgasmo. Mesmo quando ela desaba sobre mim, uma marionete que perdeu as cordas, ainda geme e choraminga conforme balança os quadris para trás, encontrando-me a cada impulso.

Nunca quero me afastar, nunca quero deixar seu corpo.

Ela é ópio. Uma substância viciante da qual nunca quero abandonar. Aquela pungência sutil e doce de drogas sendo injetadas em sua corrente sanguínea, seus tentáculos envolvendo sua mente, nos atraindo para aquele lugar isolado onde sussurros sutis e doce liberação se escondem.

Há paz em seu corpo. Paz tranquila depois que o mundo se recusou a me dar apenas guerra durante anos. Uma quietude que o caos dentro de mim anseia.

— Silas — ela sussurra, sua cabeça caindo para trás em meu ombro. — Acho que você conseguiu. Estou oficialmente arruinada.

Enfio a cabeça na curva de seu pescoço e salpico sua garganta com beijos, passando a língua por baixo do cinto de couro para

acalmar a pele vermelha. Um sorriso toca meus lábios enquanto me mantenho dentro dela.

— Você também me arruinou.

Arruinou o medo de amar por causa da perda iminente.

A morte não é um talvez; é uma obrigação para todos nós. É assustador saber que a qualquer momento podemos ser levados, um segundo aqui e ir embora no outro. É ainda mais assustador quando se pensa em amar alguém, sabendo que não importa o que faça, essa pessoa morrerá.

Ela, porém, vale a pena. Vale a pena a dor, vale o medo, vale o sofrimento se ela for antes de mim. Vale seu peso em ouro, e gostaria de destruir qualquer um que a fizesse sentir que não valesse. Como se amá-la fosse algo difícil de fazer.

Amar Coraline Whittaker vale a pena a morte inevitável.

A quietude silenciosa do ar se estilhaça como vidro quando meu telefone toca. As coisas boas raramente são construídas para durar e este momento de paz? Não é diferente.

Basta uma frase para que a guerra regresse. Destruição imparável. Prédios tombam, monumentos desmoronam e tudo que é bom vira cinzas.

Temos um maldito problema.

OH IRMÃO

Silas

As luzes vermelhas e azuis da polícia iluminam a frente da casa de infância de Alistair Caldwell.

Acho que esta é a primeira vez que ele pisa nesta propriedade desde que deixou Ponderosa Springs, há dois anos. Não havia nada que vivesse dentro daquelas paredes que valesse a pena visitar. Não importa quantas vezes sua mãe e seu pai implorassem para que ele voltasse para casa, voltasse e ocupasse seu lugar de direito, para que tivessem um filho para transmitir seu legado.

Como se não o tivessem tratado como um saco cheio de peças sobressalentes desde que ele nasceu. Como se não o tivessem criado em uma *placa de Petri*²¹ para o caso de algo acontecer com seu irmão mais velho, Dorian.

Se ao menos soubessem o quanto se arrependeriam de ter escolhido o irmão mais velho como herdeiro.

— Covarde de merda! Não consegue nem sair e me encarar!?

O baque do corpo de Easton Sinclair sendo jogado na lateral de uma viatura policial ecoa quando saio do banco da frente do meu carro.

Olho para Rook, nós dois alguns passos atrás de Alistair e Thatcher.

O que a família Caldwell tem a ver com isso? De todos os lugares para Easton aparecer, é aqui que ele escolhe?

Thatcher desliza ao lado do policial com os braços em volta de Easton, tentando forçá-lo a sentar no banco de trás com as algemas

presas nas costas.

— Importa-se de nos dar alguns minutos antes de levá-lo? — Ele levanta várias notas de cem dólares entre os dedos, esperando alguns segundos para que o policial mais velho as pegue, embolsando o dinheiro.

— Tem vinte.

Ele bate à porta do carro, antes de virar Easton para nos encarar, deixando-o descansar na lateral do veículo enquanto se afasta para nos dar o tempo pago.

Os olhos de Easton estão turvos, a pele pálida e suada. Não tenho certeza de quanto tempo faz, mas se tivesse que adivinhar? Passaram-se meses desde que Easton Sinclair estava sóbrio.

O cheiro de bebida exala dele em ondas vis, meu estômago revira com o cheiro de sujeira e álcool.

— Claro que os quatro apareceriam. — Ele mostra os dentes — Wayne Caldwell ligou para você para resgatá-lo?

— Que porra está fazendo aqui, Sinclair? Stephen te mandou aqui tentar nos foder? — Pergunto.

— Por que não pergunta ao Alistair?

Easton Sinclair sempre foi previsível. Segue ordens como um cachorro espancado e raramente se desvia do caminho traçado diante dele.

Eu não conhecia esse cara. Não era a pessoa que eu cresci odiando. Esta pessoa? Era um estranho. O que o tornava muito mais perigoso agora, antes que eu pudesse prever seu próximo movimento estúpido. Agora? Havia um ar de incerteza.

Não foi ele, contudo, quem me pegou de surpresa.

Era a pessoa que chamei de irmão.

— Quem te contou.

Algo muda quando Alistair fala. Tudo tensiona dificultando a

inspiração, transformando a energia do sangue quente em frio vingativo.

Os ombros de Thatcher enrijecem quando ele olha para nosso amigo, as sobrancelhas se contraindo em confusão e tão rapidamente, como uma estrela fugaz, a dor passa por seus olhos antes de ele retornar ao passivo Pierson.

— Stephen foi gentil o suficiente para me ligar hoje, só para me dizer que usei o sobrenome errado durante toda a minha vida, achou que era a hora. — Easton cospe as palavras como se queimassem sua língua. Olhos afiados como facas, o ódio puro que emanava de seu olhar era palpável. Desdém e desgosto derramados sobre Alistair.

— Seu pai nem tem coragem de sair e enfrentar o filho que ele nunca reivindicou.

O ambiente ao nosso redor fica mais denso, carregado de tensão à medida que o vínculo que passamos anos cultivando se desgasta. Podia sentir o fio que conectava nós quatro quebrando e enrolando. Um aviso de que estávamos prestes a destruir algo que talvez nunca conseguiríamos consertar. Estes são os momentos em que somos verdadeiramente testados. Escolher ficar ao lado de alguém depois que ele o enganou.

Um verdadeiro teste de lealdade.

Só nunca esperei que fosse Alistair Caldwell quem nos faria esse teste. Sempre pensei que seria eu.

— Do que diabos está falando...

— Wayne Caldwell é meu pai, Van Doren. Aprenda a ler a porra da sala, idiota. — Easton se irrita, inclinando-se para fora do carro como se pudesse tentar atacá-lo, mas tropeça bêbado demais para ficar de pé sozinho. — Um herdeiro drogado. Um sobressalente podre. E um bastardo. O trio completo para o rei de Ponderosa Springs. Que irônico da porra.

Mesmo que eu tentasse não fazer isso, voltei meu olhar para Alistair por um breve segundo. Apenas para ver seu rosto, apenas para

encontrá-lo sólido como sempre.

— Onde está ele, Sinclair. Sei que não me telefonou para relembrar velhas lembranças. — Ele pergunta, ignorando a revelação de seu novo irmão, ignorando porque sabia disso, isto não foi um choque para ele como foi para o resto de nós.

— Não quer dizer Caldwell, irmão? — Easton cospe, pintando a camisa preta de Alistair com saliva antes de sorrir, orgulhoso de si mesmo.

O som de vidro quebrando ressoa quando Alistair agarra a frente da camisa de Easton, jogando-o contra a lateral do carro da polícia com tanta força que quebra a janela traseira.

— Você ainda é um pedaço de merda doentio, Sinclair. Nunca será uma família para mim. — Alistair ferve, os nós dos dedos brancos enquanto agarra o material de sua camisa — quer uma chance de se relacionar com o pai que nunca conheceu? Então perguntarei de novo, onde diabos está Stephen.

Dizem que o sangue é mais espesso que a água.

Quem quer que fossem, não cresceu em Ponderosa Springs.

— Não sei onde ele está agora. — Ele engole, olhando para mim, a dor nas costas amenizada pela bebida, tenho certeza. — Mas sei onde ele estará no dia do seu casamento.

Todo o espaço parece ficar em silêncio quando o oficial retorna. Levando Easton para longe de nós e para a prisão passar a noite para se acalmar. Deixando-nos com mais respostas do que perguntas e fé quebrada.

— Eu... — Alistair começa, mas Rook o interrompe.

— Quer conversar? Pode fazer isso no Graveyard.

* * *

Minhas botas escuras encontram o asfalto desgastado e rachado.

Marcado por ervas daninhas que crescem nas fendas, marcado por décadas de abandono. Apesar de estar vazio, o cheiro de gasolina e sangue ainda atinge meu nariz, lembrando-me do ensino médio.

O Graveyard é um espaço árido e morto, que deu origem à anarquia.

Uma pista abandonada que as crianças de Ponderosa Springs transformaram em um refúgio para rebeliões. Lutas ilegais, corridas não autorizadas e pura adrenalina.

Eu passei a maior parte dos meus fins de semana aqui, lutando no círculo de grama no centro da pista onde estava agora. Cresci assistindo Rook e Alistair lutarem. Não é novidade para uma criança que vive para infligir dor e outra que precisa da dor para sobreviver.

Esta, entretanto, foi a primeira vez que isso foi feito com malícia.

Os nós dos dedos de Rook estão abertos quando ele dá outro soco na mandíbula de Alistair. Quando recua para atacar novamente, passo meus braços em volta de sua cintura, levantando-o do chão.

Ele luta comigo como uma criança, empurrando-se contra meu aperto.

— Quanto tempo! — Ele grita para Alistair, que está sentado no chão, limpando a mão na boca ensanguentada — Quanto tempo, porra!

Eu coloco Rook de pé, colocando minhas mãos em seu peito para impedi-lo de atacar novamente. Seu cabelo balança na frente de seu rosto, raiva que parece mágoa transformando seu rosto enquanto aponta para trás do meu ombro.

— Há quanto tempo sabia que ele era seu irmão!

A mandíbula de Alistair tensiona, levantando-se do chão, olhando para Thatcher, que não se incomodou em oferecer a mão. Nós nos sentíamos divididos e eu parecia ser o único que entendia o que Alistair queria dizer.

A culpa despertou em meu estômago. Quente e urgente, agitando-

se como fogo esperando para me consumir.

— Quanto...

— Dois anos. — Alistair resmunga, cuspidando sangue na grama morta — Wayne me disse logo antes de eu sair de Ponderosa Springs, não pensei que estaríamos de volta aqui. Não era para ser um maldito problema.

— Não pensou em mencionar isso antes de sair? — Thatcher fala, cruzando os braços na frente do peito.

— Não importava. Não importa agora. Não muda nada.

— Muda tudo! — Rook grita, jogando as mãos para o alto.

Medo e dor latejam em meu peito.

Se eu lhes contasse a verdade agora, isso mudaria tudo? Como ele me vê? Dizer-lhes a verdade causaria mais danos do que benefícios?

Eles podem ter dificuldade em admitir o que cada um de nós significa um para o outro, mas eu não. Posso não dizer isso em voz alta, mas sempre soube o que significam para mim.

Nunca tive medo do amor, apenas de perdê-lo. E agora, estou com medo de que minha verdade destrua esse vínculo instável. Que será a gota d'água.

— Ah, então com quem estamos relacionados agora? — Alistair zomba, o cabelo escuro grudado em seu rosto suado — Isso determina quem eu sou para você, Van Doren?

— Como diabos deveria confiar em você, como posso acreditar em uma palavra que sai da porra da sua boca.

A verdade está na minha língua, me implorando para soltá-la, enquanto Alistair dá um passo ameaçador à frente. Tentado a atirar de volta em Rook para combinar com sua boca ensanguentada.

— Cuidado, você parece um pouco com seu pai. Não aja de forma tão hipócrita. Esquece que só descobrimos sobre Sage depois que transou com ela e ficou com o coração de menino bonito partido.

Meu peito apertou, mãos alcançando meu interior puxando meus nervos em carne viva. A discussão deles era apenas a ponta do iceberg, apenas uma prévia de qual seria a sua reação comigo. Não conseguia mais ficar quieto, não quando me sentia tão confortável falando com Coraline. Ela me deu muita confiança em minhas próprias palavras, quão facilmente aceitou minha voz.

Tornou impossível manter meus lábios fechados.

— Todos temos segredos. — A praga dentro de mim se espalha — Não significa que não haja confiança. Alguns segredos são apenas mais pesados que outros. É mais difícil compartilhar o peso deles.

Rook me olha nos olhos, desviando sua atenção de trás de mim. Minhas mãos ainda em seu peito, e um pedaço de mim quer segurar sua camisa com as palmas, só para ter certeza de que ele não vai a lugar nenhum.

— Sim? — Rook diz, com a mandíbula tremendo — Qual é o seu?

Vejo todas as memórias que tivemos juntos passar diante dos meus olhos. Sabendo que depois dessa conversa, as lembranças com Rook e os rapazes podem ser tudo o que resta dos Hollow Boys.

Minha língua se arrasta pelos meus lábios secos — não sou esquizofrênico.

Movo minhas mãos de seu peito, recuando e virando para ficar de frente para cada um deles. O peso dos meus segredos me pressionando enquanto engulo.

— Eu não sou esquizofrênico. — Digo novamente, só para sentir o gosto na minha língua.

Minha boca fica cheia de água ao redor da verdade, desesperada por mais e dou. Observo cada um de seus rostos enquanto conto cada parte da minha história. Cada detalhe do segredo guardei para mim mesmo por muito mais tempo do que deveria. O segredo que jurei guardar, só para proteger Rosemary.

Digo-lhes porque não somos nada se não pudermos ficar um ao lado do outro no desconhecimento. Foi a razão pela qual nos

encontramos. Cada um de nós sentiu uma dor indescritível. Esta foi apenas a primeira vez que falei sobre a minha.

As palavras saem correndo de mim, tão desesperada para serem compartilhadas depois de anos de tortura. Sempre existiram na ponta da minha língua, implorando para serem faladas em voz alta, mas o medo era um escudo.

Coraline ajudou a removê-lo. Ensinou-me que um pouco de fé na voz de alguém ajuda muito.

— Por que não nos disse nada? — A voz de Rook está embargada de descrença. Tristeza talvez por não ter me questionado antes. — Por que sofreu sozinho?

Eu olho para ele, sabendo que seu coração mole assumirá a culpa por isso. Que sairá daqui e se odiará por não ser alguém em quem eu pudesse confiar para fazer isso. Como se fosse sua culpa dele, mas Rook nunca foi o culpado. Ele sempre foi um solstício para mim. Uma pessoa com quem poderia simplesmente conviver sem me esgotar. É o combustível para minha alma. Sempre foi. Para sempre será.

— Você teria acreditado em mim? Ou teria pensado que eu estava apenas dizendo isso, para não precisar tomar meu remédio?

Há uma pausa, cada um deles sabendo a resposta. Que, sem lhes contar sobre o abuso de Rosemary, nenhum deles teria interpretado minhas palavras como verdade. Cada um deles teria muito medo das consequências de eu não ter sido medicado.

Não os culpo. Não estou com raiva de Alistair.

Não consigo sentir nada além de alívio, sabendo que aqueles que sempre mantive mais próximos de mim me conhecem. Cada um de nós tem uma história, histórias incrivelmente difíceis.

Eles doem e sangram. Quando caem em ouvidos surdos, tornam-se mitos, mas isso não torna isto menos real para nós. Olho para eles, sabendo que, independentemente das mentiras, uma verdade é a nossa base sólida.

— Somos todas circunstâncias inacreditáveis que são a verdade

completa.

PERFURADO

Coraline

— *Coraline, o plano funcionará. — Silas me diz novamente, com as mãos em meus cabelos enquanto segura meu rosto — Prometo.*

— *Mas e se ele descobrir que adiamos o casamento e depois? Ele aparece com uma bomba amarrada no peito? Isso não é apenas sobre mim e você, é sobre sua família para Silas. Murmuro, com o coração acelerado, embora tenham se passado horas desde que ele me contou o que Easton disse.*

— *Não vai. Ele não te machucará. Só preciso que você confie em mim.*

Sim? E você? Quero dizer, quem te protege?

O som penetrante do alarme do meu telefone toca, fazendo-me estremecer. Larguei meu pincel, passando ambas as mãos frustradas pelo meu cabelo.

Amanhã, me casarei pela segunda vez e tudo que sinto no estômago é pavor. Sei que Silas diz que tem um plano. Eu sei que confio nele, mas há muitas vidas em risco, muitas pessoas com quem aprendi a me importar e que poderiam se machucar no fogo cruzado disso. Se Stephen descobrisse o que os rapazes planejam fazer, poderia ser catastrófico e para quê?

Por mim. Tudo isso para mim.

Meus dentes rangem enquanto pressiono as mãos na lona preta, empurrando-a para frente e vendo-a cair no chão. A tinta se espalha por ela.

Achei que passar o dia no meu estúdio ajudaria a aliviar os

nervos, mas acho que só piorou a situação. Estar sozinha com meus pensamentos, sem ninguém para me tirar da minha espiral. Uma espiral que me levava a águas perigosas, nas quais Silas me odiaria por entrar.

— Está com medo, Hex?

Não terminei meu pensamento porque Silas está encostado na porta da frente. Meu batimento cardíaco bate na minha garganta, tamborilando alto em meus ouvidos.

É injusto ele ficar tão bem de terno. Impossivelmente forte, músculos incapazes de serem escondidos pelo liso material preto. Ele exibia um sorriso malicioso, olhando-me com uma sobrelanceira arqueada.

— Dizem que dá azar ver a noiva antes do dia do casamento, Hawthorne. — Levanto-me do banco, deixando a tela no chão.

Ele se afasta do batente da porta, entrando na sala, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Odiava que, embora quisesse protegê-lo mantendo distância, fazendo coisas estúpidas como ligar para Stephen e me oferecer a ele para salvar Silas, eu ainda o queria perto de mim.

Quando ele está na sala, é difícil não querer estar ao seu lado. Toda a sua existência é um bálsamo para minha alma. Como se tivesse sido feito para me manter calma.

— Tenho um presente para a noiva. Precisava ser entregue pessoalmente. — Ele sibila, parando quando está na minha frente. Olhando para mim com um sorriso nos olhos.

Minha sobrelanceira se levanta. — Pode parar de me comprar merda, por favor?

— Pare de ser fácil de comprar e pensarei sobre isso. — Ele murmura, inclinando-se para frente e dando um beijo na minha testa antes de tirar uma caixa preta do bolso.

Apesar do meu medo do amanhã, me permiti ter esse momento

com ele. Não tenho certeza de quantos mais posso conseguir. Sabendo em meu coração que faria algo estúpido se isso significasse que ele estava seguro. Mesmo que isso o fizesse me odiar.

Ele abre a caixa com um estalo.

— Que macho alfa da sua parte — rio enquanto olho para os anéis de mamilo descansando em cima do material de pelúcia. — Tem medo que eu esqueça suas iniciais?

Duas argolas de prata para mamilos, com as iniciais S e H em cada lado, olham para mim.

— Minha mãe lhe deu os sapatos dela para algo velho. Lilac te deu algo azul. Isso é algo novo. — Seus olhos escurecem. Aqueles olhos são como terra encharcada, terreno firme onde a vida poderia crescer, mas optou por não fazê-lo. Um lugar para criar raízes e florescer. — Como um lembrete de a quem pertence.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior. — De uma forma falsa ou real?

Seus dedos se movem para colocar uma mecha de cabelo solta atrás da minha orelha, um hábito dele que estou começando a gostar. — Nada sobre nós jamais foi falso, Coraline.

Ele se aproxima, nenhum de nós diz nada enquanto procuro seu rosto, os olhos correndo entre seu olhar e seus lábios. A respiração de Silas sopra em meu rosto, inclinando-se lentamente até que seus lábios mal parem acima dos meus.

Minhas mãos descansam em seu peito, empurrando-o um pouco para trás.

— Tenho medo de te machucar. Há algo errado comigo. — Murmuro.

Grandes palmas envolvem meus quadris, me puxando para seu peito duro. — Tocá-la sempre pareceu mais um presente do que uma maldição, Hex.

— E se isso matá-lo?

— Doeria menos do que nunca mais beijá-la.

As pontas dos polegares roçam as curvas dos meus quadris, aquecendo minha pele. Detalho cada centímetro de seu queixo com meus dedos, a pele macia sob meu toque antes de ele avançar, selando nossas bocas.

Eu não deveria estar fazendo isso. Não quando sei o que farei depois de hoje. Não deveria deixá-lo entrar, apenas para parti meu coração e o dele, afastando-o, mas seus lábios são viciantes, a maneira como devoram cada centímetro de mim, me sorvendo como se nunca se cansasse de mim. Meu corpo é um poço onde ele adora se afogar.

— Seja uma boa menina e tire a camisa. — Ele morde meu lábio inferior, puxando o tecido da minha camisa para cima, em direção ao meu peito.

O desejo toma conta de mim, querendo sucumbir ao prazer de estar com Silas pela última vez. Só quero ser egoísta por mais um momento. Por isso, deixo meu corpo ter isso e espero que ele me toque tão profundamente, que nunca me livrarei dele.

Sigo suas regras, terminando o trabalho de tirar minha camisa. Ele me conhece bem o suficiente para saber que não há sutiã por baixo, porque as palmas das mãos estão lá para agarrar meus seios. Apertando a carne macia, me fazendo arquear para ele com um suspiro.

O fogo queima na parte inferior do meu estômago, mãos agarrando seus ombros em busca de apoio enquanto enterra o rosto na lateral do meu pescoço. Lábios se acomodando no ponto macio entre meu pescoço e ombro.

— Silas. — Gemo, sentindo a pressão de sua boca. — Não consigo esconder chupões no meu vestido de noiva.

— Bom. — Ele resmunga, mordendo minha garganta para provar seu ponto — Deixe todos saberem que você pertence a mim. Este corpo, esses lábios mágicos, seu coração. É tudo meu.

Eu sabia quando terminamos; minha pele ficaria repleta de

marcas roxas e vermelhas. Marcado e contaminado por sua boca para que o mundo saiba que sou dele.

Mesmo que seja apenas por mais alguns dias.

Meus braços envolvem seu pescoço, em um segundo estou no chão e no próximo sou levantada pelas coxas, as pernas envolvendo seus quadris fazendo com que meus sapatos caiam enquanto ele se vira e nos leva para trás.

Minhas mãos são gananciosas, traçando as linhas de seus ombros e rosto à medida que ele se ajoelha no chão. Deitando meu corpo horizontalmente no chão.

Eu suspiro quando minhas costas batem em algo frio e molhado.

— O que...

— Deixe seu corpo fazer arte para mim, Hex. — Ele murmura em minha garganta, passando a boca pelo meu peito, a língua deslizando contra meu mamilo ereto, me fazendo gemer.

Ele leva seu tempo despindo a mim e a si mesmo, e estou feliz por isso. Quero saborear cada segundo disso. Gravá-lo profundamente em meu cérebro para que possa ser um lugar secreto de felicidade para mim no futuro. Quando o mundo ficar escuro novamente, Silas estará lá como um farol de luz.

Dizem que os Hollow Boys são pura escuridão, um mal podre.

Essas pessoas nunca amaram um deles. Nunca espreitaram por baixo do véu e viram quão ofuscante é a luz por baixo.

Silas força minhas coxas, abrindo-me para ele. O ar frio roça meu núcleo nu, me fazendo estremecer, mas sua boca quente substitui o frio. Apenas a visão dele de joelhos me adorando entre minhas coxas é o suficiente para me levar ao limite.

Seus longos dedos cravam na pele sensível da parte interna das minhas coxas, me abrindo para que sua língua mergulhe entre minhas dobras. Se havia uma coisa que eu sabia sobre ele, era que estava sempre com fome. Sempre desesperado para me dar mais orgasmos do

que eu sabia como aguentar.

Ele me queria torcida e entorpecida quando terminasse. Foder Silas era o equivalente a cabeça vazia, sem pensamentos.

Sua língua gananciosa desliza sobre meu clitóris, sugando o feixe de nervos em sua boca. Minhas costas se arqueiam na tela, a tinta gruda em minhas costas enquanto mexo meus quadris contra sua boca. Coloco uma mão em seu ombro e a outra em sua cabeça, me esfregando contra sua língua habilidosa.

— Foda-me. — Engasgo quando um dedo desliza dentro da minha boceta, massageando minhas paredes internas com habilidade medida. — Deus, você é muito bom nisso.

Seus olhos se estreitam, sorrindo para mim entre minhas coxas. Suas mãos grandes rastejam por baixo de mim, segurando minha bunda com as palmas das mãos, agarrando-me firmemente contra seu rosto antes que meu mundo inteiro gire em seu eixo.

Literalmente.

Silas vira nossos corpos com facilidade, com as costas agora apoiadas na tela, enquanto o meu fica montado em sua boca. Ele continua a arrastar os lábios para cima e para baixo nas minhas dobras, traçando círculos ao redor do meu clitóris. A pressão do meu peso em sua boca faz meu estômago apertar.

— Vai cavalgar meu rosto e molhar minha língua como uma boa menina, baby. — Ele cantarola, me fazendo tremer. — E depois montará meu pau e me deixará encher essa boceta apertada.

Concordo com a cabeça descaradamente, gemidos abafados ecoando pelo estúdio vazio enquanto balanço meus quadris para frente e para trás. O núcleo aperta ao mesmo tempo que persigo a deliciosa fricção entre minhas pernas.

— Brinque com seus peitos enquanto te fodo com minha língua, Hex.

Minhas mãos percorrem todo o meu corpo, envolvendo meus seios, brincando com os piercings, evocando em mim um silvo de

prazer. Quando estou com Silas, tudo fica quente. Aquela parte vazia em mim, aquecida por sua existência, e agora estou queimando com ele.

— Estou tão perto. — Choramingo, transando com sua língua mais rápido, desesperadamente perto do limite.

Silas achata a língua, pressionando com força contra meu clitóris, movendo a cabeça com meus movimentos bruscos. A onda do meu orgasmo se transformou em uma onda monótona, mas cada vez mais iminente. Minha respiração vem em rajadas incontroláveis e erráticas enquanto meus quadris se contorcem em seu aperto, mas ele me mantém perto, recusando-se a me deixar parar.

Quando seus dentes roçam meu clitóris, grito seu nome em meus lábios enquanto caio do penhasco e em uma piscina de prazer. Meu clímax me atravessa como água, caindo em cascata sobre todo o meu corpo, me fazendo tremer de prazer.

Silas me trabalha, continua a lamber e brincar com minha boceta até que imploro para ele parar. Implorando para ele me foder. Minha mão bate na tela enquanto ele me move por seu corpo até que eu esteja montada em seu peito. Tinta vermelha cobre o material abaixo de nós, redemoinhos e salpicos de cor abaixo de nós, marcando cada movimento alimentado pelo desejo, e estou silenciosamente feliz que haverá algo físico para lembrar disso.

Somos arte e destruição. Tudo lindo no meio, perdido um no outro.

— Montará meu pau? Seja uma boa esposa e deixe seu marido usar essa boceta apertada? — Ele sibila, me guiando para seu colo.

As veias do seu pau pressionam contra a minha boceta molhada, fazendo-me tremer enquanto esfrego contra ele. Precisando dele dentro de mim, cada centímetro brutal.

Mordo o interior da minha bochecha, levantando-me para alinhá-lo com a minha entrada. Desço lentamente sobre ele, saboreando a sensação de seu pênis me enchendo e me esticando centímetro por

centímetro. A dor deliciosa que acompanha tomá-lo, sentindo meu corpo se abrir só para ele.

Os lábios de Silas se abrem ligeiramente, jogando a cabeça para trás na tela com um gemido. Quando ele chega ao fundo, totalmente dentro de mim, fico imóvel, mal me movendo antes de girar os quadris, levantando-me lentamente antes de descer novamente. Acariciando seu pau com minhas paredes internas.

— Silas. — Choramigo, cravando minhas unhas em seu peito para me apoiar, saboreando cada centímetro dele enterrado em mim. Seus dedos afundam na minha pele na altura dos quadris, me ajudando a saltar para cima e para baixo em seu comprimento.

Nós nos movemos em sincronia, fodendo um ao outro como se nossos corpos fossem feitos para isso. A maneira como ele rola seus quadris nos meus e meu corpo encontra o dele.

— Tão bom para mim, baby. Tomando esse pau tão bem, que garota boa do caralho. — Ele murmura, sentando-se e colocando seus lábios nos meus. Enrolando os braços em volta da minha cintura e os usando como alavanca para me penetrar.

Minha língua desliza contra seus lábios inchados, mordendo levemente. Nossos movimentos se tornam mais rápidos à medida que a fome aumenta. Silas move uma das mãos até minha boca, mergulhando o polegar em minha boca.

— Chupe. — Ele ordena e minha língua obedece, sugando lentamente antes de ele afastá-la e movê-la para meu clitóris latejante. Seu impulso é mais forte, fazendo minha bunda recuar a cada golpe profundo.

— Porra, porra, porra. — Murmuro, com a sensação de seu dedo movendo círculos ao redor do botão sensível enquanto seu pênis me empala. Esticando e massageando minhas paredes internas, aqueles piercings ao longo de seu eixo esfregando contra mim.

Minhas paredes se apertam ao seu redor, fazendo-o gemer em meu corpo, forçando-o a se mover com urgência. Como se tudo em

que ele pudesse pensar fosse em me fazer gozar.

— Tão porra apertado. Incrível *pra* caralho. — Ele sussurra contra minha pele suada, meu clímax se aproximando rapidamente.

Silas estava me preenchendo perfeitamente, cada golpe atingindo exatamente onde eu o desejava. Suas mãos me agarraram com tanta força, queimando hematomas em minha carne, marcando-me sob a pele. Usando meu corpo como uma saída para seus desejos sexuais.

O nó no meu estômago aperta, seu nome saindo dos meus lábios como uma oração.

— Goze para mim, baby. Ordenehe meu maldito pau.

Encontrei seus quadris uma vez, duas vezes, todos os meus nervos à flor da pele antes de explodir. Outro orgasmo me atinge, encharcando seu comprimento com minha umidade enquanto ele continua a me foder. Minhas paredes internas se apertaram ao seu redor, dando-lhe o que ele precisava para alcançar seu próprio ápice.

— É isso. É isso. Encherei essa boceta. — Ele grunhe em meu ouvido, bombeando dentro de mim até gemer contra minha pele, fodendo seu gozo em meu corpo. Drenando nós dois antes que diminua a velocidade, eventualmente parando.

Ficamos ali, abraçados na tela. O suor cobre nossa pele enquanto ouvimos a respiração um do outro. Meu corpo ainda tremia com a força do meu orgasmo.

— É tão linda quando goza para mim, Hex.

Silas tira meu cabelo do rosto, pintando minha testa com tinta por acidente enquanto me sorri. Com dentes e tudo, me dando meu presente favorito.

Sua felicidade.

— Se você não acredita na maldição, por que me chamar de Hex?
— Respiro, encostando minha testa na dele, meus membros sentindo-se fracos.

Sinto seus dedos na minha nuca, esfregando suavemente. —

Hexadecimal.

— Huh?

— Não significa amaldiçoada, baby. É a abreviação de hexadecimal. — Ele murmura, esfregando o nariz no meu. — Desde o momento em que te vi saindo daquela maldita casa, houve uma conexão secreta entre nós. Entendi você, vi sua dor e quis tirá-la. Como se eu soubesse o que precisava antes de perguntar. Não te chamo de amaldiçoada, estou dizendo que é uma linguagem especial que só eu posso decodificar.

Lágrimas queimam o canto dos meus olhos, deslizando silenciosamente pelo meu rosto.

Saber que não há ninguém que entenda mais do que preciso do que ele. Num momento de caos, ele soube como me ajudar a encontrar a paz. Como nunca me fez sentir danificada ou destruída. Ele sempre me viu apenas como Coraline, e isso sempre foi o suficiente para ele.

Meu coração se parte. O que resta dele se estilhaça.

Amo este homem. Eu o amo e isso me assusta. Amo-o e é a única razão pela qual sei que tenho que deixá-lo.

Silas me deixa no apartamento depois de nos limparmos. Honrando os deuses do casamento passando a noite com os rapazes esta noite, deixando-me sozinha com minha irmã para me preparar para amanhã.

Deixando-me fazer uma escolha, uma escolha pela qual espero que ele me perdoe algum dia. Quando ele tiver tempo e espaço para entender por que fiz isso. Que não tomei essa decisão levemente e fui por ele. Para as pessoas que ele ama.

Não poderia colocar a ele e aquelas pessoas em risco. Não por mim. Eu não valia isso. Não importa o quanto Silas tentasse me convencer do contrário.

À medida que a noite cai e minha irmã adormece. Sento-me sozinha no apartamento, ouvindo o tom de discagem de um número de telefone para o qual nunca quis ligar.

— Aí está você, Circe. Estive a sua espera.

TRINTA E TRÊS

FAÇA-NOS PARTE

Silas

Quando é que sabemos que a mulher com que nos casaremos não aparecerá?

Quanto tempo fica parado no final do corredor, esperando até ter certeza de que ela o deixou perdido?

Talvez se eu não conhecesse Coraline, teria esperado mais, mas no momento em que pisei na frente do padre pronto para nos casar, sabia que algo estava errado. Senti em meus ossos, como uma premonição de algo maligno.

— Onde diabos está minha esposa?

As meninas me olham, preocupadas.

— Ela deveria nos encontrar aqui para se preparar, mas não atende o telefone e não temos notícias dela desde ontem à noite. — Lyra diz, vestida com um vestido laranja avermelhado para combinar com as flores que decoram o interior da capela.

Esfrego meu queixo, mandando meu punho através da parede atrás de mim, porque, Deus a amaldiçoe.

Eu sabia que não deveria ter contado a ela sobre o que Stephen tinha planejado, sabia que deveria ter deixado sua bunda teimosa no escuro, mas não podia fazer isso com ela. A omissão ainda é mentira, e ela nunca teria me perdoado por esconder dela a verdade, não depois de todos os segredos que compartilhamos. Não depois de eu ter prometido que ela era minha guardiã do segredo.

— O seu telefone continua na caixa postal. — Sage murmura olhando para o telefone como se tivesse as respostas.

— Para onde iria? Por que ela simplesmente...

— Porque ela não quer que a encontremos. Porque fez algo estúpido. — Interrompo Lyra no momento em que a porta do vestiário das garotas se abre.

— Ela não está em nenhum lugar fora da capela ou no apartamento. — Rook bufa, seu terno passado agora enrugado de angústia.

Eu gostaria de não conhecer bem Coraline. Gostaria de não saber que ela faria isso, gostaria de não tê-la deixado sozinha ontem à noite. Queria ficar alheio neste momento, porque talvez o desconhecimento me trouxesse mais paz do que o conhecimento. Pressiono meus dedos nos olhos, soltando um suspiro pesado.

— Ela foi até Stephen. — Digo as palavras, embora tenham gosto de veneno na minha garganta. Medo e raiva criando um ácido tóxico em meu estômago porque ela é teimosa, mas também sei que está com medo agora. Com medo e sem mim. Assustada e porra, sozinha quando não precisa estar.

Há uma sensação geral de estresse e pânico que toma conta da sala. O cérebro de todos lutando para descobrir como encontrá-la.

Essa é a vantagem de conhecer Coraline Whittaker.

Eu sabia que ela representava um risco de fuga desde o momento em que a conheci e sabia que quando lhe contasse sobre Stephen e nosso plano, precisaria de seguro para suas asas. Por isso, embora as argolas de mamilo que lhe dei fossem inocentes, também tinham microchip.

— Maldição. — Murmuro, olhando para sua localização precisa.

— O quê? Onde ela está?

— Eu lhe dou um palpite.

Não há medo em mim.

Ao olhar do outro lado da sala para o homem destruindo o que sobrou de seu escritório, não sinto nada. Apesar da fita adesiva cravando a carne dos meus pulsos, não tenho medo dele. Stephen Sinclair pode colocar as mãos sobre mim fisicamente, mas nunca mais poderá me tocar. Não como fez naquele porão.

Antes, eu não sabia quem era. Não tinha identidade ou valor próprio. Stephen foi capaz de moldar minha mente, abusar da minha natureza e me transformar em sua bonequinha perfeita. Antes, tinha sido fácil para ele me destruir, despedaçar minha mente e torná-la seu playground.

Agora? Eu sabia quem era, e essa pessoa nunca pertenceria a Stephen Sinclair. Não importa o quanto me machucasse fisicamente, ele nunca me teria. Nunca fui a pessoa que sou com Silas Hawthorne, que pertenceria para sempre a ele.

— Eles levaram tudo, o que quer que esteja procurando se foi há muito tempo. — Digo enquanto Stephen joga uma gaveta de sua mesa por cima do ombro, o barulho de sobras de coisas retumbando contra o chão de madeira dura.

Eu morei embaixo deste escritório na Mansão Sinclair por dois anos e esta foi a primeira vez que pude dar uma olhada decente nele.

Tínhamos feito um acordo quando liguei. Venho procurá-lo de bom grado e ele sai de Ponderosa Springs. Juntamente com todos que estão nele.

Foi um comércio justo. Eu pela liberdade deles.

O cabelo de Stephen passa pelas orelhas. Os fios de cabelo mole e pegajoso balançam quando ele olha para mim. Seus lábios se curvam sobre os dentes amarelados em um silvo, estreitando os olhos.

A prisão não foi gentil com o reitor anterior de Hollow Heights.

Seu cabelo outrora loiro agora estava opaco e salpicado de cinza. Dentes manchados de amarelo por negligência, pele doentia. O terno de pele bem costurado que usava estava deteriorado; mostrando o quanto a corrupção estava apodrecendo por dentro, ele exalava miséria.

— Precisamos de dinheiro, baby. — Ele desvia o olhar de sua busca maníaca — Preciso ser capaz de cuidar de você.

A bile fica no fundo da minha garganta. A maneira como fala comigo como uma criança.

— Se você me deixar sacar dinheiro da minha conta...

— Não preciso do dinheiro do seu pai, Circe. Sou homem, sei cuidar de você.

Minha mandíbula se contrai, os molares rangendo um contra o outro. Enquanto ele me olha do outro lado da mesa, a raiva brilha em seu olhar.

— Seria rápido, Stephen. — Digo — Cada segundo que passamos em Ponderosa Springs é mais um passo perto que Silas chega. Não diga que não avisei.

— Acha que ele será seu cavaleiro de armadura brilhante, Coraline? — Ele zomba, sua risada parece dividir o ar. — Você não significa nada para ele. É simplesmente um meio para atingir um fim para Hawthorne.

Escarneço, revirando os olhos — E o quê, Stephen? Significo algo para você. Sou sua garota especial.

Ele larga os papéis das mãos, caminhando em direção à cadeira onde me amarrou. Sibilo quando me agarra pelos cabelos, levantando minha cabeça com um aperto doloroso, olhando-me como se eu estivesse embaixo dele.

O seu cheiro familiar flutua em meu nariz.

— Você é minha, Circe. Amou-me uma vez, pode me amar novamente. Eu começaria a esquecer Silas, isso tornaria tudo muito

mais fácil para você.

Nunca o amei. Na verdade. Minha mente fez o que era necessário para sobreviver à tortura. Eu me fingi de morta como um gambá na estrada tentando evitar a morte de caçadores furtivos. Adaptei-me e fiz o que precisava para sobreviver. Não havia amor naquele porão.

A saliva se acumula na minha boca antes que cuspa nele.

— Vá se foder.

Esperava a mão no rosto, antecipei o gosto metálico em minha boca antes que enchesse minha garganta. Meu lábio latejou com o tapa. Doendo com a familiaridade. O abuso de Stephen era como entrar na casa de sua infância, nos lembramos, conhecíamos seus segredos e nunca escaparíamos disso. Era para sempre parte de nós.

Eu sobrevivi a ele uma vez e poderia fazer isso de novo. Mesmo que não o sobrevivesse, sabia que Lilac seria bem cuidada e Silas estaria seguro.

Tudo terminaria agora, para todos. Eles poderiam ser livres e felizes. Libertos das correntes, Stephen Sinclair envolveu todos nós. Todos poderiam finalmente avançar para um futuro melhor, e isso fez com que a dor valesse a pena.

Sua mão agarra meu rosto, me segurando firme. — Terei que ensiná-la como se comportar de novo, Coraline?

Arreganho os dentes, mostrando o sangue na boca — Não sou a garota que deixou apodrecer naquele porão, Stephen. Você não me destruirá desta vez.

Outra mão bate em meu queixo, o osso da minha bochecha latejando de dor. Lágrimas queimam o canto dos meus olhos com a força do golpe. Talvez se o deixasse com raiva o suficiente, o pressionasse o suficiente, ele acabaria com isso rapidamente para nós dois.

Seu braço recua para me bater de novo, mas isso nunca acontece.

Batidas ecoam do lado de fora da porta.

Uma, duas vezes, na terceira, lascas de madeira entram na sala. A porta se soltou completamente das dobradiças enquanto o corpo de Silas atravessava a entrada.

Estremeço com a força pura que irradia dele em ondas, como entra na sala depois de arrombar uma porta.

Stephen se afasta do meu corpo no momento em que Silas espregueia em minha direção. Ele só olha para mim uma vez, antes de se mover em direção a Stephen como um predador selvagem.

Meu estômago embrulha enquanto Stephen luta para se mover em direção à arma que está em sua mesa, mas não é rápido o suficiente. Assim que ele segura o cabo com a mão, a palma grande de Silas bate em cima dele.

Com um golpe violento, ele pega a mão de Stephen antes de esmagá-la na mesa. O estalo de ossos chega ao meu ouvido conforme repete o processo até que a arma cai no chão e a mão de Stephen se quebra.

— Dizem que usar uma arma elimina o aspecto pessoal de uma morte. — Silas diz suavemente — Isso é pessoal.

Embora seu rosto sangre de medo, Stephen força o riso a escapar de seus lábios.

— Os outros três cachorros não querem brincar? — Ele murmura, tentando se libertar do aperto de Silas. Com um movimento rápido, Silas responde agarrando sua garganta com um aperto de ferro antes de jogá-lo sobre a mesa.

Seus olhos brilham de raiva — Não há jogos esta noite. Isso termina entre nós.

— Nunca acabará. — Stephen engasga, enquanto Silas aperta sua garganta com mais força, usando ambas as mãos para estrangular o ar de sua traqueia. — Não pode matar minha memória. Viverei nela para sempre.

— Observe-me.

As veias dos braços de Silas incham quando seu aperto se intensifica. O rosto de Stephen ficou com um tom desagradável de roxo profundo. Cada respiração se torna uma luta, agarrando-se à vida que não merece.

Durante anos imaginei como seria. Ver Stephen morrer, como a luz em seus olhos diminuiria e a cor desapareceria de seu rosto. Foi meu sonho de conforto naquele colchão fino no porão. Nunca esperei que sua morte fosse pelas mãos do homem que amo.

— Olhe para ela, quero que se lembre do seu rosto e saiba que passará uma eternidade no inferno pagando pelo que lhe fez. — Silas sussurra baixinho — Se eu pudesse matá-lo duas vezes. Mataria.

Observo enquanto a vida se esvai de Stephen, o medo gravado em suas feições conforme tenta respirar. Uma parte de mim quer desviar o olhar, proteger-me da violência, mas não consigo.

Silas tem toda a minha atenção.

Eu o testemunhei carregando o fardo da culpa que nunca foi seu, observei enquanto sofria em silêncio, com muito medo de falar a verdade, mas neste momento, conforme o homem que quase destruiu sua vida dá seu último suspiro, vejo algo em Silas.

Aquela escuridão nele que assusta os outros, mas nunca a mim.

Ele não está matando por prazer ou vingança, mas por justiça. Para encerramento.

A morte entra na sala com as mãos frias, enche o ar e o corpo de Stephen Sinclair finalmente fica mole.

* * *

O cheiro de carne queimada é rançoso. Carrega um toque de suor azedo, um odor de esgoto bruto.

Está entranhado no tecido do meu vestido de noiva de sete mil dólares. Suponho que o cheiro persistente seja a menor das minhas

preocupações, considerando o estado do tecido.

Rasgado, sujo de terra, salpicado de sangue.

Este não era mais um vestido branco que marcava o início de um compromisso para a vida toda, mas um vestido de despedida que simbolizava o fim de um romance de terror que estive presa nas páginas há anos.

Com cada brasa crepitante que flutuava no buraco profundo no chão, vinha uma sensação de alívio. Sinto outra algema se abrindo dentro de mim. Tenho anos de cura pela frente, apenas o começo da minha difícil batalha, mas pela primeira vez desde que fui sequestrada?

As barras da minha jaula dourada derreteram e, por mais horrível que seja o cheiro de pele carbonizada, cheira a liberdade. Minha liberdade.

— O que agora? — Rook é o primeiro a romper o silêncio, olhando para Sage, que puxa para junto de si.

A maneira como Rook Van Doren olha para Sage Donahue é uma obra de arte. Como *A Criação de Adão*²², mas com olhos. Dedos apenas se estendendo, mal roçando um no outro. Tanta emoção, num gesto tão simples.

Todos nós estamos presos em uma posição de descrença por diferentes razões. A libertação é muito diferente para cada um de nós. No entanto, Stephen Sinclair, queimando no fundo desta sepultura, representa a nossa prisão. Uma pessoa conectando todos nós. Uma pessoa que morreu e libertou cada um de nós.

— Tilly's? — Lyra murmura, balançando-se para frente e para trás — Não comemos na recepção.

O brilho do fogo banha nossos rostos, e é Briar quem ri primeiro. Acho que não sei dizer, porque assim que o som chega aos meus ouvidos, minha própria alegria ressoa em meus lábios.

Estamos todos rindo. Tons diferentes, alguns risinhos, outras risadas. Masculino e feminino. Pura emoção humana na escuridão da

noite que zumbe mais alto que as cigarras nas árvores. É uma risada que faz meu estômago doer, fazendo minhas costelas doerem e uma mão se estender para me firmar em Silas.

Thatcher balança a cabeça, beijando suavemente o topo da cabeça de Lyra, murmurando baixinho — O que farei com você, Little Miss Death?

Eram um par improvável, mas algo neles meio que funcionou? Como sorvete e batatas fritas. Um estava muito suado e o outro muito salgado, mas se equilibravam.

Era semelhante à como Alistair transmitia uma *vibração de foda-se, não fala comigo* em sua jaqueta de couro e Briar era muito, *sou super legal, mas meu namorado assustador baterá em você*. Ele era uma sombra e ela era a luz. Um sem o outro parecia errado.

Qualquer um deles sem o outro parecia errado. Fora do lugar e acho que isso se aplica a mim agora.

Olho para Briar, Sage e Lyra, sabendo neste momento que odeio Stephen Sinclair, mas uma parte de mim está grata por onde fui parar. Eles não me fazem querer reviver o porão, mas fazem valer a pena.

Não éramos amigos desde o ensino médio ou irmãos forçados a cuidar um do outro. O sangue e o tempo que passamos juntos não tiveram nada a ver com o nosso vínculo.

Foi esse trauma. Um mal horrível e desagradável que viveria conosco para sempre, mas também nos uniu. Ao longo do caminho da dor, tropeçamos um no outro, nos agarramos um ao outro e nos recusamos a nos soltar.

Não teríamos nos conhecido sem a dor. Não teríamos amado tão profundamente como amamos sem o medo.

Nós nos agarramos firmemente porque nos recusamos a perdê-lo.

Sabemos que é raro, quebrável e inteiramente nosso.

Meus olhos se voltam para Silas, encontrando-o me olhando. Essa dor também me levou até ele. Forçamos nossos caminhos a se

cruzarem, entrelaçarem e se fecharem. Até ficarmos aqui, semeados na alma um do outro como dois pedaços de tecido rasgados.

Não nos encaixávamos perfeitamente, mas nos encaixávamos como nós.

Seu polegar desliza pelo meu lábio inferior machucado — Pergunte-me qual é a minha cor favorita...

Nunca, desde que nos conhecemos, ele desistiu de mim. Nunca me vi como uma coisa desagradável e danificada. Pretendo passar o resto da minha vida retribuindo o favor. Não importa o quão frio ele mantenha o apartamento.

— O que é tão engraçado?

A voz estranha, mas familiar, nos lembra cruelmente que Ponderosa Springs é uma hidra. Com cada cabeça que corta...

Duas voltam a crescer.

ILIMITADO

Silas

Viro-me primeiro, colocando Coraline atrás de mim, mas ela se move rapidamente para o meu lado. Eu a amo, mas não estou com disposição para sua teimosia.

Não estou com vontade de perdê-la.

— Fique atrás de mim. — Sussurro baixinho, seus olhos castanhos se estreitando, preparados para balançar a cabeça, mas a impeço — Por favor, Hex.

Não estou sendo um macho alfa idiota. Não estou lhe dizendo que ela não pode se proteger. Estou com medo de perdê-la.

Um gosto familiar enche minha boca, escorre entre meus dentes e faz meu estômago revirar.

Medo, medo gelado.

Não posso perdê-la. Não perderei. Não quando acabei de pegá-la.

Easton Sinclair está na escuridão, avançando cambaleante. As chamadas do prédio atrás de nós lançaram uma luz bruxuleante sobre seu rosto doentio. Ele é uma série de sombras e luzes laranja-avermelhadas sibilantes.

Não é mais o cara de quem me lembro da minha juventude ou mesmo aquele que invadiu minha festa de noivado. As bolsas roxas sob os olhos e as maçãs do rosto encovadas contam a história perturbadora de um homem que não existe mais. Tanto o declínio de sua saúde física quanto mental brilha em seus olhos.

Ele está desequilibrado, magro e segurando a porra de uma arma.

— Acho que destruir minha vida seria hilário para vocês quatro, não é? — Ele coça a cabeça no cano da arma, a mania misturada com sua própria risada — É o cheiro do meu pai queimando? Espere, desculpe, padrasto. Ainda tentando entender o texto.

Somos mais do que ele, mas isso não ajuda em nada a acalmar meu coração batendo contra meu peito. Mesmo com a arma enfiada na parte de trás da minha calça jeans, um movimento e ele poderia atirar em qualquer um de nós antes que eu pudesse atirar.

Os números não importam quando alguém não tem nada a perder.

— Easton. Olhe para mim.

Minha mão quer alcançá-la, enquanto Sage se aproxima assustadoramente, com as palmas voltadas para cima para mostrar que ela não é uma ameaça, como sempre foi, para começar.

— Acabou para todos nós agora. Não precisa...

— Cale-se.

Num piscar de olhos, sua emoção muda de ilusão para pura raiva, balançando o braço na direção dela, para que olhe para o cano de sua arma.

Há um suspiro coletivo quando Rook agarra seu pulso, puxando-a para trás em seu peito antes de colocá-la atrás dele.

— Quer meio quilo de carne; pode tirá-lo de mim. — Ele barganha, ainda segurando o pulso de Sage atrás dele com um aperto doloroso — Deixe-a fora disso.

É claro que não importa o que Easton veio fazer aqui, ele não irá embora até que alguém esteja sangrando. Independentemente do que lhe dissermos, há uma expressão em seus olhos que me diz que ele está muito longe de ser puxado de volta desta borda. Está despedaçado e a pessoa deixada nos pedaços de Easton Sinclair? É alguém com quem não sabemos lidar.

— Deixá-la fora disso? — Ele gargalha, o som ricocheteia nas

árvores. — O que oferece a esse maldito grupo, Van Doren? Humor? Porque com certeza não é inteligência.

— O que quer, cara? Quer dinheiro? — Alistair pergunta, tentando desviar sua atenção de uma única pessoa. Dessa forma, se atirar, ele errará se não tiver um alvo solitário — Podemos conseguir dinheiro para você. Poderíamos conseguir ajuda para você.

— Ajuda? Não quero sua ajuda! — Easton é uma bomba, tiquetaqueando com o passar dos segundos, e estamos ficando sem tempo — Por que eu aceitaria sua ajuda? Porque somos sangue? Foda-se! Fodam-se todos vocês!

Ele está tremendo de raiva reprimida, lágrimas brilhando nas chamas. Independentemente do seu estado atual, é uma vítima tanto quanto nós. Um tom diferente de cinza moralmente, apenas colorido no lado oposto.

Ele é nosso vilão, assim como fomos para Ponderosa Springs.

E embora uma parte de mim entenda. Com sua ira e ressentimento, ele também aponta uma arma para as pessoas que amo. Não o entendo o suficiente para poupar sua vida se ele fizer algo estúpido como atirar em um de nós.

— Ele não era seu para matar. — Gagueja, limpando duramente o nariz com as costas da mão, os dedos tremendo em torno da arma — Não era sua vingança. Não têm ideia do que passei, o que ele me obrigou a fazer, seus idiotas de merda. Ele era meu o fim e não podiam nem me deixar ficar com isso!

— Tem razão. — Dou um passo à frente, balançando a cabeça enquanto os galhos estalam sob meus pés. Os dedos de Coraline enterrados em meu traje, tentando me manter por perto, mas continuo andando.

Até que ela me solta e eu fico na frente de todos. Pelo canto do olho vejo Rook balançando a cabeça, mas não querendo fazer mais movimentos bruscos.

— Não sabemos o que aconteceu com você e ninguém saberá se

não escrever isso. Quer que saibamos sua história? Para que as pessoas entendam o que fez? — Pergunto a ele, com as palmas das mãos suando — Dê a si mesmo a chance de contar, Sinclair. Não seja ele.

Há um silêncio fascinante que paira no ar, ninguém se move ou respira enquanto Easton me encara.

Sob essa luz, ele parece mais um menino triste do que um homem no caminho da guerra. No mínimo, merece uma chance. Para reescrever sua história, mudar o final.

O mal não é feito, é escolhido e pode optar por não aceitá-lo.

— Basta colocar a arma...

— Você me tirou tudo. — Ele resmunga, o cabelo loiro oleoso balançando ao vento, os olhos azuis mortos mostrando nenhum sinal de vida — Tirou Sage. — Ele aponta a arma na direção dela.

— Tirou meu sobrenome. — Ele muda sua arma para Alistair.

— Você me tirou minha vingança.

É então que seu olhar e mira se fixam em mim. Ele inspira profundamente. Inclinando a cabeça deixando a lua brilhar sobre as lágrimas em seu rosto. Minha mão alcança minha arma nas minhas costas, e o som de pés se arrastando atrás de mim.

— E agora, tirarei algo de você.

Às vezes, não importa o quanto queiramos mudar o final, não conseguimos.

Às vezes, o fim é apenas o fim.

O som familiar de um gatilho sendo puxado ecoa pela floresta.

Embora seja fisicamente impossível, o tempo desacelera apenas o suficiente para eu ouvir a pequena explosão dentro da arma. O gás se expandiu e forçou a bala para baixo no cano.

É engraçado como o tempo funciona. Como fica mais lento quando menos espera. Dando a você a chance de deixar cada movimento de um único momento penetrar em sua pele. Dando a você

a chance de lembrar cada segundo que escorre pela ampulheta.

— *Porra, pegue-o!*

— *B, peça ajuda.*

Um toque distante sacode meu tímpano, um torpor em minha mente e uma sensação de fogo em meu peito.

Olho para baixo, colocando a mão sobre meu botão branco, apenas para encontrar uma pintura carmesim na palma da minha mão quando a retiro.

— *Porra.*

O chão meio que cede embaixo de mim, como se eu estivesse sobre um colchão d'água mal cheio. Meus joelhos dobram sob mim, não estou mais disposto a suportar meu peso e uma lufada de ar enche minha cabeça. Braços me envolvem enquanto sinto a terra fria sob minhas costas. O cheiro de lavanda e mel misturado com pólvora. Fico enjoado, cheirá-la com algo tão violento ligado.

— *Silas. Não, não. Você está bem. Está tudo bem.*

— *Porra, Coraline, ele está sangrando. Ele está sangrando.*

— *Thatcher, me dê sua maldita jaqueta!*

Braços e punham lutam por cima de mim. Logo depois galhos frenéticos, os pinheiros Ponderosa se abrem o suficiente para que eu possa ver o céu noturno. A maioria das pessoas não sabe que a costa do Oregon é o melhor lugar para ver a Via Láctea. Nenhuma interferência de luz para diminuir o brilho das estrelas.

Há caos em meus ouvidos, mas não há pânico em mim.

— *Ei, olhe para mim, por favor.*

Meus olhos tremulam, olhando para cima. O cabelo de Coraline caído sobre os ombros, caindo na minha cara. Posso sentir o calor de seu colo enquanto ela me segura contra sua barriga.

— *É tão quente, baby.* — *Tentando perseguir seu toque, seu cheiro, ela.* — *Consegue sentir o quanto estou com frio?*

— Silas, mantenha os olhos abertos para mim. Isso mesmo, continue olhando para mim, baby. — Ela me olha, lágrimas pesadas escorrendo de seu rosto para mim. Suas mãos suaves embalam minha cabeça, percorrendo os contornos do meu rosto.

Há medo em seu tom, pânico que não consigo consolar porque tudo está tão entorpecido. Mal consigo sentir meus dedos, mal sinto minha mão levantando, trêmula, uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Poderia olhar para você para sempre, Hex. — Sussurro, as palavras doem em meu peito.

Tento respirar fundo, mas dói *pra* caralho. Como lâminas destruindo o interior dos meus pulmões. Tusso, engasgando com saliva na garganta.

O vermelho respinga no vestido branco de Coraline e arranca um soluço de seus lábios que posso sentir contra mim.

— Por favor, aguenta, Silas. Sei que dói, mas você ficará bem. Nós ficaremos bem, está bem? — A sua voz é um soluço, o corpo tremendo enquanto ela me agarra com mais força — vamos para casa. Você e eu, vamos para casa. Você tem que plantar mais lavanda, porque eu não sei como. Está bem?

Lágrimas escorrem pelo canto dos meus olhos, não de dor, mas de tristeza que não sentia há muito tempo. Uma tristeza profundamente enraizada que tira a dor do meu peito. Acho que não conseguirei voltar para casa, mas não posso lhe dizer isso. Não quando o mundo lhe roubou o suficiente. Não quero que ela perca a fé na esperança. Em seu futuro e na luz que a espera no fim deste túnel.

Ninguém merece luz como Coraline. Ninguém precisa mais disso.

Há alguns anos, tudo que eu queria era morrer.

Agora posso sentir meu batimento cardíaco desacelerando.

Agora estou morrendo e tudo que quero é mais um dia com ela.

Só mais um dia para poder absorver sua risada, sentir seu toque,

experimentar seu amor.

Mais uma xícara de chá de lavanda.

Mais uma colher de mel no meu café.

Mais um dia.

— Coraline. — Tusso o seu nome, meus lábios molhados com o gosto metálico.

— Ajude-me, por favor!

— Ei, ei... Silas, estou bem aqui, cara. Apenas aguenta. A ajuda está chegando. Aguenta, está bem? Não, não, mantenha os olhos abertos...

Rook.

— *Não podem contar a ninguém. — O lábio de Rook treme, ainda escorrendo sangue em seu queixo. — Tem que prometer.*

Meus pequenos punhos se apertam ao meu lado, com apenas onze anos tenho um 1,56m, às vezes 1,57m quando uso certos sapatos, minha chance de dar uma surra no pai de Rook era pequena, mas eu queria.

Queria tanto que tive vontade de rastejar para fora da minha pele. Desconfortável com a quantidade de raiva que tomava conta do meu corpo.

É Rook.

Ele rouba minhocas de goma e precisa de mais band-aids do que uma criança comum, mas é Rook e ele não merece ser espancado.

Ele não. Não quando sei o quão gentil ele é.

Especialmente por seu pai.

— Jura de mindinho. — *Ele grunhe, esfregando a manga sobre o lábio. Fazendo cara de corajoso, mas tenho a sensação de que nunca deveríamos descobrir esse segredo.*

Não deveríamos ver a vergonha em seu rosto. Se eu soubesse, não teria concordado em andar de bicicleta aqui. Nunca o teria envergonhado

assim, aparecendo e descobrindo esse segredo que ele escondeu sabe-se lá por quanto tempo.

Eu teria esperado até que ele estivesse pronto para me contar.

— Não jurarei de mindinho. Isso é estúpido. — Alistair resmunga com o cabelo escuro balançando na frente de seus olhos, cruzando os braços na frente do peito — Bata nele de volta na próxima vez. Eu mostrei a você como fechar o punho.

— Então jure! — Rook grita — Vocês não entendem. Têm que jurar que ficarão de boca fechada. Ou delato quem colocou aranhas na gaveta de roupas íntimas de Dorian.

Tecnicamente, fomos todos nós. Alistair foi quem os forneceu.

Rook e eu levamos dias para encontrar tantas pernas longas de avô, sem mencionar que tivemos que lidar com Thatcher reclamando da sujeira.

— Jurar não significa nada se não houver nada sobre o que jurar. — Digo baixinho, mesmo que Rook não precisasse me perguntar. Cada segredo, cada medo, cada sonho.

Eu guardaria para ele. Mantê-los a salvos.

— Não jurarei por minha família. — Thatcher pega uma das maçãs que estão na cozinha, dando uma mordida na polpa vermelha — Isso é de mau gosto e seria mentira.

— Tem alguma ideia melhor, gênio?

Ele vai até a geladeira; Ainda estou confuso sobre como ele não suou através do suéter no passeio de bicicleta até aqui. Demora uma eternidade para ir de sua casa até o Rook.

— Na mitologia grega, Styx é um dos rios do submundo. — Murmura, tirando um saco de ervilhas congeladas que entrega a Rook, que pega alegremente colocando-o em sua boca inchada — Na Ilíada e na Odisseia, Homero disse que os deuses juram pela água do Styx como seu juramento mais vinculativo.

— Então juramos pelo Styx. — Rook diz rapidamente, balançando a cabeça, nem tenho certeza se ele sabe o que isso significa, mas está com

muito medo de não ter algum tipo de ligação que mantenha nosso silêncio.

— Espere. — Alistair enfia a mão no bolso da frente, tirando um marcador preto. Agarra meu braço primeiro, puxando-o em sua direção antes de rabiscar um círculo de merda com o que acho que é uma caveira dentro e palavras rabiscadas ao longo das linhas internas.

Lê-se Admin One na parte superior e Styx Ferryman na parte inferior.

— O que está fazendo, não desenhe um em mim. — Thatcher tenta evitar seu toque, mas com um pouco de luta Alistair faz com que ele fique parado.

— O que é? — Pergunto, olhando para a tinta sangrando na minha pele morena.

— Charon's Obol. — Ele murmura em torno da ponta afiada em sua boca. — Para pagar a travessia do Styx até a vida após a morte.

Minhas sobrancelhas franzem enquanto ele desenha a mesma imagem em Rook e depois em si mesmo.

— Pronto.

— O que exatamente essa merda faz?

Ele enfia o marcador de volta na calça jeans e responde. — Desta forma encontramos um caminho de volta um para o outro. — Olha para cada um de nós, com a mandíbula cerrada — Roubamos. Queimamos. Sangramos. Prometemos que não importa o que aconteça, retornaremos, mesmo na morte.

É um desenho bobo. Uma promessa boba que fazemos. Quem sabe onde estaremos daqui a vinte anos? Podemos nem nos conhecer amanhã.

— Leu A Ilíada e a Odisseia? Alguém mais sabia que Ali sabia ler? — Thatcher diz.

— Baterei em você se me chamar assim de novo.

Balanço a cabeça, olhando para a marca no meu braço. Neste momento, parece ser o maior momento da minha vida.

Tipo, não importa onde vamos ou o que aconteça, me lembrarei disso.

Lembrarei que tive amigos que se importaram o suficiente neste momento para fazer essa promessa.

Isso é bom. Parece o suficiente.

— *Para o Styx?* — *Digo a pergunta, e eles respondem em conjunto.*

— *Para o Styx.*

Coraline chora e anseio por estar lá para confortá-la.

Rook estará.

Minha mente ecoa.

Rook a ajudará a carregar o peso da dor, para que ela não fique sozinha. Os rapazes apoiarão uns nos outros. Eles forçarão uns aos outros a seguir em frente porque é isso que fazemos. Seguimos em frente.

— Eu... amo você. — Estrangulo, impossivelmente frio, agarrado às consciências, mas o sono é uma música que não consigo bloquear. Suas mãos são fortes e me puxando para baixo.

Coraline é um borrão. Não consigo ver o seu rosto e espero que ela ouça essas palavras e saiba que sempre foram dirigidas a ela.

— Silas. Não faça isso, por favor. — Rook implora, mas não há ninguém para implorar.

Deus não está aqui.

Pois a sombra e o vale são meus. Não temo o mal.

— Prometo mm..

Minha voz não funciona mais. Isso me deixou para sempre desta vez.

— *Prometo, Si. Juro pelo Styx, estou com ela.*

— *Não! Rook, não diga isso. Não diga isso, porra. Ele está bem, certo? Não diga isso! Ele está bem. Baby, você está bem...*

Sua voz é um canto à distância.

Não creio que os seus lábios mágicos consigam lançar um feitiço

que impeça isto. Não quando parece tão inevitável. A morte é abrangente. É um cobertor. Um escudo.

— *Você está bem. Eu te amo. Você está bem. Eu te amo.*

Há sons altos flutuando no espaço, mas a escuridão é um conforto. Vem para mim quando o frio vai embora e o nada toma conta.

Sou o ar e tudo o que existe no meio.

Sou ilimitado.

APREENSIVO

Silas

Nada dói.

Há um entorpecimento que me envolve como uma jaqueta destinada a me proteger da dor. Luzes brilhantes me cegam enquanto pisco, os olhos tentando se ajustar.

Um silêncio estranho se instala quando olho para baixo, a grama alta chega até minha cintura balançando contra meu corpo, mas não há vento uivando. Flores de cores brilhantes se estendem diante de mim, infinitas em comprimento e cor.

Flores silvestres tão brilhantes que fazem meus olhos doerem, mas não há abelhas zumbindo.

Estendo a mão para baixo, incapaz de sentir a folha de ervas verdes sob a palma da mão, embora envolvam meus dedos. Era tudo e nada ao mesmo tempo.

A sensação de estar vivo, mas não viver de verdade, era avassaladora. Toda a beleza ao meu redor era zombeteira, cruel até. Mostrava-me a vida em toda a sua maravilha, mas me deixou preso em um vazio interno de nada.

— Silas!

Uma voz rompe o silêncio ao meu redor. Virei-me para olhar para trás, mas não vi nada, apenas quilômetros e quilômetros de flores. Quando me virei, minhas sobrancelhas franziram quando uma figura começou a aparecer à distância.

Ganhando forma a cada passo que dava.

— Silas! — Ela grita de novo, desta vez posso ver o sorriso em seu

rosto, a alegria que irradia ao seu redor como uma auréola.

— Rosie? — Engasgo com o seu nome, lágrimas escorrendo pelo meu rosto em um riacho. Lágrimas de alegria por ela estar bem, por estar feliz, por estar aqui, mas também encharcadas de miséria, de tristeza porque estou morto.

Eu morri e deixei Coraline sozinha.

Ela para alguns metros à minha frente, ondas de cabelo ruivo girando em torno de seu rosto, vestindo a mesma roupa que usava no último dia em que a vi.

— Queria vir dizer adeus. — Ela inclina a cabeça, as sardas pontilhando suas bochechas enrugando enquanto sorri para mim — nunca conseguimos dizer adeus da última vez.

Meu corpo, minha alma está pesada há anos. Sobrecarregada pela dor de nunca ter me despedido dela, de ser a última pessoa em quem ela confiava para vê-la antes de ser morta.

— Sinto muito, Rosie. Sinto muito por tê-la deixado voltar para casa sozinha. — Minha voz está abafada em meus próprios ouvidos, mas sei que ela os ouve, porque começa a franzir a testa — Sinto muito por não tê-la protegido, quando prometi que faria.

— Não foi culpa sua, Silas. Eu morri e não foi culpa sua.

Sua voz é suave, gentil e tranquilizadora. Tão ela.

— Não é culpado pela minha morte. — Seu sorriso retorna, a juventude em suas feições fazendo meu peito arder. Ela nunca experimentou a vida, nunca conseguiu ser nada. Rosemary era um mundo de possibilidades transformado em tragédia. — Eu morri e não há problema em se perdoar.

No fundo da minha mente, ouço vozes. Rugindo e gritando ao longe, mas não há nada atrás de mim. A sensação de dormência começando a desaparecer de mim, meus ossos estão pesados e posso sentir meus pés embaixo de mim.

— Meus pés estão congelando.

Meu coração cai quando olho para baixo e vejo seus pés pálidos sem meias. Lágrimas queimam o interior dos meus olhos e as deixo cair. Quero trazê-la de volta comigo, para que possa ter a chance de experimentar a vida. Para que possa ver Sage novamente, para que possa se apaixonar novamente.

Eu quero dar a ela infinitas possibilidades. Queria tanto isso para ela.

— Seus pés sempre ficavam frios sem meias. — Digo, minha garganta apertando.

— Ei, Silas? — Sua voz agora é um sussurro, o lugar intermediário das flores começando a murchar. O frio voltando ao meu corpo e por mais que queira que Rosie seja feliz, quero voltar.

Quero voltar para Coraline porque não posso deixá-la sozinha. Sou o seu quebrador de maldições.

Não posso ser outra pessoa que ela perde. Quero ser a pessoa que prova que ela pode ser amada, em alto e bom som, sem que isso me mate.

— Sim? — Pergunto.

A cabeça de Rosemary se inclina, um sorriso sonolento aparece no canto de seu rosto desbotado. Indo para um lugar de paz. — Pode me carregar uma última vez?

Eu queria voltar, mas isso? Esse foi o adeus que nunca consegui dizer à pessoa que me mostrou bondade acima de tudo. Este foi o encerramento com uma pessoa que me mostrou como amar, de modo que dominava tudo quando conheci Coraline. Quem me ensinou tanto sobre mim antes mesmo de eu saber quem eu era?

Este foi um adeus à minha culpa, por não estar presente.

Por isso, olho para ela uma última vez, sabendo que, enquanto viver, carregarei para sempre o amor que Rosemary Donahue e eu compartilhamos. Como prova de sua memória, um agradecimento por tudo que ela fez.

Ela morreu sabendo que era amada por muitos e isso é tudo que qualquer um de nós pode pedir no final dos nossos dias.

— Sempre, Rosie Girl.

TRINTA E SEIS

CÓDIGO HEX

Coraline

TRÊS MESES DEPOIS

— Lilac! Vai se atrasar! — Grito do final do corredor.

Ouçõ seus passos cheio de atitude vindos de seu quarto. Balanço a cabeça quando ela aparece na minha frente, puxando a bolsa para cima do ombro.

— Como eles esperam que aprendamos alguma coisa tão cedo de manhã? — Ela resmunga, esfregando os olhos para tirar o sono.

— É o seu último ano, como ainda não está acostumado com isso? Precisa começar a dormir mais cedo.

— Silas diz que ser uma coruja noturna é um sinal de inteligência. — Ela murmura bocejando, seu cabelo loiro preso em um coque bagunçado. Eu sorrio para ela, os dois têm se unido a mim cada vez mais ultimamente.

Acho que é porque Silas tem medo de ser o vilão porque sabe que a aprovação de Lilac significa muito para mim. Por isso, ele basicamente a estraga.

— Sua bolsa de tênis está na porta, o bagel com cream cheese extra no balcão. Tenha um bom dia, Li. — Eu me inclino para frente, dando um beijo em sua bochecha.

Antes de me afastar, ela me puxa para seu corpo para um abraço, me fazendo soltar uma risada.

— Eu te amo, Coraline. Obrigada por ser feliz.

Meu coração dói — Obrigada por me ajudar a encontrá-la.

Eu a vejo caminhar em direção à porta da frente, saindo pela porta e indo para a escola antes de entrar no meu estúdio em casa.

A pintura que acabei de pintar ontem à noite está no cavalete ainda secando e Silas está parado na frente dela. Sem camisa, com calça de moletom cinza.

O moletom pende de seus quadris. Dando-me a visão perfeita de seu corpo, observando as curvas de seus músculos; a cavidade dos quadris e a força na parte inferior das costas. Sua pele é marrom-clara e sempre que flexiona os músculos ondulam sob a pele, dançando sob sua pele.

Deveria ser um crime para ele ser assim.

Entro atrás dele, passando os braços em volta de sua cintura e pressionando meu rosto em suas costas. Respirando o cheiro de seu sabonete líquido.

Nunca fui uma pessoa que gostasse muito de contato físico até conhecer Silas e ele me mostrar como amar isso. Agora, sinto que não posso estar na mesma sala que ele e não tocá-lo.

— Como se chama este? — Ele pergunta, ainda olhando para a pintura a óleo à nossa frente.

Uma das minhas coisas favoritas sobre ele é o quanto apoia minha arte. Não apenas meu trabalho com Light e o ensino, mas minha própria arte. Ele fica horas comigo enquanto falo sobre conceitos, me dando ideias e sempre interessado no produto final. Faz-me sentir importante, mesmo quando eu mesma não me sinto assim.

— Quebrador de maldição. — Sussurro.

A semelhança do homem na pintura com Silas é exata. Como se ele pudesse sair da moldura e espelhar o homem em torno do qual estou com os braços enrolados.

Silas morreu duas vezes durante a cirurgia. Ele morreu e voltou à vida duas vezes. Morreu e voltou para mim, só para provar que eu não

estava amaldiçoada. Argumento que foi ele desafiando a morte que quebrou meu feitiço perverso. Silas estava disposto a contrariar o ceifador só para me mostrar que valia a pena voltar.

Queria passar o resto da minha vida retribuindo o favor. Provando que merecia um amor como o dele.

— Isso é o que eu sou, Hex? — Ele cantarola, virando-se para mim, suas mãos segurando meu rosto — Seu quebrador de maldição?

— Você é tudo, Silas Hawthorne. Tudo. — Eu me inclino para seu toque, sorrindo enquanto pressiono meus lábios em seu polegar — Mesmo que esteja pintando seu escritório com aquela cor laranja feia.

Ele ri, profundo e encharcado de uísque. Viciante.

— Tem um nome, sabe? — Ele inclina a cabeça, me observando — A cor.

— Sim, eu sei, laranja feia *pra* caralho.

— Código hexadecimal #dd4a3d. — Ele sorri — Seu nome é Coraline.

— Eu sou sua cor favorita?

— Você é minha favorita em tudo, Hex.

Aos poucos aprendi que o passado não importa quando se entrega o resto da sua vida a alguém como Silas. Quando sabe que ele terá o início e o fim de todos os seus dias. Tudo antes dele? Não existe, ele não permite.

A dor, a mágoa, a miséria.

Nada disso importa quando estou com ele. Não sou a bruxa amaldiçoada de Ponderosa Springs. Não sou difícil de amar.

Silas me ama como respirar, fácil, naturalmente, como se tivesse sido feito para isso. E eu o amo com cuidado, com ternura, como se ele fosse a única coisa que me mantém viva.

Nosso amor é uma coisa viva que respira – nos preenche até não haver espaço para mais nada.

Esses podem ter sido os votos de minha mãe a meu pai naquele tribunal, mas deveriam ser ditos por mim a ele.

Serei para sempre a sua paz quando o mundo só der guerra. Todos os segredos que ele revelar será mantido em segurança pelos meus lábios e meus braços serão sua segurança. Jurei ser a única pessoa que o aceita como ele é e pelo que se tornará.

— Eu te amo. — Murmuro — Eu te amo.

Até que a morte nos separe.

* * *

Silas

— De novo.

Coraline choraminga enquanto minha mão percorre sua barriga, as unhas cravando-se em sua carne quente e suada. — Silas...

— De novo, Coraline — murmuro do lugar entre suas coxas, a língua saindo para arrastar através de sua boceta. As vibrações baixas e suaves da minha voz profunda enviam ondas de prazer diretamente para sua boceta, reverberando através de seu clitóris até que esteja perto de chorar. — Você não se gabou de como poderia aguentar? Não prometeu ser minha boa menina, Hex?

Ela se levanta da cama, os braços esticados contra a corda que mantém seus pulsos esticados na cabeceira da cama.

— Eu... eu...

Olho para cima. Confrontando-me com seus calorosos olhos castanhos, a mistura entre superestimulação e prazer se misturando em sua íris.

Eu a avisei. Disse-lhe o que eu faria se ela me deixasse ter o seu corpo. Não estava satisfeito com Coraline gozando. Precisava que ela

cedesse. Ver aquelas paredes desmoronarem ao seu redor, um orgasmo de cada vez.

— Vamos — insisto, pressionando suas coxas profundamente no colchão para mantê-la aberta e flexível para mim. — Tem sido incrível a noite toda. Você consegue.

Eu a empurrei até o limite. Um orgasmo na minha arma, outro nos meus dedos, agora a queria no limite antes de fazê-la afogar meu pau.

Mais. Mais. Mais.

Eu só quero mais dela. Tudo dela.

Três meses de pura liberdade parecem o paraíso para ela. As paredes construídas ao seu redor desmoronaram e me deixou entrar totalmente em seu coração. Deixando-me construir uma casa lá.

Ela olha para mim através dos cílios úmidos, as lágrimas em seu rosto quentes e brilhantes sob a luz suave da lâmpada.

Minha expressão escurece, sentando-me de joelhos e estendendo a mão sobre o seu corpo até a gaveta de cabeceira. Retiro o vibrador de silicone que ela comprou há alguns meses.

— O que você é, hum? — Sussurro, prendendo o brinquedo em seus lábios, um comando silencioso para abrir para mim — Diga, Coraline.

— Sou sua. Sou sua esposa. — Arfa, balançando embaixo de mim — Somente sua. Só... só um buraco para você.

Com a boca entreaberta, enfio o brinquedo rosa entre os lábios macios, inchados pelos meus beijos.

Minha mão aperta sua coxa, meu pau abrindo um buraco em minhas calças ao pensar que ficarão marcadas amanhã. Sua língua gira e sua boca suga até que ela viva o vibrador. Enfio-o ainda mais na sua garganta, fazendo-a refutar, mas continuo até ficar bem molhado.

Um sorriso divide meu rosto, vendo seus olhos brilharem com o pensamento de que ela me agradou.

Quando estou satisfeito, volto entre suas pernas, deitando-me de bruços enquanto pressiono beijos em sua boceta gotejante. Usando uma mão para prender a coxa na cama e a outra para arrastar o pau de silicone pelas dobras escorregadias.

— Isso mesmo — concordo, apertando a carne de sua coxa em minha mão. — Minha esposa safada que vive para ser preenchida com meu esperma, certo?

Coraline acena com a cabeça, fechando os olhos enquanto empurro a ponta do pau em sua boceta. Suas paredes apertadas o engolfam, sugando-o e não é meu momento de maior orgulho ter ciúmes de um pênis falso, mas Deus, ela é tão linda.

Tão boa para mim.

Um gemido entrecortado sai de sua boca — Silas, não posso. É muito. Muito.

— Você está bem — eu a tranquilizo — ficará aí deitada e se comportará. Será uma boa garota para mim, Coraline.

Amo isto.

Observando-a se contorcer e se debater, dominada pelo prazer. Sua linda boceta rosa inchada com toda a atenção.

Ela é toda minha. Minha teimosa e linda esposa.

Empurro o brinquedo mais fundo, meu corpo forçando suas pernas abertas enquanto ela tenta fechar as pernas em retaliação.

— Porra! — Ela grita quando coloco minha boca em seu clitóris. Chupando-o em minha boca, os dentes roçando o feixe sensível de nervos, antes de lambê-lo com minha língua.

Seu estômago se contrai, seus quadris pressionam meu toque enquanto ela luta uma batalha perdida. A sua boceta quer mais, mas a sua mente pensa que é demais.

Enfie-i-lhe o vibrador com estocadas curtas e rápidas, acelerando para corresponder ao ritmo que a minha língua estabelece. Sua excitação escorre em minha boca, me sufocando com seu prazer.

— Silas, vou gozar, baby. Gozarei. — Ela geme do fundo da garganta, lutando contra suas restrições enquanto bate em meu rosto.

Esta é minha parte favorita.

Retiro meu toque completamente fazendo-a gritar de agonia. Ela resiste a nada, um animalzinho selvagem e irritado. Um sorriso malicioso pinta minhas feições enquanto me inclino na parte de trás das pernas. Desabotoando minhas calças e empurrando-as para baixo o suficiente para remover meu pau dolorido.

— Por favor, oh meu Deus. Preciso de.... — engasga, sem ter certeza se quer mais ou precisa parar.

Eu me acaricio enquanto ela olha para mim, cabelo emaranhado e selvagem, rosto vermelho.

— Use suas palavras, Coraline. — Resmungo, espalhando meu pré-goço na ponta do meu pau — O que precisa, baby? Quer gozar outra vez, não é? Quer que eu use esse maldito buraco apertado?

Quando ela não responde, apenas levanta os quadris no ar, rastejo sobre seu corpo. Minha mão agarrando suas bochechas, forçando-a a olhar para mim.

— Abra. — exijo, seus lábios se abrindo para mim. O cuspi jorra da minha boca, pingando em sua língua. — Diga-me o que quer. O que merece.

Eu afrouxo meu aperto para que ela possa falar, esperando pela resposta a seguir depois que engole.

— Quero que me faça gozar. Foda-me, Silas, por favor, estou te implorando. Estou vazia sem você.

Lá está ela. Minha coisinha arruinada. Suave e doce só para mim. Acreditando ser tão indigna de amor e carinho.

— Você não é uma maldição, baby. É uma maldita bênção.

Meus lábios pressionam os dela, um beijo faminto onde nossas línguas rolam uma contra a outra. Agarro a base do meu pau com uma mão, a outra apoiada ao lado de sua cabeça.

E finalmente, como pensei a noite toda, entrei em casa.

Um som depravado e desolado sai de seus pulmões enquanto ela se estica em meu comprimento. Contorcendo-se ao meu redor me fazendo gemer.

— Já estou tão perto. — Ela choraminga.

Minha boca desce sobre seus seios, girando em torno de seu mamilo sensível antes que meus dentes mordam os lindos piercings com minhas iniciais neles. Puxando-os de brincadeira. Deleito-me em seu peito. Lambendo e chupando, sem pressa enquanto os sinto pular com cada impulso em seu corpo quente

— Espere. — Ordeno, contra sua pele, saindo antes de penetrá-la de volta com um longo golpe — não tem permissão para gozar ainda.

Ela me aperta, apertando seu corpo para não explodir. Eu me ajoelho, jogando esse jogo com ela só porque sei que estou perto. Fazendo-a gozar. Beijá-la me deixou no limite.

Ambas as mãos agarram seus quadris, usando-os como alças para empurrá-la para frente e para trás no meu pau. Olho para baixo, observando enquanto a penetro, entrando e saindo. Seus sucos escorregadios brilhando ao longo do meu eixo ao mesmo tempo que ela examina cada centímetro.

— É isso, linda garota. — Cantarolo, bombeando meus quadris mais rápido, ouvindo sua boceta bater na minha pélvis — Isso é bom?

Ela balança a cabeça enquanto geme, jogando a cabeça para trás nos travesseiros. — Adoro quando me usa. Ser sua linda putinha de porra.

Foda-me.

— Deus, a maneira como se degrada me faz doer *pra* caralho. — Sibilo com os dentes cerrados, dando-lhe um impulso punitivo. Eu me mantenho enterrado dentro dela, apenas balançando os quadris.

— Olhe para você. — Digo, olhando para os seus olhos quando piscam para os meus. Uma das minhas palmas está apoiada em sua

barriga, pressionando enquanto saio e empurro novamente, sentindo meu pau enfiar dentro dela — Tão linda *pra* caralho. Você me sente dentro da sua boceta, Hex? Sentindo-a implorando para que eu a preencha?

— *Deus*, por favor... por favor...

Ela se debate embaixo de mim, empurrando os quadris para me encontrar, impulso após impulso, enquanto começo a me perder em seu corpo. O calor escorregadio e denso que me aspira de volta toda vez que saio. Forçando-me a gozar, não me dando escolha para bombeá-la completamente.

Sua boceta é o paraíso e morreria milhares de mortes para ficar aqui para sempre.

O formigamento em minhas bolas me deixa tonto, o meu aperto em seus quadris aumenta à medida que uso sua boceta como o meu brinquedo pessoal.

— Goze para mim, linda garota.

E porque ela é tão doce, goza.

— É isso — gemo, perdendo o ritmo do meu impulso perdido na perseguição do meu clímax — É isso, porra.

Ela me aperta, estremecendo em meu comprimento e é tudo que preciso para me enfiar nela uma última vez antes de gozar.

— Sim, Sim, Sim. — Ela chora durante seu orgasmo, meus quadris continuando a foder meu esperma em sua boceta, deixando-a gozar a felicidade.

Minha cabeça gira, meu peito arfando enquanto me contorço dentro dela. Meus músculos doem de euforia, incapaz de reprimir os gemidos de prazer que escapam da minha boca.

Eu carrego beijos em seu peito, subindo pela coluna de seu pescoço, inclinando-me enquanto lentamente desamarro seus pulsos. Quando ela está livre, aproveito o tempo para adorar a pele em carne viva.

— Está aqui comigo, Hex? — Murmuro contra sua pele irritada. Aproveito meu tempo, massageando seus dedos e palmas.

Ela sabe o que estou perguntando. Sabe que quero ter certeza de que não voltou a um tempo anterior a mim. Uma época em que ela não estava segura.

Coraline pisca para mim, um sorriso suave aparecendo nos cantos de seus lábios enquanto balança a cabeça. — Sempre aqui com você.

Deixei-a esticar os braços, movendo-se entre as coxas, mas ficar na cama com ela. Deixando meu corpo se enrolar ao seu redor, puxando-a para meu peito.

Minha cabeça cai na curva de seu pescoço. Ela é quente e cheira a suor e sexo.

Seu corpo afunda na cama, no meu corpo, enquanto murmura — Estou grávida.

Olho para ela — O quê?

— Estou grávida. — Ela sorri, escondendo o rosto no meu peito — Descobri ontem de manhã.

Coraline me deu tudo que nunca pensei que teria. Uma família só minha e um amor sem condições. Estou constantemente admirado por ela, sua força e dedicação às pessoas em sua vida. E agora está carregando meu filho, nossos bebês na primeira casa. Que garoto de sorte.

Nunca escolhi Rosemary. Nossa conexão foi uma circunstância, um presente de algo além de nós para nos ajudar em nossa dor. Isso nunca tirará o amor que tenho por ela, porque foi real e me salvou, mas nunca tive que fazer uma escolha.

Desde o momento em que a vi, escolhi Coraline. Hoje, amanhã e todos os dias depois. Escolherei amá-la, me entregar a ela.

Porque não poderia ser mais ninguém além dela.

Somos nós, para sempre. Morte inevitável e tudo.

Silas

Os funerais marcam o fim da vida.

É rápido, nítido e não importa o quão bem preparado esteja para que a morte leve seu ente querido, ainda dói. Dói de uma forma que nunca preverá e o único curativo, o único bálsamo que curará a ferida é a coisa que menos deseja.

Tempo.

É o inimigo. O ladrão. Água salgada sobre uma ferida recente. Até que um dia não é. Até que um dia olhe para a cicatriz retorcida, não mais rosada, e fica grato pela forma como a distância da dor o ajudou a crescer.

— Como está, baby? — A mão da minha mãe repousa sobre meu ombro, me dando um aperto suave.

Seu rosto está vermelho, manchado de lágrimas que levarão meses para parar. Hoje, minha mãe enterrou sua melhor amiga. A pessoa com quem escolheu passar para sempre, sabendo que para sempre não é real.

O amor é perverso nesse sentido. É tudo desgastante e cheio de tanta esperança que te faz acreditar que pode fugir da morte, que pode pegar o para sempre se segurar firme o suficiente.

— Estou bem, mãe. — Digo a ela enquanto estamos ao lado do caixão de Scott Hawthorne — Posso fazer alguma coisa por você?

Ela pisca para mim, enxugando as lágrimas com a mão, enquanto me encara. Eu me pergunto se ela está relembrando os dias da minha juventude ou tentando não ceder porque me parece muito com meu

pai.

— Eu gostaria que você fosse embora.

Meus olhos se arregalam, sobrancelhas franzidas. Em meus anos de vida, minha mãe nunca me disse nada parecido. Posso sentir meu maxilar se desfazendo enquanto olho para ela de boca aberta.

— O quê?

— Não é assim, garoto bobo! — Ela dá um tapa no meu braço, como se fosse óbvio o que quis dizer. Como se essa não fosse a última coisa que eu esperava que ela dissesse no funeral do meu pai. — Ficou nesta cidade por todos, menos por você mesmo. Nunca foi o que queria ou o que era bom para você. Seu pai e eu sabíamos disso, mas nada do que disséssemos teria feito você ir embora. Encontrou tanta coisa aqui. Ponderosa Springs será para sempre uma parte de você, Silas, mas não precisa ficar para sempre.

Desde que comecei o ensino médio, me queriam fora daqui. Longe dos sussurros e rumores. Sei que é o que eles querem, o que meu pai queria, só que nunca tive a chance de descobrir se era isso que eu queria. Seria fácil dizer que não há nada além do mal que permanece nesta cidade. A cidade que me transformou em vilão, em história assustadora, em monstro, mas não é assim tão fácil.

Este lugar guarda memórias que nunca poderão ser apagadas. Embora a vida possa não durar para sempre, as memórias sim. Ponderosa Springs é uma cidade vazia, mas totalmente cheia.

A nostalgia dos jogos infantis perdura na casa da família Caldwell. Ecos de risadas pairam no telhado da escola, nós dos dedos sangrentos e adrenalina encontram descanso no Graveyard. A vitória está em casa em cada Gauntlet e o caos gravado em todas as ruas.

Nossas marcas estão aqui, ficarão aqui. Podemos optar por deixá-lo, mas essas memórias ficam com ele.

Como se diz adeus a isso?

— A empresa do papai, mãe. Não posso simplesmente meter o pé e ir embora depois de me estabelecer na posição de CEO. — Digo a

ela, o que é mais fácil do que explicar o resto.

— Seu pai se preocupa mais com a sua felicidade do que com aquela empresa, Silas. Pensamos que iria embora após a formatura, mas quando Rosemary morreu, sua dor o manteve enraizado aqui. Há anos que te vejo superar este lugar.

Nem todas as lembranças, porém, são boas.

Há morte que também vive aqui. Segredos e dor. Mentiras e ações imperdoáveis. Nunca poderemos andar por Ponderosa Springs sem pensar nos corpos que enterramos aqui. As vidas que tiramos e as que nos foram tiradas.

A possibilidade de deixar isso para trás? Isso é fácil.

Construir uma vida com Coraline que não seja constantemente observada ou comentada. Dando à minha garota o espaço que precisa para se curar e crescer. Estar lá para ver no que ela se transforma sem o peso da vergonha sobre os ombros.

— Pensarei sobre isso, está bem?

— Tudo bem, meu doce garoto. — Ela murmura.

Reúno minha mãe em meus braços, abraçando seu pequeno corpo firmemente contra mim. Não há culpa em não contar a verdade sobre minha esquizofrenia. Não quando a verdade não importa.

Quer eu tenha ou não, isso não mudaria a maneira como ela me ama. Do jeito que sempre me amou. A crença não é a validação que preciso dela. A crença era algo que eu precisava de mim mesmo.

A verdade só trará culpa e tristeza para sua vida, duas coisas de que não precisa ao embarcar em sua jornada de luto. Ela terá dificuldade para se perdoar por confiar no médico em detrimento das palavras do próprio filho, como se tivesse escolha. Esquecerá o quanto estava com medo de mim e se odiará por não acreditar em mim.

Não farei isso com ela.

As pessoas na minha vida que precisam saber, sabem. É tudo que importa.

O funeral do meu pai avança, tal como a vida. Aperto a mão para ser educado, ouvindo condolências de pessoas que não o conheciam.

Quando a última pessoa sai da igreja, a recém-reconstruída St. Gabriels, fico sozinho. Bem, pelo menos por um breve momento.

As portas do santuário se abrem e, quando levanto os olhos do meu lugar sentado nos degraus do altar, vejo Alistair, Rook e Thatcher entrando. Vestidos com vários ternos e parecendo muito mais velhos do que jamais me lembro.

Passaram-se seis meses desde o dia em que estivemos acima de uma cova vazia que fedia a carne queimada e segredos. Todos vestidos com esmero, um de nós com vestido de noiva, um dia que deveria marcar o início de uma nova aventura.

Marcou o amargo fim da nossa vingança.

Alistair jurou nunca mais voltar aqui, mas havia pouca coisa que ele não faria por mim. Engoliria pisar em Ponderosa Springs se isso significasse estar aqui para celebrar a vida do meu pai.

— Quão chateado acha que eles ficariam se eu incendiasse este lugar pela segunda vez? — Rook pergunta enquanto desliza para um dos bancos, jogando os braços atrás da cabeça e se sentindo em casa.

— Tenho um avião para pegar amanhã, se acabar na prisão, estará sozinho.

Eu sorrio para Alistair, concordando silenciosamente, mas também sabendo que iríamos libertá-lo no momento em que o fechassem lá dentro.

— Estou farto de funerais — Rook murmura, óculos escuros escondendo seus olhos — será bom acordar amanhã sem estar preocupado com a morte de um de vocês.

— Acabou de dizer algo com o qual realmente concordo?

— Podemos, por favor, nos livrar do *American Psycho*²³ agora?

Thatcher desliza para o banco atrás dele, inclinando-se para frente — Você deseja, Van Doren.

Ficamos em silêncio por um momento. Apenas nós existindo na finalidade de que esta parte de nossas vidas acabe. A última peça de xadrez inimiga está fora do tabuleiro e temos controle total do jogo.

Bem, quase todos, mas honestamente? Minha menor preocupação na vida é Easton Sinclair. Estou sem vingança e ele me deu uma oportunidade que ninguém mais teve.

Uma chance de dizer adeus a Rosemary. Uma chance de me desculpar. Uma chance de me livrar da minha culpa.

Então, mesmo que ele tenha atirado em mim, se caso o veja novamente? Vou agradecê-lo por isso e espero que Rook não esteja por perto, porque ele não será tão indulgente com Easton tanto quanto eu.

— Vocês se lembram de quando éramos crianças e entramos furtivamente na biblioteca The Caldwell em Hollow Heights para lançar foguetes? — Rook diz, me fazendo lembrar de uma época em que éramos muito menores e ainda mais imprudentes.

— Lembro-me de Thatcher te jogando debaixo do ônibus — Alistair bufa, cruzando os braços na frente do peito enquanto sorri — Mesmo que tenha sido ideia dele.

— Em primeiro lugar, a ideia foi *sua*, Ali. — Thatcher argumenta — Estava com raiva de seu pai, eu simplesmente lhe dei uma solução. Não me culpe pelo seu temperamento.

— Acho que já tivemos essa discussão antes. — Murmuro — Quando tínhamos treze anos na traseira do carro do meu pai.

Meu pai foi quem nos pegou no gabinete do reitor depois que fomos flagrados pelas câmeras. Foi depois disso que me dediquei a aprender como hackear câmeras de segurança. Sem vídeo, sem crime.

— Não estou dizendo que sentirei falta de Ponderosa Springs, mas — Rook faz uma pausa, olhando para cada um de nós — Este lugar nos mantém unidos, o que temos sem ele?

A pergunta ecoa sem resposta. Nenhum de nós sabe como responder, porque acho que nenhum de nós sabe. Acabamos de

descobrir que podemos ser pessoas diferentes do que este lugar esperava que fôssemos.

— Poderíamos comprar este lugar, sabe. — Digo abruptamente, sem ter certeza se estou falando sério, mas sei que não quero perdê-los.

Talvez tenha sido minha experiência de quase morte e o choque no coração que me trouxeram de volta, mas eu ficaria com Ponderosa Springs para sempre, com dor e tudo, se isso significasse que ficaria com os rapazes.

— Que porra faríamos com uma igreja?

— Quero dizer Ponderosa Springs. — Faço um gesto em direção a eles — Alistair está prestes a herdar a maior parte das terras de qualquer maneira. Cada um de nós possui uma parte deste lugar, poderíamos comprar o resto e dividi-lo. Poderíamos torná-lo nosso.

Poderíamos transformar uma cidade de horrores em um lar? Ou houve muitos danos?

— Ou poderíamos vendê-la — diz Alistair com vigor, antes de levá-la a votação — Esta cidade não nos faz. Nós nos fazemos.

Mantemos o lugar que nos criou ou vendemos o lugar que nos amaldiçoou?

As portas do santuário se abrem mais uma vez, mas desta vez são as nossas metades. Coraline sorri quando me vê, soltando a mão de Sage para caminhar pelo corredor do meio em minha direção.

Nunca me cansarei de esperar por ela no final do corredor. Não importa quantas vezes nos casemos, sempre esperarei aqui por ela.

Eu me levanto quando ela chega ao último degrau e desço para ficar na sua frente. Meus dedos escovam seu cabelo atrás das orelhas, o polegar traçando seu lábio inferior.

— Ei, Hex.

— Oi, baby. — Ela respira, envolvendo ambos os braços em volta da minha cintura antes de se inclinar na ponta dos pés para beijar

meus lábios suavemente. É rápido, curto, meu hábito favorito dela.

Tudo é meu favorito quando se trata de Coraline.

— Você está bem?

Aceno — Melhor agora.

— Do que estavam falando? — Briar pergunta ao lado de Alistair, sorrindo, completamente inconsciente de nossa conversa que pode mudar nossa vida.

— Recordações. — Digo simplesmente.

Não é mentira. Não é a verdade.

Havia estradas de liberdade à nossa frente. Estradas onde a reputação dos infames Hollow Boys não seguiu. Um lugar onde os ecos distantes do nosso passado torturado não alcançam.

Seremos para sempre os filhos bastardos de Ponderosa Springs, mas sabemos agora que não somos tudo isso.

Somos mais do que raiva, pecado, linhagem e silêncio.

Alistair Caldwell é mais do que ira. É um protetor feroz, um irmão mais velho, uma sombra que não pode existir sem um pouco de luz.

Saber que Rook Van Doren não é uma condenação interna. É uma bênção presenciar sua queima, seu inferno que consome e libera as brasas de quem ama.

E Thatcher Pierson não é uma maçã caída de uma árvore sinistra. É o lembrete de que a história da nossa família não determina o nosso futuro. Que o amor é ação e nunca palavras.

Sou mais do que palavras em que ninguém acredita. Sou uma voz para alguém que precisa.

Não somos criaturas da noite desagradáveis, com apetite por violência. Existem pessoas, o nosso povo, dispostas a se converter às sombras para nos mostrar a vida além da vingança e do trauma.

Além das chamas de nossa raiva destrutiva, haverá para sempre

um único fio de obsidiana entrelaçando nossas almas. Permanecerá em nós como um lembrete. Que já fomos apenas quatro meninos, crianças que, na escuridão de nossas vidas, formaram uma família a partir do nosso desespero.

Não éramos sangue, mas isso significa merda nenhuma no grande esquema de tudo.

É fácil amar alguém que compartilha seu DNA. Um verdadeiro teste de amor incondicional é de quem escolhe nunca desistir, independente do relacionamento. Isso é o que somos um para o outro.

Família.

— Para onde vamos daqui? — Rook pergunta se inclinando para frente, apoiando os braços cruzados no banco à sua frente.

O medo da separação pesava sobre seus ombros. Sei que nunca nos separaremos, na verdade não, mas a possibilidade de futuros diferentes nos separarem também me assusta.

— Onde diabos quisermos. — Alistair se inclina e bagunça o cabelo, como fazia quando éramos mais jovens — Onde diabos quisermos, Van Doren.

Puxo Coraline com mais força para o meu lado, pressionando meus lábios no topo de sua cabeça, inspirando o cheiro em seu cabelo. Saber que tenho meus braços em volta da pessoa por quem desistiria de qualquer coisa. Mesmo que ela esteja realmente amaldiçoada e amá-la me mate, morrerei saciado.

Irei com seu perfume de lavanda em meu nariz, a memória de seu toque enraizada em minha pele. Cheio e transbordante dela, encontrarei a morte com um agradecimento e um favor. Meu favor será este: dar à minha alma uma vantagem na próxima rodada. Ela é teimosa e difícil de pegar.

— Para o Styx? — Ofereço.

Na aurora da morte, com um novo começo no horizonte.

— Para o Styx.

Este é o eco que é ouvido através das vidas.

Fim...Ou Não?

Notas

[←1]

-abreviação da palavra esquizofrênico.

[←2]

-Em português: azarado, mau agouro, maldição.

[←3]

-Chapéu Preto - são técnicas agressivas de SEO que não seguem as diretrizes de buscadores e, para obter grandes resultados em pouco tempo, tentam manipular suas regras; um racker.

[←4]

-Pessoa que conhece pelo menos uma linguagem de programação e escreve programas de computador.

[←5]

-É a abreviatura de “software malicioso”, é qualquer código de software ou programa de computador intencionalmente escrito para prejudicar um sistema de computador ou seus usuários.

[←6]

-Bar clandestino, chamado de “porco cego” ou “tigre cego”, também se refere a um bar de estilo retrô que reproduz aspectos de bares clandestinos históricos. Significa também “fale baixo”, uma expressão usada para definir o tipo de bar que vendia bebidas alcoólicas durante a Lei Seca estadunidense entre 1920 e 1930.

[←7]

-Marca de Tequila.

[←8]

-Latim, significa “no estado das coisas”. Trata-se de uma redução da frase “in statu quo res erant ante bellu”, que significa “no estado em que as coisas se encontravam antes da guerra.

-Eletronic Dance Music - música eletrônica.

[←10]

-Bicho-papão.

[←11]

Ambos são Serviços de pagamento móvel, que permite aos usuários transferirem dinheiro entre eles usando um aplicativo de telefone celular.

[←12]

-Conjunto de listas emitidas anualmente.

[←13]

-É um golpe no tênis no qual se balança a raquete ao redor do corpo com as costas da mão precedendo a palma da mão.

[←14]

-Pessoa que sente atração por pessoas de qualquer identidade de gênero, ou sente atração que não é determinada por gênero.

[←15]

-Não temerei o mal da esquerda. Nem o vale da sombra a direita.

[←16]

-Mais frequentemente usada para descrever uma estratégia no xadrez, em que um jogador é forçado a fazer um movimento que não deseja.

[←17]

-Vorarefilia, é uma parafilia onde o indivíduo se sente atraído por comer ou ter as partes do seu corpo comidas por outra pessoa.

[←18]

-Reality britânico.

[←19]

-Sul da California.

[←20]

-No Brasil, “Jovens Bruxas”.

[←21]

-Recipiente cilíndrico, achatado de vidro ou plástico que os profissionais de laboratório utilizam para pesquisas.

-The Creation of Adam, é um afresco pintado por Michelangelo Buonarroti por volta de 1511, no teto da Capela Sistina. A cena representa um episódio do Livro de Gênesis no qual Deus cria o primeiro homem a partir do pó da terra: Adão.

[←23]

-No Brasil: Psicopata Americano. Filme estadunidense de terror psicológico com Christian Bale, Jared Leto, Willem Defoe e Reese Witherspoon.